



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

ROSA MARIA TEIXEIRA TAVARES

**ATIVIDADES DIDÁTICAS INTEGRADAS (ADIs): UMA PROPOSTA DE
ENSINO MEDIANTE OS GÊNEROS DISCURSIVOS PARA A AMPLIAÇÃO DA
CAPACIDADE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE ALUNOS DO 7º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL.**

SANTARÉM- PARÁ
2024

ROSA MARIA TEIXEIRA TAVARES

ATIVIDADES DIDÁTICAS INTEGRADAS (ADIs): UMA PROPOSTA DE ENSINO MEDIANTE OS GÊNEROS DISCURSIVOS PARA A AMPLIAÇÃO DA CAPACIDADE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação do Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

SANTARÉM- PARÁ
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

T231a Tavares, Rosa Maria Teixeira
Atividades didáticas integradas (ADIs): uma proposta de ensino mediante os gêneros discursivos para a ampliação da capacidade linguístico-discursiva de alunos do 7º ano do ensino fundamental./ Rosa Maria Teixeira Tavares. - Santarém, 2024.
228 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Heliud Luis Maia Moura.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras.

1. Língua Portuguesa - Ensino. 2. Gêneros discursivos. 3. Atividades Didáticas Integradas. 4. Dialogismo. 5. Responsividade. I. Moura, Heliud Luis Maia, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 469.7

Bibliotecária - Documentalista: Cátia Alvarez – CRB/2 843

A meu amado e querido pai, Sebastião Batista Teixeira (in memoriam), que muito se orgulhou ao ver-me “engatinhando” nos caminhos do estudo, e que, certamente, comemoraria esta vitória, com grande festejo e alegria. Por você meu herói luto, incansavelmente, pelos meus propósitos. Minhas bases de vida, de honestidade, generosidade, e de caráter devo ao senhor. Que estejas bem ao lado de nosso Pai.

A minha “Rainha-mãe”, que todas as noites, em suas orações, me apresenta a Deus, nosso Pai, e certamente, sem seus ensinamentos não seria a mulher batalhadora que me tornei. Devo, seguramente, isso a você, minha heroína guerreira. Que Deus continue te protegendo e te iluminando para continuar nos orientando por muitos anos. Mãe, com a ausência de nosso pai, você se tornou, naturalmente, a única luz que nos aponta o caminho rumo aos nossos sonhos. Você é a nossa base e a nossa força.

A meus queridos e amáveis filhos: *Weliton Paulo, Elke Simone e Paula Sophya* (filha-neta), reais motivos de minhas alegrias, e a quem amo como a própria vida. Filhos, vocês são os bens mais valiosos que possuo, e saibas que, sempre farei de tudo para vê-los felizes. Este trabalho dedico, carinhosamente a vocês, para que possa servir de motivação, para que sigam, sempre perseverantes, em busca de seus sonhos.

Embora, ocasionalmente, eles possam parecer-lhes irrealizáveis, lembre-se, que quando acreditamos em algo e colocamos Deus adiante, nada e ninguém nos impede de realizar. Que tenhamos sempre a ousadia de acreditar e lutar, entretanto, saibas que, por vezes a batalha pode parecer difícil, no entanto, sempre é possível, e satisfatório insistir, persistir e sobretudo: nunca desistir. Vocês me motivam a seguir acreditando que tudo é possível quando confiamos em Deus, em nós mesmos, e, certamente, recebendo o carinho e o incentivo das pessoas a quem amamos.

A toda minha amada e humilde família a quem os amo, incondicionalmente, e que me motiva a seguir em busca de minhas realizações, que, certamente, também são suas. Que Deus nos revele sempre o melhor caminho e derrame chuvas de bênçãos sobre cada um.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sobretudo, a Deus, altíssimo Pai celestial, bondoso e misericordioso que nos dá a vida, a saúde, e a fé para seguir em frente, mesmo quando acreditamos não possuir mais forças para prosseguir. A Ele toda a honra e toda a glória sejam dadas sempre, por tudo que tem feito em minha vida mesmo que, às vezes, eu sequer seja digna de tanto merecimento. Ademais, por tudo que continua fazendo, por mim e por minha humilde família. Eternamente grata a nosso Deus e grandioso Pai celestial.

Minha eterna gratidão, em especial a meus filhos (incluo aqui minha amada neta) que sonharam juntamente comigo esta realização, e que ao meu lado, sofreram, choraram e acreditaram na minha capacidade de conclusão desta Dissertação, simbolizando, assim, meu crescimento tanto pessoal, quanto profissional. A eles agradeço do íntimo de meu coração.

À minha amada família, por sempre estar a meu lado, incentivando-me e dando-me forças para seguir, não somente esta batalha, mas também a batalha da vida. Eterna gratidão a todos.

Ao meu esposo por estar ao meu lado, durante toda esta árdua caminhada, e por confiar em meus propósitos e me dar apoio até a realização deste sonho.

Ao meu estimado orientador, professor Dr. Heliud Luis Maia Moura, meus mais sinceros votos de agradecimentos, primeiramente, por ter me aceitado como orientanda e confiado em minha humilde capacidade. A ele agradeço, sobretudo, pela generosidade, sabedoria e humildade, que tem realizado seu trabalho nesta universidade. Suas orientações e incentivos foram essenciais para esta realização, sem os quais, não teria atingido a um ápice de intelectualidade, assim como de humanidade. Suas palavras foram determinantes para esta realização. Agradeço eminentemente, a Deus, por colocar uma pessoa com tanta benevolência e intelectualidade para me orientar, com suas palavras de incentivo e de apoio nos momentos oportunos, e peço a Ele que o retribua imensamente, com saúde, e bênçãos divinas.

Aos professores doutores Prof. Dr. Andrei Santos de Moraes (UFOPA) e Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (UFPI) que aceitaram contribuir mediante seus conhecimentos e valiosas considerações científicas, na avaliação

deste trabalho, para deixá-lo ainda mais, com uma considerável qualidade. A eles minha eterna gratidão.

A todos os professores da UFOPA/PROFLETRAS (2019), que muito contribuíram com esta grandiosa realização. A cada “mestre” meus singelos agradecimentos e carinho por todo o aporte tanto intelectual quanto científico, que me fizeram atingir esta memorável realização, não somente profissional, mas também pessoal.

Aos meus colegas de mestrado, com os quais tive momentos únicos, e certamente, também contribuíram com esse sonho a realizar-se...meus sinceros agradecimentos a cada um.

A minha colega de mestrado, em especial, Maria de Fatima Lopes Trindade Coelho, a quem muito colaborou com essa realização. Minha colega, só Deus sabe o quanto devo a você pelo carinho, apoio e palavras sabiamente abençoadas. Suas palavras foram “como maçãs de ouro em bandejas de prata”. Você sabe muito bem do que se trata. Que Deus lhe abençoe e lhe retribua por tudo que fez por mim.

Aos meus queridos colegas Marly Maciel e Denilson Castro pela troca de conhecimentos durante os encontros de orientações, e por todo apoio tanto intelectual quanto emocional. Nossos encontros, e amizade construídas, foram essenciais, para essa realização. Obrigada de coração.

A todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desse sonho, agradeço e peço a Deus que os abençoe imensamente, até mesmo aos que, torceram para a “não realização”, já que assim me fez obter mais forças para lutar contra esses sentimentos de negatividade e me impulsionar a prosseguir e insistir firmemente, rumo à tão sonhada vitória.



Aos dezesseis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, por meio de videoconferência Google Meet, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura (orientador e presidente), Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (membro externo) e Prof. Dr. Andrei Santos de Moraes (membro interno) a fim de arguirem a mestranda ROSA MARIA TEIXEIRA TAVARES, com a dissertação intitulada "ATIVIDADES DIDÁTICAS INTEGRADAS (ADIs): UMA PROPOSTA DE ENSINO MEDIANTE OS GÊNEROS DISCURSIVOS PARA A AMPLIAÇÃO DA CAPACIDADE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL". Aberta a sessão pelo presidente, coube a candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

(X) Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

() Reprovada.

Documento assinado digitalmente
gov.br JUSCELINO FRANCISCO DO NASCIMENTO
Data: 16/02/2024 14:55:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. JUSCELINO FRANCISCO DO NASCIMENTO, UFPI

Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br ANDREI SANTOS DE MORAIS
Data: 17/02/2024 16:37:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. ANDREI SANTOS DE MORAIS, UFOPA

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
gov.br HELIUD LUIS MAIA MOURA
Data: 16/02/2024 13:08:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. HELIUD LUIS MAIA MOURA, UFOPA

Presidente

Documento assinado digitalmente
gov.br ROSA MARIA TEIXEIRA TAVARES
Data: 16/02/2024 14:25:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ROSA MARIA TEIXEIRA TAVARES

Mestranda

Com base em Bakhtin, postulo que os atos de linguagem, em todas as suas dimensões, constituem-se na reciprocidade dialógica, intercambiável, em que um ato penetra no outro, inelutavelmente, pois a nossa vida implica essa dinâmica: lemos, dizemos do que lemos num efeito de responsividade engajada e, por conseguinte, escrevemos, tomando posição avaliativa no âmbito dessa escrita. Consequentemente, refletimos criticamente sobre tudo isso, já que o mundo social não chega para nós reificado, o que demanda uma intervenção constante nele, atos estes que deveriam ser reconstituídos na escola, de forma a construir cidadãos reflexivos/responsivos.

(Heliud Luis Maia Moura)

RESUMO

Repensar o ensino de Língua Portuguesa, não é, tão somente necessário, é sobretudo, improtelável. O quadro que se perpetua é alarmante e precisa ser repensado com urgência. Apesar de haver várias reflexões nesse sentido, observa-se que ainda predomina nos espaços escolares, práticas que não consideram o caráter sócio-histórico da língua, nem tampouco, o sujeito como ser socialmente constituído. É por ter esta percepção, e principalmente, por almejar um ensino de Língua de forma mais produtiva, que me proponho a refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa, em consonância com estudiosos que se dispõem a (re) pensarem novas formas de ensinar. Nesse sentido, esse trabalho tem como principal objetivo investigar de que forma uma ação didática, com atividades integradas (ADIs), contribui para a ampliação da capacidade linguístico-discursiva dos falantes, assim como o aumento de sua autonomia responsiva, em seus variados contextos sociais, considerando os aspectos socioculturais e contextuais de todos os sujeitos envolvidos. A pesquisa se deu por meio de “Ações Didáticas Integradas (ADIs)”, concebidas por Moura (2017), que se concretizam através do entrelaçamento entre atividades de leitura, escrita, oralidade e reflexão linguística, numa perspectiva interacionista/dialógica de linguagem, de forma cíclica, sem que haja a sobreposição de uma sobre a outra. Foi desenvolvida com alunos do ensino fundamental, em situações reais discursivas e interacionistas. A metodologia usada foi a participante de Tozoni-Reis (2010), numa abordagem qualitativa, que permite a ação/reflexão dos sujeitos envolvidos, maior envolvimento entre os participantes, e, sobretudo, a possibilidade de interpretação e análise dos dados de forma mais reflexiva. As reflexões ocorreram de acordo com as bases teóricas de Bakhtin (1997,2006,2010,2016), Fiorin (2022), que consideram o dialogismo e o interacionismo da linguagem, por meio dos gêneros discursivos em situações reais de usos, além do caráter dialógico dos enunciados. Ancoro ainda, em autores como Moura (2017,2018,2019) que compreende a linguagem como artefato ideológico e sócio-histórico, não sendo possível a sua desvinculação dos contextos ideológicos. Além disso, considero as abordagens de pesquisadores como Marcuschi, (2008), Kleiman (2002,2007), Rojo (2009,2015), Antunes (2003,2009,2017), Koch e Elias (2013), Street (2014), dentre outros que concebem a linguagem nesse dialogismo sócio-histórico, visando a um letramento que seja, de fato, social. Dessa forma, a partir das análises dos dados, ficou evidente a importância das ADIs para a ampliação gradativa, das habilidades linguístico-discursivas dos falantes, assim como, para o desenvolvimento de sua autonomia crítica e responsiva, nos mais diversificados meios sociais. Isto foi constatado, visto que, os alunos participaram das atividades de leitura, escrita, oralidade e refletiram linguisticamente sobre todas elas, por meio de ações interligadas em contextos reais de interação, assim como é concebida a linguagem em seus mais diversos aspectos, nessa pesquisa.

Palavras-chave: ensino de Língua Portuguesa; gêneros discursivos; atividades didáticas integradas; dialogismo; responsividade.

ABSTRACT

Rethinking Portuguese language teaching is not only necessary, it is, above all, unthinkable. The situation is alarming and needs to be urgently rethought. Although there have been several reflections along these lines, it can be seen that practices that do not take into account the socio-historical nature of language, or the subject as a socially constituted being, still predominate in schools. It is because I have this perception, and especially because I want to teach language in a more productive way, that I set out to reflect on Portuguese language teaching, in line with scholars who are willing to (re)think new ways of teaching. In this sense, the main objective of this work is to investigate how a didactic action, with integrated activities (ADIs), contributes to expanding the linguistic-discursive capacity of speakers, as well as increasing their responsive autonomy, in their various social contexts, considering the socio-cultural and contextual aspects of all the subjects involved. The research was carried out through "Integrated Didactic Actions (IDAs)", conceived by Moura (2017), which take the form of interweaving reading, writing, speaking and linguistic reflection activities, from an interactionist/dialogic language perspective, in a cyclical way, without one overlapping the other. It was developed with elementary school students in real discursive and interactionist situations. The methodology used was Tozoni-Reis' (2010) participant, qualitative approach, which allows for action/reflection by the subjects involved, greater involvement between the participants and, above all, the possibility of interpreting and analyzing the data in a more reflective way. The reflections took place according to the theoretical bases of Bakhtin (1997,2006,2010,2016), Fiorin (2022), who consider dialogism and interactionism in language, through discursive genres in real situations of use, in addition to the dialogical character of the enunciations. I am also anchored in authors such as Moura (2017,2018,2019), who understands language as an ideological and socio-historical artifact that cannot be detached from ideological contexts. In addition, I consider the approaches of researchers such as Marcuschi (2008), Kleiman (2002,2007), Rojo (2009,2015), Antunes (2003,2009,2017), Koch and Elias (2013), Street (2014), among others who conceive language in this socio-historical dialogism, aiming for a literacy that is, in fact, social. Thus, based on the analysis of the data, the importance of ADIs for the gradual expansion of speakers' linguistic-discursive skills, as well as for the development of their critical and responsive autonomy, in the most diverse social environments, became evident. This was confirmed by the fact that the students took part in reading, writing and speaking activities and reflected linguistically on all of them, through interconnected actions in real contexts of interaction, just as language is conceived in its most diverse aspects in this research.

Keywords: Portuguese language teaching; discursive genres; integrated didactic activities; dialogism; responsiveness.

LISTA DE SIGLAS

ADIS: Atividades Didáticas Integradas

PCNS: Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFLETRAS: Programa de Mestrado Profissional em Letras

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

UFOPA: Universidade Federal do Oeste do Pará

EJA: Educação de Jovens e Adultos

NURC: Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Gráfico ilustrativo das ADIs.....	58
Figura 2- Diagrama da ação didática	95
Figura 3- Atividade prévia sobre a delimitação do tema, de T.V.B.	105
Figura 4- Atividade prévia sobre a delimitação do tema, de M.J.A.	106
Figura 5- Atividade prévia sobre a delimitação do tema, de M.N.B.	106
Figura 6- Figura sobre leitura protocolada	108
Figura 7- Figura sobre leitura protocolada	109
Figura 8- Figura sobre leitura protocolada	109
Figura 9- Figura sobre leitura protocolada	110
Figura 10- Segunda versão do “comentário” sobre a leitura, de M.N.B.	122
Figura 11- Segunda versão do “comentário” sobre a leitura, de J.K.R.A.....	123
Figura 12- Segunda versão do “comentário” sobre a leitura, de M.R.C.V.P.	123
Figura 13-Imagem da assistência do vídeo	125
Figura 14- Imagem da assistência do vídeo	126
Figura 15-Primeira escrita de comentário sobre o vídeo: E.L.C.	133
Figura 16-Primeira escrita de comentário sobre o vídeo: M.N.B.	134
Figura 17-Primeira escrita de comentário sobre o vídeo de T.V.B.	134
Figura 18-Segunda versão do comentário sobre o vídeo do Dr.Roberto Yano, de E.L.C.....	140
Figura 19-Segunda versão do comentário sobre o vídeo do Dr.Roberto Yano, de T.V.B.....	140
Figura 20-Segunda versão do comentário sobre o vídeo do Dr. Roberto Yano, de M.N.B.....	140
Figura 21-Imagem de assistência do videoclipe	142
Figura 22-Atividade da aluna M.J.A.	147
Figura 23-Atividade da aluna N.R.C.V.	148
Figura 24- Imagem referente à confecção de cartazes.....	149
Figura 25- Imagem referente à confecção de cartazes.....	149
Figura 26- Imagem referente à confecção de cartazes.....	149
Figura 27- Imagem referente à confecção de cartazes.....	150
Figura 28- Imagem referente à confecção de cartazes.....	150
Figura 29- Exposição de cartazes	153
Figura 30- Exposição de cartazes	154
Figura 31- Exposição de cartazes	154
Figura 32- Exposição de cartazes	154
Figura 33- Imagem de assistência de vídeos	159
Figura 34-Imagem de assistência de vídeos	159
Figura 35-Imagem de assistência de vídeos	160
Figura 36-Imagem de assistência de vídeos	160
Figura 37-Primeira versão do texto informativo de T.V.B	166
Figura 38- Primeira versão do texto informativo de L.F.M.P.....	167
Figura 39-Primeira versão do texto informativo de M.M.S.	167
Figura 40-Segunda versão do texto informativo de T.V.B.	173
Figura 41-Segunda versão do texto informativo de L.F.M.P.....	173
Figura 42-Segunda versão do texto informativo de M.M.S.	173

Figura 43-Imagem da palestra com a psicóloga	176
Figura 44- Imagem da palestra com a psicóloga	176
Figura 45- Imagem da palestra com a psicóloga	176
Figura 46- Imagem da palestra com a psicóloga	176
Figura 47-- Imagem da palestra com a psicóloga.....	180
Figura 48- Imagem da palestra com a psicóloga	180
Figura 49- Artigo de opinião para ampliação do tema.....	194
Figura 50- Primeira versão do artigo de opinião de J.V.G.M.	198
Figura 51- Primeira versão do artigo de opinião de L.C.D.E.....	198
Figura 52-Primeira versão do artigo de opinião de J.M.B.....	198
Figura 53- Reflexão linguística da primeira versão do artigo de opinião.....	199
Figura 54-- Reflexão linguística da primeira versão do artigo de opinião	199
Figura 55-- Reflexão linguística da primeira versão do artigo de opinião	199
Figura 56-- Reflexão linguística da primeira versão do artigo de opinião	200
Figura 57-Segunda versão do artigo de opinião de J.V.G.....	202
Figura 58-Segunda versão do artigo de opinião de L.C.D.E.....	203
Figura 59-Segunda versão do artigo de opinião de J.M.B.	203
Figura 60- Imagem do evento central	208
Figura 61- Imagem do evento central	208
Figura 62- Imagem do evento central	209
Figura 63- Imagem do evento central	209
Figura 64- Imagem do evento central	209
Figura 65-Imagem do evento central	210
Figura 66- Imagem do evento central	210

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1	O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENTRAVES E PERSPECTIVAS	21
2.2	DIALOGISMO E RESPONSABILIDADE	27
2.3	CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM: POR UM ENSINO DE LÍNGUA INTERACIONALISTA E DIALÓGICO	32
2.4	CONCEPÇÃO DE TEXTO E ENSINO	41
2.5	GÊNEROS DISCURSIVOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	46
2.6	LETRAMENTO	53
2.7	ATIVIDADES DIDÁTICAS INTEGRADAS: (ADIs) O QUE SÃO E O PORQUÊ DESTA PROPOSTA DE ENSINO?	56
2.7.1	Oralidade	61
2.7.2	Escrita	65
2.7.3	Leitura	68
2.7.4	Reflexão linguística	73
2.8	EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	77
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	80
3.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA ADOTADA: A PESQUISA QUALITATIVA	80
3.1.1	O contexto da pesquisa	83
3.1.2	Os sujeitos participantes da proposta de intervenção	85
3.1.3	Os instrumentos de coleta de dados	86
3.1.4	As etapas da pesquisa	86
3.1.5	Procedimentos de análise	87
3.2	A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	87
3.2.1	O projeto de intervenção	88
3.2.2	A temática do projeto	91
3.2.3	Sobre o gênero principal: o artigo de opinião	93
3.2.4	Objetivo geral	94
3.2.5	Objetivos específicos	94
3.2.6	Diagrama de como procedeu o Projeto de Ação Didática	95
3.2.7	Esquema da estrutura do projeto de ações didáticas	95
4	DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	100
	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	212
	REFERÊNCIAS	217

APÊNDICES	220
ANEXOS	227

1 INTRODUÇÃO

Apesar do considerável aumento de pesquisadores que têm se dedicado a refletir sobre o ensino de língua portuguesa no Brasil, e, por conseguinte, sobre a criação de novas metodologias para esta finalidade, se observa que a realidade que tem se persistido nos espaços escolares, em relação às formas em que vem se concretizando o ensino de língua portuguesa é, não somente alarmante, mas sobretudo, crítica.

Pesquisas de estudiosos como Antunes (2003, 2009 e 2010), Moura, (2018), Travaglia (2009 e 2013) Kleiman (2007), dentre outros têm demonstrado que, infelizmente, ainda é muito recorrente, nos espaços escolares brasileiros, práticas tradicionais de ensino que, em pouco, ou em nada contribuem para um ensino que seja, de fato pertinente e colaborativo para a ampliação das capacidades linguístico-discursivas do falante. Isto porque as práticas de leitura e de escritas ocorrem de forma totalmente desvinculadas dos contextos reais de interação, dos alunos. Ademais, a gramática ainda é vista por alguns professores, como o uso “do certo ou errado”, e como um amontoado de regras que não consideram a língua em seu real funcionamento.

Assim, o que tem prevalecido nas aulas de português são práticas de ensino de gramática normativa, assim como a descrição de fatos linguísticos totalmente descontextualizados de seus meios reais e discursivos da língua. Sendo, assim, desvinculados dos contextos sócio-históricos dos falantes.

Nesse sentido, os alunos não veem utilidade no que fazem, e nem tampouco aprendem a excessividade de regras normativas a que são submetidos, sem uma conexão com o real, acabam desistindo de estudar por acreditarem ser impotentes e, nesse sentido, incapazes de “aprender português.” Outros, por insistência dos pais continuam na escola, mas sem motivação para aprender o que lhes são “impostos pelo professor”, mesmo que de forma inconsciente.

Apesar da crescente busca por uma nova forma de ensinar, como explicitado, anteriormente, os resultados das pesquisas realizadas por esses estudiosos indicam que os profissionais, desta área, continuam repetindo “este quadro”, seja por não usufruírem de tempo para uma reflexão mais aprofundada, por falta de incentivo por parte das autoridades competentes, ou, ainda, por não disporem de meios reais para realizarem mais reflexões a respeito da referida

situação. O fato é que a cada dia este cenário se torna ainda mais crítico, acredito que se possa configurar, até mesmo como cultural e social, dada a atual realidade explicitada. Em relação a esta situação, Geraldi afirma que “falta-nos uma melhor formação.”

No decorrer de minha prática pedagógica, quantas vezes me deparei com esse olhar de angústia por perceber que não estava no caminho certo, além de não saber o que fazer para mudar tal situação. Esta inquietação intensificava ainda mais ao constatar a rejeição dos alunos em relação às aulas de língua portuguesa, principalmente quando não querem ler, escrever e nem tampouco, interagir nas aulas, com a justificativa de que “não sabem português”, que “português é muito difícil”, e por esse motivo, “não gostam desse componente curricular.”

É neste contexto crítico que me insiro, como profissional, que almeja refletir/contribuir, da melhor forma possível, com demais profissionais da área (e porque não dizer com a própria prática pedagógica), com formas mais produtivas e interativas, de como ensinar língua portuguesa. Que metodologias usar para que o aluno se sinta parte do processo de aprendizagem e, por conseguinte, passe a ser mais autônomo e participativo em relação à construção de seus conhecimentos e reflexões sobre sua própria língua?

Ao iniciar o mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS), esse desejo aumentou, consideravelmente, haja vista que os momentos de leituras e diálogos, realizados durante este percurso, nos fizeram repensar sobre essa forma tradicional de ensinar, e, sobretudo, sobre o real papel dos profissionais da educação, como agentes de letramentos, que precisamos ser. Assim sendo, fiz variadas reflexões sobre que tipo de cidadãos pretendíamos formar, qual seria, nesse sentido, o verdadeiro papel social dos sujeitos em seus meios sócio-históricos, o que fazer para desenvolver nos alunos atitudes de querer ler, escrever, discutir, argumentar, contra-argumentar, se impor, de forma mais prazerosa e consciente, e não somente, por que será avaliado pelo professor?

Frente à real situação, decidi pesquisar e refletir sobre práticas de ensino de língua portuguesa que sejam, de fato, mais significativas para os alunos, haja vista que, durante anos de profissão não conseguira perceber neles o desejo em aprender, a motivação para ler e interagir durante os momentos de atuação pedagógica.

Nesse sentido, em contato com as Atividades didáticas integradas (ADIs), proposta didática concebida por Moura (2017), vislumbro que podem funcionar como um importante instrumento didático para a inserção dos alunos em seus meios reais de interação através da interligação das atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística, numa concepção interativa e dialógica da linguagem, de texto e de ensino, por intermédio dos gêneros discursivos, em contextos reais de interação.

Além de que, certamente, funcionarão como uma importante ferramenta para a autorreflexão de minha própria prática docente, podendo repensá-la, e reconstruí-la, de forma mais autêntica, durante o processo de ação/reflexão da pesquisa.

Tendo em vista as ADIs, numa perspectiva sociointeracionista e discursiva da língua, é que surge o principal questionamento dessa pesquisa, dentro da atual conjuntura: de que forma uma ação didática integrada, através dos gêneros discursivos orais e/ou escritos contribui para a ampliação das capacidades linguístico-discursivas dos sujeitos, assim como, com o aumento de sua responsividade e criticidade, em seus diversos meios sócio-histórico-interativos?

Assim, para encontrar resposta (s) para esse questionamento é que me proponho a realizar a referida pesquisa, que possui os seguintes objetivos gerais e específicos:

Como objetivo geral, pretende Investigar de que forma uma ação didática, com atividades integradas (ADIs), contribui para a ampliação da capacidade linguístico-discursiva dos falantes, assim como, o aumento de sua autonomia responsiva, em seus variados contextos sociais, considerando os aspectos socioculturais e contextuais de todos os sujeitos envolvidos.

E como objetivos específicos a pesquisa pretende analisar como se dá o ensino da leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística, de forma inter-relacionada, em consonância com autores que compreendem o ensino de língua portuguesa, numa visão sociointeracionista e dialógico-discursiva da linguagem. Além de desenvolver uma proposta de ação didática integrada, para intervenção, por meio dos gêneros discursivos, através das ADIs (Atividades Didáticas Integradas), com os quatro eixos: leitura, escrita, oralidade e reflexão linguística, de forma intercambiáveis e cíclicas, verificar por meio de reflexões analíticas, de

que forma, ou em que medida se dá a ampliação das capacidades linguístico-discursivas dos alunos, através das ADIs, assim como o aumento de sua autonomia e responsividade em seus contextos de interação, além de repensar a própria prática pedagógica em sala de aula, para re/construí-la, tendo em vista as reflexões teórico-metodológicas feitas no decorrer da pesquisa, em consonância com os dados obtidos, através do projeto de intervenção desenvolvido, por intermédio das ADIs.

Nesse sentido, a pesquisa está, prioritariamente, embasada nas teorias de Bakhtin (1997,2006,2010,2016), Fiorin (2022), que consideram o dialogismo e o interacionismo da linguagem, que refletem sobre os gêneros discursivos em situações reais de usos e seu ensino e sobre a atitude de responsividade dos sujeitos.

Também me fundamento nas reflexões de Moura, teórico da linguagem e idealizador das ADIs, (2017, 2018, 2019) que compreende a língua como artefato ideológico e sócio-histórico, não sendo possível a sua desvinculação dos contextos sociais e ideológicos. Além de que considero abordagens de pesquisadores como Marcuschi, (2008), Kleiman (2002,2007), Rojo (2009,2015), Antunes (2003,2009,2017), Koch e Elias (2013), dentre outros que concebem a linguagem nesse dialogismo sócio-histórico, e por conseguinte, como um instrumento vivo e dinâmico dentro das interações sociais.

Para compreender melhor sobre as ADIs, e de como estas se concretizam, tomei como base Dissertações de mestres em Letras por meio do PROFLETRAS, pela UFOPA como: Neres (2018), Coelho (2018), Vinhote (2019), Santos (2019) e Coelho (2020), dentre outros que também desenvolveram suas pesquisas em consonância com as ADIs, proposta de ação didática concebida por Moura (2017).

Desse modo, esta dissertação visa contribuir com o ensino de língua portuguesa de forma mais produtiva. Além de que, através dessas reflexões os profissionais dessa área terão maiores subsídios teórico-metodológicos, sistematizados e refletidos, para repensarem/reconstruírem suas práticas de ensino de forma interacionista e dialógica, tendo os gêneros discursivos como principal forma concreta dessas interações. Isto porque, de acordo com Bakhtin (2016), a língua se dá, necessariamente, por meio de enunciados dialógicos, que

se concretizam em contextos reais e autênticos constituindo, assim, os gêneros discursivos.

Longe de se constituir numa forma fechada ou engessada de se ensinar, ou ainda como uma fórmula, a qual não se pode modificá-la, ou mesmo se complementar, pretende-se através destas reflexões analíticas, levar os principais “agentes de letramentos sociais” que somos, a pensar e refletir criticamente, sobre a real situação em que está se dando o ensino de língua portuguesa, de forma descontextualizada e normativa, contribuindo com a formação de cidadãos passivos e repetidores de informações.

Ademais, por outro lado, possibilita também se pensar numa educação como transformação social, como nos esclarece Tozoni-Reis (2010), que visa a formação integral do sujeito por meio de um ensino processual e interacionista, que se concretiza, prioritariamente, por meio de práticas reais discursivas contextualizadas, com o intuito de capacitar os indivíduos para o seu protagonismo e enfrentamento das situações cotidianas, em seu meio sócio-histórico.

Dessa forma, com esta concepção de educação como transformação social, terão ampliadas suas capacidades linguístico-discursivas, tanto orais quanto escritas, além de permitir a formação de um sujeito mais responsivo e atuante nesse meio social. Isto será possível através de ações reais discursivas de expor, criticar, participar, argumentar, contra-argumentar, concordar, discordar, ou seja, ter sua capacidade responsiva ampliada para saber interagir de forma consciente, sendo assim, mais agentes e participativos em seus contextos de interação. Dessa forma, contribuirão com a transformação social dentro dos contextos de vivências os quais estão inseridos.

Nesse sentido, a nós professores, cumpre o papel de refletir/decidir sobre o que, realmente queremos para o nosso aluno, que tipo de sujeitos pretendemos formar no atual contexto sócio-histórico e político brasileiro, sujeitos passivos, incapazes de agir socialmente ou sujeitos ativos, responsivos e protagonistas em suas ações, dentro de seu meio social/político/ideológico?

Assim, passo a apresentar, de forma sucinta, como as seções desta dissertação encontram-se organizadas:

A dissertação está subdividida em quatro seções, (primária, secundária, terciária e quaternária), e cada seção, por sua vez, está subdividida em

subseções. Dessa forma, na primeira seção na qual faz parte esta *introdução*, também está presente o objetivo geral assim como os objetivos específicos da pesquisa.

Já na segunda seção, desenvolvo a abordagem teórica, intitulada: *ensino de língua portuguesa: entraves e perspectivas* em que desenvolvo sobre o dialogismo e responsividade; concepções de linguagem, de modo que destaco a abordagem interacionista de língua/linguagem; apresento ainda sobre concepções de texto e ensino; sobre os gêneros discursivos e práticas pedagógicas e sobre letramento. Ademais, ainda nesta primeira seção, apresento as *Atividades Didáticas Integradas*, proposta metodológica, concebida por Moura (2017), e explico o porquê dessa proposta didática em detrimento das outras; na sequência, discorro sobre a oralidade, a leitura, a escrita, e a reflexão linguística, faço uma abordagem histórica de como tem se dado esses ensinamentos nos espaços de sala de aula além de apresentar algumas concepções adjacentes, sendo que, nessa pesquisa se sobressaem as concepções sociointeracionistas e sócio-históricas em relação a todas estas atividades.

Isto porque essa proposta de ensino prima por um ensino interacionista por meio dos gêneros discursivos em seus contextos reais de interação, visando a um letramento de acordo com o que defende Street (2014), que seja não somente um letramento “autônomo”, mas sobretudo, um letramento “ideológico”, que se relaciona em termos de práticas concretas e social, de um determinado contexto.

Para finalizar esta segunda seção, achei pertinente definir a concepção de educação a qual se relaciona essa pesquisa, já que daí advém o tipo de sujeito a que pretendemos formar. Assim a proposta das ADIs dialoga com a concepção de “educação como instrumento de transformação social” em contraposição à de “educação como reprodução social”, apresentada por Tozoni-Reis (2010).

A terceira seção, traz os *procedimentos metodológicos* dessa pesquisa, de modo que apresento a abordagem qualitativa, a qual foi adotada na pesquisa por permitir maior interpretação analítica e qualitativa de seus dados, dentro de um determinado contexto sócio-histórico. Também se define o contexto da pesquisa, assim como se delimitam os sujeitos participantes; especificam ainda os instrumentos utilizados dentro da proposta, para a coleta dos dados, as

etapas desta pesquisa, seus procedimentos de análises, além de apresentar a proposta de intervenção.

Ainda nessa terceira seção, é explicitado sobre o projeto de intervenção, de acordo com as ADIs, e de como se deu a escolha de sua temática, apresento o objetivo geral da proposta de intervenção, além de seus específicos. Faço um diagrama, para melhor compreensão do leitor, de como se procedeu o projeto de ação didática, além de que apresento um esquema de sua estrutura com a descrição sintética de suas atividades.

Finalmente, na quarta e última seção, são apresentadas as *descrições resumidas dos dados* obtidos por intermédio do desenvolvimento do projeto de intervenção, assim como as *reflexões crítico-analíticas* dessas atividades em espaços de interações, dialogicamente constituídos. Reflito sobre seus resultados, tanto positivos quanto negativos e faço ainda as considerações em relação ao trabalho desenvolvido, assim como sobre o quanto foi gratificante para a pesquisadora participar como sujeito de uma pesquisa dessa magnitude. Explano, sobre sua relevância dentro do atual contexto de ensino, e apresento as conclusões sobre todo o percurso trilhado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para iniciar a fundamentação teórica desta pesquisa faço uma breve reflexão sobre como tem se dado o ensino de Língua portuguesa nos espaços escolares? Quais são os principais entraves e perspectivas? Abordo sobre dialogismo e responsividade de acordo com Bakhtin. Apresento algumas concepções de linguagem dando destaque a concepção interacionista e dialógica de língua, além de que discorro sobre concepções de texto e ensino. Ademais, reflito sobre os gêneros discursivos e práticas pedagógicas e sua importância tendo em vista o letramento do indivíduo. Em seguida apresento as ADIs (Atividades Didáticas Integradas) de acordo com Moura (2017) e o porquê dessa proposta de ensino e destaco as quatro atividades as quais compõem as ADIs: oralidade, escrita, leitura e reflexão linguística, e ainda a importância de cada uma dentro desta proposta de ensino.

2.1 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENTRAVES E PERSPECTIVAS

Não é de hoje que se discute a forma em que vem se concretizando o ensino de Língua Portuguesa, no Brasil. Vários estudiosos têm se dedicado a compreender e refletir sobre como tem se dado esse ensino, além de apresentar possíveis formas de melhor ensinar a Língua Portuguesa nos contextos escolares. Dentre eles, Travaglia (2009,2013), Antunes (2003,2009 e 2010), Marcuschi (2008), são alguns dos que buscam em seus estudos pensar sobre esta melhor forma de ensinar Línguas, considerando os sujeitos em seus mais diversos espaços sócio-históricos.

Apesar de se ter um arcabouço de teorias e reflexões relacionados a este tema, o que tem se destacado nas escolas, infelizmente, ainda é um modelo de ensino desvinculado das vivências e dos contextos sociais dos discentes. Um ensino pautado numa concepção de linguagem que, praticamente, não tem relação direta com os contextos reais dos sujeitos, e nem tampouco com a forma interativa que tanto nos orientam estudiosos que abordam sobre a concepção dialógica e interativa, de linguagem, como é pontuado pelo renomado teórico da linguagem o qual me ancoro nessa pesquisa: Bakhtin.

Moura (2018), em um de seus artigos, reafirma esta colocação ao afirmar que:

ainda nos dias de hoje, grande parte das aulas de Língua Portuguesa, é dispensada, unicamente ao ensino, de regras gramaticais e a atividades de pouca relevância para o desenvolvimento da competência comunicativa do discente. Antunes (2003,2010) entre outros (VIEIRA e BRANDÃO, 2014; TRAVÁGLIA, 2009, 2013; NEVES, 2002), pontuam que, na maioria dos casos, o ensino tradicional da gramática continua mantido como foco, sendo privilegiados de forma insistente, nas aulas de português, os fenômenos da língua, as nomenclaturas e as classificações das unidades muitas vezes com o fim em si mesmas (Moura, 2018, p.157).

Diante deste fato, me questiono: o que tem contribuído, para que em pleno século XXI, ainda persistam metodologias centradas num ensino de gramática puramente normativa, pautadas num ensino prescritivo e no “certo ou errado?” Por que não desenvolver no aluno atitudes de responsividade por meio do falar, do escrever e do posicionar-se de forma autônoma em qualquer situação social? Se o aluno aprende a falar por meio da interação, por que não privilegiar esta concepção de linguagem para ensinar/construir os conhecimentos sobre sua própria língua?

Se por um lado as teorias versam, insistentemente, sobre as novas tendências no ensino de Língua Portuguesa, por outro, o que tem persistido nas aulas de línguas, são práticas arcaicas que, de acordo com esses estudiosos, e compartilho desta opinião, não contribuem para a constituição responsiva do sujeito, no que se refere ao ato de interagir e agir socialmente, nem oralmente e nem tampouco pela escrita.

Não pretendo aqui, tão somente criticar essas práticas, mas sobretudo refletir e até mesmo compreender o porquê de elas ainda persistirem no atual contexto de ensino. Seria por desconhecer as concepções de linguagens? Por falta de oportunidades de os profissionais desta área, buscarem se aperfeiçoar por meio de cursos, ou formações? Ou mesmo por questões econômicas, por precisarem ficar sobrecarregados com turmas, para ganharem relativamente bem, assim não dispendo de tempo para se aperfeiçoarem? Ou ainda, seria por questões burocráticas relativas ao sistema de ensino?

O fato é que, apesar de todos os avanços teórico/metodológicos, em relação à forma de se ensinar, o que tem se destacado nas aulas de língua portuguesa, são práticas desvinculadas do contexto sócio-histórico do aluno e que não permitem desenvolver nele o ato de responsividade o qual se refere Bakhtin (2010, 2016).

Acredito que um dos questionamentos acima possa ser compreendido a partir do que pontua Kleiman (2007) em relação aos sistemas de ensino. A autora, nesse sentido, explicita que,

uma das grandes dificuldades de implantação de um programa que vise ao desenvolvimento linguístico-discursivo do aluno por meio da prática social reside na incompatibilidade dessa concepção com a concepção dominante do currículo como uma programação rígida e segmentada de conteúdos, organizada sequencialmente do mais fácil ao mais difícil (Kleiman, 2007, p.9).

Assim, muitas vezes o professor sente-se impossibilitado de fazer algo diferente por medo de represálias, por parte do sistema de ensino, que de certo modo, já ditam as regras de como se deve proceder. Outras vezes, também, já usam esse fato como um entrave ou pretexto para não mudar sua prática, visto que se torna mais cômodo ficar no seu lugar-comum. Fazer um ensino diferente que levem os alunos a pensarem, requer tempo e determinação, exige também que o professor seja um pesquisador para conhecer as novas teorias e formas de como promover esse ensino, que de fato desenvolva sua criticidade, permitindo-lhes a ampliação de suas capacidades linguístico-discursivas e sobretudo, de sua atitude responsiva.

Nesta perspectiva, Antunes (2003 p.40) reflete sobre o fato de muitos profissionais ainda apresentarem poucas informações no que concerne às novas teorias sobre o seu objeto de ensino que é a língua.

Nesse sentido, a autora esclarece que

o conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita a noções e regras gramaticais apenas, como se tudo o que é uma língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática (Antunes, 2003, p.40).

Ainda com o propósito de compreender as possíveis causas relacionadas a permanência de práticas pouco relevantes persistirem nos contextos escolares em vista a tantas teorias que nos apontam uma nova forma de ensino, observa-se que são vários os possíveis fatores que estão associados a esta situação. No entanto, o compromisso do professor e a tomada de atitude em relação a até mesmo, por vezes se contrapor a um sistema, deve ser o ponto de partida para essa mudança.

A esse respeito, Gatti (2010, p. 1359) nos apresenta que

múltiplos fatores convergem para isso: as políticas educacionais postas em ação, o financiamento da educação básica, aspectos das culturas nacional, regionais e locais, hábitos estruturados, a naturalização em nossa sociedade da situação crítica das aprendizagens efetivas de amplas camadas populares, as formas de estrutura e gestão das escolas, formação dos gestores, as condições sociais e de escolarização dos pais e mães de alunos das camadas populacionais menos favorecidas (os 'sem voz') e, também, a condição do professorado: sua formação inicial e continuada, os planos de carreira e salário dos docentes da educação básica, as condições de trabalho nas escolas (Gatti, 2010, p.1359).

Desta feita, nem sempre depende unicamente do professor, muitos são os fatores que estão entrelaçados nesta trama. No entanto, se o professor assumir uma atitude de autonomia, adotando uma concepção interativa e dialógica da linguagem e agir como um pesquisador com objetivos bem delimitados sobre o seu verdadeiro papel social frente aos discentes, já é o primeiro passo para que esta tão sonhada mudança comece a ocorrer.

Ainda no que concerne aos fatores associados às práticas de ensino de língua, Moura (2017) faz a seguinte colocação:

as concepções de ensino de língua que respaldam determinadas práticas em circulação na escola, infelizmente, ainda se apresentam como modelos ou parâmetros a serem seguidos pelos professores, ao mesmo tempo que lhes retiram a possibilidade de construir outras concepções e de, conseqüentemente, levar a mudanças que sejam mais significativas, de forma a se produzirem, efetivamente, efeitos mais positivos para os cidadãos que integram o espaço escolar; no caso, os alunos e professores. Estes devem ter a autonomia necessária para intervir em práticas já estabelecidas e engessadas. No entanto, essa revolução só poderá acontecer com investimento pesado na formação dos docentes, tanto daqueles que atuam em sala de aula, quanto dos que desempenham funções administrativas e pedagógicas. Por outro lado, é necessário um investimento das universidades públicas e privadas nesse sentido, principalmente na construção de projetos e currículos que se apresentem alternativas para os enfrentamentos não só didático-pedagógicos, mas, acima de tudo, para as demandas e enfrentamentos da sociedade atual (Moura, 2017, p. 458).

Nesse sentido, o autor ratifica o que fora refletido, anteriormente, em relação ao professor ter uma atitude autônoma e crítica sobre qual concepção de linguagem usar além de ter os objetivos bem delimitados sobre: o que ensinar? Como ensinar? E ainda com que propósito ensinar? Outrossim, para Moura (2017) isso não é suficiente haja vista que a situação é bem mais complexa do que se aparenta, sendo preciso um investimento político-social

mais amplo, que de fato possa abranger a todos que fazem parte da educação, direta ou indiretamente, além de políticas públicas que visem essa mudança que não é apenas individual, mas, sobretudo, social.

Nesse sentido, observo que de acordo com pesquisadores como: Travaglia (2009, 2013), Antunes (2003, 2009 e 2010), Marcuschi (2008), Moura (2017), dentre outros, fica perceptível que possibilitar aos alunos o desenvolvimento de habilidades como ler, escrever, oralizar e se posicionar-se criticamente em qualquer situação de interação, são direitos inalienáveis para o indivíduo como cidadão.

Nesse sentido, documentos oficiais como os PCNs, também versam sobre o ensino de língua portuguesa, além de que, pontuam que as atividades de oralidade, leitura, escrita e reflexão linguística devam ser utilizadas, didático-pedagogicamente para a integralização dos alunos nos espaços de interação, por meio da linguagem. Apesar de, ainda ser uma proposta que mostra essas atividades de forma desvinculada, além de que, não são tratadas com igual relevância dentro do processo de ensino, já é um avanço considerável, visto que, permitem que pensemos em estratégias de como desenvolvê-las de forma inter-relacionadas e com a mesma importância dentro dos espaços escolares. E as ADIs são concebidas nessa perspectiva, de que leitura, escrita, oralidade e reflexão linguística, sejam sempre objetos de ensino nos espaços de interações, no entanto, de forma relacionada e com igual relevância, sem que uma se sobressaia sobre a outra.

Estes espaços são entendidos como os mais variáveis possíveis já que envolvem as múltiplas interações sociais do indivíduo. Sendo, portanto, necessário que estes, por sua vez, sejam proficientes em seus discursos para que consigam interagir de acordo com cada contexto sócio pragmático.

Ademais, a BNCC, (Base Nacional Comum Curricular) que é o documento norteador para o ensino em nosso país, no que tange ao ensino de Língua Portuguesa nos assegura habilidades essenciais, como: a participação social de todo ser humano e o exercício da cidadania. Assim temos a seguinte advertência:

O objetivo norteador da BNCC de Língua Portuguesa é garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para a participação social e o exercício da cidadania, pois é por meio da língua que o ser humano pensa, comunica-se, tem acesso à informação,

expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo e produz conhecimento (BNCC, 2018, p. 64).

Ainda de acordo com esta normativa há determinadas metas que devem ser cumpridas consoante ao ensino de língua portuguesa, ao longo do ensino fundamental. Assim a BNCC as pontua:

a meta do trabalho com a Língua Portuguesa, ao longo do Ensino Fundamental, é a de que crianças, adolescentes, jovens e adultos aprendam a ler e desenvolvam a escuta, construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos; a escrever e a falar, produzindo textos adequados a situações de interação diversas; a apropriar-se de conhecimentos e recursos linguísticos – textuais, discursivos, expressivos e estéticos – que contribuam para o uso adequado da língua oral e da língua escrita na diversidade das situações comunicativas de que participam (BNCC, 2018, p.64).

Nesse sentido, a BNCC de Língua Portuguesa considera o texto como sendo o centro para o estudo das práticas de linguagens, todavia, não somente o texto escrito, mas o texto em suas mais variadas formas, como: o verbal, o visual, o gestual, o sonoro, que são denominados de multimodalidade de linguagens.

Para atender a essa multiplicidade de textos, a BNCC (2018) no que concerne à Língua Portuguesa está subdividida em cinco eixos organizadores comuns, a saber: a oralidade, a leitura, a escrita, conhecimentos linguísticos e gramaticais e educação literária. Assim, percebemos que este documento já determina o ensino das quatro atividades às quais preconizam as ADIs, embora me pareça a partir da nomenclatura “eixo”, serem desvinculadas uma da outra, ou ainda como algo “estático”, isolado. Além de que não demonstra de que forma se deva trabalhar esses “eixos”, no entanto, já nos permite pensar em estratégias metodológicas para sua melhor realização.

Nesse sentido, me parece favorável a inserção das ADIs (Atividades Didáticas Integradas), a proposta adotada nesta pesquisa, que permite fazer a interrelação das quatro atividades que as compõem, de acordo com Moura (2017), por meio dos gêneros discursivos, permitindo assim a ampliação das capacidades discursivas e sociorretóricas dos indivíduos por meio de seus enunciados, que são, por natureza dialógicos/ideológicos, de acordo com Bakhtin (2016).

2.2 DIALOGISMO E RESPONSABILIDADE

Bakhtin (2010) alude sobre o ato de responsividade do sujeito, ao afirmar que “não só compreendemos o significado de uma dada palavra enquanto palavra da língua como ocupamos em relação a ela uma ativa posição responsiva de simpatia, acordo ou desacordo, de estímulo para a ação”.

Nesse sentido, para que a ação pedagógica favoreça um ensino voltado para a formação crítico-discursiva do falante é imprescindível que o professor não somente conheça as concepções de linguagens existentes, mas, sobretudo compreenda o tipo de ensino em que cada uma proporciona, para que, somente assim, possa optar pela que melhor atenda aos seus objetivos e expectativas em relação ao ensino e a formação de um sujeito crítico-reflexivo em suas ações.

Moura (2019), embasado nas fundamentações do teórico precursor do conceito de dialogismo, também nos adverte a respeito da dialogicidade imanente da linguagem, assim como do ato de responsividade. Nesse sentido, o autor se posiciona:

com base em Bakhtin, postulo que os atos de linguagem, em todas as suas dimensões, constituem-se na reciprocidade dialógica, intercambiável, em que um ato penetra no outro inelutavelmente, pois a nossa vida implica essa dinâmica: lemos, dizemos do que lemos num efeito de responsividade engajada e, por conseguinte, escrevemos, tomando posição avaliativa no âmbito dessa escrita. Consequentemente, refletimos criticamente sobre tudo isso, já que o mundo social não chega para nós reificado, o que demanda uma intervenção constante nele, atos estes que deveriam ser reconstituídos na escola, de forma a construir cidadãos reflexivos/responsivos (Moura, 2019, p. 1499).

Assim, fica compreensível o caráter dialógico da linguagem, e o quanto nosso papel como agentes de letramento sociais é relevante e urgente para proporcionar aos alunos a ampliação de suas capacidades de refletir, criticar, avaliar, retrucar, concordar, discordar, como adverte Moura (2019), ou seja, desenvolver nele atitudes de responsividade.

Diante disso, cabe ao professor criar meios, e estratégias que possam desenvolver as atividades (de oralidade, leitura, escrita e reflexão linguística), de forma intercambiáveis, já que interagimos e agimos no mundo por meio de textos, (orais e escritos) com o intuito de ampliar as capacidades linguísticas necessárias para o pleno desenvolvimento dos alunos como seres sócio-

históricos situados. Para que, somente assim, possam atuar crítico-reflexivamente em seus discursos tanto orais, quanto escritos.

Nesse sentido, Antunes (2009, p.176), nos orienta que, o exercício da interação verbal, não se faz sem palavras, assim como não se faz, também, de forma aleatória. Tal exercício, por sua vez, “obedece a padrões, a regularidades de diversas ordens” (Antunes, 2009, p.176). Para a autora, a compreensão dos padrões de escolha, assim como da organização das unidades da língua, só acontece se o sujeito for submetido ao uso da língua, na forma necessária de sua textualidade.

Ainda em Antunes (2009), essa reflexão é mais aprofundada ao citar a colocação de Schmidt, em seu livro *Linguística e teoria do texto*, de 1978, que afirma que “é na condição da língua-em-função que se apreende todo o conjunto dos padrões de uso da língua” (Antunes, 2009, p.174). Compreendido, desse modo, não os padrões pelos padrões, mas, por conseguinte, os padrões que estão relacionados à produção do sentido e às utilizações com que podem funcionar na atividade verbal às quais as pessoas empreendem no cotidiano. “Padrões funcionais, portanto. Padrões do uso, que, por isso mesmo, estão impregnados de historicidade” (Antunes, 2009, p.174).

Assim a autora conclui que, somente na/e pela interação, os indivíduos adquirem seus padrões linguísticos. Daí a grande relevância do professor inserir em seus contextos interativos, as variadas estratégias, de acordo com os padrões linguísticos almejados para seus alunos, ou seja, de acordo com seus objetivos pretendidos, ou exigidos em cada situação. “Logo, falando, ouvindo, lendo, escrevendo é que vamos incorporando e sedimentando os padrões da língua. Não há outro jeito!” (Antunes, 2009, p.174).

Dessa forma, Antunes (2009 p.175) enfatiza que “se considerarmos a linguagem nas suas funções de *interação*, outra perspectiva não podemos adotar em se estudo, senão *a das efetivas experiências da interação dialógica.*”

Ainda se tratando da responsividade do sujeito, Bakhtin, (2016) nos esclarece que

[...] de fato o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição

e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preche de resposta, [...] (Bakhtin, 2016, p.24-25).

Nesse sentido, observa-se que, quanto mais preparado o indivíduo tiver, com leituras e informações, mais ele conseguirá agir responsivamente, em seu meio social. Uma vez que, terá maior conhecimento sobre o assunto, e automaticamente, maior ampliação de suas capacidades discursivas. E, esta tarefa, cabe, principalmente, ao professor prepará-lo para sua melhor atuação como sujeito ativo e transformador, em seu meio social.

Partindo deste pressuposto, precisamos refletir sobre qual concepção de Língua adotar para que se possibilite o desenvolvimento de tais habilidades, já que são tão essenciais para a vida dos educandos, para o seu pleno exercício de cidadania de forma crítico-social.

Fiorin (2022), citando Bakhtin, nos leva a refletir ainda mais a respeito da dialogicidade do discurso. Para o autor,

a orientação dialógica, é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. Bakhtin (1988: 88) (Fiorin, 2022, p.21).

Nesse sentido, fica compreendido que não há discurso que não seja dialógico. Como bem define o autor, é na interação que se constitui o ser humano, em seus atos interativos, que por sua vez não se dão por meio de enunciados isolados, unívocos. Tudo que alguém processa internamente para expressar-se já foi externado, noutra momento, por outra pessoa.

De acordo com Fiorin (2022) “é dentro do projeto de investigação, que acaba de ser delineado em rápidas pinceladas, que surge o conceito de dialogismo, princípio unificador da obra de Mikhail Bakhtin”. Para esse autor,

o teórico russo enuncia esse princípio e, em sua obra, examina-o em seus diferentes ângulos e estuda detidamente suas diferentes

manifestações. Essa noção funda não só a concepção bakhtiniana de linguagem, como é constitutiva de sua antropologia filosófica. Começemos por analisá-la na linguagem (Fiorin, 2022. p. 21).

Fiorin (2022 p. 21) postula que, para Bakhtin, “a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica”. Assim qualquer enunciado independente de sua dimensão é dialógico por natureza, dentro do processo de interação. “Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face”, mas sim em todas as formas de interação que possam ocorrer, tanto em gêneros orais quanto aos escritos.

Para este autor, há uma dialogicidade interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, ou seja, nenhum enunciado é livre desse dialogismo visto que há uma imbricação, ou intersecção em tudo que enunciamos, sendo, portanto, descartada a possibilidade de desvincular ou “desconectar” um discurso de outro. Em outras palavras, tudo que alguém enuncia já foi enunciado por outro indivíduo em alguma outra situação. Não sendo, portanto, possível alguém se desprender desse ato dialógico, como versa o autor em “somente este Adão podia realmente evitar por completo essa mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto”. (Fiorin, 2022, p. 21).

Por isso, Fiorin (2022), interpretando Bakhtin, pontua que “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”. Neste sentido, “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”.

De acordo com Fiorin, (2022), é necessário explicar o motivo em que o Círculo de Bakhtin dá um papel central à linguagem em sua teoria da superestrutura. Para este autor, os estudiosos não têm acesso, apenas a realidade, visto que ela é sempre mediada pela linguagem. Assim, o real aparece sempre de forma semiológica ou linguística. No entanto, jamais se mostra desvinculado de nenhuma das duas referidas formas.

A esse respeito, o autor enfatiza que:

um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer, para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em

discursos. Por isso todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (Fiorin, 2022, p. 22).

Nesse sentido, percebe-se um diálogo entre as postulações de Fiorin (2022) e Antunes (2009), no que concerne a importância dada ao ato de interação. Dessa forma, para Fiorin, é na interação que o sujeito se constitui. E somente nela e através dela que o indivíduo será capaz de desenvolver sua atitude responsiva. Então, se para o sujeito se constituir de forma responsiva na linguagem ele precisa interagir, opinar, concordar ou discordar, criticar, intervir, o que dizer de práticas de ensino em que o professor passa várias aulas expondo sobre um assunto ou regras gramaticais ou fazendo listagens de perguntas tidas como interpretação textual?

Dessa forma, convém que, reflitamos sobre as habilidades as quais pretendemos desenvolver em nossos alunos para saber qual concepção de linguagem, melhor lhes permitirão a ampliação necessária de suas capacidades cognitivas de ler, escrever, falar, argumentar, avaliar e intervir socialmente.

Convenhamos que, a intenção aqui é permitir ao aluno a sua autonomia responsiva e, por conseguinte, o seu protagonismo por intermédio da linguagem. De acordo com Moura, (2017/2018) isso será possível, se lhes forem proporcionadas situações em que os alunos possam interagir nas mais diversas práticas sociopragmáticas, orais ou escritas, se fazendo entender, avaliando, concordando, refutando, rediscursivizando e intervindo socialmente, por meio de seus discursos.

Tendo em vista a visão interativa da linguagem além do fato de todo discurso, segundo Bakhtin (2010, 2016) ser dialógico, o professor pode se valer disso a seu favor. Para este teórico, que revolucionou o campo dos estudos linguísticos, o discurso só existe em sua situação concreta, e este por sua vez se dá por meio de enunciados, os quais constituem os gêneros discursivos.

Desse modo o teórico russo, se posiciona a respeito da enunciação:

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo

social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada a um interlocutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado (Bakhtin, 1997, p.116).

Dessa forma em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, Bakhtin (2006) também compreende a linguagem como sendo, puramente ideológica. Assim, expõe que, a forma linguística, “sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso.” Nesse sentido, o autor nos esclarece que,

na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (Bakhtin, 2006, p.89).

Nessa perspectiva, ensinar os alunos por meios de textos reais e autênticos, eis a proposta desta pesquisa. No entanto, antes de abordar propriamente sobre a forma de promover esse ensino, convém que reflitamos sobre concepções de linguagem, assim como concepções de texto, já que este é o objeto concreto de ensino a que me proponho.

Nessa perspectiva, faremos uma breve reflexão teórica, sobre as formas em que a linguagem pode ser concebida, de acordo com alguns autores, que discorrem sobre esta temática. Além de que, adotaremos uma concepção, que acreditamos poder contribuir para essa formação responsiva a que está sendo delineada.

2.3 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM: POR UM ENSINO DE LÍNGUA INTERACIONALISTA E DIALÓGICO

De acordo com o tipo de ensino que se pretende promover e com os objetivos a que se almejam alcançar o professor precisa pensar sobre a concepção de linguagem que precisa adotar para que seus objetivos não sejam prejudicados, ou mais especificamente, não deixem de ser atingidos. Isto porque a partir da concepção de língua adotada resultará um determinado tipo de ensino, e, sobretudo, em determinados resultados.

Ademais, esta consciência e tomada de decisão, implicará ainda no tipo de cidadão a que se pretende formar, caso contrário poderá mesmo que inconsciente, contribuir para a formação de sujeitos passivos que em pouco ou em nada contribuem com a sociedade e que, possivelmente, não serão capazes de fazerem valer seus direitos como indivíduos sociais, já que no dia a dia estão expostos à diversas situações reais e complexas da língua, às quais precisam atuarem socialmente, de forma responsiva.

Convém aqui frisar o fato de que o ensino de Língua Portuguesa, há muito vem sendo alvo de críticas e, infelizmente, hei de concordar, que tal prática tem sido insuficiente em relação ao cumprimento dos objetivos e das habilidades a que se pretendem desenvolver ao final do Ensino Fundamental, Médio e mesmo Ensino Superior. Alunos concluem o Ensino Fundamental, após vários anos em sala de aula sem atingir habilidades básicas como ler e compreender o que leem, fazer relação de sentido com o seu dia a dia, refletir, criticar e mesmo intervir em seu meio através do discurso. Ademais, na maioria das vezes, se sentem tão desmotivados que acabam desistindo da escola, sentindo-se incapazes de aprender a ler, ou mesmo “aprender português”, como costumam falar.

A esse respeito, Antunes (2003), explicita que

com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, "deixa" a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade (Antunes, 2003, p. 20).

Dessa forma, não se sentem responsáveis naquilo que falam ou ouvem, já que a responsividade, segundo autores como Bakhtin (2016) e Moura (2017, 2018), tem a ver com atitudes críticas e reflexivas diante de situações de interações reais em que o indivíduo é levado a questionar, e agir criticamente diante de qualquer situação, intervindo, concordando ou até mesmo refutando. Assim, acabam sentindo-se inaptos, e até mesmo excluídos socialmente.

Em consonância com Bakhtin, viver é assumir uma posição avaliativa a cada momento. Destarte, a escola poderia ser um espaço privilegiado de relações dialógicas, de posicionamentos com respeito aos mais diversificados

valores, permitindo aos sujeitos esse “viver”, através do ato de posicionar-se, de expressar-se nas mais variadas circunstâncias interativas e com o maior número possíveis de interlocutores, revivendo, dessa forma, espaços de diálogos e de representação de discursos presentes em seus meios sócio-histórico/ideológico.

Nesse sentido, para que a ação pedagógica favoreça um ensino voltado para a formação crítico-discursiva do falante é imprescindível que o professor não somente conheça as concepções de linguagens, mas, sobretudo, compreenda o tipo de ensino em que cada uma proporciona, para que, assim, possa optar pela que melhor atenda aos seus objetivos e expectativas em relação ao ensino e a formação de um sujeito crítico-reflexivo em suas ações.

Antunes (2003) faz a seguinte abordagem, neste sentido:

toda atividade pedagógica de ensino do português tem subjacente, de forma explícita ou apenas intuitiva, uma determinada concepção de língua. Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem (Antunes, 2003, p.39).

Então, de acordo com esta autora, não somente a concepção de linguagem precisa ser considerada, ao se desenvolver determinada ação pedagógica, mas, sobretudo todos os outros fatores envolvidos, como: os objetivos, a seleção do objeto de ensino, os procedimentos, enfim, toda ação pedagógica está carregada e entrelaçada com uma concepção específica de linguagem, mesmo que de forma involuntária, ou inconsciente do indivíduo que a desenvolve.

Estou em consonância com a autora, visto que não há como desvincular os elementos elencados anteriormente já que eles são de certa forma, entrelaçados. Nossas práticas pedagógicas estão interligadas mutuamente no que tange a forma em que concebemos a linguagem, a escolha do objeto de ensino e ao que pretendemos atingir com essas escolhas, daí advém a expressiva importância de, não somente, conhecermos tais concepções, mas sobretudo, ter uma atitude política em relação a qual adotarmos para o

desenvolvimento de nossas ações como agentes formadores/transformadores em que somos.

Ainda, para Antunes (2003),

o conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita a noções e regras gramaticais apenas, como se tudo o que é uma língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática. Teorias linguísticas do uso da prosódia, da morfossintaxe, da semântica, da pragmática, teorias do texto, concepções de leitura, de escrita, concepções, enfim, acerca do uso interativo e funcional das línguas, é o que pode embasar um trabalho verdadeiramente eficaz do professor de português (Antunes, 2003, p. 40-41).

Na visão de Antunes (2003), em relação aos princípios teóricos sobre como conceber a linguagem, o que tem predominado, ao longo dos estudos linguísticos, são duas grandes tendências sobre os fatos da linguagem, a saber:

- a) uma tendência centrada na língua enquanto sistema em potencial, enquanto conjunto abstrato de signos e de regras, desvinculado de suas condições de realização;
- b) uma tendência centrada na língua enquanto atuação social, enquanto atividade e interação verbal de dois ou mais interlocutores e, assim, enquanto sistema-em-função, vinculado, por tanto, às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização (Antunes, 2003, p. 41).

Para Antunes, (2003 p.41) a “segunda tendência teórica possibilita uma consideração mais ampla da linguagem e, conseqüentemente, um trabalho pedagógico mais produtivo e relevante”. Ainda enfatiza que o fato de as línguas só existirem para promover a interação entre as pessoas faz com que se possa admitir que apenas uma concepção interacionista da linguagem, “eminente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante” (Antunes, 2003, p. 41).

Em relação ao objeto de estudo que de fato siga esta concepção de língua, Antunes (2003) admite também que precisa ter este mesmo posicionamento teórico. Nesse sentido, esclarece que,

se a língua- em-função somente ocorre em forma de textualidade _ e esta é uma segunda evidência que quero lembrar aqui _ é natural admitir também que só o estudo das regularidades textuais e discursivas na sua produção e interpretação, pode constituir o *objeto*

de um ensino da língua que pretende ser como se disse acima, produtivo e relevante (Antunes, 2003, p. 41-42).

Então, fica evidente o posicionamento da autora em relação ao objeto de estudo e a forma em que este deve ser tratado dentro do processo de ensino. Visto dessa forma, como algo vivo, passível de ser analisado, de modo que haja de fato uma interação entre sujeito e objeto. Assim sendo, os aspectos estruturais e sociais são considerados dentro do processo interativo, como sendo parte deste e não de forma desvinculada.

De acordo com Travaglia (2005) há três possibilidades distintas de conceber a linguagem: A primeira concepção vê a linguagem como expressão do pensamento. Segundo essa teoria as pessoas não se expressam bem porque não pensam, uma vez que a expressão se constrói no interior da mente e sua exteriorização seria apenas uma tradução. A enunciação, nesse caso, seria um ato monológico, individual, a qual não seria afetada pelo outro nem tampouco pelas circunstâncias que constituem a situação social ou contexto em que ela acontece.

Por outro lado, à segunda concepção de linguagem, de acordo com o autor, concebe a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação. Deste modo, a língua é vista como um código, isto é, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informação de um emissor a um receptor. Neste sentido, este código deve ser dominado pelos indivíduos os quais fazem parte do ato de comunicação, para que esta possa ocorrer.

Ademais, esse código deve ser convencionado de forma preestabelecida, de modo semelhante, uma vez que a língua se estabiliza como um ato social assim sendo, deve ser usada por mais de um falante. Contudo, o autor esclarece ainda que essa é uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda segundo uma perspectiva formalista, de modo que a limita ao estudo do funcionamento interno desta separando-a do homem e de seu contexto social.

Segundo esta concepção, o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, para isso a coloca em forma de código e a remete para o ouvinte através de um canal, e este, por sua vez, recebe os sinais e os

transforma novamente em mensagem para codificá-la mais uma vez para o primeiro falante.

Para Travaglia (2005), a terceira concepção de linguagem é concebida como forma ou processo de interação. Nesta concepção, o indivíduo ao usar a língua, não somente traduz e exterioriza um pensamento, nem tampouco transmite apenas informações, mas, sobretudo realiza ações, age, atua sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). Assim sendo, a linguagem constitui um lugar de interação humana, pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Desta feita, os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e "falam" e "ouvem" desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais.

Desta forma, o diálogo em sentido amplo é que caracteriza a linguagem. E esta por sua vez é tida como um produto histórico-social. Dessa forma, ela está em constante evolução e se materializa por meio das interações entre os sujeitos sócio-históricos, por meio de enunciados.

Moura (2017), também aborda a respeito das concepções de linguagem e de como as práticas pedagógicas ainda se mantêm alheias à concepção dialógica de língua, que a concebe como um espaço de interação. Assim ele ressalta que,

as concepções que subjazem o ensino de língua são um tanto variadas; no entanto, persistem majoritariamente, as concepções que consideram a língua como uma estrutura limitada e simples, como um artefato do qual podemos nos apropriar pela análise e discretização de seus componentes fonético-fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos e semânticos. É um tipo de visão de língua que isola o sistema em suas propriedades imanentes, deixando de fora o que lhe é constitutivo e essencial: o fato de que são as suas propriedades discursivas, interacionais e sócio pragmáticas que lhe conferem um estatuto simbólico *sui generis*, permitindo aos sujeitos compreenderem o mundo e mobilizarem-se nele, de forma diferenciada e proficiente (Moura, 2017, p.454).

Para este autor, embora as formas de conceber a língua sejam variadas, o que tem predominado nas práticas pedagógicas ainda é um modelo de ensino que não considera o aspecto sócio pragmático da língua. Nas palavras do autor, “deixando de fora o que lhe é constitutivo e essencial”. Nesse sentido, prevalece

uma visão de língua monológica e descontextualizada de seu verdadeiro objetivo que é permitir aos sujeitos sua inserção no mundo de forma interativa e integralizada.

Assim, Moura (2017, p. 458) reflete sobre algumas concepções de linguagem ainda presentes nas práticas pedagógicas de alguns professores, a saber: “Ensinar uma língua é ensinar a forma”. Para este autor, esta concepção centra-se na ideia de que a língua é uma estrutura, até mesmo um sistema de regras diante das condições de produção. Ao sujeito falante convém apreender as regras desse sistema e seu funcionamento para somente assim conseguir dominá-lo. Assim “temos um sistema geral abstrato e seu domínio nos capacitaria a nos desempenhar, linguisticamente, de modo proficiente e suficiente” (Moura, 2017, p. 458).

Vimos que essa concepção desvincula o sujeito de seu contexto social e a língua também é vista como pronta e acabada e não como dinâmica e ideológica, carregada de sentidos.

Nas palavras de Moura (2017, p.459) “Observa-se que esse tipo de concepção não considera os aspectos discursivos, sociais e históricos que deveriam estar envolvidos no ensino de língua.”

Ainda segundo o autor, outra concepção presente é: “Ensinar a língua é levar os aprendizes a codificarem e decodificarem estruturas imanentes do próprio sistema” Moura (2017, p. 459). Esta concepção, de acordo com o autor, é oriunda da teoria da informação, e envolve um emissor e um receptor, ‘estáticos e auto proficientes’ assim como um sistema também estático, de modo que os indivíduos se comunicam por meio dele. Nesta concepção tanto os sujeitos da interação quanto os contextos são desconsiderados do processo, não permitindo, assim que os participantes se tornem responsivos naquilo que produzem, já que de acordo com a visão de linguagem adotada, se tem a formação de cada sujeito envolvido no processo.

Para Moura (2017, p.460), os alunos ficam “sem nenhum entendimento de que a língua e a linguagem constituem espaços por meio dos quais nos constituímos como agentes interventivos nas instâncias sociais”. Logo, para um ensino produtivo, que realmente insira o sujeito nas diversas interações sociais, que saiba de seu verdadeiro papel como sujeito pensante, reflexivo e crítico, se faz necessário que se adote uma concepção de linguagem que insira o sujeito

como peça fundamental do processo de interação, e não simplesmente que o considere apenas a língua como um sistema abstrato e desvinculada de todo o contexto social.

Moura (2017, p.460) nos apresenta ainda outra concepção de linguagem, de acordo com sua análise. Para o autor “Ensinar/aprender a língua é reconhecê-la e descrevê-la como forma ou estrutura no âmbito dos subsistemas fonético-fonológico, lexical, morfológico e sintático”. Nesse sentido, o autor esclarece que

esta concepção considera a língua como uma estrutura autônoma. Tal perspectiva, segundo Luiz Antônio Marcuschi (2008), foi instaurada no século XIV, tendo-se implementado com Saussure e Chomsky; com essa visão “não se buscam explicações transcendentais para o fenômeno linguístico” (MARCUSCHI, 2008, p. 59). Por essa concepção, despreza-se o contexto e a situação, assim como os componentes sociais e históricos constituintes das ações de linguagem, havendo dificuldades no trato da significação e dos problemas referentes à compreensão. Observa-se aí também dificuldades no que concerne à função sociointerativa dos textos, os quais não constituem meras unidades do sistema, pois situam-se no âmbito do uso do sistema, em toda a sua complexidade e flexibilidade discursiva e sociointeracional (Moura, 2017, p. 460).

Mais uma vez, segundo Moura (2017, p.462) se observa “o cuidado com a forma, desconsiderando-se seu funcionamento discursivo e textual”. Fica perceptível que as formas são ensinadas como se fossem neutras e desgarradas do seu uso real e sócio pragmático causando um abstracionismo improdutivo e estanque, como se a língua fosse um sistema isomórfico, homogêneo e autossuficiente.

Moura (2017, p.463) faz uma abordagem reflexiva em relação a uma concepção de ensino de língua, que, segundo ele, de fato seja pertinente e produtiva. Para este autor “Ensinar/aprender uma língua requer uma concepção de que esta constitui um espaço social e cultural de interação”. Assim fica evidente que a concepção interativa de linguagem é a que melhor contempla aos anseios sociais do sujeito, visto que esta lhes permite fazer uso da língua nos diversos espaços interativos, por meio de textos autênticos orais/e ou escritos, de modo que possam se posicionar, intervir, criticar, opinar, concordar, discordar, ou seja, possam atuar socialmente por meio de seus enunciados discursivos. Para Moura, (2017),

esta concepção compreende a língua como espaço ideológico por meio do qual interagimos no universo biossocial. Embora encontre

pouca correspondência nas práticas de ensino de língua, essa concepção tem contribuído para a transformação nas ações relativas à leitura e escrita, enquanto eixos ou espaços de construção de cidadania, nos quais os indivíduos se colocam como produtores/autores de seus discursos nos vários âmbitos e dimensões das atividades humanas, caracterizadas sempre como instáveis, complexas e permeadas pelos conflitos (Moura ,2017, p.463).

Diante do exposto, fica compreendido que apesar de haver várias concepções de linguagem o professor precisa sair de seu lugar-comum e ter uma atitude responsiva também, em relação ao tipo de sujeito que se queira formar. E com base nisso rever suas práticas pedagógicas para que sejam pautadas em um ensino que de fato seja produtivo. Que permita ao sujeito se colocar no processo interativo de construção e reconstrução da linguagem para que percebam o ato dialógico presente nela por meio dos textos orais/e ou escritos que circulam em diversos meios sociais.

Além disso, convém que os indivíduos sintam- se parte deste processo interativo e constituinte de sujeitos sociais que são e que, por meio da linguagem possam se posicionar discursivamente e responsivamente como verdadeiros cidadãos ativos e críticos. Que possam intervir socialmente em seu meio através de seus discursos. Isto, a meu ver se torna mais viável, se envolvermos em nossas práticas uma concepção de linguagem que seja, de fato a interativa/interacionista.

Ainda de acordo com Moura (2017),

a concepção de linguagem postulada por Bakhtin (2006, 2010^a, 2016) está alicerçada em pressupostos sob os quais nossas experiências em nível simbólico se dão pela dialogicidade na relação necessária e constitutiva com o outro por meio do qual nos construímos enquanto sentidos/ações em nossas mobilizações pelo universo biossocial e cultural (Moura 2017, p.562).

Desse modo, nos construímos socialmente por meio da linguagem e somente por meio dela podemos intervir em nosso meio social, sendo, portanto, cidadãos responsivos, já que ao depararmos com as diversas situações diárias, nem sempre nos mantemos passivos ou em total concordância. Dessa forma, por meio da interação nos posicionamos criticamente através de nossos discursos.

Ainda nas colocações de Moura (2017), sobre o interacionismo bakhtiniano da linguagem, temos a seguinte reflexão:

tendo por base a concepção de linguagem postulada por Bakhtin e alinhando-a às formulações do interacionismo sociodiscursivo, reitero a noção de que as atividades de linguagem constituem loci sociais e instrumentos por meio dos quais as interações se efetivam, é por meio de tais atividades que o conhecimento humano é construído e, conseqüentemente, instituído enquanto significado socialmente relevante para os indivíduos situados em contextos específicos, a partir dos quais esses mesmos indivíduos se reconhecem como atores e não como meros transmissores de informações (Moura, 2017, p.562).

Nesta perspectiva, fica compreendido, em consonância com as fundamentações de todos os autores aqui elencados, que, para contribuir para formação de um sujeito que de fato seja responsivo, através da linguagem se faz necessário que se compreenda e se adote em suas ações didáticas a concepção de linguagem concebida por Bakhtin, a qual defende que a língua é adquirida pelos sujeitos por meio da interação. Que somente por meio desse dialogismo com as práticas sociais os sujeitos poderão ser capazes de ampliar suas capacidades discursivas, tornando-se responsivos naquilo que falam ou escrevem.

Nesse sentido, é consenso entre os autores, aos quais embaso esta pesquisa, que é na interação que o sujeito se constitui. E somente nela e por meio dela que o indivíduo será capaz de desenvolver sua atitude responsiva, assim como teoriza Bakhtin, concordando, discordando, argumentando, refutando, criticando...Agindo socialmente por meio do discurso que, por sua vez, é carregado de sentidos e ideologias.

2.4 CONCEPÇÃO DE TEXTO E ENSINO

Assim como há variadas formas de conceber a linguagem, e cada uma resulta em determinado tipo de ensino, ou formas de se ensinar, em relação ao texto não é diferente. Há variadas formas de se conceber o objeto de ensino que é o texto. Ademais, é consenso entre vários estudiosos como Bakhtin (2016), Moura (2017) Marcuschi (2008), Antunes (2003, 2009, 2017) que o ensino de língua deva partir do texto, no entanto, precisa saber como este objeto está sendo concebido e automaticamente, trabalhado.

A esse respeito Marcuschi (2008) faz a seguinte reflexão:

que o ensino de língua deva dar-se através de textos é hoje um consenso tanto entre linguistas teóricos como aplicados. Sabidamente, essa é, também, uma prática comum na escola e orientação central dos PCNs. A questão não reside no consenso ou na aceitação deste postulado, mas no modo como isto é posto em prática, já que muitas são as formas de se trabalhar texto (Marcuschi, 2008, p. 51).

Dessa forma, se faz necessário, não somente compreender a importância de se ensinar por meio do objeto texto, mas sobretudo, como afirma o autor, em como ensinar partindo deste artefato e tendo em vista os objetivos a que se pretendem alcançar por meio deste ensino.

Como já elencado nesta dissertação, pesquisas têm apontado para um ensino totalmente descontextualizado, de modo que não se considera o sujeito como sendo um ser ativo que interage por meio da linguagem. Dessa forma, o texto é usado apenas como pretexto para atividades puramente gramaticais, que em pouco, ou em nada contribui para o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos e nem, tampouco os tornam mais capazes de agir reflexivamente por meio da linguagem em relação ao que ouvem ou dizem.

A esse respeito Kleiman (2002), afirma que essa prática é muito recorrente em livros didáticos de língua portuguesa, como veremos abaixo:

uma prática bastante comum no livro didático considera os aspectos estruturais do texto como entidades discretas que tem um significado e função independentes do contexto em que se inserem. Uma versão dessa prática revelada na leitura gramatical, é aquela em que o professor utiliza o texto para desenvolver uma série de atividades gramaticais, analisando para isso, a língua enquanto conjunto de classes e funções gramaticais, frases e orações. Os livros didáticos estão cheios de exemplos em que o texto é apenas pretexto para o ensino de regras sintáticas, isto é, para procurar adjetivos, sujeitos ou frases exclamativas (Kleiman, 2002, p.17).

Assim, o que se observa é que essa prática de ensino não concebe a língua como um espaço de interação social entre os sujeitos e nem os indivíduos como sujeitos ativos capazes de agir das mais variadas formas, em seu meio social. Assim, nesta pesquisa, me fundamento em autores que compreendem a língua como um espaço de interação social entre os sujeitos. Ademais, o texto, por sua vez, também é concebido desta forma, já que ele deve ser dinâmico e permitir que os sujeitos sociais interajam e ajam responsivamente por meio de seus discursos.

De acordo com Koch e Elias (2013, p.11) a concepção interativa da linguagem permite que o texto seja, de fato um lugar de interação, onde os interlocutores são constituídos como tal. Assim sendo, o texto não se configura como um produto, pronto e acabado, mas se delineia num processo interativo e dinâmico. Dessa forma, a leitura se configura também nessa interatividade, de modo que a construção dos sentidos do texto é concebida no momento da interação, sujeito-social/texto, de modo que os conhecimentos e experiências do sujeito não são desconsiderados, de acordo com estes autores.

Marcuschi (2008, p.23) faz uma colocação muito válida em relação ao texto como um objeto de interação. Para o autor, “não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas”. Assim, fica evidente a concepção interativa textual a qual o autor aborda. E mais ainda, que os textos só se concretizam como tal, neste processo de interação com o interlocutor.

Ainda sobre a concepção de texto como interação, e sobretudo, como um artefato histórico, Marcuschi (2008) explicita que

o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma reconstrução do mundo e não uma simples refração ou reflexo. Como Bakhtin dizia da linguagem que ela ‘refrata’ o mundo e não reflete, também podemos afirmar do texto que ele refrata o mundo na medida em que o reordena e reconstrói (Marcuschi, 2008, p.72).

Para este autor, e compartilho de sua posição, a definição de texto acima é válida tanto para os textos escritos quanto para os orais, já que “oralidade e escritas são duas modalidades discursivas igualmente relevantes e fundamentais” (Marcuschi, 2008, p.72).

Rojo e Barbosa (2015) definem texto da seguinte forma:

um texto ou enunciado é, como vimos, um dito (ou cantado, escrito ou mesmo pensado) concreto e único, "irrepetível", que gera significação e se vale da língua/linguagem para sua materialização. Constituindo o discurso. Na era do impresso, reservou-se principalmente a palavra "texto" para referir os textos escritos, impressos ou não; na vida contemporânea, em que os escritos e falas se misturam com imagens estáticas (fotos, ilustrações) e em movimento (vídeos) e com sons (sonoplastias, músicas), a palavra "texto se estendeu a esses enunciados híbridos de "novo" tipo, de tal modo que falamos em "textos

orais" e "textos multimodais", como as notícias televisivas e os vídeos de fãs no YouTube (Rojo e Barbosa, 2015, p. 25).

Aqui como observamos, o conceito de texto foi ampliado, visto que as autoras consideram como texto, não somente os impressos, mas também os multimodais, com enunciados híbridos, como visto anteriormente.

Rojo e Barbosa (2015, p.108-109), afirma que apesar de nenhum texto ser unimodal, pelo fato de nos textos escritos sempre haver a diagramação que forma uma imagem, e nos textos orais a gestualidade que os acompanha, a questão na multimodalidade tem se tornado uma questão importante para a leitura assim como para a produção de textos na contemporaneidade, haja vista que os textos estão cada vez mais multimodais e “multi ou hipermediáticos”.

Nessa perspectiva, o documento normativo mais atual sobre o ensino, a BNCC, também versa a respeito do ensino de Língua Portuguesa e ratifica a importância de usar o texto como centro das práticas de ensino de língua. Além de que também o compreende em sua multimodalidade como veremos a seguir:

O texto é o centro das práticas de linguagem e, portanto, o centro da BNCC para Língua Portuguesa, mas não apenas o texto em sua modalidade verbal. Nas sociedades contemporâneas, textos não são apenas verbais: há uma variedade de composição de textos que articulam o verbal, o visual, o gestual, o sonoro – o que se denomina multimodalidade de linguagens. Assim, a BNCC para a Língua Portuguesa considera o texto em suas muitas modalidades: as variedades de textos que se apresentam na imprensa, na TV, nos meios digitais, na publicidade, em livros didáticos e, conseqüentemente, considera também os vários suportes em que esses textos se apresentam. (BNCC, 2018, p. 64).

Ainda em relação ao texto Antunes (2017 p.26) expõe que “os usos reais da língua_ isto é, toda ação de linguagem (falar, escrever, ouvir e ler) _só acontecem sob a forma de textos.”. Ademais, Antunes (2017 p.29-30) pontua que “*todos nós, em qualquer situação, só nos comunicamos verbalmente por meio de um gênero de texto oral ou escrito*”.

A autora admite o caráter interativo do texto, e é nesse sentido que essa pesquisa se desenvolve, assumindo o caráter dialógico e interacional do objeto de estudo que é o texto. Assim, mais uma vez me reporto a Antunes pela forma que o concebe este artefato sócio-histórico. Para esta autora,

... as regularidades implicadas no funcionamento da língua, em processos comunicativos de sociedades concretas, o que envolve a produção e a circulação de todos os tipos e gêneros de textos-em-função.

Explorar, analisar textos, adotá-los como objeto de ensino e aprendizagem em atividades de oralidade, leitura e escrita não é tão simples assim. Não bastam uns exercícios de identificar palavras, segundo essa ou aquela classe gramatical, ou reconhecer sujeitos e predicados de frases inventadas ou retiradas dos textos, como não basta memorizar definições ou aprender a distinção entre unidades de classes diferentes.

Essas noções (e outras) são importantes, têm seu lugar na aprendizagem da língua, porém não bastam (são insuficientes), quando o que se pretende é levar os alunos a poderem falar, ler e escrever textos que digam com clareza e coerência o que é relevante ser dito em cada situação em que ocorrem. E mais, são absolutamente insuficientes quando o que se pretende é tornar os alunos capazes de enfrentar o mercado de trabalho e, como cidadãos, participarem criticamente do desenvolvimento e do bem comum social (Antunes, 2017, p.33-34).

Assim apresento a concepção de texto a qual é concebida nessa pesquisa, sendo o texto como objeto de interação, haja vista que entendido dessa forma, permite aos alunos discursivizarem e serem ativos em suas decisões. Além disso, podem ampliar suas capacidades discursivas e se posicionarem crítico-reflexivamente em seus meios sociais os quais se encontram. De acordo com Bakhtin, (2010, 2016) sobretudo, serem responsivos em suas interações sociais.

Dessa forma, compreendemos que os gêneros se realizam, sempre dentro dos contextos sócio-históricos, fato este determinante para compreendermos que as funções constitutivas da linguagem estão relacionadas ao fenômeno social da interação verbal. Nesse sentido, é interessante refletir sobre as discussões realizadas em Bakhtin/Volochinov (2006) no que tange às situações enunciativas situadas num determinado contexto específico.

É em meio a este processo interacional que percebemos as minúcias enunciativas de uma dada situação em que ocorre o dialogismo. Desse modo,

a enunciação enquanto tal é um produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições da vida de uma determinada comunidade linguística (Bakhtin/Volochinov, 2006, p. 126).

Assim os autores se posicionam em relação aos enunciados sendo pois dialógicos por natureza, independentes de suas situações enunciativas, quer

seja de modo mais circunscrito, quer seja de forma mais ampla, será sempre fruto da interação e por conseguinte, desse dialogismo.

2.5 GÊNEROS DISCURSIVOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Tanto os PCNs (1998), quanto a BNCC (2018), fundamentados em teorias sociointeracionistas da linguagem, pontuam que o ensino de Língua Portuguesa precisa ocorrer por meio de gêneros discursivos, de modo que levem os alunos a compreenderem que essas práticas sociais estão embutidas em seu meio social.

Dessa forma, os PCNs (1998) preveem que os sujeitos precisam conviver com elas por meio da linguagem, que por sua vez é tida como forma de interação, de modo que essa interação deva ocorrer por meio de suas práticas discursivas tanto orais quanto escritas.

Da mesma forma, o documento mais recente sobre o ensino, a BNCC (2018), normatiza também, assim como está posto nos PCNs, o princípio do texto como centro do ensino além de que considera os gêneros discursivos o ponto de partida para essa prática, haja vista que pontua sobre o ensino de textos orais e escritos de acordo com as situações sociais comunicativas dos sujeitos. Embora não se trate de “interação” em relação ao trabalho com os textos, no entanto se refere como “escuta”, construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos”. Dessa forma se apresenta a BNCC:

a meta do trabalho com a Língua Portuguesa, ao longo do Ensino Fundamental, é a de que crianças, adolescentes, jovens e adultos aprendam a ler e desenvolvam a escuta, construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos; a escrever e a falar, produzindo textos adequados a situações de interação diversas; a apropriar-se de conhecimentos e recursos linguísticos – textuais, discursivos, expressivos e estéticos – que contribuam para o uso adequado da língua oral e da língua escrita na diversidade das situações comunicativas de que participam.(BNCC,2018, p. 64)

Compreendido dessa forma, o ensino com base em gêneros se constitui como um ponto essencial para propostas de ações didático-pedagógicas para o ensino de línguas.

Por outro lado, apesar de tanto os PCNs quanto a BNCC apontarem para um ensino que desenvolva a leitura, oralidade, a escrita e a análise linguística, no ensino de Língua Portuguesa, se percebe que nos espaços escolares ainda

se apresentam práticas de ensino pouco produtivas como já elencado no decorrer desta pesquisa. Isso pode ser verificado por meio de estudos que demonstram um ensino totalmente descontextualizado, que não contribui para a formação responsiva dos sujeitos, e nem tampouco os tornam críticos e atuantes socialmente.

Além disso, acredita-se que há uma certa confusão em relação ao entendimento sobre gêneros discursivos assim como com a forma de se ensinar por meio deles. Neste sentido, Fiorin (2022) com base nos pressupostos de Bakhtin faz a seguinte colocação:

como já se disse, a leitura da obra bakhtiniana sofreu toda sorte de vicissitudes. Cada um lê o Bakhtin que serve a seus propósitos. Com o conceito de gêneros do discurso não foi diferente. No Brasil, o discurso pedagógico apropriou-se dele, depois que os Parâmetros Curriculares Nacionais estabeleceram que o ensino de Português fosse feito com base nos gêneros, apareceram muitos livros didáticos que veem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer. O gênero é, assim, um produto e seu ensino torna-se, então, normativo. Sob a aparência de uma revolução no ensino de Português, continua-se dentro da mesma perspectiva normativa com que se ensinava gramática (Fiorin, 2022, p. 67).

Como bem esclarece o autor, fica compreendido que, embora o estudo dos gêneros discursivos tenha sido adotado, a forma em que cada um o concebe e desenvolve pode ser diferenciada. Isto ocorre também em relação a outros objetos como já refletimos aqui, como é o caso, do texto e mesmo do conceito de linguagem. Então, de acordo com a forma em que cada um concebe os gêneros é que vai resultar na prática que pode ser positiva ou negativa, como visto por Fiorin (2022), que muitos o concebem simplesmente como um produto, desconsiderando o seu processo. Dessa forma, seu ensino continua sendo normativo, assim como ocorria no ensino de gramática normativa.

Por acreditar que este quadro precisa mudar, e em decorrência dessa prática improdutiva que, infelizmente, ainda ocorre nos espaços das salas de aula, é que acredito em práticas pedagógicas que considerem o caráter dialógico discursivo da linguagem, de modo que tenham os gêneros discursivos como, sendo um artefato vivo, por meio do qual os sujeitos socialmente constituídos possam interagir em seu meio social.

Assim, reflito teoricamente sobre gêneros discursivos de acordo com autores que abordam este tema, principalmente as reflexões teóricas de seu

precursor, o qual revolucionou o campo dos estudos linguísticos com suas teorias enunciativo-discursivas sobre língua e linguagem: Bakhtin.

De acordo com Fiorin, (2022 p. 68) “Desde a Grécia, o Ocidente opera com a noção de gênero. Ele agrupa os textos que têm características e propriedades comuns. Assim, os gêneros são tipos de textos, conjuntos textuais que têm traços comuns”. Nesse sentido, o autor aborda que, a partir do momento em que eles eram vistos como conjunto de propriedades formais, ou seja, como características fixas e imutáveis, eles passavam a ser tratados como normativos, assim como ainda acontece hoje.

Para Fiorin (2022, p.68), “Bakhtin vai teorizar sobre o gênero, levando em conta não o produto, mas o processo de sua produção.” Assim, menos lhe interessa as propriedades formais dos gêneros, do que a forma como eles foram constituídos. “Seu ponto de partida é o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas” (Fiorin, 2022, p.68). Dessa forma, os enunciados são vistos em sua funcionalidade, somente no processo de interação.

Ainda de acordo com Fiorin (2022), os enunciados só podem ser produzidos dentro de determinadas esferas de atividades humanas, e em detrimento delas, o ser humano necessita produzir linguagem em forma de enunciados para agir socialmente. Nesse sentido, o autor esclarece que,

os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera. Essas esferas de atuação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividade. Só se age na interação, só se diz no agir e a ação motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados (Fiorin, 2022, p.68).

Dessa forma, os gêneros discursivos estão a serviço das interações, de acordo com o autor. E de acordo com cada situação, e cada necessidade é que os gêneros vão sendo delineados, já que estão a serviço da agir/interagir num dado contexto social.

Ao se tratar das esferas de utilização dos discursos, além dos gêneros discursivos, Bakhtin (2016), o teórico russo, precursor dos estudos linguísticos, teoriza sobre este tema com muita propriedade, já que foi ele quem delineou estes conceitos. Para ele,

todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (Bakhtin, 2016, p.11-12).

Como o próprio autor aborda, interagimos por meio de enunciados, que por sua vez são carregados de sentidos, e como os campos de atividades humanas, são inúmeros, assim também se configuram são os enunciados. Ademais, como afirma o autor, os enunciados refletem tanto as condições específicas, quanto as finalidades de cada campo aos quais estão inseridos. Isto devido suas características imanentes como: conteúdo temático, estilo e ainda pela sua composição composicional. “Todos esses três elementos (...) estão indissoluvelmente ligados no *conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo de atuação” (Bakhtin 2016, p.12).

Ainda para Bakhtin (2016), cada enunciado particular é individual embora cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente* estáveis de enunciados, os quais são denominados de *gêneros* do discurso.

Assim, se percebe que os gêneros surgem de acordo com nossas necessidades de interação, seja esse contexto o mais diversificado possível, terá sempre um gênero a nosso dispor. São as condições sociais reais que fazem com que surjam os gêneros para seu principal teor que é a interação. Dessa forma, em todos os espaços de atuação humana terá sempre uma necessidade de interação, seja na rua, na igreja, na escola, no parque, no meio familiar, nas universidades... enfim. Assim se evidencia o caráter heterogêneo e dinâmico dos gêneros discursivos.

Bakhtin (2016) nos esclarece a respeito da expressiva diversidade dos gêneros discursivos, assim como esmiúça o porquê dessa vasta infinitude. O autor pontua que,

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso orais e escritos, nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função de seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia a dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico e padronizado, a ordem desdobrada e detalhada. O repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos dos documentos oficiais e o diversificado universo) das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas), mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários do provérbio ao romance de muitos volumes (Bakhtin, 2016, p.12).

Dessa forma, fica evidente a infinitude dos gêneros discursivos nos diversos e mais variados meios sociais. De modo que, como elencado pelo autor “em cada campo dessa atividade” falamos e interagimos por meio de textos, orais ou escritos, assim sendo, se faz interessante fazer uso desses artefatos sociais que são os gêneros discursivos.

Rojo e Barbosa (2015, p. 16), também refletem sobre o conceito de gêneros discursivos embasadas na teoria de Bakhtin. Para estas pesquisadoras “os gêneros são como entidades que funcionam em nossa vida cotidiana ou pública para nos comunicar e para interagir com as outras pessoas (*universais concretos*).”

Nesse sentido, Rojo e Barbosa (2015) fazem a seguinte colocação:

todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero de discurso. Levantamo-nos pela manhã, damos um bom dia a nossos filhos; afixamos na geladeira um papel pedindo à diarista que limpe o refrigerador; vemos e respondemos nossos e-mails. A caminho do trabalho, passamos na agência bancária para entregar à seguradora um formulário assinado de aplicação; ao chegar ao emprego, entregamos o relatório de vendas solicitado pela chefia e que, mais tarde, vamos apresentar em reunião. Se formos professores, ao entrar em sala de aula, fazemos a chamada; lemos, com ou para os alunos, uma crônica ou enunciado de problema matemático que está no livro didático ou na apostila/caderno; passamos uma lista de exercícios com questões e instruções; pedimos uma redação ou uma opinião sobre um fato controverso para postarmos no blog da turma.

Em todas essas atividades, valemo-nos de vários gêneros discursivos orais e escritos, impressos ou digitais utilizados socialmente e típicos de nossa cultura letrada urbana: cumprimento, bilhete, mensagem eletrônica, formulários, relatório, apresentação empresarial (Rojo e Barbosa, 2015, p.16).

Assim, para estas autoras, desde as atividades mais corriqueiras possíveis até as consideradas da cultura letrada se dão por meio de gêneros discursivos, sendo estes portanto, orais, escritos, impressos ou digitais, estando assim a nosso dispor para interagirmos por meio deles, de acordo com cada situação comunicativa e cada objetivo pretendido.

Bazerman (2006), nos apresenta uma reflexão relevante em relação ao que seja gêneros. Segundo este teórico,

gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar (Bazerman, 2006, p.23).

Compreendido desta forma, reafirma a visão ampla a que os gêneros nos proporcionam. Vistos como formas de vida, sobre moldar os pensamentos além das interações. Abre uma gama de possibilidades de crescimento por meio da atuação através de gêneros. Ainda se tratando das possibilidades de crescimento possível, por meio dos gêneros o autor explicita que,

mesmo assim, essas questões nos ajudam a compreender principalmente, como as pessoas aprendem a ser participantes competentes nas sociedades letradas complexas e com as práticas educacionais podem ajudar a tornar tais pessoas competentes para serem agentes sociais efetivos. (Bazerman, 2006, p.9-10).

Além disso, nos faz entender também sobre o ato de tornarem os sujeitos mais responsivos em suas práticas e ações, além de serem críticos-reflexivos em seus meios sociais, ao posicionarem-se como verdadeiros cidadãos.

Daí a expressiva necessidade de inserir, de forma reflexiva, com base nas orientações destes autores, práticas reflexivas de língua por meio dos gêneros discursivos. Uma vez que nossos atos linguísticos se materializam desta forma, torna-se viável fazermos usos deles para nossa interação tanto oral quanto

escrita, de acordo com cada situação interativa. Aos professores, cumpre a função de posicionarem-se como agentes de letramentos sociais em que são, assim como nos afirma Kleiman (2007). Nessa perspectiva, as ADIs, é uma forma de ensino que prevê esta construção e desenvolvimento da responsividade do cidadão por meio de práticas engajadas através do ensino por intermédio dos gêneros discursivos.

Coelho (2018) faz uma interessante reflexão a respeito da inserção das práticas interativas por meio dos gêneros discursivos. Compartilho, totalmente com sua opinião, visto que a forma como ela propõe pode, realmente concretizar os anseios almejados nesta pesquisa, já que possuem objetivos comuns a serem alcançados, que é a formação responsiva dos sujeitos, tendo a linguagem como meio de interação por meio dos gêneros discursivos. Neste sentido, Coelho propõe que,

ensinar com gêneros, portanto é uma alternativa para fugir do formalismo, da anulação das vozes dos sujeitos, da imposição de um modelo de língua irreal, abstrato, em que a língua fica à disposição do falante. E, na verdade, uma possibilidade para garantir o protagonismo linguístico dos estudantes frente as diversas e variadas práticas sociais. É, em última instância, oportunizar, aliás garantir a participação efetiva e consciente em nossa sociedade.

A escola é sociedade. É ambiente de comunicação onde ocorre a circulação de vários gêneros discursivos. Portanto, não cabe um ensino desvinculado das práticas sociais das quais os alunos participam cotidianamente, ou seja, não adianta frequentar o espaço escolar somente para decorar e /ou repetir informações. É preciso aprender, no caso da língua portuguesa, ler, compreender, escrever, falar em diversas situações, isto é, agir e atuar ativamente na sociedade (Coelho, 2018, p.24).

Dessa forma, compreende-se que, se pretendermos desenvolver nos discentes, atitudes de responsividade por meio da linguagem, de modo que possam atuar socialmente, como cidadãos críticos precisamos fazer isso por intermédio dos gêneros discursivos. Inicialmente, com os mais próximos do aluno, posteriormente, ampliar para os demais gêneros, os mais complexos. Agindo assim, certamente, ocorrerá a inserção dos discentes na cultura letrada, e sobretudo, em seus mais variados meios sociointerativos e ideológicos.

2.6 LETRAMENTO

Para compreender o letramento e perceber sua expressiva importância para a vida social do educando, convém que façamos uma reflexão teórica a respeito do que os autores abordam sobre essa temática. Como veem o letramento, e de que forma o professor pode contribuir para a ampliação das capacidades discursivas dos discentes dentro do ambiente escolar, visando ao letramento desse indivíduo.

Segundo Kleiman (1995 apud ROJO, 2009 p.97), "o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre "impacto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita".

Para Magda Soares, "letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, é também o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais" (1998 apud Carvalho, 2005, p. 15).

Assim, em consonância com Carvalho (2005), o letramento supõe familiaridade com os usos da leitura e da escrita na vida social e não apenas a capacidade de ler e escrever.

Visto dessa forma, letramento tem a ver com um estado ou forma que o indivíduo adquire em relação a saber fazer uso de algo. Nesse sentido, não basta conhecer determinado gênero, no entanto, precisa saber suas funcionalidades. Ou seja, quanto mais conhecimento o indivíduo tiver em relação a um determinado assunto mais "letrado" pode-se considerar neste tema ou gênero. Compreende-se então, letramento como as habilidades de usos relacionados a determinados gêneros discursivos.

Nesse sentido, faz parte do processo de letramento atividades do dia a dia, como: consultar uma lista telefônica, preencher um requerimento, escrever um bilhete, ter contato com jornais, manusear revistas, livros em geral, ir a um Banco, participar de reuniões de uma palestra, enfim, quanto maior o contato com essas práticas sociais (com letramentos) recorrentes no meio o qual o indivíduo estiver inserido mais ele aprofundará seu nível de letramento.

Dessa forma, vimos que as práticas de letramentos dizem respeito não somente aos gêneros escritos, mas também em relação aos gêneros orais. E neste viés, as ADIs, dialoga com o letramento visto que essa proposta de ensino integra atividades de leitura, escrita, oralidade e reflexão linguística, sem supervalorizar nenhuma delas, de modo que possam ocorrer de forma interligadas e concomitantemente, de acordo com a necessidade observada pelo professor.

Street (2014), um dos maiores investigadores, dos novos estudos do letramento, faz importantes reflexões acerca deste tema. Além disso, ele critica o modelo interpretativo autônomo de letramento. Assim, Street

ênfatisa a natureza social do letramento, em oposição ao que denomina perspectiva "autônoma" do letramento, orientada para as habilidades. Reconhecendo que existem múltiplos letramentos praticados em contextos reais, ele sugere aos leitores que rejeitem a teoria da "grande divisão", que adota uma visão etnocêntrica e hierárquica, privilegiando uma forma particular de letramento sobre as muitas variedades que a pesquisa agora mostra existirem mundo afora. Em contraposição a essa perspectiva, Street propõe um modelo "ideológico" de letramento, que reconhece que as práticas de leitura e escrita estão sempre inseridas não só em significados culturais, mas em alegações ideológicas sobre o que conta como "letramento" e nas relações de poder a ele associadas (Street, 2014, p.13).

Dessa forma, o letramento visto como "modelo ideológico", fica realçado o caráter contextual do letramento, haja vista que as práticas letradas são compreendidas como produto da cultura, da história e dos discursos. Assim sendo, os sujeitos também são vistos como sócio-históricos.

É neste viés que este trabalho se conecta, nessa abordagem de letramento como práticas sociais vinculadas ao uso real da leitura e da escrita com uma função interativa. Pois visto dessa forma, mantém uma conexão com a teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos, com a concepção interativa de linguagem, assim como, com o dialogismo concebido pelo autor, como venho me pautando nesta pesquisa.

De acordo com Rojo (2009) devido às transformações do mundo contemporâneo como é o caso da globalização e se tratando das mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação, o mundo sofreu uma metamorfose nas últimas décadas. Assim, o surgimento e a

ampliação desenfreada das tecnologias digitais da comunicação e da informação implicaram várias mudanças na reflexão sobre o letramento. Dentre elas,

a multissemiótica ou a multiplicidade de modos de significar que as possibilidades multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico trazem para o ato de leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal escrito é preciso relacioná-lo com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, música, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam; esses textos multissemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram também os impressos (jornais, revistas, livros didáticos) (Rojó, 2009, p. 105-106).

A BNCC (2018) também enfatiza a importância de se considerar os textos multimodais no ensino de língua portuguesa como já apresentado nessa pesquisa, devido a “democratização” das tecnologias digitais assim como as questões do multiculturalismo que tem a ver com o fato de diferentes culturas locais viverem/realizarem essas práticas de variadas formas diferentes. Assim a BNCC compreende que textos não são apenas os verbais e enfatiza a importância de, no atual contexto fazer usos dos textos multimodais, haja vista a democratização das tecnologias digitais, e por compreender que as práticas discursivas devam ser consideradas a partir dos contextos de vivências dos sujeitos, assim como nos aponta Street (2014), visando a um letramento que seja de fato ideológico. De acordo com a BNCC,

nas sociedades contemporâneas, textos não são apenas verbais: há uma variedade de composição de textos que articulam o verbal, o visual, o gestual, o sonoro – o que se denomina multimodalidade de linguagens (BNCC, 2018, p. 64).

Neste sentido, o professor passa a ser o principal agente de letramento pois é quem mantém o contato com os sujeitos e poderá, por intermédio de estratégias perceber ou fazer com que estes, por sua vez, explicitem os gêneros com os quais possuem alguma familiaridade, para que com tais subsídios saiba como inserir outros gêneros que farão parte de seus repertórios, considerando sempre cada contexto sócio-histórico de vivências.

A esse respeito Kleiman (2007) adverte que o principal papel do professor nesse sentido é desenvolver, por meio das interações com os alunos seus conhecimentos linguísticos e de mundo voltados para a escrita visando construir sentido naquilo que é objeto de reflexão na leitura e na escrita. Dessa forma, as

ADIs, cumprem papel determinante, neste aspecto, haja vista que sua proposta é, prioritariamente, partir de um tema de conhecimento do discente para posteriormente, ampliá-lo com outras leituras, debates e pesquisas a ele relacionados.

Nesse sentido, Vinhote, (2019), faz a seguinte reflexão com a qual compartilho, totalmente de sua opinião:

com o pressuposto de que a escola deve ampliar a capacidade discursiva do aluno, na perspectiva do dialogismo de Bakhtin e do letramento, o foco é o aluno ser conduzido a compreender a função social daquilo que lê, escreve e ouve. As práticas sociais - os gêneros discursivos devem ser trazidos para a escola, só assim pode acontecer o letramento de maneira competente, pois, na realidade de hoje, muitas vezes, "as práticas escolares são tão distantes das práticas do mundo que há um fosso muito grande da prática escolar que deveria levar para o letramento das práticas fora da sociedade", como aponta Moura (2017d). Nessa perspectiva, o letramento considera o que e como se lê, escreve ou fala, ou com a partir dessas atividades o sujeito assimilar conhecimentos que vão possibilitá-lo a intervir, refletir, agir discursivamente, refletindo sobre os discursos presentes nas atividades comunicativas e poder, a partir dessa reflexão, optar por uma posição que vai além das posições já impostas ou cristalizadas (Vinhote, 2019, p. 30).

Então, assim fica evidenciada a expressiva importância do papel social do professor como um agente de letramento dentro deste processo. Cabendo a ele o compromisso de condução e inserção dos cidadãos nos eventos de letramentos os quais terão papel preponderantes no desenvolvimento das habilidades discursivas dos educandos, permitindo-lhes a ampliação de suas capacidades discursivas e de acordo com Moura (2018), a obtenção de conhecimentos necessários para agirem responsivamente, nas mais variadas formas de interações, mediante seus discursos.

2.7 ATIVIDADES DIDÁTICAS INTEGRADAS: (ADIS) O QUE SÃO E O PORQUÊ DESTA PROPOSTA DE ENSINO?

As Atividades Didáticas Integradas (ADIs), é uma proposta de ensino de língua portuguesa, idealizada por Moura (2017), que propõe um intercâmbio entre atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística de forma cíclica e intercambiável. Baseada na perspectiva da interação dialógica bakhtiniana da linguagem e na teoria dos gêneros discursivos, essa proposta

tem como principal objetivo a ampliação das capacidades linguístico-discursivas do falante.

De acordo com o autor, o indivíduo se torna mais responsivo no seu ato de dizer, quando se trabalha por meio das ADIs, já que essa proposta de ensino permite a ampliação das habilidades, de forma contínua e cíclica das atividades de linguagens, sem menosprezar e nem supervalorizar nenhuma delas.

Para seu idealizador, falar, escrever, ler e refletir linguisticamente são atividades indissociáveis que por sua vez, não devem ser consideradas individualmente, e nem tampouco desprezadas, dado o seu caráter imanente, no processo de ensino-aprendizagem. Ademais, para Moura (2019), a reflexão linguística perpassa todas as outras atividades, de modo que, ao pensar sobre o que se fala, ou que se escreve, o indivíduo já está refletindo linguisticamente, e desse, modo, pode falar de outra forma, concordar, discordar, retrucar, intervir, agir criticamente por meio do discurso. Isto deve ocorrer tanto por meio de gêneros orais quanto escritos, daí a importância de não desvincular uma atividade da outra.

Nessa perspectiva, é interessante explicitar o que o idealizador das ADIs, nos expôs em um dos encontros de orientação. Neste encontro, Moura¹ (2023), nos reafirma que:

sempre que lemos outros textos sobre o mesmo tema, ampliamos nossos conhecimentos. Esta leitura requer idas e vindas. O texto é sempre um processo, ele nunca é um produto, ele é dinâmico, a partir da leitura de um texto ou vídeo podemos produzir outro texto, outro vídeo. Assiste-se a um vídeo inicial, fala sobre o que viu, oraliza, participa de uma roda de conversa, produz um outro texto, lê, faz a reflexão linguística e assim vai aprofundando os conhecimentos, ou seja, ampliando-os.

Assim ele expõe sobre o caráter dinâmico e cíclico das atividades e de como elas podem migrar de um gênero para outro, desde que haja esta necessidade. Tanto em gêneros orais quanto escritos, visando sempre a ampliação das habilidades discursivas do falante e a uma melhor forma de dizer ou escrever o que se pretende.

¹ MOURA, H. L. M. **Postulações feitas durante as atividades de orientação de dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede nacional/PROFLETRAS**, em: 11/03/2023.

Na figura abaixo, percebe-se a interconectividade entre as atividades que compõem as ADIs. Fica expressa a interdependência entre elas, de modo que nenhuma se sobressai a outra. Ambas possuem igual importância dentro do processo de interação. Outro ponto importante, é que a ordem também não importa, visto que, o professor é quem decide a forma de organizar as atividades, de acordo com a necessidade observada na turma. Além disso, elas não, precisam ter uma determinação pré-definida, por qual iniciar, cabe, no caso, ao professor essa decisão.

Esses aspectos, dentre outros não menos interessantes, torna as ADIs uma proposta diferenciada de outras propostas de ensino que, na maioria das vezes possuem uma forma pré-determinada. As ADIs, se definem por permitir esta dinâmica cíclica, de forma não estanques, envolvendo variados gêneros (tanto orais quanto escritos), relacionados a um tema, que por sua vez, se desenrola em subtemas, de acordo com o desenvolver das atividades, de modo que, neste processo, nenhum gênero é privilegiado, antes, cada atividade e gênero discursivo, possui sua real importância e são imprescindíveis para a concretização dos seus principais objetivos a serem alcançados, que de acordo com seu idealizador Moura (2017), são: a ampliação das capacidades linguísticas-discursivas do indivíduo, assim como o desenvolvimento de sua responsividade em seu meio social, histórico e ideológico.

Figura 1- Gráfico ilustrativo das ADIs



FONTE: Coelho, 2021, p. 55.

Neste sentido, a proposta permite também que as ações sejam organizadas em ciclos, de modo que atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística possam se entrelaçar, neste processo dinâmico e dialógico, de idas e vindas, por meio de gêneros orais e/ou escritos, de modo que a reflexão linguística perpassa todas as outras atividades, sempre visando a um melhor dizer, haja vista que o texto é sempre um processo e está em constante construção. Ademais, um ciclo sempre perpassa ao outro de modo que ele não possui um final em si, mas, sobretudo, há sempre uma complementação do outro. Daí seu caráter cíclico e em constante construção.

Em encontro com o orientador, Moura² (2023), questionado sobre o que, realmente são as ADIs, nos instrui que:

não há uma definição para as ADIs, mas são entendidas como ações didáticas. Assim sendo, as ADIs é um conceito teórico para o ensino de língua, especificamente, de modo que há uma imbricação, um entrelaçamento entre as atividades construtivas do ensino de língua que são as atividades de leitura, escrita, oralidade e reflexão linguística. Pensando que a reflexão linguística perpassa as três anteriores. Na verdade, é pensar o texto reflexivamente(...) desta forma, estas atividades se integram, visto que compõem de quatro atividades que estão, na verdade, interlaçadas, imbricadas, que a leitura não é sozinha, mas a leva para uma escrita, que em seguida, volta a ler novamente, depois escreve e assim ocorre este processo que as fazem serem cíclicas. Ademais, não requer que seja algo sequencial, final, como em um modelo pré-definido, de modo que apenas reescreva ou refaça, ou mesmo reformule, mas, sobretudo, que haja uma rediscursivização, de modo que se coloque mais informações, se posicione mais, critique, avalie o que leu e se coloque nesta situação de forma contrária, contra-argumentando, mas também trazendo outros autores, de modo que venha confrontar o que se disse percebendo como ele vê o objeto e comparar com aquilo que está posto, no texto escrito anteriormente, e assim se posicione novamente, confirmando ou até refutando o que se disse antes.

Dessa forma, vejo nessa proposta de ensino algo de inovador em relação a outras, já vistas, não que estas não tenham sua importância, mas pelo fato de as ADIs, não permitirem que as atividades aconteçam de forma desvinculadas. Por atribuir a cada uma igual relevância dentro do processo de construção. Por propor o entrelaçamento entre elas, por meio dos gêneros discursivos, dentro da perspectiva dialógica, e ainda, por permitir a dinâmica entre os gêneros discursivos, não promovendo o “engessamento”, com apenas um gênero (como

² MOURA, H. L. M. **Postulações feitas durante as atividades de orientação de dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede nacional/PROFLETRAS**, em: 25/03/2023.

é o caso da sequência didática), mas permitindo essa “abertura” em relação à inserção de variados gêneros, de acordo com a necessidade surgida e percebida pelo professor, no decorrer do processo pedagógico. Nessa perspectiva, aumenta a possibilidade de ampliar as capacidades discursivas dos indivíduos, permitindo-lhes o seu crescimento dentro de seu meio social, fazendo com que se tornem, de acordo com seu mentor, mais críticos e responsivos em suas ações socioculturais.

Nesse sentido, leitura, escritura, oralidade e reflexão linguística serão sempre ações interligadas, como são concebidas as ADIs. O fundamental, nesse sentido, é assegurar momentos para o aluno ler, oralizar, escrever e refletir criticamente sobre tudo isso, algo que se constitui na reflexão linguística. Se na realidade é assim que nossas ações linguísticas acontecem, por que na escola, tais atividades precisam ocorrer de forma desvinculada dessas práticas sociais? Não faz sentido, dissociá-las, se, realmente, se tem um objetivo bem delimitado, como os já citados anteriormente. Isto porque, de acordo com Moura (2017), “elas são intercambiáveis”, logo, são inseparáveis e de igual relevância, como já explicitado.

Dessa forma, o autor desta proposta didática postula que

as Atividades Didáticas Integradas de ensino de língua devem constituir um instrumento para a construção da cidadania, na medida em que os textos trabalhados em sala de aula levem a uma inserção mais efetiva dos sujeitos nas mais diversas práticas sociais. Assim, essas atividades devem estar consorciadas com essas práticas, já que os sujeitos, tendo em conta a sua condição enquanto indivíduos coletivos, precisam interferir nos vários espaços de produção de linguagem, nos quais as atividades de discursivização não são estanques, mas transitam umas pelas outras, exigindo dos cidadãos multiproficiências discursivas, especificamente quando refletem sobre o que falam, leem e escrevem, levando sempre em conta as especificidades dos espaços sociais por onde transitam (Moura, 2019, p. 1515).

Nesse sentido, se faz necessário, que reflitamos sobre as atividades (oralidade, escrita, leitura e reflexão linguística) que compõem as ADIs, de modo que compreendamos a relevância de cada uma dentro do processo de formação do sujeito, visando um ser social mais protagonista e responsivo em suas atuações por intermédio de seus discursos.

2.7.1 Oralidade

Moura (2019), em seu artigo que trata da integração entre as atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística, faz a seguinte reflexão em relação ao que alguns autores teorizam a respeito destas atividades.

Segundo Marcuschi (2005, 2008), as atividades de oralidade reafirmam as práticas culturais mobilizadas em diferentes contextos interativos, constituindo os indivíduos em sujeitos de linguagem. Segundo Koch e Elias (2009a), a leitura implica a (re)construção de sentidos em veiculação nos diferentes textos, nos quais atuam estratégias sociocognitivas e metacognitivas, ativando-se conhecimentos prévios de ordem linguística, pragmática e interacional, pela ocasião da interação com o texto. Para Bazerman, (2011), a escrita deve ser constituída em agência. Com ela, o sujeito imprime valores, juízos, originalidade e individualidade, atuando como sujeito dos seus dizeres e construindo-se como tal nos contextos pragmáticos nos quais se acha imerso. Para propósitos didáticos, os conceitos referentes à oralidade, leitura e escrita são colocados numa espécie de sequência. No entanto, é válido afirmar que a oralidade não subsiste, do ponto de vista da construção de sujeitos responsivos, sem a conexão necessária à leitura e vice-versa e que estas constituem-se como essenciais para a constituição de sujeitos escritores capazes de se posicionar diante do que dizem nos vários contextos sociopragmáticos em que estão imersos, imprimindo avaliações críticas aos seus discursos, no âmbito da produção de diferentes gêneros escritos. Por conseguinte, as atividades, acima colocadas, exigem dos indivíduos a reflexão linguística, na medida em que agem metadiscursivamente e metarreflexivamente sobre os sentidos produzidos nas várias atividades sociais (Moura, 2019, p. 1497).

O autor faz uma abordagem sobre a importância das atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística, para o desenvolvimento crítico-social dos falantes. Aponta autores que discorrem sobre tais atividades, além de elucidar o caráter interacional dessas atividades, e a importância de cada uma para a construção das capacidades discursivas e responsivas do sujeito. Ademais, realça que, apenas a oralidade não subsiste, individualmente, para a construção ou ampliação das habilidades discursivas, no entanto, se faz de igual importância neste processo de construção.

Fica compreendido que, ambas são necessárias e, uma não subsiste sem a outra, por isso a importância de haver a imbricação entre tais atividades, de acordo com Moura (2019). Ademais, o autor frisa a importância da reflexão linguística, perpassando cada uma para que o objetivo maior das ADIs seja alcançado. Caso contrário, sem essa reflexão metadiscursiva e metarreflexiva, a que se refere o autor, fica prejudicada ou mesmo, pouco desenvolvida, a atitude responsiva do indivíduo, visto que é por meio dessas reflexões que ocorre

a ampliação de tal habilidade. Assim sendo, quanto mais o indivíduo for motivado ou exposto a situações que lhe permita esse exercício de reflexão linguística, maior a possibilidade de crescimento ou ampliação de sua responsividade. A respeito de como se dá essa responsividade, Bakhtin (2016), nos adverte que,

de fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc., essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda com apreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso) (Bakhtin 2016, p.24-25).

Ainda, segundo Moura (2019),

de acordo com os PCNs, as atividades de oralidade, leitura, escrita e reflexão linguística são recursos didático-pedagógicos que possibilitam ao professor a inserção dos alunos nos espaços socioinstitucionais de produção de linguagem, entendendo-se que tais espaços são múltiplos, heterogêneos e diferenciados, o que exige dos indivíduos multiproficiências discursivas e sociorretóricas, consoantes com as características interacionais e sociopragmáticas desses contextos (Moura, 2019, p. 1498).

De acordo com Antunes (2017) é inegável a supremacia em que a escola tem dado à escrita, em detrimento da oralidade. Os próprios livros didáticos confirmam esse dado. Se observarmos as propostas de gêneros apresentadas nos materiais didáticos, percebemos a expressiva diferença presente nesses manuais em comparação aos gêneros orais com os escritos. Apesar de se falar em oralidade, nos ambientes escolares, o que se observa, na prática, são atividades mínimas, de modo desvinculado de outras, que ocorrem, nesse aspecto.

Ademais, no máximo, o que realizam são atividades de leitura de respostas dadas à compreensão textual, ou quando muito, proposta de leitura de textos escritos pelos alunos. Sabemos que tais atividades estão longe de abranger o trabalho com a oralidade, da forma como é proposto pelas ADIs, como sendo tratadas de forma igualitária, ou com a mesma relevância que as demais atividades desta proposta didática. Ademais, tais atividades, sequer constituem-se como gêneros discursivos, orais.

A esse respeito, Antunes (2017), afirma que,

podemos admitir que a escola, em seus programas e atividades de ensino, tem negligenciado o desenvolvimento de competências comunicativas no âmbito da oralidade. Nem mesmo os livros didáticos têm percebido essa lacuna. E somos testemunhas das dificuldades que os alunos encontram para apresentar oralmente um trabalho, ou fazer uma apresentação em público e mais adiante, fazer uma pergunta ou um comentário por ocasião de uma conferência, por exemplo. De fato, a oralidade não tem merecido da escola a atenção que merece. Até mesmo a prática da conversação poderia (e deveria) ser objeto de análise e de orientação. São notórias as dificuldades das pessoas, em geral, para participar, com escuta atenta e respeitosa, de uma conversa em grupo. Como é comum a dificuldade das pessoas para fazer a palavra circular, ou seja, para permitir que outros tenham a vez de entrar na conversa (Antunes, 2017, p.136).

Neste sentido Antunes (2017) sugere para serem trabalhado em sala de aula alguns gêneros que fossem de interesse manifestados pelos alunos, e de acordo com as possibilidades comunicativas já desenvolvidas noutras séries. De modo que tais gêneros envolvessem tanto os orais quanto os escritos.

Ainda, de acordo com esta autora,

valia a pena lembrar que as 'máximas da conversação' dariam uma boa matéria de estudo em sala de aula. No mínimo, podíamos contribuir para que a 'escuta atenta' desde a mais corriqueira conversação até as interações mais solenes poderia ser objeto de exploração e análise em nossos programas de estudo da língua (Antunes, 2017, p.136).

Neste sentido, novamente Antunes dialoga com a proposta das ADIs, que propõe que a oralidade tenha igual relevância dentro do processo pedagógico. De modo que as atividades ocorram de forma cíclicas e intercambiáveis, e que tais ações sejam organizadas de acordo com as necessidades observadas pelo professor. Isso faz com que o professor, como principal agente de letramento, insira as práticas sociais, do meio pragmático dos indivíduos, de modo que compreendam tanto os gêneros mais informais, (inicialmente), quanto os mais formais (no decorrer do processo), dada as necessidades reais de interações.

Ademais, essas interações envolvem, não somente, as práticas do ambiente interno, da escola, mas, sobretudo, as do ambiente externo e social, visto que, os alunos serão preparados para atuarem criticamente nesses meios

sociais e ideológicos, por meio de seus discursos, de forma crítica e responsiva, nos mais diversos espaços de interações reais e discursivos.

E dentro da perspectiva das ADIs que se insere a proposta de leitura a que se pauta Antunes (2009, p.139), ao postular que, “pela leitura temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca, do mundo, das pessoas, da história dos homens(...)”. Vista nesse viés, “a leitura expressa o respeito ao princípio democrático de que todos têm direito à informação, ao acesso aos bens culturais já produzidos aos bens culturais em vias de produção ou simplesmente previstos, nas sociedades, sejam elas letradas ou não” (Antunes 2009, p. 193).

Nessa reflexão sobre a leitura, Antunes (2009, p.193) vai ainda além, discorrendo que “Tal acesso à informação representa, sobretudo, o exercício da partilha do poder, o qual acontece muito precariamente sem a correspondente partilha do acesso à escrita.”. Assim sendo, o fato de o indivíduo não ter acesso a tais informações a que se refere a autora, faz com que ele fique a margem da sociedade, visto que, sem informações de seu meio social, pouco poderá intervir para mudanças necessárias.

Antunes (2009) nos orienta que,

basta pensar em todas as oportunidades das quais os "não leitores" são excluídos: o analfabeto pleno, o analfabeto funcional, isto é, o alfabetizado afastado da prática da leitura. Todos esses "não leitores" são, preferencialmente, candidatos a estarem, de maneira mais ou menos profunda, "imersos" no mundo, de cabeça encoberta, sem "olhos" para ver determinados tipos de objetos, sem saber muito do que se passa à volta de si, costumam ter apenas restritas possibilidades de poderem intervir no curso de suas vidas e dos grupos em que atuam (Antunes, 2009, p. 193).

Nesse sentido, Antunes (2009) nos faz pensar no que propõe as ADIs, ao abordar a importância do papel social do sujeito em seu meio sócio pragmático. Além, de seu poder de atuação crítica por meio dos discursos. A autora elenca que, a leitura nos dá esse poder de emersão, nos permite esse poder de enxergar e perceber o que nos rodeia, de modo que, como cidadãos, possamos assumir nossos diferentes papéis na construção de uma sociedade que respeite a lógica não somente do bem coletivo, mas também dos valores humanos.

Nesse sentido, as ADIs se encontram com a visão de Antunes (2009), em relação à leitura, sendo que, a oralidade se insere no processo, haja vista que,

nesta ação didática a oralidade faz parte de todo o processo de interação, de modo que uma ação convoca a outra. Assim, de acordo com Moura (2017) a partir de uma leitura, outros gêneros são convocados, que podem ser orais, como debates, entrevistas ou outros.

A partir desse diálogo interativo e reflexivo podem surgir outros temas que convocarão outros novos gêneros, e assim vão sendo trabalhados simultaneamente, com o intuito da ampliação das capacidades linguístico-discursivas do falante. Daí a relação recíproca entre todas as atividades propostas por essa ação didática, de modo que, como propõe Antunes (2009), o sujeito terá maior possibilidade de intervenção social, se estiver inserido no mundo da leitura e, em contrapartida, tendo suas habilidades discursivas ampliadas.

2.7.2 Escrita

Nos espaços das salas de aula, é consenso entre os pesquisadores que buscam informações sobre esse tema, de que o que tem sobressaído, no decorrer dos anos, é a escrita. Entretanto, também hei de convir que, os alunos chegam ao final do ensino fundamental ou até mesmo do médio, sem “saberem escrever”. Pesquisas têm apontado lacunas imensas em relação à escrita de alunos da rede pública de ensino. Estudos apontam para a importância de uma escrita contextualizada, contudo, mesmo assim, os problemas continuam.

E os professores, principalmente, os de língua portuguesa, ficam se questionando: o que acontece com esses alunos? É comum ouvir discursos como: “meus alunos não gostam de escrever”, “eles não sabem escrever”, não sei o que acontecem com esses alunos, pois não conseguem entender o que leem e nem sabem escrever”. Nesse sentido, convém que façamos algumas reflexões, como: O que têm contribuído para que esse quadro ainda persista? O que estamos fazendo na escola, como principal agente de transformação social? O que fazer para buscar soluções para este problema que persiste nos ambientes escolares? Como está sendo trabalhado esse processo de escrita? Qual concepção de linguagem e de escrita estão sendo adotadas pelos “agentes” de letramentos?

Em minha trajetória, como professora de língua portuguesa, muitas vezes me deparei com tais questionamentos, tendo em vista a imensa dificuldade dos alunos em escrever, por mais simples que seja a situação.

Questionamentos como esses precisam ser refletidos para se ter uma melhor compreensão do que pode estar acontecendo para que este quadro ainda persista nos ambientes escolares, que por sinal deveria ser um espaço de interação e de criação dialógica da escrita, dada a concepção de linguagem proposta por Bakhtin (2016) concepção esta, a qual me fundamento nesta pesquisa.

De acordo com Antunes (2009),

a pesquisa acerca do que se faz nas aulas de línguas embora aqui nos detenhamos mais nas aulas de português - tem revelado que ainda prevalece (salvo algumas exceções) uma concepção de língua demasiado estática (sem mudanças), demasiado simplificada e reduzida (sem indefinições, sem imprevisibilidades), descontextualizada (sem interlocutores, sem intenções) e, portanto, falseada (Antunes, 2009, p. 34).

Isto nos leva a compreender que a concepção de linguagem ainda ocorre de forma descontextualizada e não considera o seu caráter interacionista, como afirma Antunes (2009, p.34), “Ainda predomina uma concepção de língua como um sistema abstrato, virtual apenas, despregados dos contextos de uso, sem pés e sem face, sem vida e sem alma, “inodora, insípida e incolor.”

Nesse sentido, Antunes (2009), dialoga com a concepção de linguagem adotada nesta pesquisa e que, de acordo com ela, é a que permite a construção do texto por meio da interação entre os sujeitos sociais. De modo que, por meio da interação interpessoal,

o que se sobressai não é o texto estático, produto acabado, posto sobre a página como se fosse algo que se esgota na materialidade linguística que comporta. O texto que propomos como o objeto de estudo da escola preocupada com a formação do cidadão é o texto que é construção e interpretação de um dizer e de um fazer, é o texto que estabelece um "ponto de encontro" entre dois sujeitos historicamente presentes num aqui e num agora definidos. É o texto vivo, que circula, que passa de um interlocutor para outro, que tem finalidades, que não acontece apenas para servir de treino (Antunes, 2009, p. 38-39).

Para essa autora, a escrita deve ocorrer de forma interativa entre os sujeitos, de modo que o texto não é tido como produto, mas sim como processo, dado o seu caráter de construção dialógica e interativa.

É Antunes (2009, p.165) que reflete ainda a respeito da importância desse processo de construção textual, a autora faz uma relação de interdependência

entre a oralidade e a escrita. Dessa forma, ela expõe que “quando a escola se propõe a ensinar a produção de textos, na verdade, ela deverá objetivar capacitar os alunos para a prática social da múltipla e funcional comunicação oral e escrita. De outra maneira, não teria sentido nem o trabalho de quem ensina nem o esforço outro de quem se dispõe a aprender” (Antunes, 2009, p. 165-166). Retomando o caráter funcional e pragmático do exercício da linguagem, a autora volta ao princípio de que a escrita é uma atividade de intercâmbio e interação, de modo que determinada forma de atuar passa pelo contingente do ‘dizer’ verbal.

Antunes (2017, p.135) explicita que, “se toda ação verbal só ocorre sob a forma de algum gênero de texto, então, trabalhar em sala de aula com textos é, necessariamente, trabalhar com gêneros textuais”

Antunes (2017), esclarece ainda, a respeito da importância de planejar as atividades de leitura e de escrita para se trabalhar os textos/gêneros orais ou escritos. Assim enfatiza que,

o que importa é compreender, explorar, analisar o que é relevante saber acerca dos gêneros em geral e de cada um que tenha sido objeto de estudo. É fundamental praticar, exercitar, analisar, em atividades planejadas e revisadas, tanto a escrita quanto a leitura dos diferentes gêneros. Assim como não se escreve qualquer texto de qualquer jeito, também não se deve ler qualquer texto de qualquer jeito (Antunes, 2017, p.135).

Nesse sentido, Antunes (2017), dialoga com a proposta das ADIs, e fica evidente a importância de se planejar as atividades de leitura, oralidade, escrita e acrescento a reflexão linguística, de acordo com esta proposta, visto que, dessa forma permitirá a ampliação de todas as habilidades, de forma conjunta, e inter-relacionadas.

Para Moura (2019), tais atividades precisam ser pensadas e organizadas por meio de diversos gêneros discursivos, de acordo com a realidade social dos educandos, partindo sempre de um gênero mais próximos da realidade deles, de modo que não, necessariamente, seja o escrito. Nesse sentido, pode iniciar por um gênero oral, ou mesmo um vídeo, relacionado ao tema, para posteriormente, ser inseridos outros gêneros tanto orais quanto escritos, desde

que as quatro atividades ocorram simultaneamente num processo cíclico, como percebido na figura ilustrativa, e de forma contínua e interligadas.

Desta forma, de acordo com Moura (2019), a proposta das ADIs é concebida a luz da teoria bakhtiniana, que considera a linguagem, como sendo por natureza dialógica, tanto no que se refere a oralidade, quanto à escrita. Nesse sentido, é na interação que os sujeitos se constituem e por conseguinte, as atividades que compõem as ADIs também se constituem nesse dialogismo. Nesse sentido, Bakhtin (2010, p.348) postula que

natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo interrogar, ouvir responder, concordar etc. (Bakhtin 2010 a, p.348).

Por sua vez, Moura (2019), faz a seguinte reflexão em relação aos atos de linguagem,

com base em Bakhtin, postulo que os atos de linguagem, em todas as suas dimensões, constituem-se na reciprocidade dialógica, intercambiável, em que um ato penetra no outro inelutavelmente, pois a nossa vida implica essa dinâmica lemos, dizemos do que lemos num efeito de responsividade engajada e, por conseguinte, escrevemos, tomando posição avaliativa no âmbito dessa escrita. Consequentemente refletimos criticamente sobre tudo isso, já que o mundo social não chega para nós reificado, o que demanda uma intervenção constante nele, atos estes que deveriam ser reconstituídos na escola, de forma a construir cidadãos reflexivos/responsivos (Moura, 2019, p.1499).

É nesse sentido que a proposta das ADIs se insere, haja vista que as atividades devem ocorrer nessa dinâmica interativa e intercambiável, de modo que, uma não subsiste sem a outra, visto que falamos, escrevemos, lemos e refletimos linguisticamente, sempre por meio de textos, sejam eles orais ou escritos. Assim, a escola como principal agência de letramento, poderá promover a inserção do indivíduo no mundo letrado por intermédio das atividades de interação, propostas por intermédio das Atividades Didáticas.

2.7.3 Leitura

Início esta reflexão sobre a leitura com base no que pontuou a pesquisadora Vinhote (2019) em sua dissertação de mestrado. De acordo com esta pesquisadora,

é de consenso que um dos problemas mais enfrentados pelos professores em sala de aula é a falta de interesse dos alunos pela leitura, muitos não têm nem o hábito de ler. Isso se explica por vários motivos, como o contexto familiar em que não há o incentivo à leitura, a escola que não oferece ambientes de leitura, às vezes, nem biblioteca há e, quando existe, não há uma ação desenvolvida para incentivar a prática da leitura. As aulas são simulacros de leitura, devendo o aluno resolver questionários sobre um texto ou extrair informações para resolver exercícios gramaticais. Enfim, em um país onde não há uma cultura da leitura, muito pouco se faz para mudar essa situação nas escolas (Vinhote, 2019, p.39).

Concordo com a autora em suas reflexões, visto que assim como ocorre em relação a escrita também há uma grande restrição ou rejeição, em relação ao ato de ler. Pesquisas apontam que, para ser um leitor não basta o indivíduo ser levado a ler como uma imposição escolar, entretanto, precisa ser instigado a adquirir tal habilidade, ser motivado, e sobretudo, o professor também precisa ser um leitor para passar esse gosto aos alunos. Antunes (2009, p. 201) afirma que “não se nasce com o gosto pela leitura, do mesmo modo que não se nasce com o gosto por coisa nenhuma. O ato de ler, não é, pois, uma habilidade inata”. Ainda nessa autora temos “o gosto por ler literatura, é aprendido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. Um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivido” (Antunes, 2009, p.201). Embora, nesse caso se refira especificamente a leitura de literatura, com outras leituras não é diferente.

A leitura precisa ter uma motivação, precisa ser praticada e, sobretudo, segundo Solé (2014), precisa ser ensinada. Além disso, precisa ter propósitos bem definidos, além de que, ser contextualizada, o que, na maioria das vezes, esses aspectos não são considerados nos espaços escolares.

Outrossim, não há como promover o gosto pela leitura, se o próprio professor, na grande maioria das vezes, não possui esse hábito ou a cultura de ler. Em relação à figura do professor, Antunes (2009, p. 202) postula que é, “aquele que, concretamente, dá visibilidade ao ato de ler. Aquele que apresenta o livro, que expõe e lê o texto, analisa-o, fala sobre ele, traz notícias sobre os autores (...) que deixa o rastro de suas experiências como leitor”

Na maioria das escolas, os alunos não recebem esse incentivo, as bibliotecas, funcionam como depósitos de livros didáticos, que mal, os alunos, podem se locomover em seu interior. Ademais, não há incentivo por parte do poder público, com ações que visem a aquisição de livros para essa finalidade.

A leitura, de acordo com Antunes (2009) ainda não é tida como prioridade, para a inserção do indivíduo na sociedade letrada, ou seja, como um bem cultural, antes é vista como requisito para desenvolver atividades de “compreensão e interpretação de textos”, tidas como questionários relacionados a determinado assunto ou gênero discursivo.

Nesse sentido, Antunes (2009) faz uma reflexão em relação ao que se tem percebido por meio de avaliações externas, no que concebe à função da escola em formar leitores.

Assim observa que,

cada ano, avaliações de diferentes portes dão conta de que, no Brasil, a escola vem falhando na sua função de formar leitores. De fato, ensinar a decifrar os sinais gráficos é apenas uma das condições para que se possa, gradativamente, inserir o aluno no mundo dos livros, das informações escritas, da cultura letrada, da ficção literária; afinal, no mundo da convivência com a língua escrita. A propósito, em algumas escolas, nem mesmo essa condição básica de ensinar a decifrar os sinais da escrita tem tido o êxito esperado (Antunes, 2009, p.185).

Salienta-se que, a partir da análise das causas desse problema, pode-se constatar que, o livro, ou materiais relacionados à leitura e escrita, ainda não é o centro das atividades pedagógicas. Daí, parece-me oportuno convir que, de certa forma, essa carência ou ausência de habilidades de leitura pode estar relacionada à forma como a leitura vem sendo concebida pelos professores, ou pelo menos, por determinados professores. Pois como já visto nesta pesquisa, a concepção de linguagem ou de texto adotada, pelo professor, irá determinar a forma em que este desenvolverá sua prática pedagógica, em seu ambiente escolar.

Assim, Antunes (2009, p. 187) afirma que “a leitura é, pois, dever de toda a escola”. Desmistificando, assim a prerrogativa de que ensinar a ler é, dever, apenas do professor de Língua Portuguesa. Desse modo, fica evidente que inserir o aluno na cultura letrada é dever e responsabilidade de toda a escola, e não somente do professor de línguas.

Moura (2019) em consonância com Koch e Elias (2009), nos orienta que

é válido afirmar que a leitura é um processo contínuo de (re)construção de sentidos veiculados num dado texto, em que agem diferenciadas estratégias sociocognitivas e metacognitivas, consorciadas com os

conhecimentos prévios ativados pelo leitor pela ocasião da interação com esse texto (Moura, 2019, p.1499).

Para Antunes (2009, p.191-192) “No âmbito mais geral, poder ter acesso à leitura, significa poder exercer o direito de acesso à palavra escrita”, que de acordo com a autora é privilégio de poucos. Ainda para esta autora, “a escrita é, sem dúvidas, uma das maiores construções da humanidade”.

Antunes (2009) concebe a leitura como espaço de interação de modo que não é a que ocorre face a face, quando afirma que,

daí que *a leitura é uma espécie de porta de entrada*; isto é, é uma via de acesso à palavra que se tornou pública e, assim, representa a oportunidade de sair do domínio do privado e de ultrapassar o mundo da interação face a face. É uma experiência de *partilhamento*, uma experiência do encontro com a *alteridade*, onde, paradoxalmente, se dá a legítima afirmação do *eu* (Antunes, 2009, p.195).

Antunes (2009) vai ainda mais além nessa reflexão ao abordar que,

a leitura, na sua perspectiva informativa, exerce o grande papel de favorecer a ampliação e o aprofundamento de nossos conhecimentos, a competência para a observação, a análise, a reflexão acerca das certezas ou das hipóteses que vamos construindo. É a lenha com que alimentamos o fogo de nossas buscas. Ter vez à palavra escrita é uma forma de partilhar do poder social (Antunes, 2009, p.196).

Dessa forma, Antunes (2009) concebe a leitura pela visão interativa da linguagem, e o texto como o espaço de interação. Nesse sentido, elenca as diversas habilidades adquiridas por meio da leitura. Além de que a autora vê a escrita, como sendo um contínuo entre a leitura, de modo que as concebem numa interdependência ou inter-relação, desse modo, para esta pesquisadora, tanto a leitura quanto a escrita são apreendidas por meio de práticas efetivas e inter-relacionadas.

Nesse sentido, Antunes (2009) nos orienta que,

apenas pela convivência com textos escritos formais, pela leitura e pela análise das especificidades desses textos, é que alguém pode apreender os modos de formulação próprios da escrita formal. Falta toda a escola se convencer de que, apenas "ouvindo", os alunos não conseguem desenvolver a competência para lidar com a leitura e com a escrita de textos. Ou seja, aprender a ler e a escrever, somente lendo e escrevendo. Só através de um amplo convívio com textos escritos com práticas letradas cada vez mais diversificadas e complexas

frequentemente aliadas, no presente, a outros modos gráficos e icônicos de significar (Antunes, 2009, p.199).

Assim, Antunes (2009) enfatiza sua forma de conceber a leitura:

falo de uma leitura interacionista. Não apenas porque a leitura permite o encontro entre dois ou mais interlocutores; mas, sobretudo, porque esses interlocutores são autores leitores e leitores autores que já trazem em seus repertórios experiências de outras escritas e de outras leituras. Escrever e ler são, assim, oportunidades de dar continuidade a uma quase infinita corrente de ideias, de concepções, de informações que têm seu começo não se sabe bem onde ou em que paragens desse imenso mundo geográfico e cultural. Falo de uma leitura interacionista, também, porque a leitura envolve a interação entre diversos tipos de conhecimento, conforme foi mostrado logo atrás (Antunes, 2009, p. 203).

Nesse sentido, as ADIs, também dialogam com esta concepção de leitura, haja vista que, por meio do objeto de ensino, que são os gêneros discursivos, e o entrelaçamento entre as atividades que compõem as ações didáticas, permitem a ampliação das capacidades linguístico-discursivas do falante e automaticamente, a ampliação de sua responsividade em seu meio sociopragmático. Isso é possível, mediante a interação entre os alunos e seus agentes de letramentos, que segundo Antunes, (2009) é o professor, (que não seja somente o de língua portuguesa), independente de área, de atuação, como visto anteriormente.

Compreendido, desta forma, o professor, segundo Moura (2017), poderá promover leituras sobre o tema definido, em seguida propor um debate, de modo que pode ampliar o tema com uma reportagem, ou a assistência de um vídeo, ouvir uma música e promover um novo debate, em seguida propor a escrita de um comentário sobre o que aprendeu. Além de que, a cada atividade desenvolvida, a reflexão linguística aparece nela entrelaçada, já que, os alunos são levados a pensarem sobre o que leram, escreveram ou mesmo debateram.

Assim sendo, poderão, de acordo com o autor das ADIs, discursivizar mais, metarreflexivamente, que é o ato de ler, pensar, debater, buscar mais informações sobre o tema, se apropriar de outras vozes sociais, por meio dos discursos, para escrever ou oralizar, com mais propriedade, com mais pertinência, com mais relevância, e sobretudo, com mais responsividade, dentro de seus espaços sociointerativos/discursivos.

2.7.4 Reflexão linguística

Assim como visto, anteriormente, a situação dos “desencontros” em relação ao que ensinar, como ensinar, e de que forma ensinar, quando se trata de leitura, escrita e oralidade, com a reflexão linguística percebe-se que não é diferente. O problema, talvez seja até mais expressivo, quando a questão é: que tipo de ensino tem predominado nas aulas de língua portuguesa, nas escolas públicas brasileiras? Se fizermos uma busca cuidadosa, veremos a quão caótica é a situação e o quanto ainda está presente um modelo de ensino, desvinculado das práticas reais dos sujeitos. Embora, as reflexões aconteçam nesse sentido, pesquisas sejam realizadas, além de vários autores continuarem a refletir sobre o tema, o “problema” ainda persiste nos ambientes escolares.

Pesquisas apontam que tanto o ensino de gramática normativa, o texto usado, apenas como pretexto para o ensino de gramática prescritiva, quanto o uso do “certo ou errado” em relação ao falar ou escrever, ainda é muito recorrente nos espaços escolares.

Antunes (2017) entende que os livros didáticos já possuem, de certa forma, uma flexibilização em relação ao que se propõe a ensinar, mesmo assim, a resistência a essa mudança ainda subsiste. Assim, nas palavras da professora Antunes, em relação a alguns aspectos gramaticais, vimos que,

na verdade, os livros didáticos têm procurado responder com mais precisão a essas novas concepções de linguagem, de texto e de gramática e têm demonstrado sensíveis melhorias em suas propostas de estudo da língua. No entanto, há ainda certa resistência quanto a assumir uma prática pedagógica diferente daquela tradicional. (Antunes, 2017, p. 144).

Ainda nesse sentido, Antunes (2017, p.144) afirma que “a ‘gramática’ foi mitificada como a salvadora da pátria, e não é fácil desfazer certos mitos. A comunidade escolar - incluindo aqui muitos pais de alunos - ainda crê na quase onipotência da gramática.”. Nesse sentido, sugere que, “falta um debate, inclusive um debate público, em que outras concepções do fenômeno linguístico esclareçam as funções da gramática, destacadamente, seus limites”

O mais intrigante é, que, apesar de haver o predomínio desse modelo de ensino, se observa que: os alunos “não sabem português” (de acordo com o que lhes são ensinados), chegam ao final do ensino fundamental sem saber, por exemplo o que é um substantivo, ou, mesmo outra nomenclatura gramatical,

além de que, os resultados das provas externas, que são realizadas para verificar o nível de aprendizagem em relação a língua portuguesa, tem apresentado um baixo nível, nesse sentido.

Nessa perspectiva, Kleiman (2002) explicita que,

as práticas desmotivadoras, perversas até, pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem. Elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar português entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola. É dessa legitimidade que se deriva um dos aspectos das práticas imitadoras que discutiremos: elas são pertinentes não só dentro da escola, o que seria de se esperar, mas também funciona como a mecanismo mais poderoso para a exclusão fora da escola (Kleiman, 2002, p. 16).

Dessa forma, conforme o exposto, compreende-se que, tais práticas, provêm de concepções errôneas do que seja, ensinar português, ou ensinar língua. Como já explicitado, nesta pesquisa, de fato, ao se propor ensinar língua, o professor precisa, refletir profundamente, sobre que concepção de língua adotar, assim como de texto, de leitura e de escrita, pois tais concepções, serão refletidas nas práticas pedagógicas do meio escolar.

Assim sendo, o sucesso ou insucesso dessas práticas, é determinado a partir de nossas concepções de ensino. Então, cabe a nós, professores, como principais agentes de letramentos, repensar nossa forma de ensinar, visto que, por meio delas podemos estar sendo, mesmo que, inconscientes, responsáveis pela inclusão ou exclusão social de muitos indivíduos.

Documentos oficiais que versam sobre o ensino de língua portuguesa, os PCNs orientam que a prática de reflexão linguística contribui para que os estudantes explicitem seus saberes, visto que permitem a reelaboração de suas produções. Assim, de acordo com esse documento, a reflexão linguística,

implica uma atividade permanente de formulação e verificação de hipóteses sobre o funcionamento da linguagem que se realiza por meio da comparação de expressões, da experimentação de novos modos de escrever, da atribuição de novos sentidos a formas linguísticas já utilizadas, da observação de regularidades (no que se refere tanto ao sistema da escrita quanto aos aspectos ortográficos ou gramaticais) e da exploração de diferentes possibilidades de transformação dos textos (supressões, ampliações, substituições, alterações de ordem, etc.) (PCN, 2001, p. 78-79).

Santos (2019), faz a seguinte abordagem, em relação ao que seja análise linguística, em consonância com Wachowicz,

de acordo com Wachowicz (2012), fazer uma análise linguística é entender a língua como um objeto a ser observado, logo não é, somente, fazer um levantamento de fatores contextuais, dar um tratamento sociopragmático ao texto, analisar os discursos das vozes ideológicas e, também, não só observar o conteúdo temático responsável pela argumentação, mas fazer tudo isso em relação à língua. Para tanto, a autora diz que o professor deve ser um linguista capaz de investigar em cada situação de comunicação o que na língua faz significação, o que é responsável pela construção de sentido e se isso é suficiente em uma situação comunicativa (Santos, 2019, p.38).

Desse modo, a pesquisadora, em consonância com o autor elencado compreende a análise linguística de forma bem ampla, já que é tida como um objeto a ser observado em seus mais variados aspectos, não somente por um viés, mas por todos os possíveis vieses como descrito anteriormente. A propósito, o termo ainda é tratado como “análise linguística”, por outro lado, em Moura (2017) este termo ganha nova roupagem, sendo denominado de reflexão linguística.

Antunes (2017), nos apresenta uma reflexão em relação à sua visão sobre o que ensinar, em relação à linguagem. Assim,

com base nas concepções teóricas e suas contribuições que fundamentaram as ciências da linguagem nos últimos anos, e retomando aqui, explicitamente uma demarcação conceitual que tem todas as características de ser básica, essencial, lanço mão de um princípio já introduzido no início deste trabalho (p. 22): Uma vez que a linguística pretende exercer a função de 'ciência da linguagem, é a ela que compete a análise da língua tal qual ela acontece numa sociedade efetiva. Ocorre que em qualquer sociedade o que se pode ver como ocorrência necessária é: *a língua-em-funções*: nunca o amontoado de signos abstratos da linguística tradicional (Schmidt, 1978: 7). Fica claro então que as concepções teóricas que inspiram a percepção do fenômeno da língua são atualmente bem mais amplas, bem mais globais; exigem outro tratamento, outro 'foco' outro objeto, outras perspectivas, a bem dizer, para sua investigação, aprendizagem e estudo (Antunes, 2017, p.158).

Dessa forma, a autora enfatiza que seja dada atenção a língua em função, ou seja, aos fatos linguísticos, reais, em seu momento de interação. “Exigem tais concepções concretamente a contração na natureza sociointerativa da

linguagem”. Dessa forma, essa reflexão se daria, de acordo com Antunes (2017, p.158), nos espaços interativos da linguagem, em situações reais, de uso, como adverte, que seria “sob a forma de textos reais, contextualizados, do que decorre a intervenção dialógica dos interlocutores, a exigência de uma orientação temática e a perspectiva de um propósito comunicativo determinado.”

Assim, Moura (2019) dialoga, em parte, com a forma em que Antunes concebe a reflexão linguística. Para este teórico da linguagem,

considerando as postulações de Moura (2016, 2017), a reflexão linguística constitui um ato semântico-discursivo em que o indivíduo age, reflexivamente acerca do seu discurso, observando-se um jogo de significações advindo da sua capacidade de repensar o que disse (Moura, 2019, p.1497).

Assim, de acordo com as postulações de Moura (2019) a reflexão linguística se define nesta ação de pensar, reflexivamente, sobre determinada atividade, independentemente de qualquer que seja esta atividade, dentro do processo de interação. Seja no âmbito da oralidade, da leitura, ou mesmo da escrita, sempre é possível, pensarmos reflexivamente, e em virtude disso, ampliarmos nossas capacidades linguístico-discursivas sobre nossas ações.

Neste sentido, de acordo com o autor, ocorre a ampliação das habilidades discursivas dos sujeitos, em relação a cada atividade envolvida de modo que os indivíduos passarão a falarem, ou escreverem mais em relação ao tema abordado. Assim sendo, passam a agir de forma mais responsivas em seus contextos de atuação verbal ou escrita, sendo, dessa forma, mais “agentivos” (conf. Bazerman, 2011), em seus atos discursivos.

Moura (2017) expõe que a reflexão linguística não se refere apenas a uma análise de base formal ou funcional da língua, mas, sobretudo, que esta, por sua vez, requer muito mais que isso, haja vista que o sujeito é levado a pensar sobre o seu ato de linguagem de forma reflexiva, ou seja, repensar sobre o que se disse, ou escreveu, visto que a intenção é que se diga mais, ou que se escreva de outra forma, sendo mais responsivos em seu atos de dizer. Para o autor, essa reflexão “vai muito além de uma análise linguística de base formal e funcional, para deslocar-se para uma tomada de posição responsiva e socialmente engajada” (Moura, 2017, p. 566).

Em encontro de orientação com Moura³ (2023), o autor, explicita que

a reflexão linguística consiste em dizer melhor o que se disse: dizer com mais consistência, com mais proficiência, com mais relevância, com mais pertinência. A reflexão linguística é você pensar sobre aquilo que você falou. Quando você pensa, você muda a forma de textualizar, você amplia, você aprofunda. Muda também a forma, como por exemplo, retira uma palavra e coloca outra para melhor dizer. Pensar sobre aquilo que você escreveu já é uma atividade de reflexão linguística, que leva a compreender o como lidar com as formas linguísticas a serviço de seu intuito comunicativo. Tem a ver com a consistência, com a relevância. Ser consistente e relevante com o tema. Trazer mais informação sobre o tema também.

Dessa forma, as ADIs se inserem, nesta forma de conceber o ato de reflexão linguística. De modo que as atividades de leitura, oralidade, escrita, e reflexão linguísticas são organizadas, sem que uma ganhe destaque em detrimento da outra. Além de que, por meio de uma dinâmica cíclica, e inter-relacionada o sujeito vai se constituindo mais responsivo em seus meios socio pragmáticos. Isto se torna possível, à medida em que uma atividade convoca a outra e ambas são organizadas dentro de uma dinâmica dialógica e interativa, consoante aos gêneros discursivos, de modo que, a reflexão linguística seja sempre convocada por meio das intervenções instigadas pelo professor, que nesse sentido, assume um papel muito importante dentro deste processo: de agente de letramento, segundo Kleiman (2007).

Neste sentido os sujeitos poderão se tornar mais críticos e responsivos em seus meios sociais, além de que, o ensino de língua, possivelmente, passará a ter maior aceitação nos espaços escolares haja vista que, terão funcionalidades em suas execuções, ou seja, terão uma função socialmente determinada.

2.8 EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Antes de finalizar o embasamento teórico desta pesquisa e apresentar sua proposta metodológica convém que explicita em que concepção de educação ela está fundamentada, haja vista, que são várias as concepções nesse âmbito, e cada uma se torna determinante, para a formação de

³ MOURA, H. L. M. **Postulações feitas durante as atividades de orientação de dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede nacional/PROFLETRAS**, em: 15/04/2023.

determinado tipo de sujeito que se anseia formar, e/ou “moldar”. Para isso, parto do pressuposto de Tozoni-Reis (2010) em relação à concepção de educação, como instrumento de transformação, para, em seguida, situar o tipo de pesquisa que melhor se adequa neste trabalho.

De acordo com Tozoni-Reis (2010, p. 111) há dois tipos de educação, que são radicalmente divergentes: “a educação como instrumento de reprodução da sociedade e a educação como instrumento de transformação da sociedade”. Se faz pertinente frisar, que essa pesquisa dialoga com esta concepção de educação, como instrumento de transformação social. Nesse sentido, a autora a define:

educação como instrumento de transformação da sociedade refere-se à educação crítica, àquela que tem como finalidade principal a instrumentalização dos sujeitos para que esses tenham uma prática social crítica e transformadora (Tozoni-Reis, 2010, p.111).

É nesta concepção de educação que se pauta esta pesquisa, haja vista que é concebida por sujeitos, como sendo seres ativos críticos-sociais que, por intermédio da linguagem saibam se posicionar de forma organizada e consciente, em seus contextos sócio interativo, sendo, pois, efetivamente protagonistas de suas ações. Sujeitos esses que sejam responsivos em seus discursos, de acordo com Bakhtin (2016), e que, através destes possam agir socialmente, visando a uma transformação pragmática de seus contextos sociais. E isto é delineado, tendo em vista as abordagens teóricas aqui adotadas, as quais compreendem o sujeito como seres sociais, que sendo socialmente constituídos, precisam agir sobre o meio o qual estão imersos, ou seja, agir em seus meios socio pragmáticos.

Esta concepção também é concebida, através da proposta didática adotada nesta pesquisa: as ADIs, uma vez que, estas ações didáticas se constituem através da inter-relação entre os quatro eixos, e, por conseguinte, da interação entre os sujeitos, de modo que se concretizam nessa dinamicidade interativa/interacionista/dialógica.

Isso significa que, em uma sociedade desigual, como a nossa, é imprescindível que os sujeitos se apropriem de vários conhecimentos necessários para a sua atuação crítica dentro da sociedade, visando a sua transformação social. De acordo com Tozoni-Reis (2010, p. 111) é necessário

que haja a apropriação de “ideias, atitudes, valores, comportamentos etc., de forma crítica e reflexiva para que tenham condições de atuar nessa sociedade visando a sua transformação”.

É neste contexto, sócio-histórico, o qual está sendo “desenhado” que se inserem as ADIs, objetivando a inserção social do sujeito, por meio da ampliação de suas capacidades linguístico-discursivas e, sobretudo, à ampliação de sua responsividade, dentro de seus meios sociais. Isso será possível visto que, os sujeitos serão motivados a ler, oralizar, escrever e refletir, linguisticamente e criticamente, sobre tudo isso por meio dos gêneros discursivos, presentes em seus meios sociais. Assim sendo, terão maior conhecimento sobre sua realidade, e, por conseguinte, maior liberdade para atuar de forma consciente e agentiva sobre ela.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Após ter apresentado o embasamento teórico dessa pesquisa além da contextualização da proposta didática de autoria de Moura, (2017) as ADIs, com as reflexões concernentes às quatro atividades que as compõem, convém que se faça, nesta segunda seção, a apresentação dos procedimentos metodológicos os quais foram adotados na presente pesquisa. Para isso, apresento o tipo de pesquisa adotado, o seu contexto social no qual está inserida, assim como, uma apresentação/descrição dos sujeitos participantes. Na sequência, apresento a ação didática, (Atividades Didáticas Integradas), além de que delinheio o percurso metodológico em que tais ações foram desenvolvidas.

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA ADOTADA: A PESQUISA QUALITATIVA

Considerando que, de acordo com Tozoni-Reis (2010, p.119), “a metodologia de pesquisa é um caminho a ser trilhado pelo pesquisador, no processo de produção de conhecimentos sobre a realidade estudada”, convém que se defina qual caminho percorrer, dadas as características inerentes a esta pesquisa. Ainda é a partir da compreensão de Tozoni-Reis (2010, p. 114), que se compreende que as pesquisas em educação devam ser essencialmente qualitativas. Assim a autora adverte: “as pesquisas em educação, assim como as pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais, são essencialmente qualitativas” (Tozoni-Reis, 2010, p.114).

Tendo em vista os objetivos metodológicos a que se propõe essa pesquisa, que é compreender e interpretar os dados de forma analítica e reflexiva, certifica-se que sua abordagem deva ser a qualitativa, visto que, de acordo com Tozoni-Reis (2010, p.117), é preciso compreender que as diferenças entre a abordagem qualitativa e quantitativa, na pesquisa é, apenas de natureza.

Nas palavras da autora:

enquanto a primeira dá ênfase aos dados visíveis e concretos a serem descritos e explicados, a segunda aprofunda-se naquilo que não é aparente. "no mundo dos significados das ações e relações humanas" (Minayo. 2002, p. 10), na compreensão e interpretação da realidade. A autora afirma que não há razão para colocar em oposição essas duas abordagens, pois elas podem se complementar, ou seja, é possível dar as análises dos dados quantitativos uma abordagem qualitativa, interpretativa (Tozoni-Reis, 2010, p.117).

Então, esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa, por permitir que o pesquisador reflita sobre as ações desenvolvidas, além de permiti-lo agir socialmente promovendo uma transformação social tanto dos sujeitos participantes, quanto do próprio pesquisador. Isso ocorre porque permite que a ação/reflexão seja refletida, repensada e, sobretudo, reorganizada, de acordo com a percepção obtida a partir dessa prática, numa dada realidade.

Além disso, a pesquisa pode ser caracterizada como pesquisa-participante, dado o seu caráter interativo, em permitir a realização da análise dos dados de forma reflexiva e analítica, dentro de um contexto pré-definido, envolvendo sujeitos-participantes, como partes integrantes e inseparáveis.

Isto por que de acordo com Prodanov (2013, p. 128) a pesquisa-participante ocorre “quando é desenvolvida a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”. Assim sendo, esse tipo de pesquisa se justifica por haver constante interação do pesquisador com o público-alvo, além de haver total envolvimento, tanto entre as partes envolvidas, quanto com o contexto da pesquisa. Isso se justifica porque quanto maior o envolvimento, maior serão as possibilidades de observação/reflexão/ação do pesquisador.

No entanto, para esta autora há duas abordagens metodológicas diferentes para se realizar uma pesquisa, de acordo com as intenções e objetivos de cada pesquisador.

Ademais, por outro lado, a autora reflete sobre o fato de autores das ciências exatas e naturais atestarem que, a pesquisa qualitativa não deva ser considerada como, sendo uma abordagem científica. Nesse sentido, a autora faz a seguinte colocação: Segundo Tozoni-Reis (2010, p. 115), apesar de pesquisadores das áreas das ciências exatas e naturais, nas quais a pesquisa é totalmente descritiva e quantitativa insistirem em desconsiderar a pesquisa qualitativa como uma abordagem científica, muito se tem avançado nessa concepção. Para esta autora: “os fenômenos humanos e sociais nem sempre podem ser quantificáveis” (Tozoni-Reis, 2010, 115).

Dessa forma, Tozoni-Reis (2010) em consonância com o que afirma Minayo (2002), faz a seguinte consideração:

trata-se de um "universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis". A pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los (Tozoni-Reis, 2010, p.115).

Dessa forma, de acordo com Minayo (2009, p, 21) se compreende como pesquisa quantitativa a que tem por objetivo apenas descrever e quantificar dados, enquanto que a pesquisa qualitativa objetiva uma ação/ reflexão desses dados, ou seja, para esta autora, é extremamente importante que o pesquisador apresente dados mais subjetivos, resultados desta ação/reflexão, no "contexto social" pesquisado, haja vista que, a partir desta ação, o pesquisador conseguirá um olhar mais reflexivo para esta realidade. Nesse sentido, o processo, é de total relevância dentro dessa abordagem metodológica, visto que é na ação prática/e/pragmática que ela se desenvolve.

Desta feita, o produto é menos relevante que o processo, uma vez que permite esta dinâmica reflexiva/e/ou refletida da pesquisa, pelos sujeitos participantes, (pesquisador e sujeitos participantes). A respeito da pesquisa qualitativa Minayo (2009), nos esclarece que, esta por sua vez,

(...) responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social (...) (Minayo, 2009, p.21).

Nesse sentido, reafirmo que a abordagem qualitativa, é a que se instaura essa pesquisa, visto que, objetiva propor ações organizadas e planejadas, tendo em vista uma dada realidade social, de modo que as ações são pensadas e modificadas a partir das reflexões/ações realizadas. Nesse sentido, os sujeitos são constituídos como parte integrante dessa realidade, e, não podem, em hipótese alguma, serem desvinculados desse contexto, haja vista que tais ações serão planejadas sempre em consonância com o contexto maior, envolvendo todos os elementos constitutivos. Desse modo, o sujeito sócio-histórico é, portanto, "peça essencial", deste contexto.

As ADIs, por sua vez, estão inseridas nesta abordagem metodológica, visto que propõem atividades dessa natureza, sem desvincular o sujeito de seu contexto social, e por proporcionar ações planejadas de modo inter-relacionadas visando ao desenvolvimento e a ampliação discursiva do sujeito, além de seu maior protagonismo de forma crítica e atuante na sociedade, objetivando, assim cidadãos mais participativos e, sobretudo, mais responsivos.

3.1.1 O contexto da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma escola da zona rural do município de Prainha-PA, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. A escola municipal de Educação Infantil e ensino Fundamental, Senador Jarbas Gonçalves Passarinho, apesar de estar situada na zona rural do município, mais necessariamente em Vila de Jatuarana, Rua Principal, PA 254, recebe alunos de várias localidades dos arredores, para cursar os anos finais do Ensino Fundamental, haja vista que, nessas comunidades funcionam a educação infantil (pré I e pré II), e o ensino básico (1º-5º anos). Nesse sentido, a referida escola é denominada de “Escola Polo”.

Devido a isso, o público dessa escola é bastante diversificado, tanto em relação às questões econômicas, quanto às questões sociais e religiosas. A maioria são filhos de agricultores, e pecuaristas, e o mínimo, filhos de comerciantes e de funcionários públicos. Os alunos dessas comunidades são locomovidos por meio de transportes escolares até a Vila de Jatuarana, na referida instituição para participarem das aulas, e por esse motivo, há muitas faltas, haja vista que a maioria de seu público é composto por esses alunos, que não residem na mesma comunidade, que a escola, mas nos arredores, de modo que quando ocorre problemas nesses transportes, há, automaticamente suspensão das aulas ou noutros casos, esses alunos deixam de participar das aulas, por esse motivo.

A escola possui “dois espaços” que funcionam como anexos, pelo fato de ser composta por apenas quatro salas de aulas e não ser suficiente para o público que possui. Nesse sentido, um anexo possui 02 salas de aula, e o outro espaço, o qual fica do outro lado da rua, (inclusive, é onde funciona uma das turmas que fez parte do projeto), além de que uma outra turma funciona no pátio da escola, (que também é a uma das turmas constituintes do projeto). Nesse caso, além das quatro salas de aula, mais 04 turmas funcionam dessa forma, em

espaços improvisados, anexados à escola. Ressaltando que, um desses anexos foi construído com essa finalidade, de servir como sala de aula, como está ocorrendo, tanto no turno da manhã quanto da tarde, enquanto o outro é apenas alugado para esta finalidade,

Além das salas de aulas, que compõem um dos pavilhões, há outro pavilhão que é composto por biblioteca (que funciona como depósito de livros didáticos, além de outras coisas), sala dos professores, secretaria, diretoria, pátio, cozinha, banheiros (masculinos e femininos), e depósito.

A escola, nesse ano de 2023, possui aproximadamente, 300 alunos subdivididos em dois turnos (matutino e vespertino), sendo que envolve as seguintes modalidades: maternal, educação infantil, ensino fundamental (anos iniciais e anos finais), e EJA (Educação de Jovens e Adultos) que funciona de forma remota, assim como o maternal. O corpo docente é formado por 13 professores entre efetivos e contratados, sendo que a maioria é efetivo e todos possuem o nível superior. Apesar disso, nem todos atuam na devida área de formação. Dentre todo o corpo docente, apenas dois professores possuem especialização e nenhum possui o mestrado, embora 01 profissional (no caso sou eu), esteja em processo de conclusão do curso. Vale ressaltar, que a nível municipal esta é a primeira profissional que está concluindo este nível de formação: o Mestrado. E isto, certamente, será algo inovador, visto que servirá também como incentivo e motivação para os demais servidores deste município, além de que poderá fazer a diferença dentro de seu ambiente contextual de ensino, causando assim um impacto positivo, tanto na forma diferenciada de ensinar quanto dentro de seu contexto pedagógico docente.

A instituição conta com um quadro de 35 funcionários ao todo, envolvendo a equipe de gestão, coordenação pedagógica, serventes, vigias, e demais funcionários.

Apesar de a escola já ter internet advindas por meio de programas do governo federal como “a escola conectada”, os alunos ainda não têm este acesso, sendo esta direcionada apenas aos docentes. Além disso, o ambiente não conta com sala de informática, dificultando também o acesso desses alunos nesses meios tecnológicos. Apesar disso, dispõe de um retroprojetor de imagens e 01 notebook, para dar suporte às aulas, embora saibamos que são poucos aparelhos, haja vista que funcionam 08 turmas (6º ao 9º ano), apenas no turno

matutino, que é o horário que foi realizado o projeto didático. Por isso algumas vezes houve a necessidade de mudar o planejamento, pelo fato de outro professor estar com o aparelho de projetar imagens, visto que a escola possui apenas 01. O projeto de Intervenção ocorreu nos meses de maio a agosto, sendo que seu “Evento Central” não foi possível ser realizado no primeiro semestre letivo, ficando assim, a sua conclusão apenas para o segundo semestre.

3.1.2 Os sujeitos participantes da proposta de intervenção

O público-alvo deste “Projeto de Intervenção” são alunos do 7º ano, (7º I e 7º II) do Ensino Fundamental, sendo, portanto, 02 turmas, compostas por 40 alunos. A turma de **sétimo ano I** que é composta por 19 alunos (dezenove) e a turma de **sétimo ano II**, composta por 21 alunos (vinte e um). Sendo que somam 23 meninos e 17 meninas. No decorrer do projeto, houve a desistência de uma aluna, ficando apenas 16 meninas. Além de que, vez ou outra ocorre falta de alunos, na maioria delas devido a transportes, como explicitarei anteriormente, ao contextualizar o espaço da pesquisa. Nesse sentido, algumas vezes foi necessário repetir a atividade, haja vista o pequeno número de alunos presente na turma. Este é um problema muito recorrente, nesta escola, dada as reais características a ela relacionadas.

Alguns desses alunos ficaram retidos, no ano anterior, além de que merece frisar que, vieram de um período de dois anos de pandemia, em que tiveram aulas, totalmente remotas, (4º e 5º anos), em 2020 e 2021, e em 2022 tiveram aulas presenciais, talvez se deva a isto o fato de terem ficado retidos no 7º ano, em 2022.

É uma turma de atitude passiva, no que tange ao fato de participarem das aulas, no entanto, são bem ativos no sentido de interagir noutros momentos ou espaços sociais. Talvez isso se dê pelo fato de não terem sido acostumados a interagir, mas a ouvir ao professor, já que esse, infelizmente ainda é o modelo mais recorrente das práticas em sala de aula.

Nesse sentido, já vejo um grande desafio: levar os alunos a participarem das situações de interação no decorrer do desenvolvimento das ações didáticas, por meio de textos autênticos de seus próprios espaços sociais. Isso deve ser trazido tanto nas interações de dentro quanto de fora da sala de aula, de modo que trarão as “vozes sociais” desses meios, para o espaço de reflexão analítica e reflexiva dos sujeitos participantes.

3.1.3 Os instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados investigativos desta pesquisa foi possível, por meio das observações, criteriosa, dos comportamentos dos sujeitos-participantes. Visto, dessa forma como sujeito-participante, tanto o pesquisador, quanto os demais sujeitos envolvidos. Também foi realizado gravações de áudios e de vídeos, além de registros fotográficos, feitos pela própria pesquisadora, durante seu percurso. Além do mais, foram feitos registros no diário de bordo, além de que, a pesquisadora promoveu várias escritas de produção, e de outras atividades, como interpretação de textos, visto que todos estes registros são de extrema relevância para a investigação/ação da pesquisadora.

Ademais, é interessante incluir aqui, como instrumento, e que, isto fique bem esclarecido, o professor investigador, haja vista que, suas ações serão sempre repensadas e, se necessário reformuladas, de acordo com as impressões e percepções alcançadas no decorrer da realização das ações.

Então, dessa forma, fica compreendido que o pesquisador também deve ser considerado um instrumento de pesquisa. De acordo com Alves Judith (1991, p.60), “um dos raros pontos de consenso entre pesquisadores qualitativos consiste em considerar o pesquisador como principal instrumento de pesquisa”. Daí a grande relevância de inserir o pesquisador como instrumento investigativo também, visto que ele é peça fundamental dentro do processo investigativo/reflexivo.

A organização das transcrições dos diálogos, apresentada nas descrições das atividades de intervenção, deu-se em consonância às normas do Projeto NURC.

3.1.4 As etapas da pesquisa

Em relação às etapas trilhadas para a concretização dessa pesquisa, temos o seguinte percurso: inicialmente, pensou-se sobre o tema, de modo que não ficou ainda determinado, haja vista que, sua concretização deu-se posteriormente, em consenso com os sujeitos-participantes, como apresentado, na etapa que faz a descrição das atividades. Então, após se pensar sobre o tema, foi delineada a proposta didática, de intervenção, em consonância com a revisão bibliográfica.

A próxima etapa ocorreu com a realização da proposta didática, de modo que, intrinsecamente já acontecia a descrição e análise de seus dados, assim

como ainda a revisão bibliográfica e escrita de seus capítulos, que impermearam cada uma das etapas, ou seja, todo o processo de desenvolvimento/ação/reflexão, juntamente com a escrita e análise interpretativa dos dados.

3.1.5 Procedimentos de análise

Para analisar e interpretar os elementos coletados nesta pesquisa, usei como principal parâmetro as teorias bakhtinianas, no que se refere aos princípios do dialogismo e da responsividade do sujeito, assim como a sua teoria dos gêneros dos discursos, Bakhtin (2010). Nesse sentido, trilhei caminhos numa perspectiva “de letramento” de Rojo e Barbosa (2015) e de Street (2014). Nesse intuito, me fundamentei em autores que versam sobre a importância da oralidade, escrita, leitura assim como da reflexão linguística, sendo trabalhadas de forma concomitantes e cíclicas, numa perspectiva interacionista e dialógica da linguagem.

Em constante diálogo com esses autores e com base nas atividades (leitura, escrita, oralidade e reflexão linguística), desenvolvidas no Projeto Didático com atividades inter-relacionadas, em cada ciclo, de acordo com o que nos orienta o idealizador das ADIs, Moura (2017), observo, analiso e reflito sobre como se deu esse processo, além de que, também avalio o seu real desenvolvimento, de modo que sempre que necessário, replanejo suas ações, assim como enfatiza Tozoni-Reis (2010). Nessa dinamicidade, insiro-me como principal instrumento na coleta de informação, análise e reflexão crítica de seus dados para compreender e apresentar um resultado de como/ou/se, ocorreu a ampliação linguístico-discursiva dos sujeitos-participantes do projeto.

3.2 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Neste momento, apresento a “Proposta Didática” desenvolvida, para que o leitor tenha melhor compreensão de sua proposição e de como ela se arquiteta. Esta assimilação, se faz necessária, visto que, o leitor tendo uma visão mais detalhada das ações e de como elas estão organizadas, terão, por conseguinte, uma percepção mais abrangente e pormenorizada de como organizar as ações, de acordo com o que nos propõem as ADIs.

Nesse sentido, poderão desenvolver outra proposta que sigam rumos convergentes, e até mesmo dialogue com esta ação didática, considerando a realidade de cada um, que porventura, venha delinear percursos semelhantes e,

que tenham em seus anseios, objetivos correspondentes aos que estão sendo propostos nesta pesquisa.

3.2.1 O projeto de intervenção

A proposta didática, ou projeto didático de intervenção é um artefato, que me permite, por meio de sua realização/ação/reflexão, com alunos de 7º ano do Ensino Fundamental, compreender se as ADIs contribuem para a ampliação das capacidades linguístico-discursivas dos sujeitos, além de que, em que medida eles se tornam mais responsivos e atuantes dentro de seus meios sócio-históricos, a partir das práticas de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística, de forma inter-relacionadas.

Nessa perspectiva, os sujeitos são vistos como seres socialmente constituídos, dentro de seus meios sociais, assim como nos orienta Bakhtin (2016). Os enunciados, por sua vez, também fazem parte de cada esfera de atuação dos sujeitos sociais e, carregados de ideologias, já que um enunciado nunca é individual, mas de acordo com Bakhtin (2016) são socialmente construídos, por meio de outras vozes, “vozes sociais”.

Assim são delineadas as atividades dessa proposta, dentro desse dialogismo inseparável que se instaura o discurso. Assim sendo, cada contexto social permite que se tenha textos reais para estruturar os ciclos dinâmicos das ADIs, valendo-se desses gêneros discursivos para a sua concretização, haja vista que de acordo com Bakhtin (2016) interagimos totalmente/e/unicamente por meio de enunciados, que por sua vez constituem os gêneros discursivos.

Assim sendo, as concepções subjacentes ao que é proposto, por esse projeto estão ancoradas em concepções dialógicas de linguagem, de texto, assim como de leitura, de escrita, de oralidade e de reflexão linguística, tendo em vista o caráter dialógico e discursivo da língua, nesta perspectiva interativa/interacionista/ideológica.

Ao professor, cabe o papel social de agente de letramento, que observará dentro da dinâmica das interações, em que sentido está, realmente, se dando a ampliação das capacidades previstas em cada atividade interativa. De que forma os alunos estão se tornando mais responsivos e protagonistas dentro de seus meios sociais. Além do que, também poderá se autoavaliar, no que se refere às mudanças ocorridas em suas práticas pedagógicas a partir das reflexões feitas nas situações reais e contextuais, haja vista que por meio de suas ações/

reflexões ou refletidas, poderão também, crescer como agentes de letramentos que são/ou/precisam ser, já que as atividades didáticas lhes permitirão essa descoberta se estas forem desenvolvidas dentro do que fora idealizado e constatado por Moura (2017).

Nesse sentido, assim como Moura (2017), acredito ser imprescindível a realização dessa proposta, visto que por meio dela, é possível desenvolver ações que façam parte de nosso cotidiano, no entanto, na atual conjuntura, é comum serem vistas de forma separadas e desvinculadas. Na escola, ocorre que os alunos, ora falam, ora escrevem, ora leem e até refletem sobre a língua, contudo, na maioria das vezes fazem isso de forma não relacionada, e nem tampouco com textos reais como está se propondo por intermédio dessa ação didática.

Então, nesse sentido, me parece de extrema importância essa realização, haja vista que, por meio das ADIs as atividades de sala de aula poderão ter mais relevância na vida do cidadão. Isto porque mediante esta dinamicidade de caráter cíclico com os quatro eixos, os alunos poderão ter suas competências linguísticas e discursivas mais desenvolvidas, e por conseguinte, permitirão fazer uso dessas habilidades em contextos reais de atuação, podendo ser mais responsivos e atuantes socialmente.

Ademais, a escola passará a não mais ser um local desagradável desvinculado de suas vivências, além de que as aulas de língua, por sua vez, também passarão a adquirir nova abordagem assim como também permitirão a seus falantes adquirirem uma nova percepção dessa língua, que deveria ser, por eles imensamente amada e não, como se vê no dia a dia, sendo preterida e repudiada.

Assim, compartilho do que postula Coelho (2018) em suas reflexões sobre as ADIs, para quem, integrar atividades envolvendo os quatro eixos, não é tarefa fácil, no entanto, é possível, como veremos a seguir:

integrar leitura, oralidade, e análise linguística, certamente não é tarefa fácil, mas também não é impossível, justamente porque se dão num continuum, não são e nem estão segregadas. É na escola por conta da didatização dos conteúdos é que elas se divorciam, daí decorre a soberania da escrita, a quase anulação da oralidade, a leitura direcionada a mera decodificação e a reflexão linguística confunde-se ao trabalho com análise descritiva, ou pior ainda, normativo. Contudo, conforme já mencionado, nesta proposta as ações pedagógicas

buscam a integração entre essas atividades, porque reconhecemos não apenas a importância de cada uma delas, contudo a complementariedade existente entre elas (Coelho,2018, p.58).

Nesse sentido, reafirmo que as ADIs se sobressaem em relação a outras propostas metodológicas de ensino, já delineadas, visto que, embora outras metodologias tenham sua contribuição em relação ao ensino, (não estou negando a importância de cada uma, como os projetos didáticos, as sequências didáticas, que não vem ao caso apresentar aqui cada uma), no entanto, nenhuma delas propõe o entrelaçamento dos quatro eixos de forma tão coerente, inter-relacionada e equivalente, no que se refere à valoração que é dada a cada atividade dentro dos ciclos, como é proposto pelas ADIs.

Outro ponto que merece destaque nas ADIs, é que elas permitem que as atividades migrem de um gênero a outro, ou seja, não “engessam” os gêneros como ocorre na sequência didática. Com as ADIs ocorre o contrário, os gêneros vão integrando às atividades de acordo com a necessidade, percebida pelo pesquisador. Além de que cumprem funções sociais dentro do percurso, haja vista que são inseridos para ampliar as capacidades do sujeito, sejam elas orais ou escritas ou mesmo reflexiva da língua, visando assim, sempre sua funcionalidade dentro do processo. Assim, os alunos passam a atuar em seus meios sócio-históricos, por intermédio de gêneros (orais ou escritos), não somente dentro do ambiente escolar, que também é uma característica marcante dessa proposta, mas também nos contextos extraescolares.

Além de que, nesta proposta didática, os alunos não escrevem ou oralizam, tão somente, para serem avaliados pelo professor, mas, sobretudo, para agirem socialmente, por meio de seus discursos (discursando, questionando, requerendo, criticando, intervindo, denunciando...), ou seja, são as situações reais sociais que vão exigir dos sujeitos a forma em que devem usar para concretizar seus discursos, de modo que serão motivados a se posicionarem nas mais diversas situações reais com/e/pelos discursos.

De acordo com Rojo (2015), a escola deve privilegiar os gêneros discursivos que fazem parte das esferas de circulação social dos alunos, nesse sentido, esses discursos devem abranger tanto as esferas de circulação cultural, privada quanto a pública dos alunos. E, nesse sentido, o professor será o mediador dessas situações, de modo que fará as orientações, e sobretudo as

interações que se darão no decorrer de todas as atividades, que como já explicitado, são todas “acontecidas” nesse processo de interação dialógico-discursivo.

Outro ponto marcante é a temática em relação as ADIs, que pode ser delimitada pelo professor, com base numa realidade social, um tema que seja de relevância para os sujeitos participantes, ou ainda pode ser definida com a participação dos sujeitos, sendo assim como define Tozoni-Reis (2010), como sujeitos participantes, com a dinâmica da “pesquisa participante”, sendo, nesse caso, a ação entre os sujeitos, ação essa ampliada para ação/reflexão/ação entre os sujeitos participantes, em uma dinamicidade interativa, haja vista que a reflexão resulta noutras ações, ou, ainda na mudança do percurso programado.

Nesse sentido, o tema dessa proposta “ansiedade”, foi delimitado com a participação ativa dos participantes (alunos do 7^a ano e professor/pesquisador) Inicialmente, pensado pela pesquisadora, por ser um tema de relevância social e em seguida, aceito por, praticamente cem por cento dos sujeitos participantes através de uma pesquisa entre eles.

Assim temos algumas delimitações sobre o projeto:

Título do projeto: “Ciclos de Atividades Didáticas Integradas com o tema ansiedade”

Problemática: a grande quantidade de pessoas com este problema (ansiedade) principalmente, no atual contexto pós pandemia, inclusive na escola, contextualizada.

Público-alvo: 7^o ano do Ensino Fundamental.

Tempo estimado de duração: 60 horas/aulas de 40 minutos cada.

Recursos didáticos: Cópias de textos, quadro, pincel, (para quadro branco e permanente), slides, notebook, data show, papel A4, caderno, caneta, diário de bordo, aparelho celular, cartolinas, cola branca, fita durex.

3.2.2 A temática do projeto

O tema “ansiedade”, não está presente, somente no atual contexto pós-pandemia, é um tema muito recorrente, não somente, no Brasil, mas também no mundo. Sabemos o quanto a vida agitada do mundo moderno, dentre outros motivos, vem agravando esta situação, a cada dia. Na escola, não é diferente, principalmente, no que tange ao atual contexto pós-pandemia. Durante anos de prática em sala de aula, ainda não havia presenciado tantas situações, que a

meu ver podem estar relacionadas a problemas de ansiedade. Recentemente, tem aumentado este quadro na escola, no que se refere à presença de crises de choros, sem motivos aparentes e sem explicações, falta de ar, assim como sinais de cortes pelo corpo (mutilações) e até mesmo desmaios.

Estas, são algumas situações que têm me feito pensar em inserir, no projeto de ações didáticas, como tema principal a ansiedade. Sendo percebido, pela pesquisadora, como um problema de relevância social, por estar presente, em vários outros segmentos sociais, como observado, e por analisar, em relação ao fato de que pouco, ou nada estava sendo feito para resolver, ou pelo menos, amenizar esta situação. Além disso, refleti sobre o que Moura (2017), aborda em relação à delimitação do tema.

Para o autor, o tema das ADIs precisa ser um tema de relevância social, dos sujeitos, para fazer sentido a sua real concretização, haja vista que é necessário que este esteja relacionado ao seu meio social, para maior envolvimento com as atividades e, sobretudo, para a materialização de seus discursos, em situações reais de usos. De modo que, dessa forma, os sujeitos terão motivos para atuarem, criticamente, em seus meios sócio pragmáticos, por meio de seus discursos, sendo mais responsivos e mais autônomos em suas atitudes, através de suas ações discursivas.

Nesse sentido, acredito que os alunos possam trazer, por intermédio de seus discursos condições, para facilitar a inserção de ações, que possam colaborar com atitudes reflexivas e formas de compreender melhor o que se passa nas mentes desses cidadãos. Além de que também possam contribuir com a mudança do meio, no que tange ao problema contextualizado, “ansiedade”. E não somente ao tema principal, mas também aos subtemas que virão nos discursos dos sujeitos definidos como “vozes sociais”, por meio dos enunciados que são, por natureza dialógicos, e que somente se concretizam através dos discursos materializados nos gêneros discursivos (orais ou escritos), em contextos reais de atuação, de acordo com a teoria bakhtiniana, a que se fundamenta esta pesquisa.

Nessa perspectiva, pode se evitar que outros problemas possam ser desencadeados a partir da ansiedade, haja vista que, como se sabe, são vários os motivos que a desencadeiam, assim como também a partir dela, outros problemas poderão ser manifestados, como os que possivelmente virão por meio

dos subtemas (depressão, automutilação, e até mesmo o suicídio), que como sabemos são problemas, que estão, de certa forma inter-relacionados, e com a atuação através das reflexões, a partir das ADIs, poderá evitar que outros problemas surjam além de amenizar ou mesmo contribuir para a libertação do sujeito tendo em vista a ampliação de seus conhecimentos em relação à situação- problema explicitada.

Então, vistas dessa forma, as ADIs, se constituem em um verdadeiro instrumento de atuação social, haja vista que permitirá a inserção dos sujeitos, em seus mais diversos meios de atuação, através dos discursos, contribuindo, assim com a sua formação responsiva, de modo que passarão a expor, argumentar, concordar, discordar, retrucar, intervir e agir nos mais variados meios de atuação tanto na escola quanto na sociedade, tornando-se, desta feita, mais autônomos e protagonistas através de seus discursos.

Nesse sentido, o Projeto de Intervenção, o qual está sendo desenhado, está totalmente conectado com atividades inter-relacionadas e contínuas, visto que, sendo realizadas em ciclos, adquire um formato circular por possuir esse dinamismo de complementariedade. Nesse sentido, em que cada atividade é pensada em relação a outra, neste constante diálogo ininterrupto e interacionista, por meio de textos autênticos, que farão parte das situações de interações dos meios sociais dos sujeitos, tendo assim, como princípios básicos as teorias bakhtinianas.

3.2.3 Sobre o gênero principal: o artigo de opinião

Se fizermos uma busca, nos currículos escolares, podemos constatar que a escola tem selecionado, para os primeiros anos do ensino fundamental maior (6º e 7º anos), apenas gêneros da tipologia narrativa, descritiva, e, raramente se trabalha com gêneros que permitem aos alunos se posicionar por meio de seus discursos, com estratégias argumentativas, no caso, os gêneros que trazem as tipologias expositivas e argumentativas. Os documentos oficiais, como os PCNs, além do mais recente, a BNCC, versa sobre a importância da inserção desses gêneros do argumentar como já posto nesta pesquisa.

Nesse sentido, acho conveniente inserir o artigo de opinião como gênero principal, haja vista que os alunos poderão desenvolver-se ainda mais fazendo uso dessas estratégias dentro de seus discursos, mediante os gêneros discursivos. Isto porque, fazemos usos desse tipo de habilidades a todo

momento em nossos discursos, no entanto, convém que sejam desenvolvidas ainda mais na sala de aula. E as ADIs, permitem essa ampliação dos discursos por intermédio das práticas de interações reais, permitindo, assim ao sujeito o aumento de suas capacidades discursivas para agir de forma mais agentiva em seu meios sociais.

3.2.4 Objetivo geral

Propor uma ação didática integrada, com atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística inter-relacionadas, por intermédio dos gêneros discursivos orais e/ou escritos, que venha contribuir com a ampliação das capacidades linguístico-discursivas dos sujeitos, assim como, com o aumento de sua responsividade, e de sua autonomia discursiva em seu meio sócio-histórico.

3.2.5 Objetivos específicos

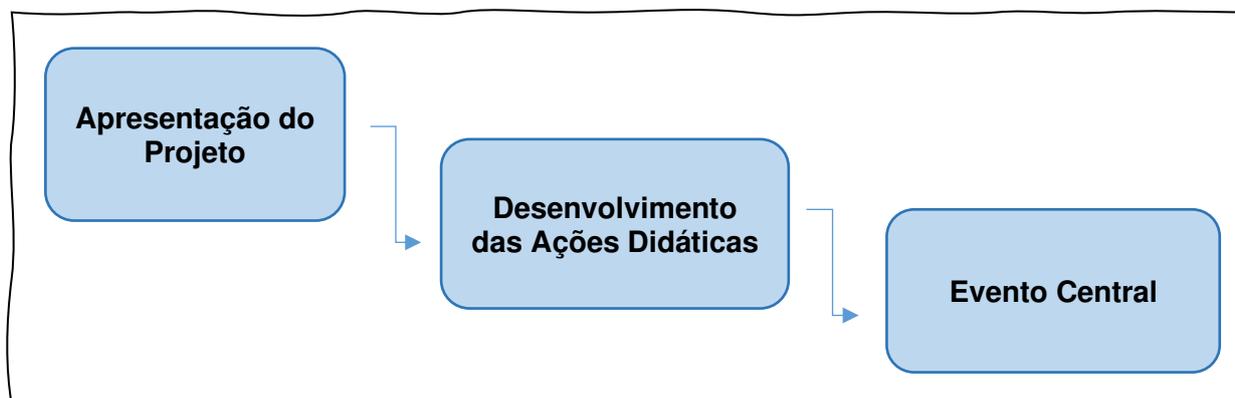
- Desenvolver atividades integradas de oralidade, leitura, escrita e reflexão linguística.
- Ler textos de variados gêneros discursivos que se relacionam com o gênero principal;
- Entender que a leitura é muito mais que uma simples decodificação, e que lemos para pensar, refletir, intervir e principalmente, para atuar socialmente em nosso meio;
- Perceber a importância da oralidade para a construção da argumentação e do processo de produção escrita;
- Compreender que os discursos são intercambiáveis e que cada sujeito é capaz de metadiscursivizar sobre o que fala ou escreve, desde que sejam trabalhadas essas habilidades;
- Desenvolver estratégias de leitura e de escrita por meio de inferências e de intervenções do professor e de reflexões linguísticas sobre o próprio texto;
- Refletir, linguisticamente, no decorrer de todas as atividades desenvolvidas, através dos gêneros discursivos orais e/ou escritos.
- Compreender que cada gênero discursivo possui determinada estrutura, objetivos e intenções, assim como um estilo de linguagem específico.
- Observar que o artigo de opinião é um gênero do argumentar e que através dele podemos também intervir socialmente;

- Produzir um artigo de opinião, sobre o tema “ansiedade” com a finalidade de intervir socialmente;
- Participar de rodas de conversas em variados momentos da intervenção;
- Produzir textos em vários gêneros discursivos, tanto orais quanto escritos
- Ampliar as capacidades linguístico-discursivas dos sujeitos, assim como seu protagonismo social dentro de seu meio sócio-histórico;
- Desenvolver estratégias de reflexão crítica por meio da linguagem;
- Intervir socialmente, por meio da linguagem nos diversos contextos sociais;
- Aprender que cada gênero discursivo possui determinada função social, e fazer seus usos de modo consciente é se impor como cidadão crítico e responsivo;
- Desenvolver a capacidade interativa-dialógica tanto oral quanto escrita, através de atividades autênticas de falar, escrever, ler, reler, rediscursivizar...
- Adquirir autonomia e gosto pela escrita haja vista que os textos produzidos terão uma finalidade interativa e social;

3.2.6 Diagrama de como procedeu o Projeto de Ação Didática

Abaixo segue um diagrama que representa o percurso do projeto de ações didáticas desenvolvido. Inicialmente, foi feita a apresentação do projeto aos alunos e comunidade escolar, após isso foi desenvolvido as ações de cada ciclo no decorrer do primeiro semestre letivo e por último deu-se o seu evento central para finalização das ações que foram programadas, já no segundo semestre letivo de 2023.

Figura 2- Diagrama da ação didática



Quadro 1- Quadro esquemático das ADIs por ciclos

1º CICLO: 15 HORAS/AULAS		
FALAR DE ALGO QUE CONHECE PARA MELHOR CONHECER		
1ª atividade	Apresentação da proposta do Projeto de Intervenção: as ADIs, definição do tema e ativação dos conhecimentos prévios	02 aulas
2ª atividade	Leitura Protocolada de uma Reportagem	04 aulas
3ª atividade	Escrita de um comentário	01 aula
4ª atividade	Leitura dos comentários e Roda de Conversa	02 aulas
5ª atividade	Assistência de um vídeo para ampliação do tema e Roda de Conversa	02aula
6ª atividade	Escrita de um Comentário	01 aulas
7ª atividade	Leitura reflexão linguística e Roda de Conversa sobre os Comentários	03 aulas
Observação: A reflexão linguística ocorreu, intrinsecamente à todas as atividades tanto orais quanto escritas.		
2º CICLO: 08 HORAS/AULAS		
AMPLIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS SOBRE O TEMA PARA MELHOR DIZER		
1ª atividade	Assistência de um videoclipe e interação oral	02 aulas
2ª atividade	Atividade de interpretação textual escrita	02 aulas
3ª atividade	Produção/exposição/reflexão linguística dos cartazes	04 aulas
Observação: A reflexão linguística ocorreu, intrinsecamente à todas as atividades tanto orais quanto escritas.		
3º CICLO: 05 HORAS/AULAS		
OUTRAS VOZES SOBRE O TEMA E MAIS AMPLIAÇÃO DO TEMA POR MEIO DE SUBTEMAS DEVIDO A NECESSIDADE SURGIDAS POR MEIO DAS VOZES SOCIAIS DOS SUJEITOS PARTICIPANTES.		
1ª atividade	Assistência de vídeos sobre as diferenças entre ansiedade depressão e debate	02 aulas
2ª atividade	Escrita de texto informativo sobre o que aprenderam sobre os temas e subtemas	01 aula

3ª atividade	Leitura e reflexão linguística sobre as produções	02 aulas
Observação: A reflexão linguística ocorreu, intrinsecamente à todas as atividades tanto orais quanto escritas.		
4º CICLO: 04 HORAS/AULAS		
OUTRAS VOZES SOBRE O MESMO TEMA: COM A PALAVRA UM PROFISSIONAL QUE ENTENDE MELHOR SOBRE O ASSUNTO: UMA PSICÓLOGA		
1ª atividade	Palestra com a psicóloga	04 aulas
5º CICLO: 08 HORAS/AULAS		
MAIS VOZES SOCIAIS SOBRE O MESMO TEMA, DESENVOLVENDO A AUTONOMIA RESPONSIVA DOS SUJEITOS		
1ª atividade	Vídeos pesquisados pelos próprios alunos para ampliação do tema/assistência/ debate	08 aulas
Observação: A reflexão linguística ocorreu, intrinsecamente à todas as atividades		
6º CICLO: 09 HORAS/AULAS		
FINALMENTE CHEGAMOS AO GÊNERO PRINCIPAL: ARTIGO DE OPINIÃO		
1ª atividade	Leitura de artigos de Opinião estrutura/finalidade/características	04 aulas
2ª atividade	Escrita/leitura/reflexão linguística de artigos de opinião	05 aulas
Observação: A reflexão linguística ocorreu, intrinsecamente à todas as atividades tanto orais quanto escritas.		
7º CICLO: 03 HORAS/AULAS		
UM OLHAR APURADO DO PROFESSOR/PESQUISADOR PARA MAIS REFLEXÕES		
1ª atividade	Reflexão conjunta e metarreflexiva sobre as primeiras versões dos artigos, por meio de slides com produções	02 aulas
2ª atividade	Produção da segunda versão dos artigos de opinião	01 aula
Observação: A reflexão linguística ocorreu, intrinsecamente à todas as atividades.		
8º CICLO: 04 HORAS/AULAS		
EXPOSIÇÃO SOBRE O QUE APRENDERAM NO DECORRER DO PROJETO ATRAVÉS DE VÍDEOS		
1ª atividade	Exposição dos alunos sobre o que aprenderam sobre o tema ansiedade, por meio de um vídeo,	04 aulas

	para também ser apresentado no “Evento Central”	
Observação: A reflexão linguística ocorreu, intrinsecamente no decorrer de todas as gravações.		
9° CICLO: PREVISÃO DE 04 HORAS/AULAS		
A ESCRITA COMO UMA FUNÇÃO SOCIAL: DAR VOZ A TODOS OS ENVOLVIDOS NO PROJETO: PROFESSORES, EQUIPE PEDAGÓGICA, FUNCIONÁRIOS, GESTORES, ALUNOS (ENVOLVENDO TAMBÉM OS DE OUTRAS TURMAS), PAIS, COMUNIDADE etc.		
Atividade prevista	Evento Central com: Exposição oral do pesquisador sobre o projeto de intervenção; Apresentação de atividades desenvolvidas no decorrer do projeto; Leituras de produções por alunos; Depoimentos de alunos; Apresentação dos vídeos com exposição sobre o que aprenderam sobre o tema;	04 aulas

Após a apresentação do quadro demonstrativo de como as atividades da ação didática foram organizadas convém que se faça algumas considerações a respeito desta intervenção como: período desenvolvido, carga horária, dentre outros aspectos importantes que possam melhor situar o leitor.

Dessa forma, o projeto de Intervenção ocorreu no decorrer do primeiro semestre do ano letivo de 2023, tendo início no mês de março e se estendendo até o final do semestre, no mês de junho, sendo que, não foi possível concluí-lo nesse semestre, como fora previsto, devido a algumas situações que ocorreram, dentre elas cito um projeto da Escola intitulado “Festival Cultural do açaí,” por sinal muito interessante, e também como já explicitado a situação de suspensão de aulas, em sua grande maioria relacionada a transporte escolar, ficando a conclusão do projeto de ações didáticas apenas para o início do segundo semestre letivo. No entanto, faltou ser realizado somente os dois últimos ciclos, sendo que o oitavo, que corresponde à gravação das exposições dos alunos sobre o que aprenderam sobre o tema (faltou, apenas ser concluído), e o nono ciclo, que corresponde ao “Evento Central,” com a apresentação de atividades e resultados produzidos no decorrer do projeto, de modo que seu resultado, possivelmente, não deva ser prejudicado, nesse sentido.

Neste evento, que ocorrerá esta exposição, pretende-se envolver a comunidade escolar assim como também a extraescolar, de modo que as atividades cumprirão sua funcionalidade de produção com uma função social, como nos adverte estudiosos como Bakhtin, (2016) Moura (2017), Antunes (2009), Bazerman (2006), dentre tantos outros que compreendem os gêneros discursivos como sendo produtos de determinados meios sociais, históricos e ideológicos, e por conseguintes, com determinadas funcionalidades sociointerativas dentro de uma determinada instância social.

Neste sentido, o Projeto de Ações Didáticas (ADIs), foi composto por *nove ciclos* organizados, com as quatro atividades (leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística), inter-relacionadas, ciclicamente, sem que, no entanto, uma se sobressaia à outra, de modo que devam se concretizar, de forma contínua e concomitantes, assim como prevê o seu mentor (Moura 2017) que sejam desenvolvidas, nessa dinâmica de complementariedade, de uma atividade com a outra, de sorte que se faltar, simplesmente uma, certamente, o resultado final será prejudicado. Isto porque elas são interdependentes e intercambiáveis.

Os ciclos de atividades variam em número de aulas, haja vista que, não há, especificamente uma regra igualitária em relação a sua organização e definição. Desse modo, assim como mostrado de forma esquematizada, anteriormente, os ciclos variam em número de aulas assim como em quantidade de atividades desenvolvidas. Assim temos o primeiro ciclo com 15 horas/aulas, o segundo com 08 horas/aulas, o terceiro com 05 horas /aulas, o quarto com 04 horas/aulas, o quinto com 08 horas aulas, o sexto ciclo com 09 horas/aulas, o sétimo ciclo com 03 horas/aulas, o oitavo ciclo com 04 horas/aulas e o nono e último ciclo com 04 horas/aulas, totalizando uma carga horária de 60 horas/aulas.

Também se faz necessário esclarecer que, ao transcrever as falas dos alunos, no decorrer das interações, uso apenas letras para identificá-los, no decorrer das transcrições orais. Assim, uso a letra “P” para referir-me a professora pesquisadora e as iniciais dos nomes dos sujeitos participantes para fazer referência a cada um deles. Ademais, farei apenas a descrição da primeira atividade, identificando a turma, de forma separadamente, nas demais atividades as descrições serão feitas observando os fatos ocorridos, independentemente de qual turma tenha se realizado.

4 DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Feita a apresentação, do percurso metodológico desta pesquisa e de como o Projeto de Intervenção foi organizado (sinteticamente), farei a descrição/análise de seus dados, de forma concomitante, haja vista que, na medida em que descrevo as atividades também as analiso e faço as interpretações de seus dados, além de que reflito, criticamente, sobre seus resultados e possíveis limitações, no decorrer das referidas análises.

Nesse sentido, inicio as descrições analíticas dos dados obtidos, nesta intervenção.

1° CICLO: FALAR DE ALGO QUE CONHECE PARA MELHOR CONHECER

PRIMEIRA ATIVIDADE: Apresentação da proposta do Projeto de Intervenção: as ADIs, definição do tema e ativação dos conhecimentos prévios.

Assim, o primeiro contato que tive foi na turma de **sétimo ano II**. Neste primeiro momento, faço a apresentação do “*Projeto de Intervenção*”, falo sobre o período previsto para sua realização, assim como da importância da participação de todos no desenvolvimento das atividades. Além de que esclareço, sobre a importância desta participação, não somente para mim, como pesquisadora, mas também para eles como alunos, no decorrer de todas as atividades e interações. Feita esta exposição, acho por conveniente levantar expectativas dos discentes sobre o tema a ser abordado. Para isso, cito que é um tema atual e, por sua vez, bastante presente em nosso meio, e por isso se justifica a delimitação deste, já que se trata de um assunto muito recorrente, tanto no Brasil, quanto no mundo. Além do mais, a cada dia o “problema” abordado, no referido tema, têm se agravado mais, como pode ser observado através de pesquisas que apontam para o grande aumento de casos de ansiedade em nosso meio.

Em seguida, apresento o tema “Ansiedade” e falo que faremos uma atividade em que todos poderão opinar sobre este tema, discordar ou concordar e até mesmo comentar sobre o que já conhecem a seu respeito, assim como sugerir outro tema, caso, o considere mais relevante. De acordo com Solé (1998) é de grande importância a ativação dos conhecimentos prévios dos discentes, ao se pensar em determinada atividade. Dessa forma, achei pertinente a

realização desta atividade, neste primeiro momento, haja vista que, poderia ter acesso às informações do que os discentes já conhecem sobre o tema, além de instigar a ativação dos conhecimentos prévios sobre o assunto a ser tratado, e sobretudo com essa busca poder, também perceber a aceitação ou não, deles em relação à situação-problema a ser abordada “*ansiedade.*”

A seguir, transcrevo parte deste diálogo inicial com os discentes:

P: Bom dia a todos... Gente, desenvolverei com vocês um Projeto de Intervenção...ou seja, várias atividades inter-relacionadas entre si... de modo que ocorrerão em VÁrios encontros...mais especificamente entre os meses de março a maio...estas atividades envolverão a leITUra... a oraliDAde...a esCRlta e tamBÉM a REFLEXÃO LINGUÍSTICA...reflexão linguística, no sentido de que SEM::pre vamos falar, escrever e refletir sobre o que escrevemos...nessa reflexão vamos pensar se ficou CLARo o que pretendemos dizer... se haveria OUtra forma para melhor dizer, ou seja, para ficar mais ENTENDÍVEL para o nosso interlocutor... sendo que essas atividades ocorrerão, não necessariamente, nesta ordem... a ordem pode variar... mas o importante é que faremos atividades de oralidade... leitura...escrita e reflexão linguística ...no decorrer de TO::dos os nossos enCONTros até ao final do projeto ... E ENTÃO... vamos trabalhar essas habilidades... para que vocês consigam ler um texto e falar sobre ele ...ou mesmo sobre o que VIU ou ouVIU... já que podemos ver um vídeo... ouvir uma letra de música e falar sobre... e até MESmo escrever sobre o assunto apresentado...as atividades realizadas... serão avaliadas no decorrer de seu desenvolvimento... ou seja...vou AVALIAR o que vocês aprendERem... por isso é MUITO imporTANTE que cada um faça anotações sobre CAdA aula, CAdA discusSÃO, pois vai servir para seu cresciMENTo e aprendiZAgem sobre o TEMA que vamos estudar... e também porque ao final de TDo o processo vamos ter um EVENTO em que vamos LER, e apresenTAR o que produzimos durante TO::do o percurso... NESTE EVENTO, estarão preSENTes VÁ::rias pessoas, incluSÍve seus pais... TO::da a CO-MU-NI-DA-DE ES-CO-LAR

M.M.S: TODA a comuniDADE?... era pra ser só a GENTE... professora...

M.S.S: não... bom só nós...

J.V.G.M: pra QUÊ todo mundo?

P: e então... É IMPORTANTE mosTRARrmos para a comuniDAde o que produzimos...TODO o nosso trabalho terá uma função MAIOR se envolver a

comuniDAde ESCOLAR.... os pais de vocês...COM CERTEZA ficarão MUITO felizes em ver nosso trabalho... nossas produções... inclusive com o tema que pretendo desenvolver... já que é um tema de abrangência NACIONAL... e que está MUITO recorrente em nosso meio também...envolvendo pessoas de nossa comunidade escolar... e até mesmo ALGUÉM de nossa família... por isso... é tão IMPORTANTE os pais TAMBÉM estarem envolvidos, pois poderá servir pra eles até para ajudar alguém da família que por acaso venha ter ESTe problema... Como falei... o TEma que proponho trabalharmos é sobre a ansieDAde... por que Esse TEma? ...a AN-SI-E-DA-DE é algo que tem atingido milha::res de brasileiros... a cada dia pesquisas apontam para o GRA::NDE aumento de casos de ansieDAde não somente no BRASIL mas no MUNDO inteiro... em nossa escola não é difeRENte... basta lembrar do ano pasSAdo para perceber que o problema está bem perto de nós... quando pudemos observar o grande número de pessoas choRANdo... tendo crises como DOres no peito... falta de ar e até mesmo fazendo cortes na própria pele...se MU-TI-LAN-DO...incluSlve ESSE ANO já temos presenciAdo situações DESSA... natureza... ENTÃO...senTimos que se faz necessária uma discussão e aprofundamento do tema ... quem sabe até algum de nós possamos ter ansieDAde e não saber o que fazer... não saber COMO agir NÉ... e enTÃO... penSANDO NISso... é que proponho atividades pra gente pesquisar MAIS, conhecer MELHOR sobre o tema... até para que saibamos o que fazer... como ajudar alguém que porvenTURA tenha ES-TE PROBLEMA.

M.J.S.O: SIM professora... acho BOM esse tema mesmo...

M.S.S: é bom ansieDAde mesmo professora...eu conheço muitas pessoas que tem ansiedade...e é bom a gente estuDAR sobre isso...

R.F.P.S.: ansiedade é bom... mas tem OUTROS temas importante também...a gente podia falar sobre OUtras coisas...

P: então... vou anotando no quadro as sugestões de vocês... este tema é APENAS uma sugestão dentre VÁrias outras que tem... é isso que é importante... que vocês FAlem também o que pensam... vamos ver outras ideias ... quem sabe a gente decida por OUTRO tema.. desde que seja a opinião da maioria... CERTO?... por isso...pensei também em realizar uma atividade inicial com vocês... atividade diagnóstica... por QUE diagNÓStica?... porque vocês vão poder falar também um pouqui::nho sobre o que já sabem sobre o tema AN-SI-

E-DA-DE... e uma das questões é pra saber o que CADA UM acha do tema proposto... assim ...eu vou saber melhor se a maioria está de acordo ou não.. se acaso a maioria optar por outro tema a gente muda o rumo das atividades ... ou seja... fala sobre outro tema... certo?... mas VAMOS lá... me falem sobre temas que vocês consideram importante para o nosso projeto... importante que sejam temas SOCIAIS...que estejam presentes...recorrentes em nosso meio ...ou até mesmo em nosso estado ...ou NO BRASIL ... que vocês considerem importante discutir...

M.M.S: POLUIÇÃO professora... acho bom o tema poluição...

P: sobre poluição... MUITO BEM... POLUIÇÃO é um tema MUITO presente... vamos ver o que os OUTROS acham...

L.F.M.P: era bom sobre os animais...

J.V.G.M: não... sobre animais não... tem OUTROS temas melhor...era bom falar sobre as pessoas...

P: sobre as pessoas?... O que VOCÊS acham?... falar sobre as pessoas...em que sentido?

R.E.S: sobre frutas... eh:: sobre MEIO ambiente...

P: Ótimo... meio ambiente é MUITO bom...um tema BEM atual... sobre os problemas do meio ambiente... a importância de se preservar... os cuidados que devemos ter né?

M.S.S: aquecimento global... era bom ESSE tema...

J.P.J.A.S: fenômenos da natureza... sobre desmatamento... era bom falar sobre o desmatamento...

P: MUITO BEM... todos esses temas são importantes pra se discutir... a participação de vocês é ESSENCIAL ...estão vendo?... é dessa participação que precisamos... quando a gente fala ... expõe o que pensa fica melhor pra chegarmos a uma conclusão... é assim que quero que vocês continuem... sempre participando com suas opiniões... mas VAMOS LÁ... agora vou entregar uma atividade que eu TROUXE pra vocês... a atividade DIAGNÓSTICA que eu falei...CERTO?... é importante que TODOS escrevam o que pensam sobre as questões que coloquei... a primeira questão fala justamente sobre a definição do tema... quero saber a OPINIÃO de CADA um ... o que você PENSA... se você acha que está bom falarmos sobre ansiedade ou se preferem outro tema.. aí cada um escreve qual seria esse Tema...CERTO?... também tem

Otras perguntas sobre o que você sabe sobre ansiedade... dentre outras questões.. o importante é você escrever o que sabe... o que pensa... sem se preocupar se tá certo ou errado... porque muitas vezes você pode não responder achando que não tá certo, né? ... mas não PENSE assim... pense apenas no que ESTÁ se perguntando e coloque o que VOCÊ sabe sobre ... escreva sua opinião.... ou o seu EM-TEN-DI-MEN-TO...CERTO?

Neste encontro, dos vinte e um alunos da turma, apenas dezenove estiveram presentes, (faltaram dois). Embora, ainda neste primeiro momento de sugestão do tema, a grande maioria tenha concordado com a ideia proposta, alguns posicionam-se em discordância. Falam que poderia ser outro tema como: poluição, animais, as pessoas, meio ambiente, aquecimento global, fenômenos da natureza e desmatamento. Assim enfatizo mais uma vez a importância de realizarem a atividade inicial, de levantamento dos conhecimentos prévios, já que a primeira questão direcionada é “*se o aluno havia gostado do tema sugerido, ou se teria outra sugestão, e por quê?*”

Em seguida, entrego cópia da atividade a cada um e os oriento sobre o seu principal objetivo que é permitir a participação de todos na delimitação do tema, assim como perceber o que eles sabem a respeito deste tema. Falo também, para não se preocupar se as respostas estariam “certas ou erradas”, mas, em colocar os seus conhecimentos em relação a cada pergunta. No decorrer da atividade, percebo que alguns enfrentam mais dificuldades em responder às questões, no entanto, outros conseguem respondê-las com menor dificuldade, demonstrando assim, um pouco mais de conhecimento em relação ao tema.

Além disso, fica evidente a aceitação do tema por parte da maioria dos discentes desta turma, uma vez que, apenas cinco alunos afirmam que, embora tenham gostado do tema, poderia ser desenvolvido um outro, como: “o desmatamento (sugerido por três alunos), corona vírus (por um aluno) e “depressão ‘por ser o resultado da ansiedade’” (sugestão de um aluno).”

Na turma do *sétimo ano I*, “este encontro inicial” de apresentação do projeto, deu-se noutro momento, de modo que, dos dezoito alunos da turma, dezessete estiveram presentes. Após apresentação do projeto e diálogo sobre a importância da participação de todos, encaminho a “*atividade diagnóstica*” e faço as orientações referentes a seu desenvolvimento. Nesta turma, os discentes

ficam mais passivos em relação ao tema proposto, apenas questionam a respeito do evento de culminância do projeto, argumentando que não era bom que, na apresentação final estivessem tantas pessoas, como os pais e a comunidade escolar. Explico a importância de que os conhecimentos relacionados ao tema sejam levados também à comunidade, em geral, visto que é um tema de abrangência nacional e quanto mais pessoas tiverem conhecimento será melhor para todos. Noto que, também enfrentam um pouco de dificuldade em responder a atividade, assim como na turma anterior. Inclusive ficam chateados pelo fato de eu estar ocupando dois tempos de aulas que seriam “vagos”, de outra professora, que por motivo de saúde, não esteve presente. Alguns, não realizam a atividade por este motivo. Dos dezessete alunos que estão na turma quinze desenvolve a atividade, sendo que desta turma, todos afirmam ter gostado do tema sugerido para a pesquisa. Apenas dois alunos não entregam a atividade desenvolvida, ficando perceptível a aceitação do tema, pela maioria dos participantes, para o desenvolvimento do projeto.

A seguir, seguem algumas atividades realizadas nesse encontro:

Figura 3- Atividade prévia sobre a delimitação do tema, de T.V.B.

1-Questões para ativação dos conhecimentos prévios da turma sobre o tema:

A) O que você achou do tema (*Ansiedade*), sugerido para o nosso projeto? Você gostou, ou teria outra sugestão em relação ao tema a ser desenvolvido?

O tema é muito bom abordar temas importantes porém sem um maior importância ~~abordar~~ o tema é extremamente interessante desde que preserve nossa natureza.

B) Por que você gostou (ou não gostou) do tema que iremos abordar em nossas atividades?

Gostei porque é uma coisa atual resolvida na sociedade muitas pessoas falam que é possível ansiedade e dorça SISA

C) O que é ansiedade, para você?

ansiedade é uma doença que é abanda ~~é~~ uma gatilho ou um trauma

D) Você conhece alguma pessoa que possui ansiedade, ou que, por algum motivo, você imagina que tenha ansiedade? Como é essa pessoa? O que te leva a crer que ela possui ansiedade?

Conheço sim ela é uma pessoa chamada Gueis que ela possui ansiedade por causa de trauma e não socializar muito com

E) Que sintomas pode sentir uma pessoa que tenha ansiedade? Por que?

os sintomas são medo falar de um tremor no corpo vontade de choro

F) O que pode contribuir para uma pessoa adquirir ansiedade?

a depressão, falta de apoio, solidão

G) Você acha que pode ajudar de algum modo, alguém que possui ansiedade? De que forma?

sim que a pessoa sem que deixa a mente ocupada

Figura 4- Atividade prévia sobre a delimitação do tema, de M.J.A.

1-Questões para ativação dos conhecimentos prévios da turma sobre o tema:

A) O que você achou do tema (*Ansiiedade*), sugerido para o nosso projeto? Você gostou, ou teria outra sugestão em relação ao tema a ser desenvolvido?
Eu achei muito bom esse tema, e não tenho outras sugestões para outro tema.

B) Por que você gostou (ou não gostou) do tema que iremos abordar em nossas atividades?
Eu gostei porque podemos aprender um pouco mais sobre a ansiedade.

C) O que é *ansiedade*, para você?
Ansiedade pra mim é quando a mulher está grávida e fica ansiosa para não ter o parto de jeito para seguir a vida.

D) Você conhece alguma pessoa que possui ansiedade, ou que, por algum motivo, você imagina que tenha ansiedade? Como é essa pessoa? O que te leva a crer que ela possui ansiedade?
Não conheço.

E) Que sintomas pode sentir uma pessoa que tenha ansiedade? Por que?
Não sei que sintomas pode sentir uma pessoa que tem ansiedade.

F) O que pode contribuir para uma pessoa adquirir ansiedade?
Ainda não sei, mas quero aprender um pouco.

G) Você acha que pode ajudar de algum modo, alguém que possui ansiedade? De que forma?
Sim, aconselhando.

Figura 5- Atividade prévia sobre a delimitação do tema, de M.N.B.

1-Questões para ativação dos conhecimentos prévios da turma sobre o tema:

A) O que você achou do tema (*Ansiiedade*), sugerido para o nosso projeto? Você gostou, ou teria outra sugestão em relação ao tema a ser desenvolvido?
gostei, achei bem interessante, importante, além de não ser um assunto muito falado nos dias de hoje.

B) Por que você gostou (ou não gostou) do tema que iremos abordar em nossas atividades?
Porque é um assunto que já tenho certo conhecimento, gosto de ler livros com esses assuntos.

C) O que é *ansiedade*, para você?
pra mim é como uma doença que muita das vezes leva o indivíduo a cometer suicídio, tirando a vida e a razão que está sentindo.

D) Você conhece alguma pessoa que possui ansiedade, ou que, por algum motivo, você imagina que tenha ansiedade? Como é essa pessoa? O que te leva a crer que ela possui ansiedade?
sim, eu mesma, me importa com o que as pessoas pensam sobre mim, as vezes sou bem tímida e tenho vergonha de falar em público.

E) Que sintomas pode sentir uma pessoa que tenha ansiedade? Por que?
falta de ar, inquietação, estalar os dedos das mãos que tenho repetidamente na própria.

F) O que pode contribuir para uma pessoa adquirir ansiedade?
falta de informação, e excesso de culpar.

G) Você acha que pode ajudar de algum modo, alguém que possui ansiedade? De que forma?
sim, conversando sobre o assunto.

1º CICLO: SEGUNDA ATIVIDADE: Leitura protocolada de uma Reportagem

Neste encontro, foi desenvolvido uma “leitura protocolada” de uma Reportagem, sobre o tema. Com o apoio de slides o texto foi planejado para ser projetado em data show, no entanto, no momento houve um problema técnico e não foi possível a sua projeção como planejado. Desse modo, houve a

necessidade de uma adaptação no planejamento, de modo que a leitura teve que ser feita apenas na tela do notebook, e os alunos tiveram que ficar acumulados para visualizarem o texto que seria projetado em tela maior. O encontro não foi tão produtivo como a pesquisadora imaginou, visto que o barulho intensificou-se por estarem muito próximos, mesmo assim houve a sua realização, ficando confirmado que todo plano pode sofrer alterações em seu percurso. Que é o contexto que vai determinar a sua real concretização.

Antes da projeção do texto, propriamente dito, insiro algumas imagens para introduzir o tema “ansiedade”, essa introdução é feita por meio de perguntas dirigidas aos alunos, enquanto projeto as imagens. Em seguida, projeto o texto e faço as pausas, sempre que necessário, para os diálogos sobre o texto, de modo que os discentes fazem as inferências por meio das perguntas a eles direcionadas. Pois de acordo com Koch (2022, p.36), as inferências, “permitem ao leitor gerar informação semântica nova a partir daquela dada, em certo contexto”. Para esta estudiosa, as informações de diversos níveis aparecem, apenas em parte explicitada no texto, ficando assim, a maior parte implícita.

Dessa forma, as inferências,

constituem estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais e/ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita ou informação não explicitada no texto (Koch, 2022, p.36).

Para esta autora, as estratégias de ordem cognitivas “têm assim a função de permitir ou facilitar o processamento textual. Quer em termos de produção, quer em termos de compreensão” (Koch, 2022, p.36).

A seguir, apresento as imagens usadas para a introdução do tema e trechos da interação entre professor/alunos neste primeiro momento, antes da apresentação da reportagem, propriamente dita.

P: ENTÃO...a nossa... a nossa atiViDAde de hoje... eu trouxe pra vocês um texto tá...que fala sobre AN-SI-E-DA-DE...é importante que você ouça o texto...que você partiCipe da ... das interações quando eu pergunTAR...e que o que você puder anotar ...você tome nota TAMBÉM...sobre o que você está aprendendo sobre... que vai ter um momento que eu vou pedir pra você escrever sobre o que

vocês aprenderam hoje... ENTENDE::RAM?... Então pode já ir tomando nota do que nós formos discutindo....CERTO?

Nesse sentido, inicio lendo o título do texto e incitando-os a falar sobre o que imaginam sobre o texto. Em seguida começo a projetar as imagens uma a uma instigando-os a interagir sobre elas. Eles falam minimamente sobre o que pensam, embora, neste momento em um diálogo informal, vários ao mesmo tempo. No entanto, conseguem relacionar o que veem ao tema do texto, ou seja, externam seus conhecimentos prévios sobre o tema abordado no texto, que é ansiedade.

Em seguida, transcrevo parte deste diálogo com a turma:

Figura 6- Figura sobre leitura protocolada



Fonte: <https://blog.psicologiviva.com.br/wp-content/uploads/2021/07/5-1-scaled.jpg>

P: então...começando...o que é ANSIEDADE?... o que É ansieDAde?... Como POSSO explicar a alguém o que é ansiedade às pessoas que não DIZEM perceber?...TÁ?... pra falar sobre ansieDAde ...nós vamos obserVAR primeiraMENTe...AS iMAGens...vamos observar as imagens que eu coloquei pra vocês?...e pensar um pouquinho sobre elas...TÁ BOM?...eu vou passar...começar passar as imagens...e eu gostaria que vocês O-LHAS-SEM...pen-sas-sem...tentassem refleTIR um pouco sobre o que CADA imagem QUER DIZER...e depois tem umas perguntinhas... tá bom?... Primeira iMAGEM GENte...priMEIra iMAGEM..

E.D.D: dor de cabeça...

P: VAMOS OLHAR...vamos pensar um pouQUInho sobre ELA...que será que esse... por que será que ele está desse jeito?...o que seRÁ que possa estar aconteCENdo?...será se é DOR DE CABEÇA...mas vamos ver primeiro...depois a gente... comenta mais...

Figura 7- Figura sobre leitura protocolada



Fonte: <https://www.metlife.pt/content/dam/metlifecom/es/img/blog/ansiedad-control.jpg>

P: segunda imagem...

D.S.M: esse daí professora é um daqueles negocim... que é tipo um jogo né?...

E.G.A: ((risos)) um jogo...

P: ÉH... parece que ele está monTANDO alguma coisa...mas...

L.R.C.O: um bocado de RIPA lá...

P: o que SERÁ que ele está sentindo...NÉ?...

J.M.B: ANSIEDADE

P: por que QUE ele está fazendo isso?..

G.S.F: Éh :::que ele tá...ele tá alegre..

P: Éh::: Será se ele tá alegre?

L.C.S: ta mandano o estresse embora... jogano...

P: oh... jogando é uma forma né...de mandar o estresse embora TAMBÉM né...?

P: EH::: vamos ver a terCElra imagem...depois a gente vai..

Figura 8- Figura sobre leitura protocolada



Fonte: <https://vidasaudavel.einstein.br/wp-content/uploads/2023/01/ansiedade-3.jpg>

P:OLHEM SÓ essa terceira imagem, gente?...

E.D.V.C: ela tá chorano...

E.D.D: TÁ TRISTE...

J.M.B: ela tá confusa..

P: ela aparenta estar TRISTe...conFUsa...CHO-RAN-DO..

D.S.M: e esses RISCOS AÍ OLHEM o TANTo de RIScos...indicam o QUÊ...será?

E.G.A :(()) O QUE ELA tá penSANDo...

P: ponto de interrogações...ponto de exclamações...

D.S.M: bucado de riscADElro lá oh...a mente dela tá tudo riscada...

P: TO::DA riscada ...em que sentido, NÉ?... no sentido figuRAdo, né?

D.S.M: só sei que tá TUDO riscado...

P: riscado de verdade?...

D.S.M: RISCADO

P.J.S.C: ela tava ...ela tava cum raiva...ela riscou a mente...((risos dos alunos))

P: vamos ver a PRÓxima imagem... depois eu vou perguntar umas... as... as perguntinhas gerais..OLHA ESTA! (mostrando a imagem seguinte)

Figura 9- Figura sobre leitura protocolada



Fonte: https://static3.depositphotos.com/1000137/105/i/600/depositphotos_1054846-stock-photo-thoughtful-woman.jpg.

J.M.B: CHORANDO

L.C.S: ela tá oLHANDo pela janela

J.M.B: ela tá pensando

E.G.A: CUMENDO UNHA

P: por que SERÁ que ela tá roendo as unhas... quando as pessoas começam a roer unhas...(vários alunos falam ao mesmo tempo)

D.S.M: ela tá cum VERME fessora

J.M.B: tá NERVOSA professora

D.S.M: porque ela tá cum fome

L.C.S: NÃO... ela tá pensando no que ela vai fazer

À medida em que mostro as imagens e instigo-os a observá-las, os discentes falam suas hipóteses em relação ao que cada imagem transmite, embora falem vários ao mesmo tempo, no entanto, a maioria dos comentários se relacionam ao conteúdo da imagem, ao que elas, de fato se relaciona. Outrossim, o que os alunos falam se reportam aos conhecimentos de mundo que eles têm sobre as situações abordadas nas imagens. Revelam, também as “vozes sociais”, de acordo com a visão bakhtiniana, dos contextos aos quais fazem parte,

Em seguida, inicio as perguntas propriamente ditas, sobre as imagens. Seguem alguns trechos deste diálogo, abaixo:

P: tá GENTE...então... agora sim...o que essas imagens REVELAM?... Agora também eu queria ouvir a OPINIÃO de vocês...o que que essas imagens reVElam... na opinião de vocês?

J.M.B: elas têm ansieDADE.

P: as pessoas têm ansiedade?

Vários : SIM

P: por que você acha que elas TÊM... ansiedade?

J.M.B: porque elas tavam olhando um jeito...MUITO estranho

P: MULto estranho?

P: alguém MAIS? ...Podem falar tá::

M.N.B: porque elas tava comendo as unhas...

P: elas aparentam esTAR COMO ...gente? COMO essas pessoas aparentam estar?

Vários: TRISTES

G.S.F:: muito pensativas

M.N.B: conFUsas

D.S.M: com raiva

L.R.C.O: com medo

P: com Medo...né?,,,tem aLGUma imagem que leva a crer que ela está com medo?... QUAL a iMAGEM você acha que tem a ver que ela está com MEdo? ...Qual imagem leva a crer que ela está com medo?

T.M.S: nervosa

D.S.M: é:: aquela uma que tava com a mente dela tudo riscada... tava com medo... ela

P: você...alguém de vocês já sentiu alguma vez aSSIM?

D.S.M : JÁ... me deu vontade de me jogar de cima de um pé de alface pra me matar (risos)

P: alguém de vocês já se sentiu alguma vez assim?

J.M.B: já

P: então... eh::alguém já se sentiu ASSIM?

E.D.D: dor de cabeça

J.M.B: eu fiquei intediAdo

P: e então...vamos lá...vamos dar sequência GENTE...bem...em que situação né?:a gente sente assim?... você já se sentiu dessa forma? ...você poderia falar... ou....não gostaria de falar...pode ter se sentido assim...conFUso...TRISte?

J.M.B: quando a gente tá passando por alguma coisa ruim

P: o que MAIS?

M.R.C.V.P: pensando no futuro e sofrendo

J.M.B :pensando demais

J.K.R.A: pensando em estudar

J.M.B: pensando no passado

J.M.B: pensando demais no presente e esquecendo... não... pensando demais no futuro e esquecendo ((do presente))

P: oh...se preocupando demais com o futuro muitas vezes e esquecendo até do presente...MUITO BEM... a PRÓxima, GENTE..outra perguntinha pra gente entender melhor....TODAS as imagens aqui... vocês acham que elas têm relação com ANSIEDADE?

E.D.V.C: SIM

P: por QUÊ você acha que elas têm...tem algo a ver com ansieDAde...((silêncio)) porque ansiedade... têm algo a ver com...tem a ver com esses sintomas que essas imagens ...ESSAS IMAGENS apresentam ter?

Vários: SIM

P: MUITO BEM..então...você acha... agora... pensando em TUDO que já vimos ...nas imagens...oh..eh... você acha que o texto que nós vamos ler agora... é uma leitura PAUSA PROTOCOLADA...VOCê Acha que esse TEXto... ele vai tratar sobre QUE aSSUNto?

VÁRIOS: sobre ansieDAde.

P: tem alguém que pensa que NÃO... que não vai tratar sobre ansieDADE... ou todos conCORdam...Todos conCORdam?

J.M.B: eu concordo

J.S.C: TOdos concordam

P:ENTÃO... agora eu vou passar pra leiTura do texto TÁ GENTE...OLHA... a cada parte que eu for lendo eu vou PARANDO pra discutir sobre o que eu li tá...?... no decorrer da leitura eu vou parar e interagir com vocês sobre o texto...sobre OS senTIDOS do texto...por isso é MUITO IM-POR-TAN-TE que vocês acompanhem a leitura para compreender melhor o texto.

Neste momento, apresento “a reportagem” a qual foi feito a leitura protocolada, em fragmentos, da forma em que o apresentei em slides e parte das interações com os alunos.

Como posso explicar o que é a ansiedade às pessoas que dizem não perceber?

Ansiedade é um termo geral usado para designar vários distúrbios que causam nervosismo, medo, apreensão e preocupação. Sintomas estes que afetam de maneira diferente os comportamentos e o dia a dia de quem os sofre. A ansiedade é por um lado, uma emoção natural e, por outro, um distúrbio patológico que requer atenção médica. Segundo um estudo do Lisbon Institute of Global Mental Health, 30% dos portugueses sofrem de ansiedade ou depressão.

P: a primeira pergunta...posso fazer::?... de que forma a ansieDADE pode afetar de maneira difeRENte os comportaMENTos e o dia a dia de quem os sofre? aqui o autor disse isso né?...que a ansiedade pode afetar de forma diferente o comportamento e o dia das pessoas que sofrem de ansiedade...do ponto de vista de vocês...de que maneira...eh:::ela pode afetar de maneira diferente?...POR QUE?...EM QUE SENTIDO?

J.M.B : () muito stresSAdo...a gente vai..vai...vai..(vários falam ao mesmo tempo)

P: tiver muito estressado...sim... e será que as pessoas eh:::elas tem reações diferentes?... é isso que tá falando...é difeRENte de um pra outro?

J.M.B: algumas e poucas...

P: e ENTÃO...o autor disse isso que a ansiedade pode afetar de maneira DIFERENCIADA...não atinge da mesma forma ...todas as pessoas...ou seja...o que ele quis dizer com isso?... Que tem pessoas que tem::: sofre ansiedade... tem determinados sintomas...OUTRAS pessoas já podem ter OUTROS sintomas...por isso que ele diz que pode afetar de forma DIFERENTE...você concorda com o autor?

VÁRIOS: SIM:::

P: MUITO BEM...a segunda pergunta que eu fiz...aqui pra vocês...também tem a ver com o que foi dito tá...em que SENTIDO a ansiedade pode ser uma emoção NATURAL?... vocês viram que o autor falou ISSO?... Que a ansiedade pode ser uma EMOÇÃO NATURAL? Você concorda?... Em que sentido pode ser natural e em que sentido ela pode ser um distúrbio patológico?...o que vocês entenderam por isso?...quem gostaria de falar um pouquinho? (falas ao mesmo tempo) bem... seria natural... eh::: no sentido quando as... reações...ou os sintomas não são TÃO GRAVES?...será que seria nesse sentido?...será que as vezes...ter ansiedade em certo ponto pode ser até bom...você::: se preocupar um pouquinho com o que tem que FAZER:::NÉH::: mas no sentido patológico...já seria o quê?... Quando?...quando esses sintomas já não são tão simples... neh::: já vai acontecer talvez sintomas mais fortes...coisas que vai prejudicar o quê?... Hum?...prejudicar A VIDA...O relacionAMENTO...não é ISSO?..

L.C.S: (falas inintendíveis) de ficar BEM preocupado

P: EI-TÁ.. e acontece... isso assim ...de ficar::: nesse ponto...assim de ficar...bem:::bem::: preocupado?

E.D.D: tem algumas pessoas que sofrem bullying...neh: (falas ao mesmo tempo)

P: sim...neh:::MUITO BEM (conversas)...oi GENTE...vamos continuar...eu vou ler mais um fragmento...tá... eu vou ler mais um fragmento...e aí eu faço a pergunta novamente... tá bom?...tá:::

Apesar da ansiedade ser algo que todas as pessoas sintam em algum momento das suas vidas, é algo que afeta cada pessoa de forma diferente, razão pela qual é muito difícil explicá-la a nível pessoal.

P: perceberam?...o que o autor disse aí?...que TODAS as pessoas...em algum momento da vida...já passou...sofre...ou tem sintomas de...

J.M.B: ou passará

P: ou passará:::tá... só que mesmo assim ele diz que é diferente de uma pessoa pra outra...a pergunta que eu fiz agora pra vocês é:::você concorda com o autor..em afirmar:::que TODAS AS pesSOAS em algum momento da vida já sentiram ansiedade?...

J.M.B: SIM:::

P: em que sentido ele afirma isso...SERÁ?

J.M.B: porque isso é bem comum...

P: porque ISSO é bem comum:::neh:::mas...essa tua fala...seria uma ansiedade num sentido mais natural ou num sentido mais... patológico?...

Vários: MAIS NATURAL...

P: ah::: aquele sentido que a ansieDAde...pode ser o quê?... o medo de fazer alguma coisa...um nervosismozinho...em alguns momentos...aí seria uma ANSIEDADE num sentido MAIS NA-TU-RAL...já no sentido mais patológico o que que vocês acham que seria?...

E.B.B: seria mais uma doença...

P: ISSO...já com os sintomas bem mais...GRAVES...FORTES...néh::: então... por que o autor...afirma que é muito difícil explicar a ansiedade a nível pessoal... ele disse aqui néh:::apesar de a maioria das pessoas passarem em algum momento... é MUITO DIFÍCIL explicar pra alguém... a nível de... muito difícil um explicar pro outro...em que sentido vocês entenderam isso?... por que será que ele disse ...diz que é difícil explicar...alguém poderia falar aí o porquê:::... VOCÊS entenderam?...alguém poderia falar aí o porquê...vocês entenderam?...(barulho, vozes de alunos) ((tosse))...quem tava ouvindo poderia responder::: por favor?

J.M.B: (falas incompreensíveis) comu:: se sente...ainda se sente muito mal()

P: porque a pessoa se sente mal em falar?...Ou por que também é diferente de uma pessoa prá...Outra...não é isso?:: às vezes...gente é o que ele quer dizer assim...que prá mim...pode ser de uma forma...e pro outro é diferente....então se eu for explicar....falar pro colega eu sinto isso...isso...o outro já vai dizer...NÃO...mas eu sinto é outra coisa...então é difícil...por QUE:: É DIFERENTE de um para o OU-TRO...tá::continuando...

Se sofre de um transtorno de ansiedade e já tentou explicá-lo a alguém que nunca passou por isso, saberá como é uma tarefa que pode ser difícil. Isso porque a maioria das pessoas automaticamente remetem para as suas próprias experiências de ansiedade, que serão totalmente diferentes das suas. É por isso que é tão difícil que se identifiquem e compreendam as suas experiências.

A melhor forma de esclarecer o que sente é explicar as diferenças entre a ansiedade como emoção natural e como transtorno patológico.

P: ENTÃO... o que o autor disse aqui?...qual é a melhor forma de explicar...ÉH::ESCLARECER o que a pessoa sente...entendendo o que é a ansiedade como uma emoção NATURAL e o que é a ansiedade como um DISTÚRBO PATOLÓGICO...vocês já compreenderam a diferença entre uma e outra?...sim ou não?...compreenDERAM?...TÁ OK.. então vamos passar pro próximo...oh:: agora aqui vem o autor falando::o que é ansiedade como emoção natural...o que é ansiedade como emoção natural...é uma reação normal...

A ansiedade como emoção natural

É uma reação normal que podemos sentir em certos eventos e situações das nossas vidas. A ansiedade é uma maneira que temos de nos proteger. Diante de um perigo aparente, a ansiedade mantém-nos alerta e prepara-nos para defendermo-nos ou fugirmos de uma situação de risco.

P: VIRAM... ISSO É ansiedade como emoção natural...você concorda com o autor quando ele afirma que a ansiedade é uma maneira que temos pra nos proteger?... por que você concorda ou não?... vocês concordam com a fala do autor aqui?

D.S.M: mais ou menos...

M.N.B: MAIS- OU- ME-NOS

P: mais ou menos... porque você acha assim...mais ou menos... que não é totalMENTe?....

M.N.B: porque as pesSOas já estão com Medo

P: AS PESSOAS JÁ ESTÃO COM MEDO... o que mais...?...e aqui como ele explicou olha... que é uma maneira de nos proteger... porque...porque...quando nós sentimos...por exemplo MEDO de alguma coisa a gente já procura evitar aquilo...se nós sentimos...por exemplo...nervosismo prá fazer uma prova...por exemplo aí você já vai fazer o quê?...você já procura estudar mais pra aquela prova...então pro autor...às vezes é bom ter um pouquinho de ansiedade em determinados momentos...prá ele é até uma forma de nos precaVER...de nos proteGER...(muito barulho dos alunos, já inquietos) ...(continuo a leitura)

Até um certo ponto, a ansiedade pode ser bastante útil. Por exemplo, a ansiedade que sente quando está sozinho num parque de estacionamento de noite, permite-o estar alerta e pronto para qualquer perigo que encontrar. A ansiedade que sente quando tem um exame difícil, motiva-o a estudar mais. Estes são dois exemplos do que é considerado a ansiedade natural, algo que todos os seres humanos experimentam.

P: vou ler aqui::: agora...a ansiedade como transtorno patológico...a gente já aprendeu um pouquinho sobre a ansieDAde como a ansiedade mais ou menos natural e vamos falar como é quando ela é como transtorno patológico...que aí já é mais SÉrio os sintomas néh:::vamos OUVIR:::TÁ.... VOU LER

A ansiedade como transtorno patológico

Enquanto a ansiedade como uma emoção natural é algo que acontece em momentos específicos que nos causam algum tipo de nervosismo, os transtornos de ansiedade tendem a ser crônicos e interferem muito com o dia a dia daqueles que os sofrem. O comportamento de evitação, preocupação incessante e problemas de concentração e memória são alguns sintomas de um transtorno de ansiedade. Estes sintomas podem ser tão intensos que provocam dificuldades familiares, laborais e sociais.

P: pensando NISSO gente...eu pergunto a vocês...quais foram os sintomas que o autor citou aqui...sobre a ansiedade como transtorno patológico?

E.G.A: dor de cabeça

P: falou aqui dor de caBEça? Vamos ver lá os sintomas... éh:: comportamentos de evitação...preocupação incessante...e problemas de concen-TRA-ÇÃO... esses são os sintomas em que o autor citou tá...e até memória...você acha...você conhece alguém que possa ter esses transtornos?.. você acha que possa ter?... conhece ou não gente... alguém que você acredita ...ahhh...pode até ser professora que seja isso...néh:: só que você imagina

E.G.A: eu conheci algumas pessoas ...só que eu não sei o nome delas

J.K.S.B: eu conheço

P: BEM...que SINTOMAS assim você observa que essa pessoa tem?

J.K.R.A: ela tá triste

T.M.S: TRISTE

M.R.C.V.P: nervosa

L.C.S: muito ansiosa

P:que mais?...CERTO?... ENTÃO SERÁ... que já não é mais aquela ANSIEdaDE como uma emoção natural NEH::: já pode ser aQUELA ANSIEdaDE mais pro lado de um trans-TOR-NO PATOLÓGICO como o autor cita aqui...

S.S.R: muitas pessoas PODE ATÉ se matar

P: pode até SE MATAR...

(vários falaram ao mesmo tempo) () DEPRESSÃO..

P: depresSÃO...MAS SERÁ se a ansiedade tem a ver com a depressão?

D.S.M: TEM

P: TEM?.. é a mesma coisa?

D.S.M: NÃO...mas tem

P: AH:: MUITO BEM...pode não... não é a mesma coisa...mas...

J.M.B: (trechos confusos) ansiedade pode ser () depressão

P: ansiedade pode ser no início de uma depressão?

J.M.B: SIM

P: uma coisa pode causar a outra né:::BEM....que dificuldades... o autor disse que pessoas que sofrem desses transtornos pode ter problemas em casa... na sociedade...até mesmo no TRA-BA-LHO... QUE PROBLEMAS você acha que essas pessoas podem sofrer?... quem tem transtornos?

J.M.B: BULLYING

P: BULLYING? será se tem tem alguém que sofre bullying por ter ansiedade?

L.R.C.O: as vezes sofre por ser gordinho... magrinha...as vezes sofre muito bullying as vezes...

P: ISSO... e::: ser gordo ou magro será se tem a ver com ansiedade... também?

E.D.D: às vezes sofre por isso

P: sofre por isso né:::

(varios falaram ao mesmo tempo)

P: então gente... prá finalizar.. vocês perceberam?...VIRAM como a ansiedade é algo que:::tem a ver as vezes com o que a gente já sabe mas tem algo a mais... vocês conseGUiram aprender um POUCO mais hoje?... sobre ansieDADE?

VÁRIOS: SIM:::

P: perceberam que a ansiedade as vezes...segundo o autor a ansiedade as vezes até nos faz bem...em algum momento...quando ela é tida como...eh::: a ansiedade só como uma emoção natural... um nervosismozinho...eh::: ficar nervoso ao falar...às vezes até pra estudar...uma preocupação de alguma coisa...mas que...QUANdo ela é tida... já quando ela atrapalha nossas relações...quando ela atrapalha a questão trabalho...quando ela::: atinge até ...o nosso relacionamento...ela já é tida como um transtorno patológico... certo?... e aqui ainda temos o último parágrafo do texto...OLHA...O ÚLTIMO parágrafo.

P: o que foi falado aqui?... QUAL O TIPO de ansiedade que precisa de um acompanhaMENTo MÉdico gente?

L.C.S: A PATOLÓGICA

As consequências de um transtorno de ansiedade podem ser tanto físicas (como palpitações e dores de estômago) como mentais, levando a uma distorção dos pensamentos que se tornam uma fonte de preocupação excessiva e podem levar, mesmo, a mudanças no comportamento. Este tipo de ansiedade requer um acompanhamento médico, com o qual pode ser tratada e controlada¹.

FONTE: ¹<https://www.publico.pt/2016/11/25/sociedade/noticia/saude-mental-piorou-com-a-crise-um-em-cada-tres-portugueses-tem-problemas-1752456> Publicado: 05-09-2018

P: a patológica néh:::mas esse tipo de ansiedade ... precisa desse apoio médico para que seja controlada...qual seria o profissional... qual seria o profissional...médico indicado pra esse acompanhAMENto?

D.S.M: psicólogo

P: psicólogo...QUE mais?

T.M.S: psiquiatra...

P: tá:: pode nos ajudar ...com isso...e que mudanças... que mudanças de comportamento vocês acreditam que uma pessoa que sofre de ansiedade patológica...ela pode aparecer assim?... mudança no comportamento dela...tipo a pessoa é de um tipo e... depois pode agir de outro tipo...o que por exemplo ela pode fazer?

T.M.S: as vezes é uma pessoa normal e pode ficar estresADA..

P: certo... e ela pode agir diferente da forma natural dela ne:::tá gente?

P: Tá GENTE? Vocês conseguiram anotar alguma coisa sobre o que vocês aprenderam sobre ansiedade?

Vários: SIM..

P: TA BOM. Então eu vou anotar aqui...no quadro...uma questão pra vocês escreverem sobre o que vocês aprendERam ta?... vocês vão fazer um texto...um comentário sobre o que aprenderam. De que forma?...vão pensar no que aprendemos com a leitura e diálogo sobre o texto e vai escrever o que você aprendeu.

Observo, neste primeiro momento, que os alunos já conseguem participar, ainda que, minimamente, das interações, e demonstram entender um pouco a respeito do tema. Apesar de, a maioria não ter transparecido, possuir entendimento sobre ansiedade, na atividade diagnóstica realizada inicialmente, agora, com o contato com o texto, que trata do tema, conseguem interagir, inclusive, apresentando possíveis causas para a ansiedade, como alunos que citaram o bullying. Assim, explicitando os conhecimentos enunciativos, que possuem sobre as possíveis causas da ansiedade.

Apesar de não ter sido uma participação ativa, de forma completa, percebo que a leitura fez com que os alunos falassem e participassem um pouco mais dos diálogos sobre ansiedade.

Proporcionar momentos de leitura, oralidade, reflexão linguística e escrita, são objetivos primordiais das ADIs, de acordo com seu idealizador: Moura (2017).

Além do mais, percebo que os alunos trouxeram outros temas, ou subtemas, por meio de suas “vozes sociais”, (Bakhtin, 2011) de modo que, nesse momento o pesquisador precisa estar atento para usá-los como estratégias, para dinamizar outras atividades, visando a uma maior ampliação dos conhecimentos, que por sua vez estão sendo arquitetados. De acordo com Moura⁴, (2023), em encontro de orientação,

ao surgir outros temas, ou subtemas, que aparecem interligados ao tema principal, o professor deve usá-los, como estratégias para a ampliação do tema geral, além de que usará, também, por meio deles a inserção de outros gêneros discursivos, de modo que tais temas, não, necessariamente, sejam dos espaços da sala de aula, mas, de seus espaços sociais, nos quais estejam inseridos.

Isso foi observado, ao surgir por meio das interações os subtemas depressão e o bullying. Ainda é Moura (2017), quem frisa que quanto mais gêneros os alunos conhecerem, mais capacidades terão na forma de agirem, socialmente.

Nesse sentido, é interessante estar atento para não perder a oportunidade de usar esses subtemas como meios de dinamizar as ações didáticas. De certa forma, pequi nesse sentido, visto que apesar de ter inserido o subtema “depressão” nas próximas atividades, por outro lado, não utilizei o subtema bullying, que seria de grande relevância também. Por isso, reafirmo a importância de estar muito atento, nesse sentido.

Após a realização da leitura protocolar, que por sinal foi um pouco difícil, visto que alguns alunos conversavam muito, dificultando assim a interação, sugiro que escrevam um comentário sobre o que aprenderam do texto, para posterior diálogo em uma “*Roda de conversa*”. Faço as devidas orientações sobre o que é um comentário. Ademais, antes da leitura protocolada, os havia orientado a fazerem anotações sobre o tema. Falei da importância de anotarem sobre os assuntos discutidos em aula, para posterior consulta e revisão e para melhor fixação da aprendizagem de qualquer tema em estudo.

⁴ MOURA, H. L. M. **Postulações feitas durante as atividades de orientação de dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede nacional/PROFLETRAS**, em: 20/05/2023.

Dessa forma, começam a escrever sobre a ansiedade. No entanto, alguns conseguem escrever um pouco mais, enquanto outros apresentam muita dificuldade em colocar o que apreenderam da leitura, em forma de escrita. Acredito que, essa maior dificuldade tenha ocorrido pelo fato de estarem muito próximos uns dos outros, facilitando ainda mais, as interações sobre outros assuntos e, com isso, tenham apresentado dificuldades em se concentrarem e, automaticamente, apreenderem os assuntos abordados na interação do texto.

1º CICLO: TERCEIRA ATIVIDADE: Escrita de um Comentário

Apresento, a seguir, algumas escritas dos alunos sobre o que aprenderam sobre a leitura protocolar, sobre ansiedade. Essa escrita, se trata da segunda versão da produção. Após a primeira escrita, sugiro que façam a leitura e a reflexão linguística dos textos, momento em que são levados a pensarem reflexivamente, sobre o que escreveram: faço perguntas sobre o que colocaram nos textos, pergunto aos demais o que acharam da produção um do outro e, em seguida, peço para cada um pensar, criticamente, sobre seu próprio texto. Ler novamente e refletir sobre o que escreveu de modo que se possa falar mais, inclusive, falar de outra forma, de modo mais convincente o que havia sido escrito anteriormente. Fato este, de acordo com Moura (2019) denominado de reflexão linguística. Segundo o autor, com essa dinâmica de repensar sobre o texto, oral ou mesmo escrito para escrever novamente, tem-se a oportunidade de rediscursivizar, ou seja, escrever de outra forma, com mais consistência, e mais relevância. Para o autor, não se trata de refazer o texto, ou reescrever, apenas, mas, sobretudo, de rediscursivizar ou metarreflexivizar.

Eis a segunda versão desta escrita, após leitura e reflexão linguística:

Figura 10- Segunda versão do "comentário" sobre a leitura, de M.N.B.

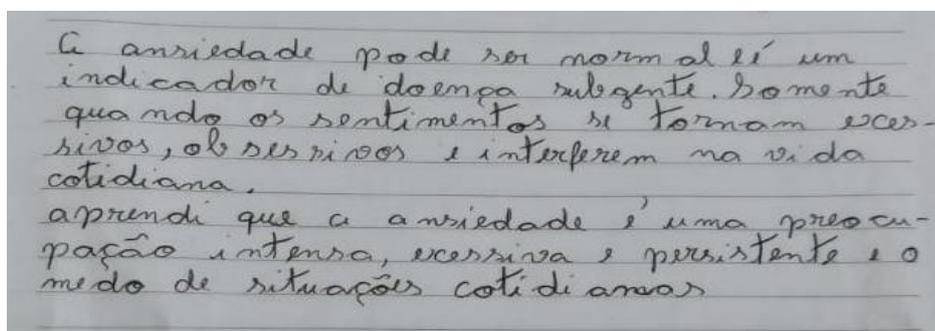


Figura 11- Segunda versão do “comentário” sobre a leitura, de J.K.R.A

“Ansiedade”

Eu aprendi que a ansiedade é uma função absolutamente normal do Psiquico e é responsável por funções importantes na avaliação do ser humano, é um sentimento que mistura insegurança, incerteza, sensação de pressão, medo e preocupação do futuro.

A ansiedade, geralmente, é acompanhada de sintomas, como taquicardia, dificuldade de respirar, pensamentos ruins.

Figura 12- Segunda versão do “comentário” sobre a leitura, de M.R.C.V.P.

Ansiedade

Eu aprendi que a ansiedade é um sentimento que mistura insegurança, incerteza, sensação de pressão, medo, e preocupação com o futuro. A ansiedade seria altamente ligada a dificuldade de lidar com o futuro, a incerteza naquele momento e de pensar nas consequências ou resultados no futuro.

Também é um termo usado para definir um sentimento de preocupação, angústia, incerteza ou desconforto diante de algo desconhecido, estranho ou de uma coisa que pode constituir uma ameaça.

A ansiedade, geralmente, é acompanhada de sintomas físicos como dor no peito, tensão muscular, falta de ar, medo, insônia etc.

Observo que, neste primeiro momento, os alunos ainda apresentam bastante dificuldade em colocar suas ideias no papel. Isso talvez, se deva ao fato de não terem muito o que dizer, visto que após essa primeira leitura sobre o tema, ainda não possuem um arcabouço de informações para se expressarem. No entanto, escreveram, mesmo que, minimamente sobre o que leram e discutiram. E isto, segundo o mentor das ADIs já é importante, “escrever ainda que minimamente sobre o tema”. No entanto, ao compararmos a resposta sobre o que é ansiedade, registrada na “atividade diagnóstica” com esta primeira produção do aluno, percebo que já houve um avanço, considerável, no conhecimento sobre o tema e na forma de se posicionar sobre ele. Ou seja, após a leitura, e a interação, além da reflexão linguística realizada em conjunto oralmente, os alunos já conseguem se posicionar a respeito do que aprenderam, como pode ser observado nas produções acima registradas.

Além disso, puderam refletir criticamente, sobre o que leram ao escrever, já que perguntavam sobre o como escrever e faço isso, orientando-os no

decorrer do processo de escrita, ampliando, assim suas capacidades de rediscursivizar.

1º CICLO: QUARTA ATIVIDADE: Leitura dos Comentários e Roda de Conversa

Após a leitura protocolada, a interação sobre ela e a escrita dos comentários, acho pertinente a realização das leituras, e de uma roda de conversa, para que assim se amplie os conhecimentos sobre o tema e possa se fazer uma reflexão linguística em relação ao que escreveram, já que a proposta de Moura (2017) com as ADIs é que haja um contínuo de atividades que envolvam leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística, de modo que uma complemente a outra.

Após a conclusão da escrita dos comentários, sugiro a leitura das produções e posterior, “roda de conversa” sobre seus próprios textos. No decorrer desses diálogos, que se deu interativamente, instigo-os a refletirem sobre suas próprias escritas, de modo que, a reflexão linguística mais uma vez ocorre, assim, como postula Moura (2019) que a reflexão linguística deve perpassar todas as outras atividades da ação didática.

Nesse momento, enfatizo a importância disso, para a produção, já que um texto está sempre em construção, nunca está pronto e acabado, assim cada aluno pode refletir, criticamente, sobre sua própria produção, antes de escreverem a segunda versão, para serem entregues ao professor, ou seja, puderam refletir linguisticamente sobre o que escreveram, uma vez que, de acordo com Moura (2019), pensar sobre aquilo que se escreveu, já é uma atividade de reflexão linguística.

Nesta atividade, percebo que, apenas alguns alunos realizaram-nas, outros alegaram não ter escrito, além de que, alguns escreveram, mas não realizaram a leitura de seus textos. Creio que este fato ocorreu devido aos alunos ainda não se sentirem seguros para falarem sobre o tema. Ou mesmo para lerem o que escreveram, pois observo que apesar de alguns não realizarem a leitura das produções, no entanto haviam escrito algo. Por algum motivo sentiram-se inseguros para realizarem a sua leitura. Após este diálogo sobre as produções sugiro que pensem, criticamente, sobre sua própria produção e escrevam-nas,

novamente, inserindo mais, repensando sobre a forma de dizer, e em seguida sejam entregues para serem analisadas e arquivadas pelo professor.

1º CICLO: QUINTA ATIVIDADE: Assistência de um vídeo para a ampliação do tema e Roda de Conversa

Na organização da proposta de intervenção, havia planejado um outro texto para dar sequência a este ciclo, visando a ampliação dos conhecimentos sobre o tema, no entanto, percebi que não fluiu como havia imaginado, por isso resolvi mudar a atividade, e ao invés de propor a leitura de outro texto escrito “reportagem” trago um vídeo que trata dos sintomas da ansiedade. Abaixo, trago o link do vídeo; (<https://www.youtube.com/watch?v=zxnmtUFoPQs>).

O vídeo também fazia parte das atividades, planejadas, porém, ocorreria em momento posterior. No entanto, o professor tem essa autonomia em replanejar o que não deu certo, repensar e fazer de forma diferente, sempre visando ao melhor desenvolvimento dos discentes, adequando as atividades de acordo com a realidade de seu público.

Desse modo, antes de projetar o vídeo faço as orientações sobre a importância da concentração e das anotações sobre, em seguida faço a projeção do vídeo em data show. Após o término, promovo um diálogo, uma conversa sobre o assunto abordado por meio de perguntas e interações sobre o que assistiram.

Abaixo seguem imagens do momento de assistência do vídeo.

Figura 13-Imagem da assistência do vídeo



FONTE: imagem do arquivo da pesquisadora do momento da assistência do vídeo em Março/2023.

Figura 14- Imagem da assistência do vídeo



FONTE: imagem do arquivo da pesquisadora do momento da assistência do vídeo em Março/2023.

Abaixo, transcrevo parte deste diálogo interativo, deste momento.

P: então gente...eh:: vamos interagir um pouquinho...sobre o que nós aprendemos hoje com o vídeo do...DR. NEH::que é cardiologista...e especialista em marca-passo...ele é um cardiologista... o que é um médico cardiologista?

J.P.J.A.S: (()) DO CORAÇÃO...

P: do coraÇÃO TAH;; ele é especialista em marca-passo...Aí eu gostaria de perguntar pra vocês... se vocês GOSTARAM... do vídeo? E por que você gostou?... Então gente... EH::vocês gostARAM de:: assistir ao vídeo?

Vários : SIM...

M.J.A: falou.... sobre ansieDAde...falou sobre os sintomas...da ansiedade...

P: por QUE você gostou desse VídeO?

M.N.B: AH:: eu gostei porque explica mais as coisas...(eu já sabia (()) explica as coisas QUE EU NÃO SABIA... eh:::ansiedade...(trechos confusos)..

P: por que assim?...o que mais chamou atenção no vídeo?... por que você gostou?

L.C.S: (()) sintomas psicológicos...ehh:: transtornos (confusos) de ansiedade (()) e físicos...

P: táh:: então que MAIS assim:: por que mais você gostou?... Teve algo de novo que você aprendeu nesse vídeo hoje?

Vários: SIM...

P: O QUÊ por exemplo?

E.G.A: os sintomas...

P: OS SINTOMAS...os sintomas:

J.M.B: físicos.

P: FÍSICOS... você não sabia que tem sintomas FÍSICOS E SINTOMAS...

G.S.F: psicológicos...

P: psicoLÓgicos... MUITO BEM....

P: pra que mesmo que serve um VÍDEO como esse?... você acha que um VÍDEO como esse...ele tem:: que objetivo?

J.M.B: ajudar as pessoas..

P: AJUDAR as pessoas...que mais...

M.N.B: ajudar...eh:: ensinar a gente (())

J.P.J.A.S: para alertar...

T.V.B: passar informações pras pessoas do que é ansiedade... pra ajudar...

P: AJUDAR?... Pra ajudar QUEM?

T.V.B: as pessoas que tem ansieDAde...

P: ENSINAR A GENTE...ensinar... o QUE por exemplo?

L.C.S: a controLAR a ansiedade...

P: o que que ele citou aí que pode... ajudar a controlar A ansieDADE?

E.D.D: remédios.

P: eh:: tem remédios... tem o que mais?

J.M.B: a não tomar remédios...

P: qualQUER REMÉDIO... NÉ?... Deve fazer o quê?... Qual é a dica dele?... han...

M.N.B: consultar um médico...

P: consultar um médico especialista no ASSUNTO...tá bom... gente?...MUITO BEM... olhe hoje eu tô sentindo vocês... mais...interagindo mais sobre a aula né? De acordo com o que viram...então um vídeo desse tem uma intenção...né?...ensinar...repassar...ehh:::qual foi o tema mesmo que foi apresenTAdo AQUI NESTE VÍDEO?

Vários: (())

P: SIM.. QUAL FOI O TEMA?

L.C.S: A ansieDADE....

P: ahh::: ele falou sobre ansiedade...mais especificamente sobre o que mesmo?... sobre os SIN...

ALUNOS: TOMAS...da ansiedade...

P: TANTO...

L.C.S: físicos como psicológicos.

P: MUITO BEM::então...nós conseguimos aprender alguma coisa hoje sobre esse vídeo?... alguém poderia falar um pouco sobre o que você conseguiu?

J.M.B: os sintomas...palpitações...dor no peito...gastro-intestinais...tensão muscular...falta de ar..eh:: INSÔNIA...

P: MUITO BEM...coisas que nós não sabíamos né?::talvez até conhecíamos ALGUNS... mas aprendemos...

VÁRIOS: MAIS::

P: a que tipo de pessoas gente você acha que esse vídeo se dirige?...a que TIPO de pessoas?

M.N.B: as pessoas ansiosas...

P: mas soMENte as pessoas ansiosas?

Vários: NÃO...

J.M.B: NÃO.. muitos outros podem passar pela mesma coisa...

P: isso...então ele é um vídeo que se DIRIGE a...

Vários; A TODOS...

P: a todos... não é isso?... porque talvez você não tenha um problema...mas conheça algum que...

Vários: QUE TENHA...

D.S.M: EU..

P: que tenha...MUITO BEM...EH:: você se identificOU com o vídeo? alguém aqui se identificou com o vídeo?... eh:: gostou?

Vários: ((trechos confusos))

L.C.S: SIM...os sintomas de medo...() são inseguros...muitas coisas pessoais..(tem até UM que tem)...tem éh o medo..são inseguros de muitas coisas...

M.J.A: Só que a senhora ainda não falou por que... por que as pessoas têm ansiedade?..ele falou no vídeo...

P: AH TAH:: por que as pessoas têm ansiedade?...MUITO BEM.. uma boa pergunta... pode FALAR...

M.J.A: ANSIEDADE...ele falou que () é por causa da pressão do dia a dia..MUITA PRESSÃO...pra minha pessoa ...o que eu vejo...é tipo:: por causa de trauma::até mesmo assim no trabalho..() não dá certo..não tá certo... aí a pessoa fica lá... não tá certo...tem que fazer melhor...aí a pessoa () ansiedade...transtorno...DEPRESSÃO ATÉ...

P: OLHA SÓ... a depressão é outro tema...né?... que tem um pouco a ver... você acha que a depressão tem a ver com a ansiedade?

M.J.A: SIM... COM CERTEZA...

P: MUITO BEM... é interessante será que... a gente possa... eu possa trazer pra vocês também algo relacionado a depressão até pra que a gente conheça um pouco mais sobre a depressão?...possa até diferenciar neh:: saber o que é ansieDAde?... o que é depresSÃO?...a diferença de UMA pra OUtra...que muitas das vezes até confunde a cabeça neh:: eh:::gostei de sua participação...eh imporTANte mesmo...na verdade não só a dela...vocês estão participativos...estão MAIS atentos...isso é muito bom..percebi que anoTaram...e isso também e ...ISSO tambÉM é coisa muito importante...em qualquer aula..gente...não é soMENTE aqui nas aulas de Língua PortuGUEsa...as anotações...elas têm que fazer parte do nosso dia a dia de aula...nós precisamos aprender isso...que às vezes a gente só OUVE...ouve...ouve...e nós não temos um gravadorzinho aqui...por mais que a gente possa aprender mesmo sem...eh:::sem tá escrevendo...mas quando você escreve...quando você lê novamente...você aprende muito mais...você vai ter informações escritas...vai ajudar vocês a..entenderem melhor...ehh::: é informação que eu quero ir ampliando aos poucos com vocês...esse VídeO falou um pouco mais de que o texto...a intenção é essa...não tem como falar tudo em uma única aula...mas que a CADA aula...a cada necessidade...a CAdA TEMA que for surgindo...nós vamos o QUÊ...trazendo MAIS informações... lendo mais.. discutindo mais e aprendendo mais ...a intenção é essa tá:: então é importante isso aí..sobre o porquê... vocês já tem uma ideia...isso é muito bom...mas a gente vai tá discutindo um pouco mais do PORQUÊ as pessoas adquirem...né:: essa ansiedade?

P: MUITO BEM.. alguém mais... se identificou com o vídeo?...gostaria de falar um pouquinho..professora eu me identifiquei..em tal sentido.. por isso e isso...SIM GENTE..NÃO? TA OK ENTÃO...muito obrigada pela participação de vocês que está sendo MUITO importante por sinal...

M.J.A: EU PROFESSORA...eu me identifiquei com OS SINTOMAS..porque eu mesma já tinha sentido... preocupação...eu não me concentrava...tirei até notas vermelhas em Língua Portuguesa...

P: TA VENDENDO?

J.P.J.A.S: eu.. porque EU TENHO ansieDADE. (()) falta de ar...

P: muito bem...aí eu pergunto...tu já fez alguma coisa...já procurou algum::: já conversou com seus pais... já procurou algum::: especialista?

J.P.J.A.S: NÃO.

P: mas estamos conhecendo um pouco mais...estamos tendo as informações...qual é a dica que ele DÁ aqui no vídeo dele?

VÁRIOS: procurar UM PROFISSIONAL...

P: procurar UM profissional:::NÃO É? Porque somente um profissional vai poder nos...ajudar da melhor forma...aqui a gente tá tendo a informação de que profissional pode nos ajudar.... qualquer pessoa que possua ansiedade pode ser ajudada e ter uma vida melhor com acompanhamento...isso é importante... então já temos informações do que fazer...se você tem algum PROBLEMA...a dica é o quê...procurar conversar com os pais...procurar informar também...procurar um profissional que possa lhe ajudar...CERTO? ÉH:: MAIS ALGUMA PERGUNTA...mais alguma contribuição....em relação AO VÍDEO?

M.N.B: eu tenho uma pergunta a fazer...((muito barulho)) mas é..é que eu tenho um parente...ele desconfia (()) ansiedade...mas ansiedade que depressão...só que aí..toda vez ele se tremia...ficava se tremendo::até que um dia esgotou ele e ele acabou se suicidando...aí a maioria...((trechos confusos)) a ansiedade é mais a depressão e o::: depois da depressão vem o suicídio...(()) preocupação...muitas coisas...aí fica a pergunta...ansiedade ajuda...(())

P: HUM... POIS BEM? se pode contribuir para o suicídio? SIM:::PODE SIM...desde que não seja... qual o entendimento que vocês tem gente... antes que eu responda.. o que vocês acharam do que ela disse aí?... você acha que a ansiedade contribui para o suiCÍDIO?... olhe um tema aí interesSANte...

R.F.P.S: SIM...

J..P.J.A.S: sim professora...

P: por que você ACHA que sim? ((falas baixas)) GENTE...COMO NÓS VIMOS...tanto pelo vídeo quanto pelo conhecimento que nós vimos também lá do texto...da nossa discussão...o que que se diz? ...primeiro a ansiedade... ela tem tanto os sintomas emocionais quanto os sintomas patoLÓgicos...ou seja ela começa de man-si-nho ali mas quando vai ficando patológicos já é algo que já precisa da ajuda de um PROFISSIONAL...e o que acontece? ...muitas das vezes a gente não procura::: néh:: a gente não procura essa ajuda...e com o

tempo o quadro... se a gente não procura um profissional...a tendência é ir se agravando a CADA DIA...() o que vocês acham de ser solicitado a presença de alguém pra fazer uma palestra mais informativa... de um psicÓLOGO? Um profissional que entenda melhor sobre o assunto pra conversar com vocês... também vou providenciar umas aulas sobre depresSÃO para que possamos aprofundar MAIS sobre o assunto, CERTO?

Pude observar maior interação dos alunos em relação ao vídeo. Diferentemente do que ocorreu na leitura protocolada, houve maior concentração ao assisti-lo e em relação às interações, ficou perceptível a evolução dos discentes ao oralizarem sobre o que viram. Fato este, que também confirma o que Moura (2017), afirma em relação ao ato de rediscursivizar, de modo que, para o autor, o fato de terem assistido ao vídeo, obtiveram mais informações sobre o tema, permitindo-lhes maior autonomia discursiva com o ato da oralidade. A proposta das ADIs, é, justamente essa: promover atividades que envolvam os quatro eixos, de forma inter-relacionadas, pois, dessa forma, ocorre a ampliação, gradativa das habilidades de ler, escrever, oralizar e refletir sobre os atos linguísticos. Nesse sentido, ocorre a ampliação das capacidades linguístico-discursivas do sujeito. Moura (2023) em encontro de orientação explicita que, se as ADIs forem trabalhadas constantemente, o sujeito, automaticamente, se torna mais autônomo, interventivo e reflexivo no seu ato de dizer.

Nesse sentido, a partir das descrições de parte das interações, fica perceptível a participação mais efetiva/e/ou interventiva dos discentes. Gradativamente, estão participando mais nas interações, embora não sejam todos que participam, efetivamente, no entanto, o importante é que lhes foi proporcionado este momento de oralização para que falem, ouçam o que os outros falam também. Desta forma, haja uma ampliação nos conhecimentos tanto dos que participam oralizando quanto dos que ouvem de modo mais passivos, já que fazem parte do processo interativo, mesmo que de forma menos ativa. Bakhtin, (2016. p.25), faz referência a um tipo de “responsividade silenciosa”, ou uma compreensão responsiva de efeito retardado, “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte”. Assim, compreendo que se possa estar relacionada a este fato, ou seja, ao ato de, muitas vezes a responsividade não

se dar logo após o ato de interação. Além de que o teórico russo também fala, nesse sentido, de uma responsividade em maior ou menor grau “. A esse respeito Bakhtin (2016) afirma que, embora o grau desse ativismo seja bastante diverso, “toda compreensão é prenhe de resposta”.

Durante o momento de interação sobre o vídeo do Dr. Roberto Yano percebo que os alunos estão mais responsivos no ato de dizer, de acordo com o que nos orienta Bakhtin, (2016). Assim, foi trazido pelos alunos, outros temas (vozes sociais) durante as interações, como a ansiedade, reflexões acerca das diferenças entre ansiedade e depressão, se a ansiedade teria a ver com a depressão, e até mesmo o tema suicídio. Observo também uma atitude responsiva no comentário da aluna M.J.A., ao fazer o seguinte questionamento (durante as interações), após assistir ao vídeo do Dr. Roberto Yano: “só que a senhora ainda não falou por que...por que... as pessoas têm ansiedade?”...ele falou no vídeo...

Abaixo, neste trecho, também fica claro a atitude responsiva da aluna sendo colocada em prática, ao avaliar o que o médico falou e dizer o que ela pensa, o que acha. Percebo que aparece outras vozes, no discurso dela. De acordo com Bakhtin (2016) “vozes sociais”, nos interdiscursos, ao falar que “é por causa de traumas”.

M.J.A: ANSIEDADE...ele falou que (()) é por causa da pressão do dia a dia..MUITa presSÃO...pra minha pessoa ...o que eu vejo...é tipo:: por causa de trauma::até mesmo assim no trabalho..(()) não dá certo..não tá certo... aí a pessoa fica lá... não tá certo...tem que fazer melhor...aí a pessoa(()) ansiedade...transtorno...DEPRESSÃO ATÉ...

P: OLHA SÓ... a depressão é outro tema...né?... que tem um pouco a ver... você acha que a depressão tem a ver com a ansiedade?

M.J.A: SIM... COM cerTEZA...

Além disso, outros alunos também se identificam com o vídeo, afirmando que sofrem de ansiedade, sendo responsivos em admitir e compreender que é importante saber o que fazer para melhorar, ou mesmo a quem pedir ajuda, nesse caso.

1º CICLO: SEXTA ATIVIDADE: Escrita de um Comentário

Para finalizar esta atividade, solicito que escrevam um comentário sobre o que aprenderam sobre o vídeo em que assistiram e sobre a interação oral

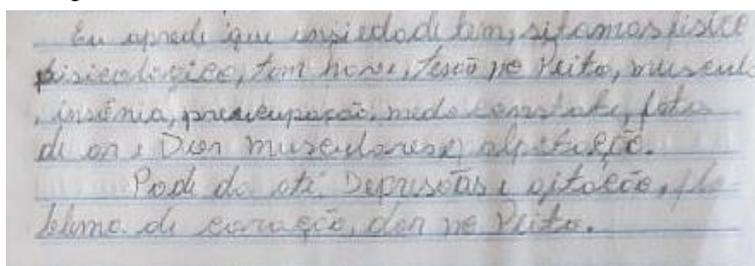
sobre o vídeo. Embora tenha percebido uma interação oral mais livre, com maior participação, no momento da escrita, os discentes se dispersam e começam a sair da sala, não se sentindo seguros com o ato de escrever. No entanto, alguns realizam a escrita de seus textos e entregam-nos ao professor.

Durante a produção, alguns perguntam sobre quantidade de linhas, se está ficando adequado o que estão escrevendo e aproveito do momento para fazê-los refletir sobre o ato de escrever. Peço para reler o que escrevem para checar se ainda há algo a dizer. Também esclareço que não importa a quantidade, mas sim o quanto conseguem compreender e falar do tema em estudo. Assim o momento é propício para a reflexão linguística, visto que ao relerem seus próprios textos refletem sobre o ato do dizer, sobre o que já escreveram e, automaticamente sobre o que ainda falta escrever.

Assim, mais uma vez, se dá o processo de rediscursivização, a que se refere Moura (2017), quando afirma que todo texto tem sempre algo a ser acrescentado, e ao refletir sobre o que se escreve sempre vai se ter mais a dizer, dizer de outra forma, acrescentando ou refutando, concordando ou discordando, porém, sempre visando dizer mais ou dizer melhor. Isto é pensar reflexivamente e agir metadiscursivamente, de acordo com o idealizador desta proposta didática.

A seguir, apresento produções de três alunos, referente a primeira versão, sobre o vídeo do Dr. Roberto Yano.

Figura 15-Primeira escrita de comentário sobre o vídeo: E.L.C.



Abaixo, segue o texto da figura 15 (texto acima), digitado na íntegra para melhor visualização:

Eu aprendi que ansiedade tem, sintomas físico psicológico, tem have tensão no peito, muscula, insônia, preocupação, medo constante, fata de are dor musculares e palpitação.

Pode da até depressão e agitação. Problema de coração, dor no peito.

Figura 16-Primeira escrita de comentário sobre o vídeo: M.N.B.

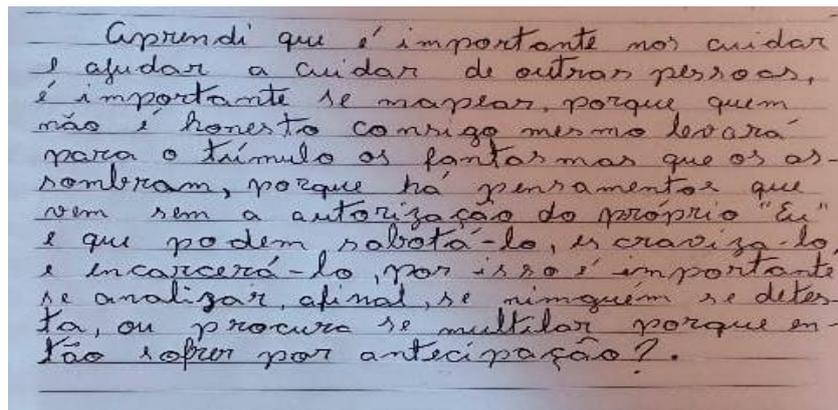
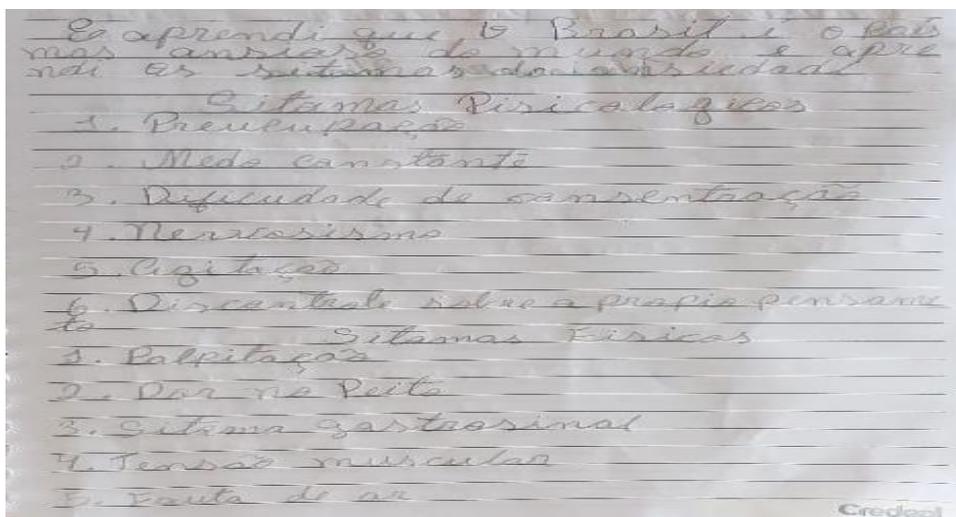


Figura 17-Primeira escrita de comentário sobre o vídeo de T.V.B.



Abaixo, segue o texto da figura 17, digitado para melhor compreensão:

Eu aprendi que o Brasil é o país mais ansioso do mundo e aprendi os sintomas da ansiedade

Sintomas Psicológicos

- 1- Preocupação
- 2- Medo constante
- 3- Dificuldade de concentração
- 4- Nervosismo
- 5- Agitação
- 6- Descontrole sobre o próprio pensameto

Sitomas Físicos

- 1- Palpitação
- 2- Dor no peito
- 3- Sitoma gastrosinial
- 4- Tensão muscular
- 5- Fauta de ar

De modo geral, observo que os alunos escreveram pouco sobre o vídeo, no entanto, foi lhes dado a oportunidade de posicionar-se em relação ao tema. O fato de não ter ainda muitas leituras, talvez tenha dificultado essa escrita. O aluno E.L.C. falou sobre o que entendeu sobre ansiedade e enumerou sintomas, assim como a aluna T.V.B, que colocou um dado que lhe chamou a atenção “que o Brasil é o país mais ansioso do mundo e enumerou os sintomas da ansiedade abordados no vídeo. Por outro lado, a produção da M.N.B. foi a que mais me chamou a atenção, pela forma em que apresentou as informações. Ela não se conteve em falar somente sobre o que aprendeu com o vídeo, mas apresentou outras informações relacionadas a ansiedade. Outras vozes, “vozes sociais” de acordo com Bakhtin (2016). Em seu texto, ela fala sobre a importância de se “mapear”, sobre “os fantasmas que os assombram”, sobre “pensamentos que vêm sem a autorização do próprio eu”.

Observei, no decorrer de outros encontros que esta aluna tinha prática de ler autores que tratam sobre o tema em estudo, como ela mesma citou em algum momento, Augusto Cury, e alguns livros que já havia lido tanto deste, quanto de outros autores. Daí, fica compreendido o motivo de a aluna ser tão responsiva em seus dizeres.

1º CICLO: SÉTIMA ATIVIDADE: Leitura Reflexão linguística e Roda de conversa sobre os Comentários

Então, neste momento, sugiro a leitura das produções para as intervenções/reflexões linguísticas. Explico que seremos analistas dos textos uns dos outros, de modo que a cada três alunos que leem faço as intervenções, comento sobre os textos, sugiro formas de como melhorá-los, visando sempre a uma ampliação das informações, e até mesmo uma melhor forma de dizer o que está sendo informado.

A seguir transcrevo parte desta interação:

P: ÉH:: enTÃO GENte...a partir de agora vamos iniciar tah:: a nossa roda de conversa... sobre a escrita que vocês fizeram.. sobre o que vocês aprenderam eh:: a partir do vídeo...néh:: que assistimos do Dr. Roberto Yano... CERto? Então a partir de agora vamos iniciar a leitura...e a nossa refleXÃO linGUÍStica a resPEITO...ou seja...a medida que cada um for lendo...vamos ouvindo e depois no final a gente pode fazer nossa reflexão..nossa contribuiÇÃO...falar o que você

acha que o TEXTO do colega poderia ter...que deixou... que esqueceu..e ATÉ MESMO refletir sobre seu PRÓprio ...sobre seu próprio texto que você escreveu...que possa ser que ele não esteja néh:: tão completo e você queira refazer alguma coisa...CERTO GENTE? então vamos iniciar:::(achei por bem deixar a critério de quem iniciaria)...

Após a leitura dos três textos faço as intervenções:

P: pensando nos três textos aí ...o que vocês acharam?

J.M.B: BÃO

M.N.B: o da J.K.S.B. falta mais..

P: o da J.K.S.B da pra INSERIR MAIS COISA ...tu já percebeu isso também J.K.S.B? Que oh::: o vídeo tinha muita informação néh::: então tu já vai repensando pra ver de que forma a gente pode melhorar... falar MAIS e::: também o de quem?

J.K.R.A: O do D...

P: O DO D. NEH:::falta também alguma coisa?

E.D.V.C: falta

P: VOCÊ MESMO já percebeu...E.D.V.C? precisa inserir mais alguma COISA NÉH::: mas o pouco que você já escreveu...já é alguma imporTANTE...mas precisa repensar...ver de que forma dá pra inserir mais informações no texto néh::: que um texto...o vídeo foi bem rico por sinal...com muitas informações...CERTO? o da J.K.R.A. O que vocês acharam?

E.D.D: BACANA...

E.G.A: ele tá MAIS LEGAL...

P: tu acha que ele ficou MAIS legal por quê?

E.G.A: porque teve muita...muita coisa lá...

P: teve MUITO MAIS O QUÊ?

M.N.B: INFORMAÇÃO...

P: mais informaÇÕES.. MUITO BEM...teve mais informações... ela conseguiu apreender mais...mas será se ainda falta ALGUMA COISA no dela?... se ela pensar...reler...será se ainda fal... tu acha J.M.B. que ainda faltou alguma coisinha?

J.M.B: SIM...

P: OH::: essa é a importância gente...porque ela mesma JÁ está observando néh::: aí olha eu... posso ter deixado de colocar tal coisa alí que eu estou vendo

que... seria importante... TA BOM? Então já vamos pensando que já vai servir pra nossa RE-FLE:: JÁ É A NOSsa REFLEXÃO pra depois a gente poder DIZER... mais...TA BOM?...ENTÃO o PRÓximo gente..

Após a leitura de mais outros três textos, volto a interagir, novamente sobre:

P: MUITO BEM:::E ENTÃO... vamos fazer os comentários sobre os textos? O que vocês ACHARAM GENTE...DOS TEXTos...dos colegas?

E.G.A: LEGAL

L.M.F: BACANA

P: conseGUIRAM colocar bastante informação sobre o Vídeo? Conseguiram colocar bastante informação... mas o que vocês ACHAM? Será se ainda...se eles quiserem reler e repensar...tem como inseRIR mais alguma coisa agora vendo também...relembrando assim sobre o VÍDEO?

Vários: TEM

P: NÉH::: um texto ele está sempre pronto?... Como é que eu ensinei pra VOCÊS? Um texto NUNCA ele está PRONto E acaBADO...ELE SEMpre tem algo a ser ME-LHO-RA-DO...DESDE QUE VOCÊ QUIERA...olhar... pensar...reler...você vai ter mais informação... eh:: com certeza você vai ter mais coisa pra dizer néh:: porque um texto...a escrita ela é dessa forma que ocorre...ESSA reflexão que está aconteCENdo ...esse diálogo...essa conversa...já vai servir o quê?... Pra você repensar e::: lembrar de mais alguma coisa e falar mais sobre o assunto...CERTo?... mais ALGUM comentário sobre os textos?... Mas os colegas conseguiram néh:: falar um pouco mais sobre o que assistiram...isso é MUITO importante...TÁ::: cada um já vai repensar o seu PRÓPRIO texto...

Após a leitura do texto da M.N.B. faço, novamente a interação a respeito.

P: o que VOCÊS acharam do texto?

G.S.F: EU GOSTEI...

VÁRIOS: MUITO BOM

E.D.D: eu também gostei

J.M.B: TOP

P: vocês acharam top? Ah eu quero saber por QUE vocês acharam tão top?

J.M,B: PORQUE ELA expliCOU O PASso A PASso

P: o passo a passo...você poderia explicar melhor esse passo a passo?

L.M.F: falou sobre OS FANTASMAS

P: falou sobre os fantasmas...e o que MAIS GENTE? O que seriam esses fantasmas? O que vocês entenderam por esses fantasmas?

J.M.B: ((barulhos)) o passado ruim

P: fanTASMAS seriam esse pasSADO RUIM?

M.N.B: as coisas que a gente (barulho de um objeto caindo) sente...

J.M.B: ou então que tá (()) no passado

P: E ENTÃO... vocês perceberam algo de diferente no texto dela?...de diferente dos outros?

Vários: SIM

P: que diferença foi essa?...o que vocês acharam...

E.G.A: não sei explicar

P: ISSO.. mas é bom... não sabe explicar mas sabe que tem ALGO DE difeRENTE... ela...ela gente já conseguiu falar não somente do que tava sendo falado...ela já usou o QUÊ? O conhecimento dela...SUA OPINIÃO... aí.. vocês sabiam?... É um pouco parecido com o texto que vocês vão fazer lá::: no final do projeto... isso é importante ...JÁ IR SE posicioNANDO...SOBRE O asSUNTO...SOBRE O TEMA... também falando sobre o que você entende...ela não somente colocou o que estava lá...ela já começou a se PO-SI-CIO-NAR... falar um pouco do que ela entende... POR QUE SERÁ que ela conseGUIU IR MAIS ALÉM?... Você poderia falar M.N.B.?

J.K.R.A: internet

P: NÃO... SERÁ se foi a internet?... Deixa ela falar pra gente... você poderia falar pra gente COMO você entendeu.... como...você consegue entender a ansiedade dessa forma como você se posicionou?

M.N.B: Porque eu já li LIVROS sobre esse assunto

P: JÁ LEU LIVROS?

M.N.B: JÁ.

P: muitos livros?

M.N.B: alguns

P: alguns livros?... Você poderia falar um pouquinho sobre esses livros?... Quem é esse autor que fala sobre esse assunto M.N.B.?

M.N.B: AUGUSTO CURY

P: Augusto Cury... alguém mais já leu Augusto Cury?

ALUNO: EU JÁ LI..

P: JÁ??... GOSTOU?... Ele trata desse assunto?... Olha gente que legal...(eu gosto muito de Augusto Cury) tá mas... então Augusto Cury...ELA DISSE QUE TRATA DESSE ASSUNTO... tu lembra o nome de algum livro que você já leu dele?

M.N.B: eu lembro... eu tenho “ansiedade O MAL do século”... eu já li esse livro..foi o primeiro livro que eu li desse autor... e tenho também o “Prisioneiros da mente”....também de “Augusto Cury”...que tem a participação de outro psiquiatra Marcos(()).

P: que legal... a gente poderia ...que tal...o que vocês acham de::: em algum momento aí a gente tá dando a oportunidade pra M.N.B?... ALGUÉM MAIS JÁ LEU OU NÃO?

J.M.B: NÃO

P: vocês gostariam DE OUVIR ela falar um pouco mais sobre O LIVRO NOUTRO MOMENTO...é claro?

Vários: SIM

P: olha...QUE LEGAL...ENTÃO M.N.B você poderia pensar sobre isso? já vai fazer parte TAMBÉM do projeto... UM MOMENTO..JÁ VOU TÁ INSERINDO... a M.N.B vai poder falar um pouco sobre o que ela já leu igual ela está falando aí... um pouquinho sobre o que ela já leu sobre os livros...até pra vocês conhecerem um pouco mais sobre os livros...quem sabe até passar a ler o livro também...a ler o autor néh::: que trata sobre esse assunto...mais alguma coisa que você gostaria de falar?

M.N.B: eu vou começar a ler OUTRO LIVRO do augusto CURY...O Armadilhas da Mente...

P: mais alguma coisa que você gostaria de falar pra seus colegas?

M.N.B: sobre a parte de se analisar...existe uma TÉCNICA que ela é muito importante pra gente se analisar...a técnica do DCD...que é duvidar... criticar e decidir...tipo de uma atitude nossa que a gente vai duvidar ela...criticar se aquela atitude tava certa e decidir...tipo SERÁ se eu fiz CERTO?... será se não fiz certo?

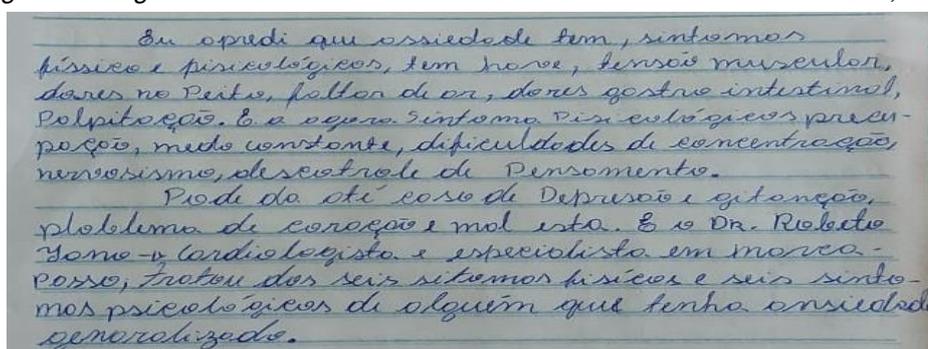
Nesta atividade, nem todos os alunos quiseram ler suas produções, embora a maioria tenha escrito, não se sentiram à vontade para ler. No entanto, fotografei estas produções iniciais e após este momento de reflexão linguística

sugiro que as reescrevam para serem entregues, para posterior análise do pesquisador.

Ao final desta atividade, observo que foi dada a oportunidade de os alunos desenvolverem suas oralidades com esse momento de interação sobre as produções dos outros e sobre as próprias produções. Momento esse, segundo Moura (2017), de grande importância para ampliar os conhecimentos, e, sobretudo, para dizer de outra forma o que foi oralizado/e/ou escrito. “Pensar sobre os próprios discursos, para em seguida, reconstruí-los é, pois, um processo de rediscursivização”.

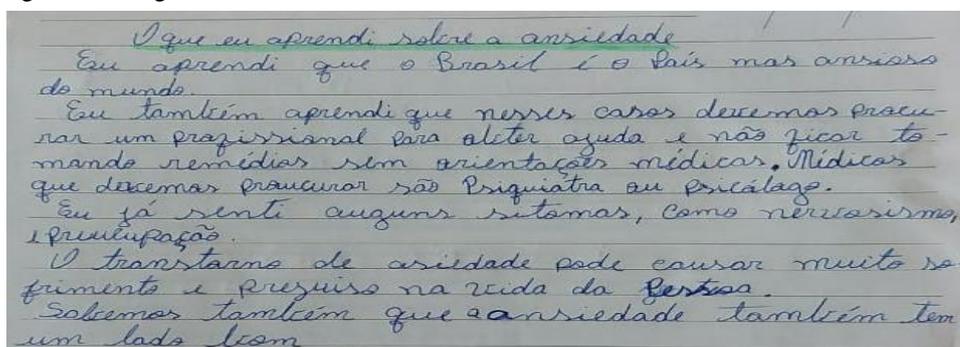
Apresento a escrita da segunda versão dos comentários dos alunos abaixo:

Figura 18-Segunda versão do comentário sobre o vídeo do Dr. Roberto Yano, de E.L.C.



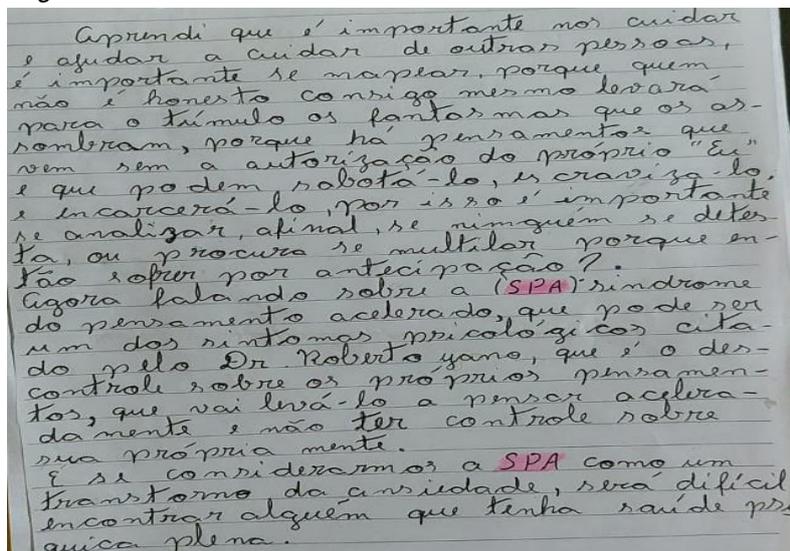
Eu aprendi que ansiedade tem, sintomas físicos e psicológicos, tem nervo, tensão muscular, dores no peito, falta de ar, dores gástricas intestinais, palpitações. É a mesma sintoma psicológicos, preocupação, medo constante, dificuldades de concentração, nervosismo, descontrolo de Pensamento.
 Pode de até caso de Depressão e ansiedade, problema de coração e mal esta. É o Dr. Roberto Yano - cardiologista e especialista em coração. Tratou dos seis sintomas físicos e seis sintomas psicológicos de alguém que tenha ansiedade generalizada.

Figura 19-Segunda versão do comentário sobre o vídeo do Dr. Roberto Yano, de T.V.B.



O que eu aprendi sobre a ansiedade
 Eu aprendi que o Brasil é o País mas ansiosos do mundo.
 Eu também aprendi que nesses casos devemos procurar um profissional para obter ajuda e não ficar tomando remédios sem orientações médicas. Médicos que devemos procurar são Psiquiatra ou Psicólogo.
 Eu já senti alguns sintomas, como nervosismo, e preocupação.
 O transtorno de ansiedade pode causar muito sofrimento e prejuízo na vida da pessoa.
 Sabemos também que a ansiedade também tem um lado bom.

Figura 20-Segunda versão do comentário sobre o vídeo do Dr. Roberto Yano, de M.N.B.



Aprendi que é importante nos cuidar e ajudar a cuidar de outras pessoas, é importante se mapear, porque quem não é honesto consigo mesmo levava para o estímulo os fantasmas que os assombram, porque há pensamentos que vem sem a autorização do próprio "Eu" e que podem robota-lo, is craviza-lo, e encarcerá-lo, por isso é importante se analisar, afinal, se ninguém se deteta, ou procura se mutilar porque então sofrer por antecipação?
 Agora falando sobre a (SPA) síndrome do pensamento acelerado, que pode ser um dos sintomas psicológicos citados pelo Dr. Roberto Yano, que é o descontrolo sobre os próprios pensamentos, que vai levá-lo a pensar aceleradamente e não ter controle sobre sua própria mente.
 E se considerarmos a SPA como um transtorno da ansiedade, será difícil encontrar alguém que tenha saúde psíquica plena.

Após a roda de conversa sobre as produções, solicito que escrevam, novamente seus comentários, uma segunda versão, como foram orientados previamente, e esclarecidos, da importância deste momento, para a ampliação dos conhecimentos e com o objetivo de dizer mais sobre o tema, dizer melhor. Durante os diálogos enfatizo sobre a importância de repensar sobre o que escreve, já que um texto é sempre um processo, está em constante construção, não é algo pronto ou acabado. Percebo que durante a interação na “Roda de Conversa” os alunos puderam ampliar também seus conhecimentos à medida que falam em algo diferente nos textos, levo a pensarem sobre esse algo, questiono-os e faço comentários a respeito.

Um exemplo disso, ocorre após a leitura do texto da aluna M.N.B, a qual trouxe outras vozes para sua produção, e quando outro aluno comentou que gostou do texto dela porque ela disse mais coisas, usei a situação para que ela falasse mais sobre o porquê de ter conseguido escrever mais, de modo que ela falou sobre os livros que já havia lido e de seus respectivos autores. A meu ver um momento de enorme crescimento tanto para aluna quanto aos demais, haja vista que, obtiveram mais informações para o momento da escrita, da segunda versão de seus textos.

Observo que em todas as três produções, analisadas ocorrem a rediscursivização, o aluno consegue dizer mais, escrever com mais relevância, ou seja, reflete linguisticamente, sobre o que escreve. Na segunda versão de E.M.J. ele até relaciona o autor do vídeo, “Dr. Roberto Yano”. Fala com mais consistência, assim como a aluna T.V.B., que na versão anterior organiza seu texto em itens ao citar os sintomas da ansiedade, agora o texto recebe outro estilo: está organizado em parágrafos. A produção de M.N.B. também recebe mais informações, além do que já tinha. Organiza melhor as ideias e cita algumas siglas esclarecendo o sentido de cada uma.

Nesse sentido, observo também, que apesar de a primeira versão da escrita ter sido entregue apenas por nove alunos da turma, em relação a segunda, houve um aumento desta quantidade já que quatorze alunos escreveram esta segunda versão. Talvez isso tenha ocorrido pelo fato de estarem inseguros em relação ao que dizer. No entanto, ao ouvir seus colegas lendo e discutindo o que tinha escrito sentiram -se mais seguros e fizeram também seus comentários escritos sobre o vídeo.

2º CICLO: AMPLIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS SOBRE O TEMA/SUBTEMAS PARA MELHOR DIZER

PRIMEIRA ATIVIDADE: Assistência de um videoclipe sobre ansiedade e depressão e interação oral

Para ampliação dos conhecimentos sobre o tema ansiedade e para abranger um pouco a respeito dos subtemas trazidos pelos sujeitos participantes nos momentos de interações orais, sobre “depressão e suicídio” levo um clipe do cantor *Thiago Iorc* com o título “*Desconstrução*” (<https://www.youtube.com/watch?v=UXTYErYEXsk&pp=ygUaZGVzY29uc3RydCOnw6NvIHRpYWdvlGlvcmM%3D>). Coloco em data show para assistirmos e após isso, promovo diálogo a respeito da letra da música, assim como das imagens do clipe. Na verdade, uma leitura mais profunda da música.

Figura 21-Imagem de assistência do videoclipe



Fonte: Imagem do arquivo da pesquisadora do momento de assistência do videoclipe. Março/2023.

Na sequência, transcrevo parte deste momento de interação e oralidade com os alunos:

P: ENTÃO...vamos conversar um pouquinho sobre o vídeo...sobre a música que nós acabamos de ouvir?...vamos conversar um pouco...

J. M.B: ela era só uma menina solitária...((barulhos)) ansiedade....

P: ela tinha ansiedade ...você acha?

L.C.S. e MUITO... fala...a sua depressão...

P: hum::: era bem PESADO o que ela sentia néh:::á ele já cita a depressão como se fosse já a doença néh::: tá vendo aí? Como vocês obserVArAm.. MAS...SE nós penSARMOS NO TEMA DA MÚsica...trata justamente sobre o quê?

E.G.A. ANSIEDADE

P: ansiedade...éh::: pra que será que um vídeo desse foi criado?...um texto... TODO TEXTO a gente cria com uma intenção... O VídeO não deixa de ser um

texto também... então o autor teve uma intenção...qual foi?...ao criar um Vídeo como esse?

J.M.B.: para ajudar...

P: PARA AJUDAR...ajudar quem?

E.G.A. as pessoa

Vários: as pessoa

P: AS PESSOAS QUE...SOFRE DO PROBLEMA...muito bem...só quem sofre do problema?

E.G.A: de depressão...ansiedade...(())

P: MUITO BEM.. mas também pra fazer as pessoas...pensarem...refletirem néh...SOBRE os problemas que a ansiedade causam néh::ehh...ao assistir ...percebemos claro...que se trata desse tema...que situações...que coisas...nós podemos dizer...o que será que causou...ajudou a CAUSAR essa ansiedade nela?

J.M.B. porque nem a própria mãe dela (())

L.C.S: A SOLIDÃO...

P: ela vivia só...

L.C.S: falta de atenção

D.S.M: falta de carinho e o celular...

P: HUM...

D.S.M: EU SOU (()) quando o celular descarrega eu fico puto da vida...

P: O QUE QUE ELA FAZIA... quando ela se sentia TÃO SÓ...QUAL É O CAMINHO...qual foi a busca qual foi a... a saída que ela tentou? ...vamos ver...ela tentou fazer alguma coisa pra se encontrar...vocês perceberam?...vamos voltar novamente no vídeo pra ver?...(voltamos a assistir)

P: ALIMENTOU..OLHE ESSE VERso DA MÚsica... alimentou a rede de nudez...o que ela fez?

E.G.A: o que é nudez?

P: nua...fotos nuas...alimentou a rede de nudez... de nudez

D.S.M: tem a ver com nua éh::?

P: SIM..alimenTAR AS REDES...entenDERAM? num sentido figurado...viram..como esse alimentou a rede... QUE REDE SE TRATA?

M.N.B: INTERNET..

P: AH:::agora...é isso aí...viu...ela se maquiou...ela..primeiro diz que ela ia em busca de prazeres vãos... ela não estava satisfeita... então o que ela procurou?? Outras formas...veio se maquiou...se arrumou e começou a fazer fotos e...ahh?...fazer o quê?

J.M.B: fotos..

P: postar néh;; postar na internet...ALIMENTOU A REDE... essa rede tá se tratando da rede de internet...estão vendo gente?...as coisa que ela tentava fazer...(voltamos a ouvir outra estrofe da música e refletir)...

P: VAMOS dialoGAR MAIS UM pouQUINHO AGORA...como essa menina...que vida ela tinha? ...como ESSA MENINA VIVIA?

M.N.B: talvez ela usasse muito o celular e falasse do corpo dela na internet...

P:ahh... muito bem::

M.N.B: tinha depressão..

P:JÁ ERA ATÉ UMA DEPRESSÃO...mas como era assim...aparentemente a gente visualizando ela...ELA VI-VIA...

J.M.B: TRISTE....depresiva...ansiosa...

P: TINHA AMIGOS? DEMONSTRAVA TER AMIGOS?

Vários: NÃO

P:DEMONSTRAVA SER...

M.M.S: TRISTE...nerVOsa..preocupada.

J.PJ.A.S: pálida

P: QUE MAIS?

R.F.P.S: DEPRESSIVA...

D.S.M: SER SOZINHA...(())

P: SER SOZINHA...solitária...tímida...e com isso ela ia cada vez ficando mais triste aí... o que que ela procurou?. ..qual foi a forma...o que foi que ela tentou nesse momento?

M.M.S: ela se aprofundou no celular...ela criou uma dependência no celular

P:MUITO BEM... VIRAM GENTE?...perceberam...inicialmente já diz isso.... ela criou uma relação muito profunda...uma dependência....ou seja...um...VÍCIO...TÁ...UM VICIO COM O CELULAR...

J.M.B.: alimentou a rede de nudez...

P: SIM... o que ela queria com isso? (())

P: HAM??

L.C.S. SER RECONHECIDA..

M.J.A: atenção...amizade... afeto

P: mas ela conseguiu?... ela conseguiu isso que ela queria??

J.M.B: NÃO... foi tudo em vão..

P: foi tudo em vão..ela não conseguiu..será se a gente... vocês aqui já tentou alguma vez ficar nessa indecisão... essa crise...por exemplo...igual ela aí... achar que a rede social...as amizades lá do facebook... do instagran...achar que isso possa lhe ajudar de alguma forma.. já aconteceu com alguém?

L.C.S: eu penso em seguidores..

P: mas aqui ela foi néh::em busca nesse sentido e apelo que nós vimos...ela ...conseguiu ou não conseguiu?

VÁRIOS: NÃO..

P: NÃO CONSEGUIU NÉH:: então foi tudo em vão e ela voltou pra casa de que forma?

E.D.D: TRISTE...

P: SE SENTINDO MAIS...

VÁRIOS: TRISTE...

P: voltou vazia...tem uma parte aí que diz que ela voltou vazia...triste...desiludida...vocês perceberam ... a linguagem figurada apareceu muito na música...vocês perceberam?...por que será que isso acontece?... porque as músicas são feitas...criadas pelos artistas...e as músicas...elas são POÉTICAS...e vão aparecer com essa linguagem ASSIM carregadas DE SENTIDOS...uma linguagem FIGURADA...e em relação as imagens?...estamos analisando o vídeo...um videoclipe.... mas depois têm umas questões pra vocês responderem por escrito também...,mas em relação ao vídeo... VOCÊS acham que as imagens ajudam no ENTENDIMENTO?...

J.M.B: ajudam...

P: AHH::: se eu tivesse trazido somente a música mesmo...a letra (como eu vou passar depois pra vocês)...será se teria tido o mesmo ENTENDIMENTO?... agora vendo néh:::

D.S.M. não tinha como entender nada..

P: NADA...será se só com a letra nós não entenderíamos nada...lendo...ou entenderíamos menos?

D.S.M: entenderíamos bem menos, ...

P: BEM MENOS NÉH:: então gente...os vídeos ..eles nos ajudam muito.. as imagens...é linguagem...TUDO É LINGUAGEM...não é só a esCRITA...e muitas vezes a gente acha que o texto é só o que tá escrito néh:::as imagens...a expressão...as expressões do rosto dela...você viram um MOMENTO...não sei se vocês perceberam um olhar assim de ANGÚSTIA...DE MEDO?...você percebeBeram?

VÁRIOS: SIM

P: tem uns versos que diz assim nessa segunda estrofe...abriu os olhos não lhe satisfez... entrou no escuro de seu celular...correu pro espelho pra se maquiar...pintou de dor a sua palidez...o que isso quer dizer?...já M.J.A. continue...por favor

M.J.A: isso quer dizer que ela não gostava da aparência dela...porque...ela fugia da realidade...botava filtro no celular...se maquiava...dá pra ver oh... ela se olha...((barulho))

De acordo com a proposta de Moura (2017), em relação as “Atividades Didáticas Integradas”, leitura, oralidade, reflexão linguística e escrita se darão num contínuo, de forma cíclica, de modo que, não importa a ordem em que ocorram, mas que seja garantido o espaço para o desenvolvimento de tais habilidades ao discente. Promover momentos em que desenvolvam neles habilidades de leitura, oralidade, reflexão linguística e escrita é permitir-lhes uma preparação para a vida. Moura (2023) em orientação nos fala que “se forem propostas atividades de leitura, escrita, oralidade e reflexão linguística, de forma intensiva, e inter-relacionadas, já está sendo cumprida a proposta da ADIs.” Poder falar e ser ouvido, atuar de forma autônoma em seu meio social é preparar esse cidadão para atuar socialmente, de modo mais agentivo, de acordo com Bazerman (2011).

Assim após a assistência do videoclipe, e da leitura dialogada com os alunos, percebo que estão mais responsivos no que dizem. Observo que há maior participação no decorrer das interações as quais foram descritas.

2º CICLO: SEGUNDA ATIVIDADE: Atividade de interpretação textual escrita

Então trago, neste momento, impressa a letra da música e uma atividade de compreensão e interpretação, em que sugiro responderem, por escrito algumas questões relacionadas ao videoclipe em que assistiram. Acho pertinente esta atividade, por acreditar que, após a leitura e interação oral

previamente, consigam escrever e se posicionarem melhor na escrita, já que está havendo um aumento das informações sobre o tema em estudo.

Desconstrução

Canção de Tiago Iorc

Quando se viu pela primeira vez

Na tela escura de seu celular

Saiu de cena pra poder entrar

E aliviar a sua timidez

Vestiu um ego que não satisfez

Dramatizou o view da rotina

Como fosse dádiva divina

Queria só um pouco de atenção

Mas encontrou a própria solidão

Ela era só uma menina

Abrir os olhos não lhe satisfez

Entrou no escuro de seu celular

Correu pro espelho pra se maquiari

Pintou de dor a sua palidez

E confiou sua primeira vez

No rastro de um pai que não via

Nem a própria mãe compreendia

O passatempo de prazeres vão

Viu toda graça escapar das mãos

E voltou pra casa tão vazia

Amanheceu tão logo se desfez
Se abriu nos olhos de um celular
Aliviou a tela ao entrar
Tirou de cena toda a timidez

Alimentou as redes de nudez
Fantasiou o brio da rotina
Fez de sua pele sua sina
Se estilhou em cacós virtuais
Nas aparências todos tão iguais
Singularidades em ruínas

Entrou no escuro de sua palidez
Estilhou seu corpo celular
Saiu de cena pra se aliviar
Vestiu o drama uma última vez
Se liquidou em sua liquidez

Viralizou no cio da ruína
Ela era só uma menina
Ninguém notou a sua depressão
Seguiu o bando a deslizar a mão
Para assegurar uma curtaida

FONTE: Desconstrução - Tiago Iorc - LETRAS.MUS.BR

Abaixo seguem atividades realizadas após assistir ao videoclipe, interagir oralmente sobre os sentidos da música.

Figura 22-Atividade da aluna M.J.A.

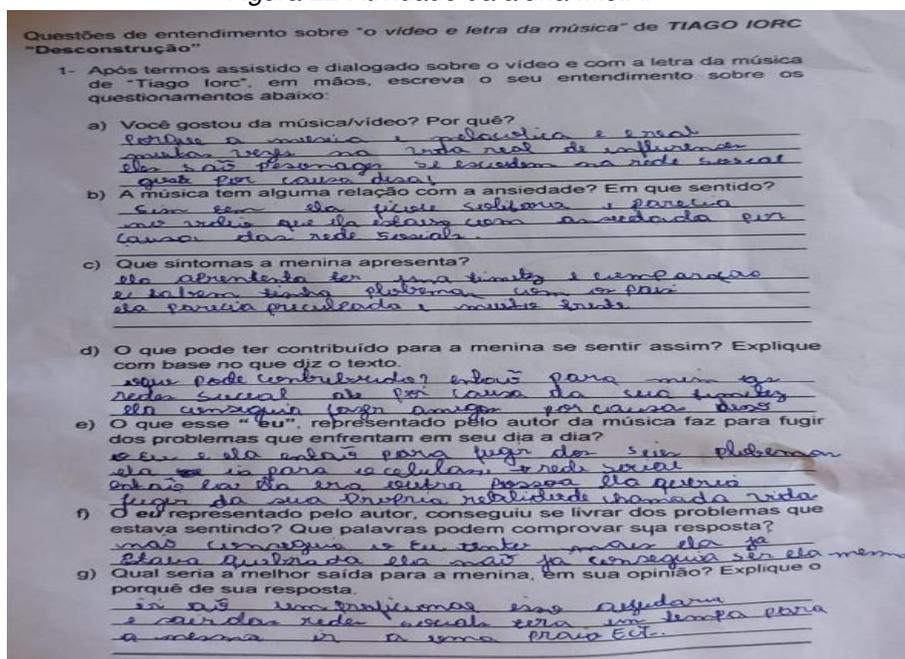


Figura 23-Atividade da aluna N.R.C.V.

Questões de entendimento sobre "o vídeo e letra da música" de TIAGO IORC
"Desconstrução"

1- Após termos assistido e dialogado sobre o vídeo e com a letra da música de "Tiago Iorc", em mãos, escreva o seu entendimento sobre os questionamentos abaixo:

a) Você gostou da música/vídeo? Por quê?
Sim, porque ela é interessante, verdadeira e profunda.

b) A música tem alguma relação com a ansiedade? Em que sentido?
Sim, a música tem relação com a ansiedade e também os gestos que aparecem no vídeo também tem relação com a ansiedade.

c) Que sintomas a menina apresenta?
Medo, preocupação, desespero, solidão, melancolia, depressão.

d) O que pode ter contribuído para a menina se sentir assim? Explique com base no que diz o texto.
Ela se sentia sozinha, não tinha amigos e nem atenção na família com o pai e a mãe na companhia.

e) O que esse "eu", representado pelo autor da música faz para fugir dos problemas que enfrentam em seu dia a dia?
O eu representado refugia-se a ela a mulher. Para fugir de seus problemas pega o seu celular e alimenta-se as redes de mídia.

f) O eu representado pelo autor, conseguiu se livrar dos problemas que estava sentindo? Que palavras podem comprovar sua resposta?
Não, ela saiu de casa se sega se matou pra tentar aliviar o seu dor.

g) Qual seria a melhor saída para a menina, em sua opinião? Explique o porquê de sua resposta.
Ir ao médico, fazer amigos ter o pai e a mãe ao lado.

2º CICLO: TERCEIRA ATIVIDADE: Produção/exposição/reflexão linguística dos cartazes

Para esta atividade, faça uma orientação previamente sobre materiais que precisarão trazer para este momento de produção de cartazes. Organizo os grupos e os oriento a pesquisarem imagens que se relacionem ao tema ansiedade e depressão. Chega o dia marcado, falo inicialmente, sobre o gênero cartaz. Projeto imagens de cartazes variados, com outros temas, e faço uma interação sobre seus elementos constitutivos. Reflito ainda sobre os elementos extralinguísticos como *cores, formatos e tamanhos de letras, e imagens*. Explico sobre as intenções que temos ao produzir determinado texto. Além de que falo da importância de pensar bem tanto *no texto verbal quanto nos elementos extraverbais, ou multimodais*, que compõem um cartaz, *um texto visual*. Neste momento, projeto alguns dos cartazes que usei, assim como parte das interações deste momento.

As questões abaixo, assim como outras que surgiram no decorrer da interação, serviram como suporte para a reflexão sobre os elementos constitutivos do gênero cartaz.

Vamos conversar sobre o gênero cartaz:

- (i) Qual o **tema** abordado em cada um?
- (ii) A que **tipo de público** se dirige?

- (iii) Qual a **intenção comunicativa** de cada texto (cartaz)?
- (iv) Que **tipo de linguagem predomina** nos cartazes?
- (v) Além da linguagem predominante, que **outras linguagens** aparecem?
- (vi) **Como são as letras** que aparecem nos cartazes?
- (vii) Que outros **recursos expressivos** podemos observar nos cartazes?

Abaixo transcrevo parte desta interação, com os discentes:

Figura 24- Imagem referente à confecção de cartazes



Figura 25- Imagem referente à confecção de cartazes



FONTE: http://3.bp.blogspot.com/-wdA7qzb9jCw/TgYCawWW-PI/AAAAAAAAAaE/rzzwsQrkNws/s1600/IMG_6578.JPG.

Figura 26- Imagem referente à confecção de cartazes



FONTE: http://2.bp.blogspot.com/-R4O2vWpVxXc/TgYCFtCkLHI/AAAAAAAAAZ4/uQDZ5CBszHw/s1600/IMG_6575.JPG

Figura 27- Imagem referente à confecção de cartazes



FONTE: <https://www.febnet.org.br/aij/criar-de-coracao/turma-da-paz-cartoes-leitura/>

Figura 28- Imagem referente à confecção de cartazes



FONTE: http://4.bp.blogspot.com/-nobCLLJBd1w/TgYC9YnyDpl/AAAAAAAAAaQ/fQ296_hfL58/s1600/IMG_6583.JPG

P: ENTÃO... VAMOS LÁ... conversar um pouco sobre o gênero cartaz...eh:: qual foi o tema abordado em CADA cartaz? () se vocês sentarem é melhor::tah:: sentem-se por favor... e então gente...qual foi o tema:::vamos tentar lembrar da imagens...um dos temas foi...

J.M.B: ler e aprender...

P: SOBRE A LEITURA... sobre a importância da leitura... o outro cartaz tinha como tema... os três tinha como tema... os três primeiros tinham como tema o quê?...

J.M.B: O USO DAS DROGAS

P: O USO DAS DROGAS... a libertação das drogas néh:::a libertação das drogas... então...sempre que formos fazer um texto...ou um cartaz...nós temos que pensar no tema...sobre o quê eu quero...eu vou fazer sobre o quê? ... com

base nisso que eu vou ...fazer o meu texto...o meu cartaz...a outra pergunta é:: a que tipo de público se dirige isso aí nós percebemos que... AO PÚBLICO EM...a que tipo de público cada cartaz se dirige?...à algum tipo de pessoas específicas...ou?...

L.C.S: A PESSOAS ANSIOSAS...

P: QUAL CARTAZ se diri::ge A PESSOAS ANSIOSAS?

P: O DO MEIO AMBIENTE se dirige as pessoas de forma geral néh:: a preservação...e o outro?...aqueles primeiros? ...

J.M.B: aos viciados.

P: HEM GENTE..só aos viciados...será?....será se quem não tem... também não tem o vício não é importante também estar vendo aquilo para que também não venha fazer?

Vários: SIM

P: ENTÃO A...às pessoas de forma...geral... qual é a intenção comunicativa de CADA cartaz?...por que SERÁ que foi criado aqueles primeiros três cartazes?...a pessoa que criou teve uma intenção...QUAL FOI?

D.S.M.: ajudar...

P: ajudar...néh D. o que mais?...levar as pessoas a...fazer com que as pessoas pensem...sobre os...os problemas néh::: que a DROGA...pode causar ...o que mais?...(silêncio)

Nesse sentido, vou promovendo o diálogo fazendo-os pensar sobre a linguagem predominante nos cartazes, nos tipos de letras, nas cores e nas formas das letras além dos desenhos que também chamam a atenção dos leitores. Falo da importância desses elementos multimodais dentro desse tipo de texto, ou seja, no gênero cartaz. Ademais, falo ainda sobre o uso das frases de impacto, sempre pensando no que se pretende com o seu texto. De acordo com a minha intenção, é que vou pensar na melhor forma para atingir o meu interlocutor. Assim, sugiro três subtemas dentro do tema maior “ansiedade”. Projeto a informação em slide e faço a leitura fazendo-os entender que mesmo dentro de um tema há subtemas e que se faz necessário que a equipe tenha claro o que se quer com o seu cartaz, com o seu texto.

Alguma das informações que projetei em slides, neste momento:
*Todo **texto** é constituído com base em um tema, e pensando em um **público**.
 A partir disso, pensamos **no(s) tipo(s) de linguagem (ns)** em que vamos
 empregar, assim como nos outros **recursos expressivos** que faremos uso
 para atingir nosso objetivo com esse texto.*

*Pensando nisso, vamos compor um cartaz com o seguinte tema:
 “ansiedade”*

*Em grupos de três alunos discutam e decidam sobre o que gostariam
 de produzir:*

*(i) um cartaz sobre **o que é ansiedade?***

*(ii) um cartaz sobre **os principais sintomas da ansiedade;***

*(iii) um cartaz **de conscientização para as pessoas que sofrem de
 ansiedade;***

Após este momento, sugiro aos grupos que comecem a produção. Também os oriento a fazerem a escrita das frases, previamente no caderno e que sejam mostradas para o professor para possíveis reflexões linguísticas, juntamente com a equipe, antes de serem lançadas no suporte, cartolina.

Assim se deu este momento, de modo que as frases são produzidas e pensadas juntamente com o professor. Assim com as devidas orientações os grupos vão compondo os textos, sempre refletindo criticamente sobre a sua composição. Ou seja, como se propõe essa pesquisa: o texto é concebido como um processo e não como produto.

No encontro seguinte, após conclusão dos cartazes, sugiro a apresentação pela equipe, dos textos produzidos. Para isso, promovo sorteio da ordem das apresentações, além de que sorteio também a equipe que fará as intervenções linguísticas sobre a produção. Explico, previamente, o como se dará essas reflexões.

Abaixo seguem parte desta exposição prévia de orientação para os alunos.

P: oi gente...oi::então....vocês tiveram todo um cuidado...toda uma criatividade todo um empenho...dos grupos néh:: prá...prá compor esse cartaz com uma intenção...eu citei três temas que vocês poderiam DENTRO do tema ansiedade

vocês iriam pensar nos subtemas...por exemplo...eu quero falar especificamente sobre O QUE É ANSIEDADE?...OU::: eu quero me ater aos sintomas da ANSIEDADE...ou...simplesmente o grupo pode ter tido a intenção de...fazer as pessoas refletirem sobre a imporTÂNCIA de se procurar um profissional...se acaso você sentir algum desses sintomas...vamos começar então...a partir desse momento vamos iniciar as apresentações...certo?... as apresentações dos nossos cartazes...e a medida em que as equipes forem APRESENTANDO... eu:::farei o sorteio de uma outra equipe...que deverá fazer uma avaliação...CERTO?...um da equipe:::vai fazer a AVALIAÇÃO:::se o cartaz ficou bom...o que poderia ter pra ficar melhor::: ou se não ficou tão bom pelo tamanho das letras:::você com base no que nós aprendemos sobre o gênero cartaz:::um da equipe vai fazer a avaliação...certo?...combiNADO?...e então...quem gostaria de iniciar?...eu não gostaria de SORTEAR para a apresentação...qual equipe gostaria de apresentar inicialmente?...qual equipe gostaria de ser a priMElra?...pode ficar à vontade...

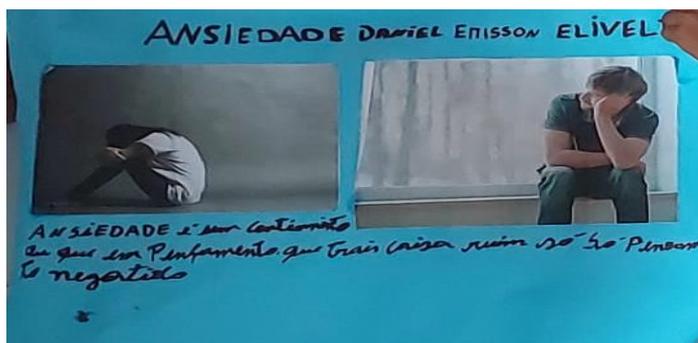
Neste momento, ocorre as apresentações de cada equipe, e somente ao final das exposições promovo o sorteio para as intervenções e reflexões linguísticas a respeito das produções.

Figura 29- Exposição de cartazes



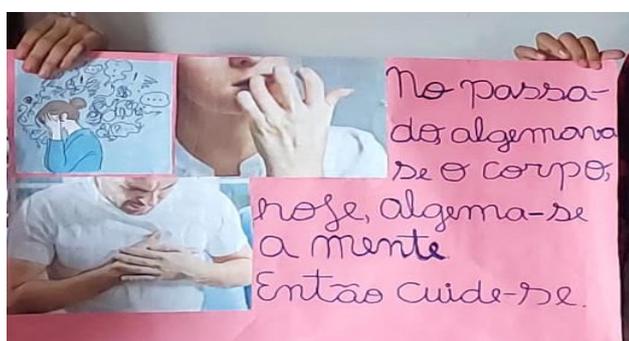
Fonte: Arquivo da pesquisadora/Abril de 2023

Figura 30- Exposição de cartazes



Fonte: Arquivo da pesquisadora/Abril de 2023

Figura 31- Exposição de cartazes



Fonte: Arquivo da pesquisadora/Abril de 2023

Figura 32- Exposição de cartazes



Fonte: Arquivo da pesquisadora/Abril de 2023

Abaixo, transcrevo parte deste momento de interações, após as exposições dos cartazes pelos grupos.

P: e aí o que vocês... acharam?...a equipe que vai fazer a avaliação...é a equipe da G.S.F. pode ser você mesma...vai fazer um comentário sobre o que você achou...

G.S.F: as figuras ficou legal... mas só que esse hoje ((barulhos) ficou parece um ene...

D.S.M: ficou só o filé lá o cartaz dela...melhor do que o nosso..

G.S.F: as letra ficou legal...mas só algumas letras que ela errou...

P: MEIO PEQUENA AS LETRAS?.. o que os outros ACHAM?...conCORDAM?

VÁRIOS: NÃO....PROFESSORA...FICOU BOM ((muito barulho...vários falam ao mesmo tempo))

L.C.S: O QUE ACHO ((barulhos)) em todos os cartazes vai ser uma coisa: a letra de forma...

P: A LETRA DE FORMA...MUITO BEM..ENTÃO VAMOS... vamos ter isso em mente que A LETRA DE FORMA É MUITO MAIS VISÍVEL e mais adequada pro cartaz...só que é letra mais ou menos e tal...letra manuscrita ... mas a de forma ficaria melhor...mas tá uma letra escrita até grande dá pra ler néh:::BEM VISÍVEIS...agora tem uma pergunta também.. não poderia ter ...tentado usar algumas coisas de outra cor?...

D.S.M: NÃO...

E.G.A: NÃO

P: éh...LEMBRAM QUE AS CORES TAMBÉM...é um recurso importante dos cartazes...tivesse usado...alguma parte da escrita... deixa eu ver... uma sugestão..não sei se vocês concordam...é...no passado algemava-se o ...

M.R.C.V.P: CORPO professora

P: É O CORPO...poderia tá de letra vermelha...hoje algema-se a MENTE..a mente poderia tá também...pra ficar o CONTRASTE corpo e mente...diferente..ou então lá o final a frase do CUIDE-SE poderia tá de vermelho néh::: daria um destaque também... e o ponto de exclamação no final.....ENTÃO: CUIDE-DE néh:::ficaria bom de vermelho... o que vocês acham?...e letras MAIORES NÉH:: letras maiores..

Então gente...a equipe que vai fazer a avaliação...FALAR UM POUQUINHO... é a equipe da M.R.C.V.P: .. vai fazer uma avaliação do cartaz dos colegas...

D.S.M: não tem outra NÃO profesSORA?

P: JÁ... M. R.C.V.P. pode fazer a avaliação...

M.R.C.V.P: a letra FICOU MUITO pequena.. e ficou muito erro de ortografia...

D.S.M: QUERIA que nós fizesse UM JEGUE?

P: CALMA GENTE...eu falei que é só uma avaliação::: TÁ:: NÃO É PRA TÁ RESPONDENDO MAL PROS COLEGAS... só uma avaliação...

Vários: ((barulho))

P: E ENTÃO... em relação às letras?...o que tu achaste M. R.C.V.P.?...

M.R.C.V.P: ficou MUITO pequena..professora...

P: não dá pra se ler A LONGA DISTÂNCIA...néh:: e o cartaz tem que ter letras...como deve ser as letras do cartaz?...

Vários: maiores

P: bem visíveis...MAIORES...grandes...de preferência de...letras de forma néh::as IMAGENS ficaram boas?...

Vários: NÃO::

Outros: FICARAM

P:ficaram boas as imagens gente... MUITO BEM...

P:USARAM ALGUM OUTRO RECURSO...além de le::tras grandes e imagens?...((barulhos))

P: HAN:::usaram OUTRO RECURSO?...não néh:: aquela questão da cor:::tipo igual a gente viu ...nos cartazes que a gente analisou...táh...

P: a equipe que foi sorteada pra fazer a avaliação tah:::...é a equipe do E....pra avaliar o cartaz tah:::então um da equipe vai olhar e vai....fazer uma avaliação do cartaz...

D.S.M: ficou bom...((falando baixo)) bacana... falou bem sobre ansiedade...

P: TAH:: E EM RELAÇÃO ÀS IMAGENS?...o que vocês acharam?...

D: as imagens ficaram boas

P: FICARAM BOAS também...bem visíveis?...tá ok... TODOS CONCORDAM GENTE?...QUE ficaram BOAS...o tamanho das LETRAS?...por que o cartaz é pra quê? ...o cartaz é pra ser visualizado a longa...disTÂNCIA...E AS LETRAS MANUSCRITAS?... o que vocês acharam das letras manuscritas?... fica bom letras manuscritas em cartaz?...qual o tipo de letra que FICA ME-LHOR pra cartaz?

EG.A: de forma

P: LETRAS DE FORMA.. letras impressas...a escrita assim não fica tão boa néh::: mas pelo tamanho ficou boa néh::: tá dando pra ver bem?

D.S.M: dá...mas se fossem todas maiúsculas teria ficado melhor

P: SIM... MAS NÃO USOU UM TAMANHO PEQUENO... usou imagens bem visíveis.. néh::: então obrigada e encerramos aqui esta apresentação...

P: e então... depois de analisarmos... ver os cartazes que vocês fizeram com muito... empenho néh:::com muito carinho...vocês tiveram o cuidado de fazer...

nós fizemos algumas avaliações...com a intervenção de vocês néh::: nós podemos pensar.. podemos pensar o quê?...o que nós podemos fazer...vou perguntar a opinião de vocês...o que nós podemos fazer agora...com base...depois dessa reflexão do que vocês já fizeram?...o que que vocês acham que daria pra fazer pra MELHORAR esses cartazes?...heim?.. o que vocês acham?...

M.N.B: A LETRA

Vários: a letra

P: qual seria a sugestão então?...

D.S.M: ((fala inintendível)) a letra

P: AHH?...o que vocês ACHAM DA GENTE:::o que vocês ACHAM QUE DARIA PRA FAZER PRA MELHORAR?... a equipe sente necessidade? Acha que poderia refazer alguma coisa?...principalmente... GENTE...A MINHA SUGESTÃO:::É QUE A EQUIPE...EU VI UM OU DOIS QUE TÁ COM A letra MUITO PEQUENA...muito pequena...o da M.N.B. tá manuscrito mas...tá visível:::mas tem ...no caso de outras equipes como do E. do M.N.B.. precisa...é importante que seja refeita a parte escrita...as imagens vocês usam as mesmas...só recortam...e... claro...vai fazer o quê?...façam pequenos traços com a régua...táh?...bem de leve:::pra não ficar torto...depois... escrevam com letras soltas...que com certeza vai dar mais visualidade a longa distância...além de que vocês podem pensar em alguma palavra aí base pra vocês destacarem de vermelho...vai dar..claro...é uma sugestão táh?...mas tem como melhorar até porque esse cartazes...como eu disse pra vocês...nós vamos expor no dia de nosso evento FINAL...NO DIA DO EVENTO CENTRAL...nós vamos ver todos trabalhos feitos...e COM certeza vai ficar exposto e vai ajudar as pessoas...vão ler...vão...ter mais consciência também sobre a ansiedade...e é importante que a gente procure fazer...então... de uma forma néh... que fique BEM...

E.G.A: adequada...

P: BEM MAIS ADEQUADA... com certeza...tá bom?...as imagens eu gostei...todas estão bem visíveis...e eu creio que vocês também tiveram essa ideia néh::: imagens boas..

Então, nesse momento as equipes se reúnem para pensarem na segunda versão dos cartazes, após essa reflexão linguística conjunta, momento também de pensar criticamente sobre seus próprios textos com base nas interações feitas

em grupo. No entanto, como se aproximava o final da aula, ficaram de finalizar esta atividade em casa e trazerem-nas no encontro seguinte.

Ao final desta atividade, observo que, embora os alunos apresentem bastante dificuldade em falar em público, como fora observado nos momentos de exposições dos cartazes, a atitude responsiva está sendo ampliada nos alunos, visto que comentam, avaliam, criticam os trabalhos dos outros colegas, visando a um dizer mais, escrever de forma diferente o que havia sido escrito. Sugerem ainda que escrevam de outra forma para ficar mais entendível, ou ainda para se adequar ao gênero em pauta. Isto ocorreu quando foi *refletido sobre os tamanhos das letras nos cartazes, sobre as imagens pequenas e pouco legíveis, e ainda ausência de cores para dar destaque a alguma informação enfática*. Percebo, ainda, que estão enunciando mais, e que também, conseguiram produzir os textos multimodais como fora orientado: o gênero cartaz.

Ademais, o principal objetivo das ADIs está sendo alcançado, visto que os alunos estão participando de atividades de leitura, oralidade escrita e reflexão linguística, e sobretudo, estão mais responsivos no que dizem ou escrevem.

3° CICLO: OUTRAS VOZES SOBRE O MESMO TEMA E MAIS AMPLIAÇÃO DO TEMA POR MEIO DE SUBTEMAS DEVIDO A NECESSIDADE SURGIDAS POR MEIO DAS VOZES SOCIAIS DOS SUJEITOS PARTICIPANTES

PRIMEIRA ATIVIDADE: Assistência de vídeos sobre as diferenças entre ansiedade e depressão e debate

Quando fiz o projeto de intervenção tinha planejado para este terceiro ciclo uma palestra de uma psicóloga, para ampliação do tema em estudo. No entanto, por sugestão de meu orientador, e pelos subtemas surgidos nas interações decidi ampliar mais o tema com apoio de vídeos de profissionais que tratam sobre ansiedade e depressão, já que no decorrer das interações nas turmas surgiram essas dúvidas, questionamentos sobre as diferenças entre uma coisa e outra. Assim, a palestra com a psicóloga passou a integrar o ciclo seguinte das ações didáticas.

Dessa forma, achei interessante substituir a atividade prevista para este ciclo, que era a palestra com a psicóloga, por vídeos que tratam das diferenças entre as duas doenças. Assim, poder ampliar os conhecimentos dos alunos sobre o tema e ainda esclarecer dúvidas recorrentes sobre uma doença e a

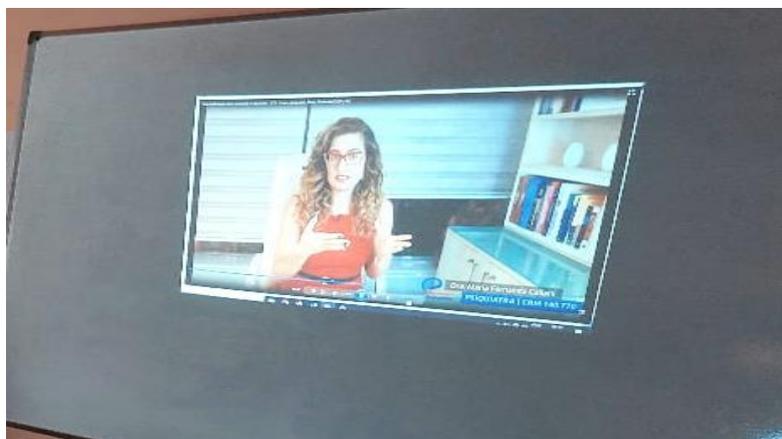
outra. Então, nesta atividade, trago para eles dois vídeos que abordam este tema, dessas diferenças, (ambos com o seguinte nome: *Qual a diferença entre ansiedade e depressão?*)

FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=0oijLzahll0&pp=ygUvUXVhbCBhIGRpZmVyZW7Dp2EgZW50cmUgYW5zaWVkaWVRIIGUgZGVwcmVzc8Oj8%3D>

<https://www.youtube.com/watch?v=gU4UiPTBjSI&pp=ygUvUXVhbCBhIGRpZmVyZW7Dp2EgZW50cmUgYW5zaWVkaWVRIIGUgZGVwcmVzc8Oj8%3D>

Abaixo apresento algumas imagens que fazem parte do arquivo da pesquisadora. Imagens essas relacionadas aos momentos de assistência dos vídeos, assim como, parte da interação pós assistência:

Figura 33- Imagem de assistência de vídeos



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Abril/20

Figura 34- Imagem de assistência de vídeos



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Abril/2023

Figura 35-Imagem de assistência de vídeos



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Abril/2023

Figura 36-Imagem de assistência de vídeos



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Abril/2023

A seguir, transcrevo parte das interações, de parte do “debate”, sobre os vídeos que tratam das diferenças entre ansiedade e depressão, após serem assistidos.

P: olá gente...na nossa aula de hoje vamos assistir a dois vídeos sobre ansiedade e depressão.AO FINAL...EU VOU PROMOVER um diálogo um debate com vocês. COMO SERÁ esse debate?...vou fazer algumas perguntas sobre os vídeos, e gostaria que vocês interagissem falando...certo?...Depois do debate...depois do debate ...eu vou pedir algo por escrito...certo?...tá?... é algo escrito, onde você:: depois de assistir...debater..você vai conseguir escrever um pouco do que você aprendeu...por exemplo sobre ESSE DOIS VÍDEOS que eh:: que falam sobre as diferenças sobre ANSIEDADE E DEPRESSÃO tá:::então vai ter uma parte escrita no final...CERTO?...PRÁ FICAR BEM CLARO...porque quando a gente lê...debate...a gente consegue escrever mais...você tá assistindo

um vídeo...vai pensar sobre ele...vamos conversar sobre ele...falar o que nós entendemos...com certeza quando for pra colocar no papel vocês vão conseguir ESCREVER O QUÊ?...UM POUCO MAIS...vocês concordam comigo?... néh...? é melhor de que eu chegasse aqui e colocasse só escreva sobre ansiedade. Mas a gente já está VENdo o vídeo...estamos converSANdo sobre...então vai ter muito mais o que dizer...tá certo?...eh:::daí também eu reforço a importância de::: fazer anotações...vai anotando alguma coisa táh bom?...

P: BEM... vamos ao nosso debate... vamos ver agora o que nós conseguimos aprender...táh... para ampliação..(posso continuar)?... TODOS EM SILÊNCIO...só ouvindo tah:::e participando...o que nós conseguimos aprender um pouco mais sobre o tema ANSIEDADE...a partir eh::: desses vídeos que nós assistimos...agora...esses dois vídeos...que falam sobre ANSIEDADE E A DEPRESSÃO... o que a GENTE pode perceber?... Ol:::o que nós conseGUImos perceber agora?...que nós não falamos mais somente sobre ansiedade...a gente falou um pouco sobre ansiedADE mas também sobre DEPRESSÃO...que até então nós vínhamos discutindo somente sobre...

J.M.B: ansiedade

P: SOBRE ANSIEDADE...então nós assistimos a dois vídeos...(um da psicóloga Milena lhano... e o outro vídeo da:::PSIQUIATRA Maria Fernanda Caliane)...ENTÃO... a partir desse dois vídeos...EU GOSTARIA DE PERGUNTAR ASSIM PRA VOCÊS...o que VOCÊS perceBERam de diferente do que nós já sabíamos?...do que a gente jáh:::já tinha aprendido? Teve alguma coisa éh::: alguma coisa a mais?

M.N.B: a diferença entre ansiedade e depressão...

P: MUITO BEM M.N.B...aqui nós podemos perceber agora...QUE A GENTE FALOU::: ÉH:::que podemos abordar um pouco sobre as diferenças entre uma e a outra?...até então... vocês tinham mais ou menos claro essas diferenças?...vocês já sabiam?...já sabiam a diferença entre uma e outra?...

M.N.B: eu não

P: quais são ENTÃO...ESSAS princiPAIS difeRENÇAS...que foram aborDADAS aqui nos vídeos?...VAMOS PARTICIPAR GENTE!!!...quais foram as principais diferenças abordadas gente?...o que diferencia uma pessoa ansiosa de uma pessoa depressiva?

J.M.B: psicoLÓGICO E Físico

P: ahh::: como assim...psicológico e físico? ((barulhos))

J.M.N: é que depressão a gente fica TRISTE ...deprimIDO....

P: na depreSSÃO A PESSOA FICA MAIS...

J.M.N: INDISPOSIÇÃO...

J.M.B: ((falando ao mesmo tempo)) dificuldade nas atividades cotidianas

M.N.B: eh::: ansiedade ((falando ao mesmo tempo))...ansiedade...

P: deixa...um de cada vez... E A ANSIEDADE TEM O QUÊ?.na ansiedade tem tanto sintomas físicos quanto psicológicos néh:::só que é um pouco diferente...por quê?... os sintomas da ansiedade ...QUAL DOS DOIS EU POSSO DIZER QUE APRESENTAM SINTOMAS MAIS FORTES?

M.N.B: ANSIEDADE

E.D.D: PSICOLÓGICO?

P: SIM...MAS É A ansieDADE OU A depresSÃO?

G.S.F: A DEPRESSÃO

P: A depresSÃO?...por que...enquanto a que segundo ah::: psiquiatra néh:::enquanto a ansiedade apresenta aqueles sintomas ainda mais fracos...como só um nervosismo alí...uma tensão antes de algo que você vai fazer...a depressão...ela já se torna MAIS... ÉH:::contínua...podemos dizer assim néh::: ela se torna mais contínua....e esses sintomas eles tendem a ser o quê?... mais fracos ou mais fortes?

(em coro): MAIS FORTES

P:ahhh::: na depressão os sintomas tendem a ser mais fortes... começa a surgir o quê...que na ansiedade as vezes não tem?...um sintoma assim que podemos citar que é mais da depressão e não da ANSIEDADE?...QUEM SE LEMBRA?...GENTE...na ansiedade a pessoa pode até se sentir triste ali por um momento...ter uma tristeza...ficar nervoso...na depressão essa tristeza...ela se torna DURA:::

M.N.B: DOURA...

P: duraDOURA.. ou seja...quase todos os dias...o tempo todo... a pessoa ela tá naquela tristeza sem fim...néh::: ((um aluno: um VAZIO))...NÃO PARA...néh::: então é um sintoma que diferencia a ansieDADE DA depresSÃO...essa tristeza ela se torna mais duradoura...a baixa auto-estima...o que é a baixa auto-estima?...vocês sabem o que quer dizer?...

L.C.S: sei... mas não sei explicar

P: A BAIXA AUTOESTIMA... O QUE É UMA AUTOESTIMA?

M.N.B: é que a gente não consegue fazer mais nada...

P: AH..ter a baixa auto-estima...FICAR MUITO PRÁ BAIXO... FICAR TRISTE...ficar se...nada prá você tá bem você já se olha esse acha... parece que nada tá bem contigo...tipo não...aquilo que antes você se olhava...você gostava de você...você já passa ah::a olhar pra você como se nada estivesse bem...então o tempo todo com aquela baixa auto-estima. Tá gente... o que mais que diferencia?... MUITOS pensamentos negativos...o tempo todo pensando negativamente...como se as coisas não fossem dar certo... e a falta de prazer para viver...

S.S.R: PROFESSORA... quando a pessoa se corta É DEPRESSÃO OU ANSIEDADE?

P: quando a pessoa CHEGA A SE MUTILAR...A SE CORTAR...se tem a ver com ansiedade ou se já tem a ver com sintomas depressivos?

L.C.S: AH ...É MAIS DEPRESSIVOS...

P: então ...tem mais a ver coma depressão... aí sim...mais um sintoma né:: que caracteriza mais a ...a depressão...já a síndrome do pânico...

S.S.R: PROFESSORA... então EU SOU depressiva..

P: você se corta?

S.S.R: sim

P: POR QUE VOCÊ FAZ...ASSIM... quando aconteceu...GENTE OLHA interessante... como já aconteceu com ela a gente vai poder ouvir um pouquinho dela néh:::até pra gente entender...já aconteceu S.S.R ...com você...se mutilar...é auto- mutilar... o nome disso é automutilação...como foi S.S.R?...o que você sentia::: tem como você explicar pra gente um pouQUINHO como foi que tudo aconteceu?

S.S.R: NADA tinha sentido mais na vida...

P: ela diz que prá ela nada mais teria SENTIDO...mas tinha acontecido alguma coisa específica antes ou tu não sabe o porquê?

S.S.R: tinha... ficava pensando no passado...

P: AHH::TU começava a pensar MUITO NO PASSADO? Em coisas que tinha acontecido em sua vida... e a partir daí achava que nada mais faria sentido em sua vida... e quando você chegou a esse ponto? ...A se cortar?...como você se sentiu depois?...

S.S.R: eu me senti...tipo...na hora que a gente corta tipo que alivia ...depois é a mesma coisa...((barulho))

P: OLHA.. OLHA GENTE...É INTERESSANTE...ela disse que no momento que dá aquela vontade de fazer a automutilação...de se cortar...ela diz que no momento parece dar um alívio.. como se tivesse resolvido...mas depois...tudo volta novamente o estado ruim...pensamentos ruins...a tristeza excessiva...possivelmente já são sintomas depressivos...GENTE...

L.C.S: ((barulho)) contato...a causa temporariamente...

P: temporariaMENTE... já aconteceu L.C.S CONTIGO?

L.C.S: NÃO... FOI SÓ UMA VEZ...

P: uma vez já aconteceu?...((vários falando ao mesmo tempo))..deixa ele falar ...depois outros podem falar também..

L.C.S: eu estava num momento...aí eu achava que tudo ia dar errado..aí eu comecei a cortar...achando que ia ...que ia mudar alguma coisa...mas só fez piorar...

P: só fez piorar...OLHA um pouco parecido com o caso da S.S.R. NÉH:::inicialmente parece que vai resolver...melhorou néh:::...mas depois tudo piora...TAH GENTE:::então...vocês estão vendo...a automutilação já é sintoma de depressão... já é algo mais duradouro também...durou muito tempo?... e depois que tudo passou..(.graças a DEUS) MELHOROU...ou as vezes ainda têm esses SINTOMAS?

L.C.S: AS VEZES EU AINDA SINTO PROFESSORA ASSIM...mas é pouco já..

P: JÁ É MENOS NÉH::: tá ...muito bem... e S.S.R. você também...depois como foi? ..voltou a ter esses sintomas ou...sumiram?...

S.S.R: não...ainda tenho...vez ou outra eu sinto

L.C.S: eu achava antes porque eu era muito isolado

P: VOCÊ ACHAVA?...porque o isolamento social é o início da depressão... vocês Viram no vídeo?...a pessoa começa a ficar muito só..não quer mais interagir com os outros...aí começa a surgir os pensamentos...as coisas ruins...então S.S.R. pelo que a gente observa já tem um pouco a ver com a depressão...só que...só que...o que a gente tá pensando e falando...MAS QUEM É QUE SEGUNDO ELA pode dar esse diagnÓSTICO mesmo se é ANSIEDADE OU SE JÁ É DEPRESSÃO...ou se já está indo prá SINDROME DO PÂNICO...que é mais perigoso ainda...é mais sério ainda...quem é que pode dar esse diagnóstico?

L.C.S: PSQUIATRA

P: SOMENTE O PSQUIATRA...eu como professora... vocês...a gente tá estudando e estamos ampliando...estamos achando que sim..tem a ver por causa dos sintomas..mas como ela mesma explicou gente... ela citou algo importante...não sei se vocês lembram...ela disse que muitas vezes os sintomas são muito parecidos...eles até se confundem...táh?...as vezes os sintomas de uma crise de ansiedade forte a gente já acha que é depressão...mas quem pode nos ajudar MAIS...é o psiquiatra...por quê? ... só ele vai saber CONVERSAR COM A PESSOA...saber QUANTO TEMPO aquilo durou... saber O PORQUÊ aquilo aconteceu...e com base em TODO O ESTUDO DE BUSCA que eles fazem...eles vão poder DI-A-GNOS-TI-CAR melhor...e também passar um tratamento ADEQUADO...que envolve as vezes só remédio...às vezes é o remédio e outras coisas néh:: seções...então as dicas que ficam é PROCURAR SEMPRE ajuda de um profissional competente para o caso..

Após este debate observo que os alunos ainda ficaram dispersos e não participaram como eu imaginei que fossem participar do debate. No entanto, ficou perceptível que houve um crescimento em relação à participação, em comparação às outras interações. Assim, se observa que a ampliação das capacidades discursivas dos sujeitos está ocorrendo, gradativamente, embora a pesquisadora esteja apreensiva, desejando ver um crescimento mais completo, o que se observa é que, na prática, não ocorre dessa forma. Além disso, observo que, embora em pequena escala, de modo geral, houve uma participação maior que nas outras interações, sobretudo em relação alunos que pouco, ou praticamente não participavam nas aulas, como é o caso da S.S.R. e do L.C.S.

Isto se sobressaiu, haja vista que, estes alunos interagiram mais, inclusive falando sobre a experiência própria da automutilação. Dessa forma, percebi que assim como Moura (2017) afirma, que não importa o quanto participam, o mais importante é que se promova esses momentos para que aos poucos, vão aprendendo a dizer, a pensar no ato do dizer, e isso foi garantido aos discentes com este debate. Ainda que todos não tenham participado, de forma mais efetiva, como a professora gostaria que acontecesse, mais ativamente nas discussões e interações, no entanto, o fato de estarem no mesmo espaço, ouvindo as interações e participando, embora minimamente, já está se

cumprindo o papel das ADIs, por garantir momentos como este envolvendo as quatro atividades concomitantemente e de forma interativa.

3º CICLO: SEGUNDA ATIVIDADE: Escrita de um texto informativo sobre o que aprenderam sobre os temas e subtemas

Após este momento de interação sobre os vídeos assistidos “roda de conversa/debate”, proponho que os alunos escrevam sobre o que aprenderam tanto em relação a assistência dos vídeos quanto ao momento de interação, sobre eles. A proposta das ADIs de acordo com Moura (2017) é que as atividades devem ocorrer de forma cíclicas de modo que leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística sejam sempre a base para o seu desenvolvimento. Considerando também que a reflexão linguística perpassa por todas as outras, visto que tanto na oralidade, na leitura e na escrita o ato de pensar e repensar sobre o que diz deve precisa acontecer de acordo com a necessidade observada pelo professor. É ele que observa o momento oportuno e preciso para encaixar cada parte deste “quebra-cabeça”, entendido aqui como atividades de oralidade, leitura, escrita e reflexão linguística, citadas anteriormente.

Então após assistir aos vídeos, participarem da roda de conversa, acho conveniente a escrita de um “texto informativo” sobre o que aprenderam. Mais especificamente, sugiro que escrevam sobre as diferenças entre a ansiedade e a depressão.

Durante a escrita, surgem algumas dúvidas que são esclarecidas no decorrer do processo.

Abaixo seguem algumas imagens das primeiras produções dos textos informativos.

Figura 37-Primeira versão do texto informativo de T.V.B

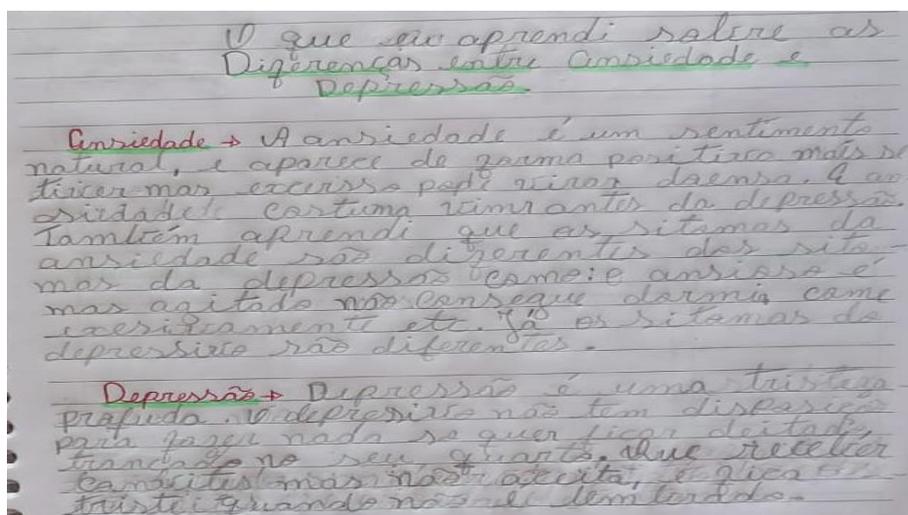


Figura 38- Primeira versão do texto informativo de L.F.M.P.

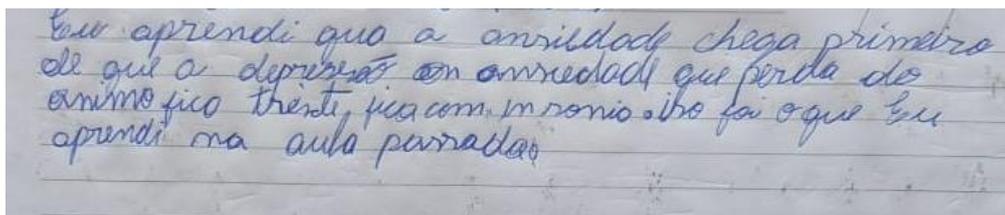
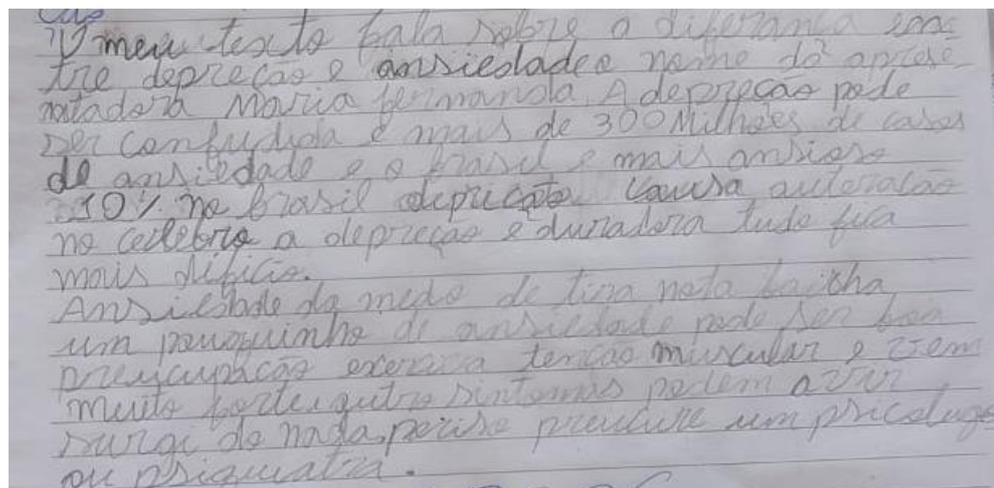


Figura 39-Primeira versão do texto informativo de M.M.S.



3º CICLO: TERCEIRA ATIVIDADE: Leitura e reflexão linguística sobre as produções.

Após a conclusão das produções escritas proponho a leitura e reflexão dos textos, de modo que os alunos possam participar desta interação, falando, fazendo comentários orais sobre o texto um do outro e, sobretudo, dando sugestões de como melhorá-los. Momento em que o próprio discente tem a oportunidade de fazer uma autorreflexão crítica sobre o que escreveu. Perceber as lacunas além do que pode ser acrescentado ou ainda substituído para melhor dizer o que se pretende. Além disso têm consciência, também que após todo esse processo de reflexão linguística farão a rediscursivização de seus textos. Para iniciar este momento faço uma introdução para iniciar a “roda de conversa”.

Abaixo transcrevo parte deste diálogo:

P: então hoje nós vamos fazer AGORA...neste momento... a RODA DE CONVERSA...a leitura das produções que vocês fizeram...sobre os VÍDEOS que nós assistimos em relação às diferenças entre ansieDADE E depresSÃO TÁ...a gente vem percebendo que tá havendo O QUÊ?... Uma AM-PLI-A-ÇÃO...antes nós falávamos mais sobre ansieDADE ...agora já estamos falando sobre...uma ampliação do tema...além da ansiedade estamos TAMBÉM...falando a respeito

da depressão...eh:: após ter feito...assistido aos vídeos::feito um diálogo néh::onde também nós podemos gravar...eu pedi que vocês escrevessem um pouco sobre o que vocês aprenderam...CERTO?...neste momento vocês vão poder fazer a leitura sobre o que vocês escreveram...o que eu espero com essa escrita de vocês é que esteja havendo também uma AMPLIAÇÃO...na FORMA DE...((conversas))... (ninguém conversando)...na forma de escrever...acho que vocês se lembram que eu falei que para o FINAL do nosso projeto iríamos fazer um... um texto escrito...um artigo de opinião...está chegando o dia desta produção...o que nós estamos fazendo a cada dia é um ENSAIO...vamos dizer assim...ensaio por quê?...estou sugerindo que vocês escrevam...que vocês leiam...que a gente possa comentar sobre as escritas...éh:::pra que cada um possa...éh:: ampliar mais ainda a sua escrita...CERTO?...então a partir dessa primeira escrita que vocês fizeram...e após as discussões vocês vão fazer uma reescrita desse texto...CERTO?...por isso também eu fiz as imagens...o registro das escritas ... pra que a gente possa comparar depois...vamos FAZER A LEITURA...cada um vai poder ouvir e COMENTAR sobre a produção do colega...tá...eu quero que haja essa interação...por exemplo...ficou bom...ou poderia ter dito mais alguma coisa...ou...os vídeos falaram MAIS néh:::poderia ser mais AMPLO O TEXTO...e aí a partir disso CADA UM vai pensar CRITICAMENTE SOBRE O SEU PRÓPRIO TEXTO... fazendo uma auto-reflexão...eu poderia colocar MAIS ALGUMA COISA?...TEM COMO EU MELHORAR MEU TEXTO?...LEMBRA?...que a gente sempre comenta que um texto sempre ele está em construção...ele NUNCA TÁ PRONTO...ACABADO...ele está em CONSTANTE...mudança...construção...por isso que cada vez que você lê...relê...REPENSA O QUE VOCÊ FEZ...ou ouve a opinião de seu colega...ou ouve o texto de seu colega...você vai pensar...PUXA...realmente eu poderia colocar mais...tem como eu melhorar meu texto...e você vai poder...melhorar esse texto...é isso que eu espero ao final da LEITURA E... da próxima produção que vai ser feita...com base nesse que vocês vão ler agora....CERTO?...ENTENDIDO?...ALGUMA PERGUNTA?...ENTÃO VAMOS LÁ... quem poderia falar...em poucas palavras o que que nós vamos fazer agora?

M.J.A: LER

P: LER...e depois o quê? com base em tudo o que eu falei agora aqui?

M.J.A: interagir

P:CADA UM VAI LER E VAI HAVER O QUÊ? UMA IN-TE-RA-ÇÃO...NESTA INTERAÇÃO você vai fazer o quê?...só criticar o que seu colega fez?

VÁRIOS: NÃO

P: ahh::: então a interação é visando o quê?

M.J.A: precisa melhorar o que fez

P:ISSO...a interação é visando uma melhoria...então se o seu colega sugerir melhora...ou que você coloque MAIS ALGUMA COISA no seu texto...você vai levar isso pro lado ruim ou vai levar como uma crítica CONSTRUTIVA?

J.P.J.A.S: construTIVA

P: construtiva... TÁ BOM GENTE...nós estamos aprendendo isso aqui... aos POUÇOS...

J.P.J.A.S: UM TEXTO NUNCA TÁ TERMINADO.

P: MUITO BEM J.P.J.A.S....isso mesmo...é sinal que vocês estão aprendendo...tá.. um texto nunca tá pronto e acabado...ele sempre tem algo a ser ME-LHO-RA-DO...tá...

J.P.J.A.S: UMA PALAVRA QUE NÃO FICOU ()...

P: isso você olha ...não ...se eu colocar uma OUTRA PALAVRA AQUI...vai ficar...vai ficar melhor... vai ficar MAIS claro. O que eu quis dizer...ou o seu colega ouve e diz...FALOU POUCO...faltou falar UM POUCO MAIS sobre isso... você vai pensar...quem sabe você vai aceitar a opinião...possa ser que aceite e possa ser que não...mas é um momento de você pensar...quando você pensa sobre o que você escreveu...você já está melhorando...você já está CRESCENDO...você já está O QUÊ?...APRENDENDO...e é esse o objetivo...escrever e pensar...e repensar e reescrever de novo...sempre visando UMA MELHOR... UMA MELHORIA...CERTO GENTE?

Então proponho o início das leituras das produções, de modo que a cada quatro leituras feitas fazemos a interação, ou seja, a reflexão linguística, momento esse de essencial importância no processo da proposta das ADIs, já que permite a ampliação dos conhecimentos e a reflexão em relação ao que se produziu. Assim o aluno passará a rediscursivizar e a ampliar o que se disse antes.

Abaixo seguem trechos desta interação após as leituras das produções:

P:em relação aos QUATRO primeiros textos que foram lidos...(nomes dos alunos)...eu gostaria que a gente pudesse conversar um pouco sobre os textos deles...o que vocês acharam?...quem poderia falar um pouco sobre eles?...alguém para comentar sobre...você T.V.B. , por favor...

T.V.B: (ruídos dificultando a audição) ...em relação ao primeiro texto...eu achei que ele misturou um pouco as coisas...

P: EM QUE SENTIDO?

T:entre a ansiedade e a depressão...ele começou falar sobre a DEPRESSÃO e depois meteu a ansiedade...que o Brasil é o país mais ansioso do mundo...DEPOIS falou da depressão de novo...

P: DE NOVO...ah:: misturou um pouco as informações....até isso gente... OU::ÇA precisamos DEFINIR sobre o que vamos falar...PRIMEIRO...é uma organização também do texto...MENTAL...não pode...FALAR...como na oralidade...a gente fala de uma coisa...depois fala doutra..depois volta falar daquilo novamente...você não vai estruturar bem o seu texto...táh:: ele precisa ser ...organizado primeiro...o que você quer falar PRIMEIRO...o que vem em SEGUNDO pra ficar BEM estruturado...o que mais T.V.B?

T.V.B: aí o segundo eu não escutei...

P: não DEU pra ouvir o seGUNDO...e em relação ao terceiro texto?...você gostaria de comentar?....

T.V.B: O TERCEIRO e o quarto ficaram BOM...porque elas leram alto e eu achei bom...

P: em relação às informações...que elas usaram...VOCÊ GOSTOU?...conseguiram colocar BOAS INFORMAÇÕES?...tem alguma coisa nos textos ...que vocês...que tenha chamado a atenção de alguém em particular...e você gostaria de falar?...o que você achou A.C.S.N. dos textos?..

A.C.S.N: eu achei bom ...achei MUITO BOM ELES TUDIM...mas o que ficou melhor foi o da M.J.A e o do R.F.P.S.

P: CERTO... por que você achou que o deles ficaram bons?...você poderia comentar um pouquinho... porque já vai servir para os outros repensAREM os seus textos.

A.C.S.N: porque ela falou bem sobre a ansiedade e a depressão...

P: E CITOU... vocês perceberam que ela citou o nome de uma...psiquiatra?...isso faz O TEXTO ficar bom?

J.P.J.A.S: ÓTIMO

P: FAZ... porque nós estamos falando...gente... é uma produção sua...mas tu já tem que falar...segundo a autora...ou...a psicóloga fulana de tal... tratou da ansiedade nesse sentido...já a psiquiatra falou DESSA FORMA...cita o nome... porque senão fica muito o EU...como se VOCÊ achasse aquilo...E NÃO É...o texto que nós estamos fazendo é sobre dois vídeos que nós assistimos...DE QUEM ERAM OS VÍDEOS?

J.P.J.A.S: da psicóloga MILLENA..

P: de uma PSICÓLOGA e de uma PSIQUIÁTRA...ENTÃO é importante fazer REFERÊNCIA dos textos...quem disse isso?...sem dúvidas nosso texto vai ficar melhor...tá bom?.. e já vai servir agora para a reescrita de vocês... segundo a psicóloga fulana de tal...éh...a ansieDADE É diferente da depressão por isso ...já a PSIQUIÁTRA fulana de tal...disse tal coisa...o seu texto vai ter MAIOR CREDIBILIDADE...quem não fez REFERÊNCIA aos autores já pense nisso...MAIS ALGUÉM?...

M.S.S: podia aumentar mais a altura da voz..

P: O TOM DE VOZ NÉH::O TOM DE VOZ...A GENTE já comentou que o tom de voz é importante durante uma leitura em público...mas também observa que ele já melhorou bastante néh:: só precisa MELHORAR...mas isto que é importante...ESTA EVOLUÇÃO...táh... e cada vez melhorar mais...tá de parabéns sim pelo crescimento...MAS tem que ser um tom de voz pra todos ouvirem...MAIS alguma coisa que você queria comentar?...

L.F.M.P: AH... A M.J.A. e a I.A.G. foram bem...elas falaram ... mas faltou mais uma coisa...

P: o que você acha que faltou NO TEXTO DELAS?... no seu ponto de vista...

L.F.M.P: a M.J.A. falou de todos mas o R.F.P.S. faltou falar mais sobre ansieDADE...

P: FALAR UM POUCO MAIS ... porque os vídeos eles são bem ricos né::... e lembrando que estamos treinando escrever para fazer um bom texto de opinião no final...

P: agora vamos comentar um pouco sobre OS OUTROS QUATRO TEXTOS lidos pelos colegas... quem gostaria de comentar um pouco sobre...o que vocês ACHARAM dos textos?... se ficaram BONS...se precisam ser inserido MAIS

alguma coisa?...o que você sugere...para os textos dos colegas?...você

J.P.J.A.S....o que você achou das produções dos colegas?...

J.P.J.A.S....: ficou ÓTIMAS...AH::: bem BOM MESMO...

P:BEM bom mesmo? ... por quê?...

J.P.J.A.S....: ((confuso))...que eles falaram MUITO sobre ansiedade...falaram sobre a depressão.....coisa e tal...

P: TÁ... quem mais gostaria de comentar...gente...alguém?...os colegas conseguiram colocar nas produções deles...as principais diferenças entre UMA COISA E OUTRA?...M.J.A...POR FAVOR...

M.J.A: eu gostei do da T.V.B...que ela falou..sobre psicÓlogos...e psiquiAtras.....ela adicionou um monte de coisas...que faltou no M.M.S...o da A.C.S.N... também tá muito legal...ela fez igual ao da T.V.B...ela adicionou um monte de coisas...é isso ...o da I.M.O.S...eu não escutei muito bem...((rindo))

P: questão DO TOM de voz né::MUITO BEM...alguém MAIS gostaria de comentar?...ENTÃO...que até então...a gente percebia muito...parecida as duas coisas...né:: o que é a ansiedade?...o que é depressão?...será se é a mesma coisa?... ao assistir aos vídeos ...nós podemos DIFERENCIAR MELHOR...uma da outra...CERTO?...EMBORA também nós ouvimos aí...em um dos textos ...dizer que a ansiedade...ela vem SEMPRE primeiro...É ISSO MESMO?...nem sempre...a gente já viu...também em um dos vídeos que... A MAIORIA das vezes ... a ansiedade vem primeiro...mas possa ser que ocorra o CONTRÁRIO...às vezes a depressão pode aparecer primeiro...precisamos ter cuidado com as informações também...que a gente coloca...éh... ouvir BEM anotar BEM pra não colocar informações contrárias...uma das COISAS que eu percebi também...no texto de vocês... não sei se vocês perceberam...a ausência dos títulos... tá::TODOS os textos de vocês...precisam ter UM TÍTULO...tá... depois que você começa falar sobre o assunto...então .. ESSA já é uma dica para a REESCRITA ...quem não colocou o título no texto precisa colocar...tá::

M.M.S: ansiedade e depressão?

P: NÃO...isso é o tema.... TÍTULO não é a mesma coisa que tema...tem a ver com o tema... mas é mais específico...não é a mesma coisa...CERTO?...cada um precisa pensar no tema e criar um título pro seu texto...MAS observei que seus textos ficaram mais amplos... vocês conseguiram falar um pouco mais

sobre o que aprenderam em relação às diferenças entre essas DUAS doenças
...ANSIEDADE E DEPRESSÃO...

Segue imagens de produções da segunda versão dos textos dos três alunos apresentadas, anteriormente:

Figura 40-Segunda versão do texto informativo de T.V.B.

O que eu aprendi sobre as diferenças entre Ansiedade e depressão

Ansiedade → A ansiedade é um sentimento natural, e aparece de forma paritica, mais se tiver mais excesso pode virar doença. A ansiedade costuma vir antes da depressão mais a depressão também pode vir antes da ansiedade. Também aprendi que as ritimas da ansiedade são diferentes das ritimas da depressão como: o ansioso é mais agitado não consegue dormir, come compulsivamente e varias outras.

Depressão → Já a depressão é uma tristeza profunda. Agora eu vou falar o que a depressão pode causar nas pessoas ela pode deixá-las sem disposição, tudo está passando ao seu redor e ela não liga para nada, só quer ficar deitado, trancado no seu quarto.

Tudo isso eu aprendi com Milena Thano
Maria Fernanda Psicóloga clinica e
Psiquiatra

Figura 41-Segunda versão do texto informativo de L.F.M.P.

Titulo do texto 28/04/23
A depressão e a ansiedade

Eu aprendi que ansiedade é uma coisa ruim mas em muitos casos pode ser boa. a ansiedade faz a pessoa ficar ansiosa, e fica querendo que um dia muito muito especial chegue logo. A depressão em alguns casos ma depressão gostamos. Aprenti também que o Brasil e o país que tem mais casos de ansiedade do mundo fiamos com muita tristeza, só preso dentro de casa dificilmente sai e não fala com ninguém.

Figura 42-Segunda versão do texto informativo de M.M.S.

O meu texto fala sobre a diferença entre ansiedade e depressão. O nome da psicóloga é Maria Fernanda, a doutora. Mas se 300 milhões de pessoas no mundo sofrem de ansiedade ou depressão e o Brasil é o que tem mais casos, mais de 101 milhões de pessoas a depressão pode se confundir com outras doenças e os sintomas das mesmas e autismo, síndrome, indigestão, insônia e insucesso das pessoas. a depressão é durado na vida fica mais difícil para da e a ansiedade também é igual na vida alguns sintomas por exemplo medo de morte, medo de ficar nota baixa, preocupação excessiva e coisas muitas de um psicólogo de ansiedade pode ser bom mais se você não trata essa doença pode ficar pior. procure me um psicólogo ou um psiquiatra.

Ao refletir sobre essas produções escritas, ficou perceptível, o avanço no que concerne à rediscursivização dos alunos. Essa ampliação está ocorrendo, mesmo que de forma gradativa. À cada leitura, reflexão linguística, oralidade realizada, os alunos demonstram maior autonomia em seus dizeres, embora, esteja ocorrendo gradativamente observo que estão sendo mais autônomos e responsivos em seus dizeres, isso pode ser constatado também ao trazer outras vozes em seus discursos, as “vozes sociais”, nesse caso, dados estatísticos, falas da psicóloga e da psiquiatra, dos vídeos em que assistiram.

4º CICLO: OUTRAS VOZES SOBRE O MESMO TEMA: COM A PALAVRA UM PROFISSIONAL QUE ENTENDE MELHOR SOBRE O ASSUNTO: UMA PSICÓLOGA

ATIVIDADE: Palestra com a psicóloga

Para este momento, estava planejado acontecer outra atividade que é assistência de vídeos pesquisados pelos alunos, em equipes, para uma maior ampliação do tema. Momento esse, em que eles têm a autonomia de pesquisar, selecionar e decidir pelo vídeo em que mais lhe chamem a atenção em relação ao que estão estudando. Dessa forma, possam desenvolver maior autonomia no que fazem.

No entanto, devido a imprevistos em relação a alguns dias de aulas, não foi possível cumprir com o cronograma previsto. Assim estava aproximando o dia planejado para a vinda da psicóloga na escola, para realizar a palestra. Dessa forma, a atividade de assistência dos vídeos, pesquisados pelos próprios alunos que estava planejada ocorrer antes da palestra passa a acontecer apenas após este momento. Em relação a isto não vejo problema haja vista que, de acordo com Moura (2017) não há uma definição fixa de como as atividades devem se desenvolver, embora deva haver uma organização para que haja uma ampliação do tema em estudo. Ademais, é o professor que vai organizá-las de acordo com a realidade e o contexto inserido.

A palestra com a psicóloga, estava planejada desde o início do projeto, já que é um momento de ampliação do tema em relação à ansiedade. Também uma oportunidade em que os discentes têm de estarem diante de um profissional desta área e poderem interagir para esclarecer possíveis dúvidas e até mesmo confrontar opiniões, em relação ao que já vêm pesquisando e discutindo no decorrer do projeto.

Os alunos vinham sendo preparados para este momento ímpar, que é a palestra com uma profissional da área, na escola. Ao aproximar-se a data prevista, passo nas demais salas de aulas (do 6º-9º anos), para convidá-los e mobilizá-los a participarem. Falo do tema da palestra e do projeto que venho desenvolvendo, assim como da importância do apoio desta profissional para as pessoas que têm ansiedade ou outros transtornos mentais. Introduzo um pouco sobre o que é ansiedade e o quanto esta doença tem atingido aos brasileiros, inclusive no nosso contexto escolar e familiar. Faço as considerações da importância deste momento, não somente para as turmas que estão participando do projeto, mas também a todos de uma forma geral, já que é uma doença que está muito presente em nosso meio e, geralmente se tem pouco conhecimento sobre ela. Sendo assim, este é um momento, propício para adquirirmos mais conhecimentos e, sobretudo, se autoajudar, além de poder ajudar alguém que, porventura, possa estar passando por tal situação.

Dessa forma, no dia anterior à palestra, faço as orientações, novamente de como ocorrerá o momento.

P: e então GENTE...amanhã será nossa palestra com a psicóloga...está chegando o GRANDE momento deste encontro... quero que vocês aproveitem ao MÁximo... façam anotações do que acharem necessário...também vamos pensar antecipadamente em questões que vocês gostariam de perguntar...coisas que vocês têm DÚVIDAS ainda sobre ansiedade...depressão...ou... outras coisas que tem a ver com o tema...CERTO?...é MUITO importante vocês... pensem logo nas perguntas que querem fazer... mas possa ser que no decorrer da palestra ela já responda a sua dúvida...ou seja...sobre o que você iria perguntar...aí você já não faz mais a pergunta...já que já foi respondida por ela...CERTO?...VAMOS aproveitar GENTE...não é todo dia que temos uma PSICÓLOGA na escola... as anotações sobre a palestra ...a ampliação do tema em estudo vai servir para NOSSA escrita ...no caso...do ARTIGO DE OPINIÃO que vamos escrever daqui uns dias...então é isso... vamos anotar TUDO que achar importante...

Então, para iniciar, apresento a psicóloga e friso, novamente sobre a importância do momento para todos. Assim como se faz necessário as anotações e interações no decorrer da palestra.

Em seguida, a psicóloga dá início a palestra.

Abaixo seguem algumas imagens desse momento:

Figura 43-Imagem da palestra com a psicóloga



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Maio/2023

Figura 44- Imagem da palestra com a psicóloga



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Maio/2023

Figura 45- Imagem da palestra com a psicóloga



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Maio/2023

Figura 46- Imagem da palestra com a psicóloga



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Maio/2023

Abaixo apresento trechos deste diálogo ao qual foi registrado em vídeos e aqui faço a transcrição de partes que considero importante.

PSICÓLOGA: Então gente...BOM DIA A TODOS...sou a psicóloga Stefany, faço parte da SEMED...e estou aqui a pedido da professora Rosa... que fez o pedido a secretaria, para que pudesse estar aqui com vocês pra conversarmos sobre algo MUITO presente em nosso meio...A ANSIEDADE...quem aqui sabe o que é ansiedade?...vamos lá... a gente vai conversar... então o que vocês sabem sobre ansiedade?

J.P.J.A.S: é uma doença...

M.M.S: é quando a gente fica triste e sente várias coisas ruins...

M.J.A: É UM TRANSTORNO...

T.V.B: É UM SENTIMENTO...

PSICÓLOGA: ((aplaude com várias palmas)) ...MUITO BEM...a ANSIEDADE ela é um sentiMENTo... ela é uma emoÇÃO...ela dá medo...ela dá raiva...ela dá PALPITAÇÃO...ela dá insônia...ela dá sono...ela é um transtorno...e ela é o sintoma de uma outra doença também...olha que legal...vocês TÊM ansiedade?... VOCÊS TÊM ANSIEDADE?

VÁRIOS: SIM:::

PSICÓLOGA: todo mundo tem ANSIEDADE?

ALGUNS: NÃO:::

PSICÓLOGA: SIM::: (em coro responderam que sim))...TODO mundo têm ansiedade...anotem AÍ no caderninho de vocês...TODO SER HUMANO TEM ANSIEDADE...CERTO?...((barulho dos alunos))...só que nós temos padrão NÉH:::?...ATENÇÃO...eu vou chamar a atenção de vocês...a ANSIEDADE ela tem em todos nós...têm em mim...tem em VOCÊ...((apontando)) tem NELA...tem na professora ...tem na diretora.. tem no coleguinha do sexto ano...do nono ano...TODO MUNDO TEM...até a TALITA...SÓ QUE...A ANSIEDADE...ela tem um limite...uma base...é saudÁVEL você ter ansiedade ...porque ela nos mantém...PREPARADOS...em alerta...então ansiedade de zero a cinco...aqui oh...de zero a cinco...é o nosso normal...a partir do momento que ela começa a interferir no seu dia a dia...no seu trabalho..no sono...nas suas atividades...que ela te impede de fazer algo...ela passa de cinco a dez...e quando ela chega no dez...néh::: ela começa a ser um transtorno...ela tem outros sintomas...além dos

normal...aí eu pergunto...vocês sabem quais são esse SINTO:::mas...de ansieDADE?...

J.P.J.A.S: FÍSICOS OU PSICOLÓGICOS?...

PSICÓLOGA: MUITO BEM...EU QUERO OS DOIS...físicos e psicológicos...

J.P.J.A.S: falta de ar...inSônia...dor no PEItto...palpitaÇÃO...

M.M.S: dor na cabeça...cansaço...falta de ar...dor no peito...

PSICÓLOGA: TAMBÉM...

M.M.S: dor na barriga...

PSICÓLOGA: MUITO BEM...gente vocês quando sentem ansieDADE vocês sentem dor na BARRIGA?..

VÁRIOS: NÃO:::

PSICÓLOGA: ai...olha..deixa eu contar uma história pra vocês...vamos usar nossa imaginação que é muito fértil?...você tá de boa...aí você tem apresentação de trabalho...quem gosta de seminário?...((barulho dos alunos, falando ao mesmo tempo))...OLHA QUANTA EMOÇÃO...NINGUÉM gosta de seminário?...

VÁRIOS: NÃO:::

PSICÓLOGA: vocês têm verGONHA de vir aqui na FRENTE?

VÁRIOS: SIM:::

PSICÓLOGA: SIM...dá um nervoso?...

VÁRIOS: SIM:::

PSICÓLOGA: SIM... AÍ DÁ UMA DOR... um negócio...

Após momento de interação inicial com a turma e de exposição conceitual sobre ansiedade, a psicóloga fala sobre depressão, sobre nossas emoções e de como aprender a controlá-las.

Questionando se alguém teria alguma dúvida ou pergunta sobre o que foi apresentado um aluno diz ter a dúvida, mas não sabe se consegue se expressar para perguntar.

PSICÓLOGA: por que você não vai conseguir?... por que você não vai?... é pelos outros ou é por você?... BOM...o que mais vocês sabem sobre ansiedade?...((alunos conversando))...quero ouvir uma voz ali do FUNDO agora... El::: eu quero ouvir uma VOZ aí do fundo...É::: estão conversando...também quero conversar...qual é a dúvida de vocês?...((vários falam ao mesmo tempo))...ahh.... vocês participaram da confecções desses cartazes?..

VÁRIOS: SIM:::

PSICÓLOGA: o que vocês sabem sobre depressão?..

P: podem fala:::rem... aproveitem para participar..

PSICÓLOGA: AH... eu ouvi dizer que vocês eram tão destemidos...que vocês não eram vergonhosos...não quero acreditar que estão com vergonha de mim...BOM...nós falamos sobre ansiedade e eu queria saber sobre depressão mas vocês estão com vergonha....o que é depressão?...

M.M.S: depressão é ((barulho))...

PSICÓLOGA: é um transtorno mental...é uma doença...CERTO?...ela pode acometer qualquer pessoa...de qualquer idade... ah estou triste...estou com depressão... NÃO...é normal ficar triste?...

VÁRIOS: é:::

PSICÓLOGA: você vai ficar triste TODOS os dias?...

VÁRIOS: NÃO:::

PSICÓLOGA: mas vai ter um dia que você vai ficar muito triste né:::?

VÁRIOS: SIM:::

PSICÓLOGA: aí vai ter um dia que você vai tá com muita RAIVA também... normal... vamos falar também...AH:::vamos falar sobre OUTRA coisa antes de entrar nisso...vamos falar sobre as NOSSAS EMOÇÕES... pra gente entender a ansiedade... a depressão...nós somos seres LINDOS E MARAVILHOSOS...huma:::nos...pensa:::tes...qual é o nosso diferencial?...NOSSAS EMOÇÕES...nós sentimos afeto...nós temos um gostar..um querer...nós temos a empatia...nós sentimos raiva...a gente sente tristeza...até um nojinho também...uma sensação às vezes...ruim...outras necessárias...ok...sobre as nossas emoções...ENTÃO GENTE...sobre as emoções nós vamos sentir elas de diversas formas no dia a dia... quando eu ganho um preSENte eu fico...feliz..fico ALEGRE...quando eu TROPEÇO na rua e ralo o joelho?..

M.M.S: FICA TRISTE...

PSICÓLOGA: com RAIVA primeiro...depois eu fico TRISTE porque dói...

Após este momento, ela promove a dinâmica para os alunos compreenderem melhor sobre suas emoções e como controlá-las.

Para isso, usa algumas imagens em papel fotográfico que ela trouxe e convida os alunos a participarem. Chama alguns a frente e distribui as imagens

com textos, de modo que cada uma lê o que está escrito em seu papel e mostra para os demais. Também por meio desta estratégia, fala sobre dicas de como controlar a ansiedade. De modo que os próprios alunos leem as sugestões com as dicas.

Abaixo segue imagem deste momento de interação com os alunos.

Figura 47-- Imagem da palestra com a psicóloga



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Maio/2023

Figura 48- Imagem da palestra com a psicóloga



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Maio/2023

Para finalizar a palestra faz uma última dinâmica, em que utiliza uma música e sugere gestos de acordo com suas indicações. À medida em que ela faz esses gestos, todos devem fazê-los também. Segundo ela, são formas de driblar, ou amenizar a ansiedade ou sintomas ansiosos.

5° CICLO: MAIS VOZES SOCIAIS SOBRE O MESMO TEMA, DESENVOLVENDO A AUTONOMIA RESPONSIVA DOS SUJEITOS:

PRIMEIRA ATIVIDADE: Vídeos pesquisados pelos próprios alunos para ampliação do tema/ assistência / debate

Após esta atividade, que é a realização da palestra pela psicóloga, passamos a realização das assistências dos vídeos, sobre ansiedade e depressão. Vídeos estes pesquisados pelos próprios alunos, previamente.

Anteriormente, à atividade, os oriento a organizarem-se em grupos de três alunos para pesquisarem os vídeos e me enviarem antecipadamente. Após isso baixo os vídeos e os organizo para serem projetados no data show. Assim damos início a este momento, de modo que a cada vídeo assistido pela turma, fazemos o diálogo interativo sobre o que acham, sobre o conteúdo do vídeo e, sobretudo do quanto contribui para a ampliação do tema em estudo, assim como, do que aprendemos a mais, ou mesmo se houve alguma contradição em relação ao que já aprendemos sobre o tema.

Ao todo assistimos a nove vídeos, a saber

(i) Como é ter ansiedade e depressão ao mesmo tempo?

<https://www.youtube.com/watch?v=TDzRGAkVNA&pp=ygU174O8CUNvbW8gw6kgdGVyIGFuc2lIZGFkZSBllGRlcHJlc3PDo28gYW8gbWVzbW8gdGVtcG8%3D>

(ii) Como parar a crise de ansiedade em um minuto?

<https://www.youtube.com/watch?v=Wx4HrLiRlxl&pp=ygUw74O8CUNvbW8gcGFyYXlglYSBjcmlzZSBkZSBhbnNpZWRhZGUgZW0gdW0gbWludXRv>

(iii) Depressão;

<https://www.youtube.com/watch?v=T2XLwjy65LA&pp=ygUP74O8CURlchHJlc3PDo287>

(iv) O que é ansiedade?

<https://www.youtube.com/watch?v=bxE9bQWkuxl&pp=ygUSTyBxdWUgw6kgYW5zaWVhYWRl>

(v) Você sabe qual a diferença entre ansiedade e depressão?

<https://www.youtube.com/watch?v=0ojjLzahll0&pp=ygU5Vm9jw6ogc2FiZSBxdWFsIGEgZGlmZXJlbnOnYSBlbnRyZSBhbnNpZWRhZGUgZSBkZXByZXNzw6Nv>

(vi) Ansiedade;

<https://www.youtube.com/watch?v=PdtHNWYvQQ4&pp=ygUd74O8CUFuc2lIZGFkZSBkciBhdWd1c3RvIGN1cnk%3D>

(vii) Como acalmar a ansiedade?

<https://www.youtube.com/watch?v=Zo2BjiJwJLc&pp=ygUc74O8CUNvbW8gYWNhbG1hciBhIGFuc2lIZGFkZQ%3D%3D>

(viii) Como controlar a ansiedade?

<https://www.youtube.com/watch?v=Zeg2JZFNQdY&pp=ygUu74O8CUNvbW8gY29udHJvbGFyIGEgYW5zaWVhYWRlIGNvbmZpcmEgNSBkaWNhcnw%3D%3D>

(ix) Você não está só: depressão e ansiedade;

J.M.B.: (falas inaudíveis) ...porque ele ensina as pessoas a ter mais controle sobre a ansiedade...e NOMEAR...as emoções...

P: nomeia as emoções...néh...(me dirigindo a um componente da equipe)

E.D.D:...mais alguma coisa?...(falou baixo em meio a outras falas)...táh...éh::: quais foram AS DICAS que ele deu...em relação à...A TER controle...? o que que ele ensinou...prá que a gente...(um aluno fala : como sair ())...quais foram as DICAS dele? do...MÉDICO?...

E.G.A: ter controle da ansiedade...

P: COMO TER ESSE CONTROLE?.. QUAIS as informações?...o que que ele passou pra gente?...

J.M.B: saber nomear..

P: CERTO... então ele diz que saber dar nome...NOMEAR ...vai ajudar MUITO...alguém...vocês que estavam assistindo...gostaram do vídeo?...

E.G.A:: não...

P: não?...POR QUÊ?... ALGUÉM GOSTOU?...

L.R.C.O: EU GOSTEI...

P: por que TU não gostou:::?

E. G.A:: é chato...

P: AH.. mas é chato por QUÊ?...o que é CHATO pra você?...(silêncio)... táh... mas alguém GOSTOU do vídeo?... teve assim...um POUCO MAIS de informação pra gente...um pouco mais de informação em relação ao TEMA que nós estamos trabalhando e gostaria de comentar sobre?... TÁH gente?...a INTENÇÃO dos vídeos é:::AMPLIAR um pouco mais o que a gente está aprendendo sobre o tema táh?...também achei INTERESSANTE O VÍDEO porque ele dá DICAS...ensina TÉCNICAS pra que a gente consiga manter um...MAIOR EQUILÍBRIO néh::: em caso de...TER ansiedade... e ele diz que...são TÉCNICAS simples...são PEQUENAS técnicas que vão ajudar ...mais ALGUM comentário sobre?...a equipe tem ALGO a dizer mais?

J.M.B: NÃO:::

Após a assistência de outro vídeo, volto a fazer a transcrição de trechos da interação, abaixo:

P: OLÁ... ENTÃO gente...acabamos de ouvir...acabamos de assistir.... a mais um VÍDEO táh:: com o título: você não está só...DEPRESSÃO E ANSIEDADE...táh... quem da equipe gostaria de falar UM POUCO sobre o

vídeo?...Ol...quem poderia INICIAR a interação sobre o vídeo?... por que vocês escolHEram esse vídeo?... () G.S.F:...você poderia falar um pouquinho sobre O VÍDEO que vocês escolheram?...

G.S.F: porque a gente achou legal... (barulhos)

P: e então... vocês acharam legal... em que SENTIDO ele é legal?...o vídeo trata sobre o quê?...

G.S.F: sobre ansieDADE e depressão...

P: SOBRE ANSIEDADE E DEPRESSÃO...você poderia falar um pouco sobre o vídeo... fazer um pequeno RESUMO sobre ele...com suas próprias palavras...o que aconteceu NO VÍDEO em sí?... ()

G.S.F: ela tá com depressão...

P: ela demonstra estar com depressão?...POR QUE?...o que que ela fazia que vocês...leva VOCÊS a crerem QUE ELA ESTÁ COM DEPRESSÃO?

G.S.F: os gritos... a tristeza dela...() o choro...

P: mas o que acontece mesmo GENTE?... alguém liga pra ela...par sair...não é isso?... QUEM É essa pessoa?...

G.S.F: o amigo dela...

P: o amigo?...ela aceita sair...mas::: de repente...() quando ela tá::: ao chegar no local...ela se sente bem?...

VÁRIOS: NÃO::

P: o que acontece com ela?...MAIS ALGUÉM DA EQUIPE GOSTARIA DE FALAR?...

E.G A: DEPRESSÃO...

P: ahh...no GRUPO ele começa a se sentir mal... o que ela começa a SENTIR?...o que ela COMEÇA a fazer?

E.G A::: ela começa a gritar...

P: SIM...GRITAR e fazer O QUÊ MAIS?...

E.G A::: chorar...depois tá banhando dentro d'água...

P: o quê?...

E.G A::: ela tá dentro d'água banhando...

P: aparece ELA dentro d'água?

E.G A::: APARECE...

P: fazendo O QUÊ?

G.S.F:NÃO...aquilo lá ela tava .pensando...

P: AH::: ela tava só IMAGINANDO...() e aí o que ACONTECE mesmo?...no final...gente..ela têm apoio?...ela recebe apoio de alguém, K.C.L.?,

K.C.L: sim...acho que é da mãe dela..ou uma amiga..

P: e o que a pessoa faz pra ela?...

K.C.L: ela abraça ela...

P: CERTO...chega abraça e diz que ela não está só..

K.C.L: fala várias palavras para consolar ela...

P: além da EQUIPE alguém quer falar?... isso... então...O QUE MAIS chamou a atenção de vocês NESSE vídeo... pra vocês terem escolhido ele para assistir aqui?...o que mais chamou a atenção de vocês?...os outros colegas GOSTARAM do vídeo?... além da equipe alguém quer falar um pouquinho?...então...esse vídeo... ele ESTÁ ajudando a ampliar um pouco mais nossos conhecimentos sobre ANSIEDADE?...()

Após a assistência de outro vídeo, abaixo seguem outros trechos da transcrição de diálogos sobre o vídeo.

P: E ENTÃO...éh.. após assistir o vídeo da equipe da M.N.B néh...O TÍTULO DO VÍDEO É DEPRESSÃO... então sobre o quê ele vai tratar ESPECIFICAMENTE?
VÁRIOS: sobre a DEPRESSÃO...

P: MUITO BEM...eu gostaria de perguntar a equipe...éh::: o que fez vocês escolherem ESSE vídeo?...já que vocês TIVERAM a oportunidade de pesquisar...ver VÁRIOS vídeos...e o que levou vocês a decidIREM por esse e não por outro vídeo?...

M.N.B: professora...nós escolhemos esse por causa DAS IMAGENS...

P: por causa das ima::gens ... MUITO BEM...o quê mais?...

M.N.B: mostra sobre a DEPRESSÃO e fala bem assim...eu quando escolhi tinha um mon::te lá...mas eu achei esse daqui melhor...porque TEM DESENHOS...ele fala um pouqui::nho devagar assim...dá pra entender..ele fala coisa imporTAN::tes...aí eu gostei dessas partes...

P: ÓTIMO...eh::: o que mais assim você tem a falar sobre o vídeo?...você acha que ESSE vídeo...com base em tudo já que nós estudamos...já lemos...já pesquisamos...já assistimos...você acha que ele ACRESCENTOU algo a mais pro nosso conheciMENTO...a respeito do tema?...

M.N.B: SIM...com certe::za... ele falou sobre...deixar o preconceito também...sobre os pensamen::tos...que muitas vezes não falavam isso...só falava dos físicos mas ()aí...falava mais coisas...

P: achou que ele teve MAIS INFORMAÇÕES...NÉH?..ENTÃO... O IMPORTANTE É SEMPRE TER MAIS INFORMAÇÕES ...ALGO QUE DIZ MAIS...E A questão das imagens que vocês falaram... eu achei TAMBÉM bem interessante porque é algo DIFEREN::TE néh:: prende até MAIS a atenção ao assistir um vídeo que tem ESSA IMAGENS...um vídeo MAIS explicativo e sugesTIVO não é isso?...

M.N.B: SIM:::

P: mais alguma coisa que vocês TÊM a falar sobre o vídeo?

L.F.M.P: éh:: o vídeo é bom porque fala que tem mais de TREZENTOS E CINQUENTA MILHÕES de pessoas no Brasil ...com depressão...

P: INFORMAÇÕES néh::: ele trás MUITAS informações de quantidades...vocês sabiam que essa quantidades...depois vão servir pro texto de vocês?...se vocês TIVEREM ANOTADO direitinho QUEM disse isso?...vai poder comprovar no texto de OPINIÃO...colocar dados CIENTÍFICOS....dados comprovados de especialistas... é SUPER- IMPORTANTE para colocar no texto de vocês...que mais L.F.M.P::?...

L.F.M.P: pode se matar néh:::

P: SIM...pode chegar ao SUICÍDIO..

L.F.M.P: é ... deixar o bullying de lado...mais um (trechos confusos)...aí a gente fica pensando...as pessoas ficam pensando diferentes das coisas...se iso::lam...num lugar...não querem mais falar com seus família::res...éh::: ficam com...se cortam...

P: ah é a MUTILAÇÃO...a AUTO-MUTILAÇÃO néh:::muito bem...

L.F.M.P: e é isso que eu aprendi...

P: achou bem interessante TAMBÉM porque ele falou MAIS...teve mais informações sobre a depressão ...não ficou muito ali na ansiedade...colocou informação a mais NÃO FOI?... L.F.M.P:::...

M.S.S: falou que mais de TREZENTOS milhões de pessoas sofrem de depressão...

P: SIM...e o que mais você gostou do vídeo?

M.S.S: as ima::gens...

P: AS IMAGENS ...MUITO BEM...um vídeo que mostra bastante as imagens néh?...foi deseNHANdo...ele foi explicando com base em desenhos...mosTRANdo como funciona a nossa mente...o que PODE acontecer com a nossa mente...não é isso?...

M.S.S: ensinou bastante néh:: desenhou...

P: ALGUÉM MAIS (da plateia) gostaria de comentar sobre o vídeo?...gostou...não gostou ...e POR QUÊ?

J.P.J.A.S: eu gostei ... gostei BASTANTE...parabéns...eu até queria parabenizar a EQUIPE...por ter escolhido esse vídeo...e também ele deu bastante explicação sobre a depressão...mais de trezentos e cinquenta milhões de pessoas no mundo tem depressão... e também sintomas néh:: DICAS...e tipo uma pessoa fica isolada é capaz de cometer suicídio...e as dicas foram...se exercitar...ao ar livre..com outras pessoas...deixar o preconceito de lado... e a última vez anotar pensamento que vem a sua cabeça se ISSO aconteça...

P: olha::: até pra que entenda...pra que questione ESSES PENSAMENTOS depois néh:: SERÁ se fazia sentido TUDO ISSO que eu pensava...MUITO BEM J.P.J.A.S...obrigada pela participação... estou gostando de vocês... estão MAIS participativos...SIM... o que mais?... quem MAIS gostaria de falar sobre o vídeo?...

M.J.A: (trechos confusos) professora... gostei MUITO do vídeo...eu anotei aqui professora... a maior parte dos trabalhadores DO BRASIL são afastados de seus empregos por CAUSA DA DEPRESSÃO...

P: ta vendo... sério néh:: pode atingir o país até ECONOMICAMENTE...as pessoas sendo afasta::das...

M.J.A falou no vídeo... e a depressão não é só do ser humano néh..é da economia...atinge A ECONOMIA...

Ao finalizar a assistência, leitura e reflexão sobre os vídeos, apesar de muito barulho e conversas paralelas por alguns alunos, tenho a sensação de que está sendo cumprido o que Moura (2017) nos propõe com as ADIs, visto que as interações estão ocorrendo de forma mais intensa, ou seja, os alunos estão se desenvolvendo mais por meio da oralidade.

Os debates estão fruindo melhor, alunos que, inicialmente, não participavam ou falavam minimamente, agora já oraliza mais, dão sua opinião de modo mais organizado. Ademais, atividades de leitura, oralidade, escrita e

reflexão linguística estão ocorrendo de forma cíclicas e interligadas, sendo que a reflexão linguística, perpassa por todas elas, e isso está sendo crucial e até mesmo determinante para a observação contínua deste crescimento em relação ao que dizer, ao como compreender e ao que escrever, de modo mais sistematizado, refletido e coerente. Agora, os discentes dão suas opiniões de modo mais seguros, com maior autonomia, fazem isso de forma mais ampla de modo que fica perceptível que o conjunto de todas as atividades estão sendo de essencial importância para este resultado e isto pode ser percebido por meio das descrições dos diálogos interativos e reflexivos em relação às atividades que vêm sendo trabalhadas no decorrer dos ciclos.

6° CICLO: FINALMENTE CHEGAMOS AO GÊNERO PRINCIPAL: ARTIGO DE OPINIÃO

PRIMEIRA ATIVIDADE: Leitura de artigos de opinião estrutura/finalidade/características.

P: bem gente... ENTÃO... nesta aula de hoje...a gente vai introduzir...eh:: as informações...sobre o que É um ARTIGO de opinião?...tá...éh:: estamos aproximando do final de nosso projeto...CERTO::já vimos VÁrias atividades...já fizemos bastante atividades de oralIDADE...de esCRIta...de pesQUIsa...de assistência de Vídeos.....CERTO...de reflexão linGUÍStica...néh... quando vocês escrevem...que a gente reflete sobre a escrita...pede pra reescrever ou repensar sobre o que vocês escreveram...vocês estão refleTINDO linguisticamente...quando você muda uma palavra...quando você diz...não... essa palavra NÃO ficou boa...nos cartazes por eXEMplo...quando a gente reviu a forma das letras pequenas... éh:: falta de co::res...eh:: desTAque em alguma palavra...isso nós estávamos refletindo linguisticamente...isso é imporTANTE porque...quando a gente pensa sobre o que escreveu a gente pode escrever de uma forma melhor e até falando MAIS sobre...CERTO...então... hoje eu vou passar pra vocês...falar um pouco sobre o que é um ARTIGO de opinião...CERTO...e o artigo de opinião...ele é um GÊNERO TEXTUAL...assim como qualquer um outro gênero... o que vocês sabem sobre o gênero... agora há pouco eu falei... mas vou perguntar agora pra ver quem estava aTEnto quando eu falei um pouquinho sobre GÊnero...quem LEMbra...alguém lembra...lembram que eu falei assim...quando a gente faz uma carta...quando a gente opta em fazer um e-mail...ou uma mensagem de watsaap...quando a gente

faz UM CARTAZ...lembram que nós trabalhamos as características do cartaz...é:: um comentÁrio..quando eu peço...faça um comentário sobre o que você aprendeu sobre determinado assunto...ENTÃO....o COMENTÁRIO é um gênero também... assim o artigo de opinião é um GÊNERO textual...então eu vou mostrar pra vocês um pouco o que é um artigo de opinião e a gente vai conversando pra vocês aprenderem e terem um POUCO a IDEIA do que é esse gênero...tá... como se faz um artigo de opinião...o que precisa ter no texto pra que ele seja um artigo de opinião...MUITO BEM...então eu vou começar a passar os slides e à medida em que eu for passando::: a gente vai dialoGANdo sobre eles. ENTÃO...vamos continuar fazendo as anotações...com os cadernos na mesa...atenção as explicações...anotações do que achar necessário...até porque gente..a gente já tem BASTANTE informações sobre o tema ...mas precisamos aprender...como eu tenho que organizar minhas ideias...em que gênero... que estrutura esse texto precisa ter...e é sobre isso que eu vou falar com vocês hoje...(...) se vocês tiverem dúvidas perguntem...aqui eu vou falar um pouco sobre a estrutura do gênero...depois eu vou ler um artigo de opinião...vamos analisar...e...com CERTEZA... essas informações vão ajudar cada um a fazer a sua produção...

Neste momento, passo a apresentar-lhes o que é um artigo de opinião, por meio de slides e à medida em que lhes apresento as informações faço as interações para melhor entendimento.

Abaixo segue o primeiro slide para leitura e interação sobre o gênero:

ARTIGO DE OPINIÃO O QUE É UM ARTIGO DE OPINIÃO?

É um texto onde a opinião do autor é expressa

O **artigo de opinião** é um texto onde o autor expõe seu **posicionamento** sobre um determinado tema de interesse público. É um texto dissertativo que traz argumentos sobre o assunto abordado. O escritor, além de mostrar o seu **ponto de vista**, deve sustentá-lo com argumentos coerentes.

FONTE:<https://biblio.direito.ufmg.br/?p=5127#:~:text=Trecho%20de%20artigo%20de%20opini%C3%A3o%20sobre%20%E2%80%9CDrogas%E2%80%9D&text=O%20crack%20tem%20de%20monstrado%20a,neglig%C3%Aancia%20do%20governo%20%C3%A9%20not%C3%B3ria>

P: importante isso aí...quando disse que é um texto DISSERTATIVO...o que quer dizer um texto dissertativo...o que vocês entendem por um texto dissertativo...um texto dissertativo é um TEXTO de opinião... onde o autor vai...falar sobre o entendimento dele sobre um tema...é diferente de eu pedir pra vocês contar um fato em que aconteceu:: tá...não é necessariamente você contar alguma coisa em que você... viu...é pensar sobre um tema e expor seu ponto de vista a respeito dele...no nosso caso...QUAL é o tema que nós vamos ter que expor sobre ele...
Alunos: (vários) SOBRE ANSIEDADE...

P: sobre ANSIEDADE e também vamos poder até falar sobre a ansieDAde e a depressão...já que nós discuTIMOS sobre esses DOIS temas...só que não é necessariamente só falar o que é ansieDADE...tu vais ter que ter uma organização...pensar numa ESTRUTURA...o que eu devo usar no primeiro paRÁgrafo...como deve ser o seGUNdo...o terceiro paRÁgrafo...o que eu tenho que usar no ÚLTIMO... tem que ser um texto BEM estruturado...

M.M.S: E também tem que ter ...como é MESMO... tem que ter o PONTO parágrafo...

P: tem que ser organiZADO em paRÁgrafos...MUITO BEM M.M.S...e além de que a gente vai aprender assim...o que USAR no primeiro paRÁgrafo?...

E.A.C.S: Tem que fazer a pontuaÇÃO né profesSORA...

P: A PONTUAÇÃO... a pontuação... e principalMENTe...a opinião de quem tá escrevendo...porque o nome já diz: que é um artigo de O-PI-NI-ÃO...então você vai poder dizer por exemplo...é um texto que tu não vai poder colar ele da internet...MAS...tu vais falar por exemplo...o que é ansieDADE...ou...como a ansiedade pode prejudicar a vida de MILHOES de pessoas...tu vai ter que usar argumentos...usar explicações convincentes...tentar fazer a pessoa que for ler o seu texto...se convencer que o que você está falando é ver::DADE...então pra isso precisa justificativas...explicações e vai poder também usar...por eXEMplo falas de alguns especiaLISTAS...mas pra escrever ...falando assim você vai pensar...seGUNdo fulano de tal...tu não pode só usar o que alguém falou...o que um PSICÓLOGO falou...o que um PSQUIATRA FALOU...o que a gente assistiu em determiNADO vídeo...sem citar a pessoa tem que dizer...DE ACORDO com fulano de tal..a ansieDADE é isso...isso e isso...ou algo em que você queira por para comprovar...com falas de especiaLISTAS ...mas tem que se:: reportar a ele...não vai poder usar como se fosse VOCÊ que falou aquilo...CERTO...

P: e então...o nosso artigo de opinião vai ter uma intenção também...nós vamos escrever pra QUEM...pra que que nós vamos escrever...qual vai ser o meu propósito...

M.M.B: prá avisar sobre a ansiedade...

P: prá ...

M.M.B: AJUDAR...

P: prá FAZER as pessoas...

M.J.A: ESPRESSAR..

P: pra expressar sua opinião...MUITO BEM:: M.J.A. mas também pra levar as pessoas talvez a terem MAIS conhecimentos...lembram quando nós fomos fazer esse trabalho (se dirigindo ao cartaz) a gente pensou qual era o objetivo dele... a mesma coisa AGORA com o artigo de opinião...todos os textos que tu vais escrever tu tens que pensar assim...o que EU QUERO com o meu texto...o que eu PRETENDO com o meu texto... com base nisso que você vai se...posicionar...CERTO?...

P: e o que são ARGUMENTOS... argumentos...eu vou ter que expor o meu ponto de vista e argumentar... prá tentar convencer as pessoas sobre o meu ponto de vista... então o QUE SÃO argumentos...já que eu tenho que argumentar...

M.J.A: SÃO FALAS...

P: são falas...são explicaÇÕES...são justificativas...do que você:: for falar...são falas de especialistas...são exemplificações...TUDO que você usar pra comprovar o que você falou lá no início...ISSO são ARGUMENTOS...entendiam...então temos que pensar nisso...ARGUMENTOS...é um texto dissertativo em que eu vou expor minha OPINIÃO...e tentar convencer o meu leitor do que o que eu estou falando é ver-DADE....

ALUNOS EM CORO: DADE...

Abaixo segue o slide que trata da estrutura de um artigo de opinião:

Grande parte dos artigos de opinião segue uma estrutura básica que é dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão.

Introdução – A introdução vem logo no primeiro parágrafo do texto, é onde o autor faz a **apresentação do tema** que será visto no corpo do texto.

Desenvolvimento – No desenvolvimento é onde o autor **expõe suas ideias** para tentar convencer o leitor a concordar com os argumentos que estão sendo apresentados.

Conclusão – Na conclusão deve ser apresentada uma ideia para **solucionar o problema que foi proposto**.

FONTE: <https://biblio.direito.ufmg.br/?p=5127#:~:text=Trecho%20de%20artigo%20de%20opini%C3%A3o%20sobre%20%E2%80%9CDrogas%E2%80%9D&text=O%20crack%20tem%20de%20monstrado%20a,neglig%C3%AAncia%20do%20governo%20%C3%A9%20not%C3%B3ria>

P: MUITO BEM...grande parte dos artigos de opinião seguem uma estrutura básica...que é dividida em...que gente... INTRODUÇÃO...DESENVOLVIMENTO E CONCLUSÃO...

Nesse sentido, faço as interações na turma de modo que os levo a participarem da discussão, à medida em que lemos os slides interajo com eles ampliando suas informações sobre o gênero artigo de opinião, de modo que passem a compreender melhor sobre tal gênero, sua estrutura, finalidade, assim como o que usar em cada parte do texto. Além disso, falo também sobre o tipo de linguagem mais adequada ao gênero.

Em seguida, apresento aos alunos, ainda por meio de slides dois exemplos de artigos de opinião, de modo que fazemos a leitura por partes, relacionando-o aos conhecimentos adquiridos anteriormente por meio das interações, sobre o gênero artigo de opinião. Neste sentido, falo sobre a estrutura, os argumentos, o tema abordado, do propósito de cada texto, além de outros assuntos relacionados ao gênero.

Os textos apresentados seguem abaixo:

Exemplo 1: trecho de artigo de opinião sobre educação

A educação no Brasil tem sido discutida cada vez mais, uma vez que ela é o principal aspecto de desenvolvimento de uma nação.

Enquanto nosso governo investe na expansão econômica e financeira do país, a educação regride, apresentando, assim, muitos problemas estruturais.

É principalmente nas pequenas cidades que o investimento para a educação é mal aplicado e, muitas vezes, as verbas são desviadas.

Por esse motivo, o nosso país está longe de ser um país desenvolvido até que o descaso com a educação persista.

Os governantes do nosso país precisam ter a consciência de que enquanto a educação estiver à margem, problemas como violência e pobreza persistirão. Assim, o lema da nossa bandeira será sempre uma ironia. “Ordem e progresso” ou “Desordem e Regresso”?

Nosso grande educador Paulo Freire já dizia: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Exemplo 2: trecho de artigo de opinião sobre drogas

Atualmente, o problema das drogas tornou-se muito recorrente em diversas partes do mundo. O surgimento de novas substâncias entorpecentes tem levado ao aumento do número de dependentes químicos.

No Brasil, fica difícil mencionar o problema das drogas e não pensar na cidade de São Paulo, onde a Cracolândia se expande cada vez mais.

O crack tem demonstrado a forte dependência que causa nos indivíduos e os problemas estruturais que geram, dentre eles, a pobreza, o desemprego e a proliferação de doenças.

Em relação a isso, a negligência do governo é notória. Ou seja, o foco maior está em acabar com o problema do crack, ao invés de oferecer melhoria na vida dos viciados.

Sendo assim, os viciados em crack continuam vivendo em péssimas condições e infelizmente, ainda são tratados como "bandidos".

FONTE: <https://www.bing.com/ck/a?!&p=3aed44165c8d5c09JmltdHM9MTY5MjMxNjgwMCZpZ3VpZD0yNmM0MTZjMS1hMmY0LTlywM2MtMzU5OS0wNGU3YTMzYTYxNTcmaW5zaWQ9NTE5NA&ptn=3&hsh=3&fclid=26c416c1-a2f4-603c-3599-04e7a33a6157&psq=biblio.direito.ufmg.br+trecho+de+artigo+de+opini%3%a3o+sobre+drogas&u=a1aHR0cHM6Ly9iaWJsaW8uZGlyZWl0by51Zm1nLmJyLz9wPTUxMjc&ntb=1>

primeira produção e o mais importante, nesse momento, é escrever para que a partir da leitura e reflexão linguística se possa melhorar o que se disse, ou seja, dizer com mais consistência, com mais relevância como afirma Moura (2023) em encontro de orientação, em relação ao ato de rediscursivizar. Assim se deu este momento, de modo que os alunos começaram a interagir, perguntando sobre as dúvidas que foram surgindo no decorrer do processo de produção.

Dessa forma, concluíram essa primeira versão do artigo. No entanto, nem todos os alunos conseguiram escrever, de modo que uns falavam que não sabiam, outros que não conseguiam escrever, sendo que, apesar de eu incentivá-los, não conseguiram colocar suas ideias no papel, em relação ao tema. Então, esclareço que embora não tenham feito essa primeira versão podem fazer com calma, em casa e trazer noutra aula para ser lido e refletido sobre. Que o processo de escrita é mesmo assim, em qualquer nível que estivermos sempre teremos em maior ou menor quantidade, dificuldades para escrever, de modo que o avanço ocorre, todavia, com a prática contínua da escrita, além de que, à medida que obtemos mais conhecimentos sobre determinado tema também ampliamos nossa capacidade discursiva, tanto oral quanto escrita.

6° CICLO: SEGUNDA ATIVIDADE: Escrita/leitura/reflexão linguística das primeiras versões dos artigos de opinião.

Após a escrita da primeira versão do artigo de opinião, sugiro a leitura e a reflexão linguística dos textos. Essa reflexão linguística, inicialmente ocorre de forma conjunta, de modo que se dá por meio da interação entre professor e alunos, já no segundo momento, ocorrerá individualmente, para posterior reescrita pelo discente. Dessa forma, sugiro a leitura de cada produção.

Abaixo transcrevo parte das interações após as leituras dos artigos de opinião:

P: então...após a leitura do texto do J.M.B. eu gostaria que vocês comentassem...eh::: que falassem um pouco sobre o que vocês aCHArAm...vamos fazer comentários assim não só dizendo...AH... ficou legal...ficou bom...mas vamos comentar MESMO sobre o texto...sobre::: a estrutura...táh:::o que vocês aCHArAm...quem gostaria de fazer um primeiro comentÁRIO sobre o texto do colega?...o que vocês acharam?

E.D.D. ficou LEGAL...ficou ótimo...ficou MUITO bacana...

P: por que E.D.D. você achou que ficou muito legal...muito bacana...comente um pouquinho...fale o porquê...seu ponto de vista...vamos lá... alguém poderia ajudar o colega?...

E.D.D: ficou bacana...

P: por que ficou bacana?...

J.K.R.A: porque ele citou três tipos de ansiedade...

P: AH:: A J.K.R.A. também concorda que ficou bacana o texto...porque ele citou três tipos... qual foi o título do texto dele?...vamos pensar no título?...prá ver se ele desenvolveu... coerente com o título?...qual foi o título J.M.B. por favor?

J.M.B: como controlar a ansiedade e a depressão?...

P: E ENTÃO...pensando nesse título...no decorrer do texto ele conseguiu responder...esse ...como controlar a ansiedade e a depressão?...o que vocês acham?...heim... M.N.B:... o que você achou?...será se o texto ficou coerente com o título?...ninguém comenta?... gente...eu...percebi assim...você usou um título como controlar a ansiedade e a depressão?... mas eu não percebi assim muito este desenvolvimento de acordo com o título...tu falou mais no seu texto...mais sobre O QUE É ansiedade e depressão...então você pode usar um outro título para o texto pra ficar MAIS coerente...com o texto...ou se ele quer mesmo falar sobre esse tema terá que usar MAIS argumentos falando de como controlar...TÁ BOM?...então...não é que o texto esteja errado... eu só percebi essa desconexão entre o título e o texto...porque o título tem sempre que estar coerente com o texto...tem que fazer sentido com o texto...

Abaixo segue a transcrição de mais uma interação após a leitura de outro artigo de opinião:

P: bem gente...acabamos de ouvir o texto da M.N.B. e eu gostaria de ouvir de vocês::: o que vocês acharam do texto dela...então vamos fazer um comentário sobre o texto tá...é importante dar sua OPINIÃO com justificativas...então vamos lá...a gente vai aprender a fazer mais isso...a gente tá trabalhando:::do como argumentar...então vamos falar se ficou bom...se ficou ruim e dizer o porquê... fazer um comentário...isso já é sua opinião...já vamos desenvolvendo aí néh...esses argumentos...saber argumentar...CERTO?...éh::: a J.K.R.A...

J.K.R.A: eu gostei do texto dela... ficou BEM resumido e eu gostei...

P: MUITO BEM... qual foi o Título do texto dela?...

M.N.B; ansiedade o mal do século...

P: OLHEM SÓ... um título bem...e aí...você achou que ela desenvolveu o texto dela de acordo com o título?...não houve fuga do tema...ela falou sobre a ansiedade no sentido de ser o mal do Século?...em relação à estrutura...alguém mais gostaria de comentar um pouquinho sobre a estrutura...será se ela...conseguiu fazer uma introdução...o...usar um...desenvolvimento...de acordo com a introdução...fez uma conclusão no texto?..

L.C.S: éh ...a conclusão não teve...

P: você acha que não houve uma conclusão?... tu achas que não L.C.S...tu achas o quê?...que ela usou uma introdução...desenvolveu mas faltou uma conclusão...mais de acordo com o que...

L.C.S: isso...

P: vocês...concordam isso?...ou acham que NÃO... que TEVE uma conclusão sim?...(falas baixas)...o que que você acha M.N.B. sobre o seu PRÓPRIO texto...pensando assim agora na estrutura?...

M.N.B: a conclusão ficou meio suspeito...

P: AHH...você acha que não houve uma boa conclusão?...

M.N.B: não...tinha que ser uma conclusão que levasse o leitor a PENSAR...

P: MUITO BEM...mas leia o último parágrafo...só pra gente concluir isso então... ohh.. ela já começou a pensar sobre o texto dela néh...(aluna lê o parágrafo)...tá mais pra um desenvolvimento ainda néh?...e aí como tu achas que pode iniciar essa sua conclusão M.N.B?...tu achas...tu já tem ideia de como tu achas que pode iniciar?...(silêncio)...BEM ...gente...olhem uma sugestão...ela falou...argumentou néh... usou uma introdução...usou um desenvolvimento... como ela poderia concluir?...diante de tudo isso....(geralmente na conclusão a gente...como tu vai ter que voltar a falar sobre o tema...) então...com base em tudo isso...dá pra tentar começar assim...ou...de acordo com o exposto...táh... éh:: pensando em tudo que foi falado...eu acho que... aí você já vai dar a tua opinião porque tu vai RETOMAR o tema...quando tu diz... de acordo com o exposto quer dizer com base em TUDO o que você falou...ENTENDEU?...

Abaixo seguem algumas produções dessa primeira versão:

Figura 50- Primeira versão do artigo de opinião de J.V.G.M.

O que é Depressão?

Nos últimos anos, no Brasil a Depressão tem mais de milhões de brasileiros.

A Depressão pode até levar a morte, se a gente não cuidar dela, ela pode crer em você.

A depressão pode afetar o emocional do ser humano, que passa a acreditar, triste, a falta de apetite, distúrbios e outros sintomas.

Muitas pessoas não procuram ajuda porque pensam que as pessoas são ditas. Não está errado. Não! não pense uma preocupação ajuda, médica, etc. estão raro ajuda para ajudar.

A depressão pode ser sobre o corpo, ajuda em as pessoas. Por que mesmo eles não são depressivos, eles não pensam como nós, uma palavra amiga, e um abraço ou uma mensagem, já pode ajudar em as pessoas.

Figura 51- Primeira versão do artigo de opinião de L.C.D.E.

Aniedade e Depressão

~~Condições e opni~~

O que é ansiedade, ansiedade é uma coisa que sentimos por exemplo pode ser um nervosismo, uma incerteza. Só é quando uma pessoa diz que vai lhe dar um presente e você fica ansioso isso também é ansiedade.

Mas não sabemos que praticamente 70% da população do Brasil sabe de ansiedade e de depressão.

A ansiedade tem dois tipos de sintomas que são os sintomas físicos e psicológicos.

Você sabia que ansiedade pode ser controlada? Existem 5 dicas para diminuir a ansiedade que são escutar música, ler, fazer yoga, meditar e fazer exercícios, e pode até com alguns outros dicas existem milharas de dicas para controlar a ansiedade.

A ansiedade quando fica forte ela já passa a virar uma depressão.

Figura 52-Primeira versão do artigo de opinião de J.M.B.

Como controlar a Ansiedade e Depressão

Depressão e Ansiedade traz os mesmos sintomas psicológicos e físicos, mais tem algum jeito para controlar esses sentimentos.

Podemos controlar a ansiedade sabendo nomear os sentimentos etc. Já a depressão talvez possa ser controlada nas pessoas devem atenção, abraços e carinho para aquela pessoa de família.

Ansiedade é termo Ansiedade tem várias definições nos dicionários como aflição, angústia, perturbação do espírito causada pela incerteza, relação com qualquer contacto de perigo.

Os tipos de Ansiedade existentes os três tipos de ansiedade mais conhecidos são: o transtorno de Ansiedade Generalizada, transtorno obsessivo e Síndrome de Pânico.

A Depressão é uma doença psiquiátrica que afeta o emocional da pessoa, que passa a apresentar tristeza profunda, falta de apetite, desânimo, baixa auto-estima, que aparece com frequência e podem contribuir-se entre si.

Existem muitas possíveis causas da depressão incluindo falta de sono, vulnerabilidade, fatores extrínsecos, da vida, medicamentos e problemas médicos.

7º CICLO: UM OLHAR APURADO DO PROFESSOR/PESQUISADOR PARA MAIS INTERAÇÕES

PRIMEIRA ATIVIDADE: Reflexão conjunta e metarreflexiva sobre as primeiras versões dos artigos de opinião, por meio de slides.

Após a leitura e reflexão linguística sobre a primeira versão do artigo de opinião, acho conveniente refletir um pouco mais a respeito desta primeira versão. Para isso coloco em slides dois artigos produzidos por eles e à medida em que lemos fazemos também a reflexão linguística sobre as produções, tanto no que concerne aos seus elementos linguísticos quanto estruturais. Assim como veremos nos slides a seguir:

Figura 53- Reflexão linguística da primeira versão do artigo de opinião

**TEXTOS PARA
REFLEXÃO LINGUÍSTICA**

1ª VERSÃO DOS ARTIGOS DE
OPINIÃO

Profª Rosa Mª TAVARES

Figura 54-- Reflexão linguística da primeira versão do artigo de opinião

tema: "ansiedade e depressão"

A ansiedade é uma coisa muito ruim tem vários sintomas como esse chorar facilmente, não consegue dormir, pensar demais, sentir que tudo mundo te odia, esconde seus sentimentos, tem problemas de vergonha, se isolar.

A depressão pode fazer as pessoas até si mata pode ficar devido a depressão é muito perigosa mais do que a ansiedade.

A ansiedade é fundamental além de mais ajuda nos perigos ela mais ajuda fica vigilante garantindo de que eu possa uma boa apresentação em alguns eventos.

Podemos fazer algumas coisas para ajudar a ansiedade como aceitar a falta de controle de futuro, monitore os seus pensamentos, tire o peso da sua cabeça e transpire para o seu corpo e estrela se livre e que se preocupar respere profundamente com calma.

INTRODUÇÃO: É A APRESENTAÇÃO DO TEMA QUE SERÁ VISTO NO CORPO DO TEXTO

DESENVOLVIMENTO: SÃO AS EXPOSIÇÕES DAS IDEIAS SOBRE O TEMA

CONCLUSÃO: SUGESTÃO DE IDEIAS PARA SOLUCIONAR O PROBLEMA PROPOSTO NO INÍCIO DO TEXTO

Figura 55-- Reflexão linguística da primeira versão do artigo de opinião

Porque "Ansiedade"

Ansiedade é um sentimento preocupante que pode trazer suicídio entre jovens e adolescentes. Para isso precisamos lidar de quem precisa às vezes uma palavra pode evitar uma tragédia.

Não sabia que um psicólogo pode ajudar não sei se porque não sei muito.

Não sabia que a ansiedade pode causar depressão pois que tem coisas parelelas e pensamentos que acamplam a ansiedade e por isso precisamos procurar um psicólogo para tratar do seu problema.

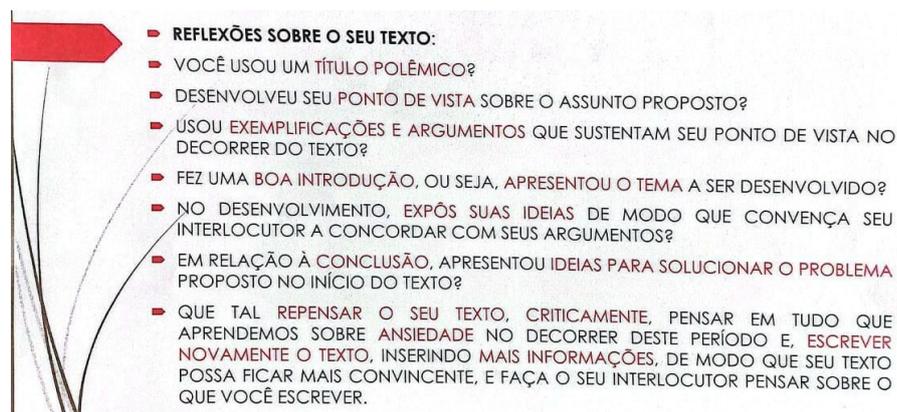
Suspeitamos que os negativos são mais em si não tem como ajudar não porque não precisamos mesmo e de um psicólogo para conversar com não ajuda não a se cuidar e de sim: os pensamentos não lidam-se

INTRODUÇÃO: É A APRESENTAÇÃO DO TEMA QUE SERÁ VISTO NO CORPO DO TEXTO

DESENVOLVIMENTO: SÃO AS EXPOSIÇÕES DAS IDEIAS SOBRE O TEMA

CONCLUSÃO: SUGESTÃO DE IDEIAS PARA SOLUCIONAR O PROBLEMA PROPOSTO NO INÍCIO DO TEXTO

Figura 56-- Reflexão linguística da primeira versão do artigo de opinião



Após leitura dos textos em slides, interajo com os alunos sobre os sentidos produzidos, sobre o que disseram nos textos, em relação ao tema, e a finalidade de cada texto. Nesse momento de interação ocorre a reflexão linguística haja vista que, o diálogo ocorre sempre no sentido de o melhor dizer no texto, ou seja, como deixar o texto melhor, no que concerne ao dizer mais, com mais consistência, mais relevância e mais argumentatividade, de modo que convença mais o seu interlocutor, já que se trata de um texto de opinião. Além disso, refletimos também sobre sua estrutura, como se observa nos slides, de modo que percebam melhor como organizar as ideias em cada parágrafo.

Abaixo, transcrevo parte deste diálogo em interação com os alunos:

P: bem gente...então agora vou mostrar pra vocês...é:: vamos ver na PRÁTICA...fazer a reflexão linguística de dois textos...das primeiras versões da produção de vocês...do artigo de opinião...coloquei dois textos...vamos ler eles e pensar um pouquinho...será se usou um bom desenvolvimento?...uma boa introdução?...vamos pensar um pouco sobre isso...quando nós estamos pensando no que nós escrevemos...no que nós fizemos...nós estamos refletindo linguisticamente...olhem só o que é a reflexão linguística...certo? então refletir linguisticamente...é ler o texto...reler...pensar..em que sentido eu posso melhorar... por que meu texto não ficou tão bom...o que eu posso fazer pra melhorar ele... que informações eu posso colocar a mais...por exemplo...eu poderia ter colocado um dado científico lá com base no que o psicólogo fulano de tal falou então com base no psiquiatra falou...(falas confusas)...SIM...muito bem E. ISSO MESMO...ler ...reler...repensar ...colocar mais informações...pensar nesses itens que eu coloquei pra vocês...será se eu usei uma boa introdução?...e meu desenvolvimento...eu consegui desenvolver com

base no que eu introduzi?...ou será se eu fugi do tema?...então quando você pensa...você amplia mais...você diz melhor ...um texto ele nunca é pronto e acabado né...o texto sempre é um processo...

Vários: CESSO...

P: ele NÃO é um PROduto...ele precisa ser pensado...repensado...melhorado...colocado mais informações... e assim eu vou cumprir com o que eu preciso...argumentar...aprender argumentar da melhor forma possível aprender usar argumentos suficientes para eu convencer ao meu interlocutor...certo?...então bora lá...

Assim, à medida que lemos cada parte do texto fazemos as reflexões relacionadas ao gênero artigo de opinião.

7º CICLO: SEGUNDA ATIVIDADE: Produção da segunda versão dos Artigos de Opinião.

Nesse momento, proponho que os alunos escrevam a outra versão do artigo de opinião. Para isso introduzo o assunto, novamente, falando do tema, do gênero e de suas características estruturais e estilísticas.

Anoto algumas questões norteadoras, no quadro, para proceder o diálogo inicial sobre este momento de pensar, reflexivamente, sobre o próprio texto visando a uma metarreflexividade, ou escrever com mais informações, com mais consistência, com mais relevância, de acordo com Moura.

Ao reler o texto precisamos pensar, dentre outros aspectos:

- (i) Qual é o tema do meu texto?
- (ii) O que eu pretendo com esse texto, ou seja, qual é o propósito comunicativo de meu artigo de opinião?
- (iii) Quem é o seu possível interlocutor?
- (iv) Como preciso me posicionar, no texto, de acordo com minhas intenções?
- (v) Que gênero preciso escrever?
- (vi) Como preciso me posicionar, dentro do artigo de opinião?
- (vii) Usei um título sugestivo?
- (viii) A linguagem ficou adequada, ao gênero?
- (ix) Usou argumentos para persuadir seu interlocutor?

Quanto à estrutura:

- (i) Fez uma boa introdução? (apresentou o assunto a ser discutido)

- (ii) E o desenvolvimento? (usou argumentos, exemplificações e falas de especialistas);
- (iii) Fez uma conclusão de acordo com o problema discutido no texto?
- (iv) Manteve a coerência do texto?
- (v) Fugiu ao tema, ou manteve a coerência em relação ao tema introduzido no artigo de opinião?

Essas foram as questões que nortearam a interação sobre este momento de produção da segunda versão do artigo de opinião, dentre outras que surgiram no momento de interação.

Abaixo transcrevo uma pequena parte desta reflexão:

P: GENTE...na aula de hoje nós vamos continuar...sobre a escrita de um novo texto a partir de nossas reflexões linguísticas...fazer uma nova escrita ...um novo texto... uma melHOr na primeira versão do arTlgo de opinião...como sabemos... um texto está sempre em consTANte construção...ele não é um produto...mas sim um processo...isso quer dizer que...a partir DESSAS reflexões que fizemos....cada um vai ler... novaMENTe seu artigo de opinião e escrevê-lo inserindo MAIS informações...até mesmo modifiCANdo algo que você ache que NÃO ficou bom no primeiro ...então com CERTEza ...você vai MUDAR alguma coisa... visando dizer um POUco mais ...ou melhor...usar MAIS argumentos...repensar na estruTUra do artigo de opinião...na finaliDAde que preTENde com o seu texto...no seu interlocutor...ou seja...na pessoa que vai ler ...se organizou bem cada parte do artigo...como...introduÇÃO...desenvolviMEN::to e CONCLUSÃO...
Seguem a segunda versão dos artigos de opinião dos alunos J.V.G.M, L.C.D.E. e J.M.B. às quais apresentei anteriormente:

Figura 57-Segunda versão do artigo de opinião de J.V.G.

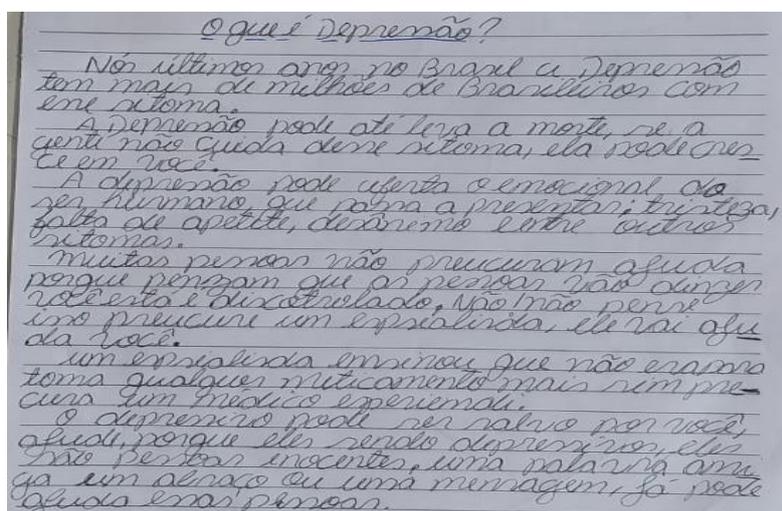


Figura 58-Segunda versão do artigo de opinião de L.C.D.E.

Ansiedade é uma coisa muito ruim para quem sofre dela, pois traz pensamentos ruins como achar que todo mundo ao seu redor lhe odeia, que você só fez tudo errado.

De acordo com o doutora psiquiatra Maria Fumam da 18 milhões de pessoas tem ansiedade e varios outros problemas que afetam a psicologia. as vezes podemos ter essa doença mais não percebemos, e ficamos ali isolado do mundo com medo de estragar tudo.

Pelo que podemos perceber a ansiedade e varios outros problemas que afetam a psicologia, trazem muitos problemas, se você não se cuidar e se isolar por medo de vergonha e medo, até você pode ficar com ansiedade. Então vamos procurar saber mais para que você não sofra de ansiedade e não os seus filhos.

2ª Versão do texto
que é o artigo de opinião

Figura 59-Segunda versão do artigo de opinião de J.M.B.

Como controlar a ansiedade e a depressão

Depressão e ansiedade traz para as pessoas sintomas psicológicos e físicos, mais há algum jeito para controlar isso sentimentos.

Podemos controlar a ansiedade sabendo reconhecer os sentimentos e também desabafar com alguém próximo já a depressão talvez para ser controlada se as pessoas tiverem atenção, abraços e carinhos para aquela pessoa depressiva.

A meditação contribui para a saúde mental. Relaxamento exercícios físicos e até substâncias estimulantes Terapia.

Podemos também controlar a depressão saindo com amigos frequentar grupos de apoio Não se isole busque ajuda profissional. Cuide da saúde. Desenvolva uma estratégia para manter bons pensamentos.

Depressão tem cura desde que seja tratada corretamente as atividades físicas são ótimos remédios naturais para a depressão e a ansiedade.

De acordo com profissionais para controlar a ansiedade é necessário aprender a meditar praticar exercícios físicos e distrair quando preciso controlar seus pensamentos. Pense e vive bem.

Ao comparar as primeiras versões dos artigos de opinião dos três alunos acima, ficou evidente que, embora, minimamente, em ambos ocorreram a ampliação da capacidade discursiva em relação aos seus dizeres dentro das produções escritas. Isto pode ser constatado ao ser evidenciado maior organização das ideias em relação ao modo de dizer, e ao que dizer nas produções. No artigo de opinião do J.V.G.M. observei que inseriu um parágrafo a mais em seu texto, na segunda versão, “o quinto parágrafo”, no qual insere uma “voz social” para, assim dar maior credibilidade a sua fala, como se observa: “um especialista ensinou que não era para tomar qualquer medicamento mas sim procurar um médico experiente” (desconsidere os problemas de escrita, já que, o que se pretende analisar são as informações que foram usadas a mais no texto e não problemas de ortografia, por exemplo). Da mesma forma, o L.C.S.

se colocou muito mais na segunda versão do artigo. Enquanto na primeira versão, as informações não foram tão organizadas, (apareceram mais como uma exposição de informações, apenas, na segunda, já organizou, consideravelmente, as ideias, nos parágrafos, trocou o título do texto, demonstrando que refletiu sobre o título que ficaria mais coerente com o que se desenvolveu no decorrer do artigo. Nesta segunda versão, argumentou muito mais, usou falas de especialistas assim como dados estatísticos para comprovação de seus argumentos. E, na última frase do texto, fica clara a colocação conclusiva e sugestiva em relação a proposta de resolução para o problema abordado em seu artigo. Como podemos observar: “Então vamos procurar saber mais para que você não sofra de ansiedade nem os seus filhos.”

Como se observa, este “convite” para se buscar mais informações a respeito do problema abordado, sequer havia aparecido na primeira versão.

Como já explicitado, nesta segunda versão, ficou muito mais evidenciada a ampliação da responsividade do sujeito em relação à forma de se posicionar na dialogicidade de um texto para o outro. Assim podemos afirmar, em consonância tanto, com Bakhtin (2016), quanto com Moura (2019), que quanto mais informações o sujeito adquire, quanto mais leituras, discussões orais reflexões linguísticas ocorrem, maior a capacidade discursiva do sujeito, e sobretudo, o aumento de sua autonomia em seus dizeres, com muito mais responsividade e criticidade, mediante seus discursos, em seus contextos de interações. Nesse sentido podemos afirmar que as ADIs cumpriram com o seu papel à medida que os sujeitos tiveram suas capacidades discursivas ampliadas, e também o aumento de sua responsividade por meio dos discursos, como pode se constatar nessas reflexões, por intermédio das produções dos artigos de opinião.

No que tange à produção do J.M.B. assim como, nas demais produções analisadas, ficou muito perceptível o quanto o autor progrediu em relação à escrita de um artigo de opinião para com o outro. Se compararmos a forma que se posicionou na primeira versão, constataremos que: na primeira, ele usou o título “como controlar a ansiedade e a depressão”, no entanto, se prendeu a descrever e expor o que era ansiedade, e o que era a depressão, deixando assim o texto incoerente com o seu título.

Em contrapartida, na segunda versão, o autor, já bem mais consciente do que queria em sua produção, após as reflexões linguísticas desenvolvidas interativamente e as reflexões feitas sobre a produção, manteve o título, contudo, apresentou dados convincentes de como poder controlá-las, deixando, assim, o seu posicionamento coerentemente com o seu título. Para isso, usou argumentos, embasados em especialistas, ou seja, fez uso das “vozes sociais” que se apropriou no decorrer das atividades didáticas das quais participou por meio das interações, e isso foi, certamente, decisivo para esta ampliação do dizer, em consonância com as teorias bakhtinianas.

Em relação à estrutura, podemos afirmar que ambos os textos apresentam introdução, desenvolvimento e conclusão. Ademais, se compararmos estes artigos de opinião com as primeiras produções discursivas desses sujeitos, mais precisamente no que se refere às do primeiro ciclo, das ADIs, podemos evidenciar, consideravelmente, seus avanços nos modos de dizer. O quanto estão discursivizando mais. Isso, de acordo com Moura, o mentor das ADIs, pode ser explicado, pelo fato de esses sujeitos terem lido, debatido, escrito e refletido linguisticamente, sobre todas as atividades realizadas.

8º CICLO: EXPOSIÇÃO SOBRE O QUE APRENDERAM NO DECORRER DO PROJETO ATRAVÉS DE VÍDEOS

Para a realização desta atividade faço as orientações aos alunos sobre a composição de um vídeo, como: a importância do ambiente, o tom de voz, a postura e a importância da definição do tema a ser exposto, o público a que se destina, a intenção, além de sua edição. Após toda orientação e esclarecimentos a turma, sugiro alguns subtemas para que se defina previamente o que pretendem expor no momento da gravação. Alguns subtemas relacionados foram:

- (i) O que é ansiedade?
- (ii) O que é depressão?
- (iii) Sintomas físicos da ansiedade;
- (iv) Sintomas psicológicos da ansiedade;
- (v) Sintomas físicos da depressão;
- (vi) Sintomas psicológicos da depressão;
- (vii) Diferenças entre a ansiedade e a depressão;
- (viii) O que fazer para ajudar alguém que tenha ansiedade?

- (ix) O que uma pessoa com ansiedade precisa fazer?
- (x) Dicas de como amenizar a ansiedade;

Após a definição do tema os orientadores se prepararam antecipadamente com suas falas para o momento das gravações. De modo que no dia marcado faço as gravações das exposições aos poucos, visto que o ambiente não era tão propício devido a muito barulho nos arredores. No entanto, conseguimos fazer as gravações e o passo seguinte foi unificar os minis vídeos e fazer o processo de edição para a preparação do evento central que deverá ocorrer logo após esta conclusão.

Apesar de não ter sido tão simples este momento, a maioria dos alunos expuseram sobre o tema e isto foi de grande relevância para alunos que, inicialmente pouco sabiam sobre este tema que é tão presente entre as pessoas na atualidade, mas que ainda é pouco debatido ou discutido. O fato é que fizeram suas exposições todas relacionadas ao tema demonstrando que estão mais responsivos e protagonistas em seus dizeres, pois falam sobre ansiedade, apresentam seus sintomas, esclarecem sobre os cuidados e sugerem formas que devem ser tomadas em caso de se encontrar nesta situação. Tudo isso os discentes aprenderam por meio das atividades interrelacionadas através da ADIs.

9º CICLO: A ESCRITA COMO UMA FUNÇÃO SOCIAL: DAR VOZ A TODOS OS ENVOLVIDOS NO PROJETO: PROFESSORES, EQUIPE PEDAGÓGICA, FUNCIONÁRIOS, GESTORES, ALUNOS (ENVOLVENDO TAMBÉM OS DE OUTRAS TURMAS), PAIS, COMUNIDADE etc.

Finalmente chegamos ao último ciclo programado na intervenção. O ciclo que se intitula: “A escrita como uma função social: dar voz a todos os envolvidos no projeto...” momento muito propício para finalizar o projeto, haja vista que após todo esse percurso de intervenções podemos mostrar a comunidade escolar um pouco do que produzimos no decorrer da ação didática. Este evento ocorreu em consonância com um Projeto de Ciências, de modo que envolveu todas as turmas do ensino fundamental II (6º ao 9º ano), todos os professores da escola, gestores, assim como a comunidade escolar. Momento oportuno para expor sobre o projeto e para demonstrar na prática um pouco do que aprenderam.

Desse modo, inicio fazendo a exposição sobre o projeto de intervenção. Falo sobre ele, mais especificamente sobre sua estrutura como justificativa, sobre as ADIs, sobre sua metodologia, objetivos, organização dos ciclos, por meio de banners, que demonstrarei através de registros feitos no momento da exposição.

Também exponho sobre cada ciclo desenvolvido, apresento imagens (em banner) demonstrativas de momentos importantes das intervenções. Feito isso, oportunizo aos alunos fazerem a leitura de produções realizadas no projeto. De modo que, achei importante que lessem a primeira produção que fizeram, no início da intervenção, (no primeiro ciclo), e a última produção escrita, (artigo de opinião) para que reflitam sobre o quanto cresceram no decorrer do processo. Ou seja, o quanto sabiam sobre o tema ansiedade e o quanto escreveram sobre o tema agora ao final do projeto. Além de que também se perceba a forma em que se posicionaram em seus textos, o quanto foram responsivos e protagonistas em seus dizeres.

Feito isso, oportunizo que alguns alunos (definidos previamente) façam depoimentos sobre o projeto. Falem sobre o que acharam, o quanto aprenderam, se gostaram da metodologia ou não, e suas impressões sobre ele. Desta feita, ocorreu este momento que foi de grande importância haja vista que os discentes puderam expor suas impressões sobre o projeto, falar o quanto aprenderam e o quanto foi importante para eles.

Abaixo transcrevo parte desses depoimentos:

M.N.B: éh... no decorrer eu aprendi coisas novas...pude expressar minha opinião...ouvir a opinião dos deMAIS...e aprender com cada um...

M. J.A: bom dia...as aulas da professora Rosa me ensinaram muitas coisas...por exemplo...o que é direitos humanos... o que é um arTIGO de opinião...éh.. como nos expressar muito bem:::nosso linguajar...as aulas foram difeREntes pois foi mais em oralidade... mas também escrevemos MUITO bem...vimos vídeos...debateamos...tivemos nossas PRÓprias opiniões...sobre tudo...aprendemos coisas que nem pasSAVA em nossa cabeça que devemos aprender...sobre o tema ansieDAde...mas também que levou ao tema depresSÃO...que levou ao suiCÍdio...essas três DOENças...são pouco faladas...mas aprendemos como elas podem ser LETAIS...as aulas foram bem

explicadas ...muito bem materializadas...e NESse semestre... estamos mais evoluídos...e pensar que a gente nem saBIA o que era ansieDAde..

Para finalizar exponho os vídeos (que se encontram anexados nesta dissertação) com as exposições feitas pelos sujeitos participantes do projeto sobre o tema “ansiedade”. Após esta exposição que foi a última atividade apresentada no evento, faço uso da palavra com as considerações relacionadas ao projeto, minhas conclusões sobre ele e o quanto foi produtivo seu desenvolvimento. Também agradeço a todos os envolvidos e dou a palavra aos gestores para que também falem sobre a ação didática desenvolvida.

Abaixo segue algumas imagens desse último ciclo. Da exposição do projeto, leitura das produções e de depoimentos de alunos.

Figura 60- Imagem do evento central



FONTE: Arquivo pessoal da pesquisadora. Novembro/2023.

Figura 61- Imagem do evento central



FONTE: Arquivo pessoal da pesquisadora. Novembro/2023.

Figura 62- Imagem do evento central



FONTE: Arquivo pessoal da pesquisadora. Novembro/2023.

Figura 63- Imagem do evento central



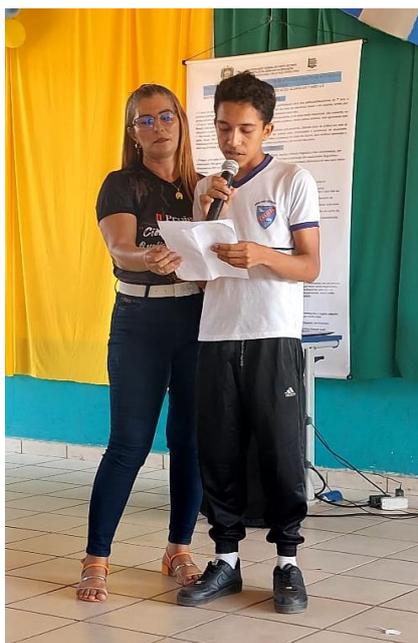
FONTE: Arquivo pessoal da pesquisadora. Novembro/2023.

Figura 64- Imagem do evento central



FONTE: Arquivo pessoal da pesquisadora. Novembro/2023.

Figura 65-Imagem do evento central



FONTE: Arquivo pessoal da pesquisadora. Novembro/2023.

Figura 66- Imagem do evento central



FONTE: Arquivo pessoal da pesquisadora. Novembro/2023.

Nesse sentido, pude observar ao final do evento, com as atividades realizadas, que os alunos realmente evoluíram, haja vista que ao comparar a primeira escrita sobre o tema com o artigo de opinião que escreveram no penúltimo ciclo da ação didática fica explícito o quanto cresceram e desenvolveram. Acredito que isto só foi possível mediante a atividades interrelacionadas propostas pela ADIs, de modo que a cada vez que líamos, debatíamos, escrevíamos e refletíamos linguisticamente podia perceber

paulatinamente o crescimento dos sujeitos participantes. Ademais, nas exposições que fizeram por meio dos vídeos (anexados) também percebo esta evolução haja vista que inicialmente, não demonstravam segurança para expressarem suas opiniões, ou para comentar sobre determinado tema, e como vimos, cada um pode expressar-se sobre o tema expondo sobre o que aprenderam durante o projeto. Dessa forma, percebo que estão mais autônomos e agentivos em seus dizeres, já que falam com bastante propriedade a respeito de um tema que inicialmente, tinham pouco conhecimento.

Em relação ao evento, em seus depoimentos também participaram demonstrando sua gratidão em relação ao que aprenderam. Falaram das atividades que compõem as ADIs, e de como ampliaram seus conhecimentos sobre o tema, inclusive citando os subtemas, como se observa nas transcrições feitas anteriormente. Nesse sentido, posso afirmar que houve sim a ampliação das habilidades discursivas dos sujeitos além de que desenvolveram sua autonomia discursiva e estão muito mais protagonistas em seus discursos. Além de que seus textos tiveram uma funcionalidade social, haja vista que neste evento estava presente a comunidade escolar, e certamente, seus dizeres alcançaram um público bem maior que apenas o de sala de aula, cumprindo o que se esperava com um projeto de tamanha importância. Inclusive, em relatórios solicitados pela professora de C.F.B. tive acesso a fragmentos que fazem referência ao projeto sobre ansiedade, e de como gostaram de aprender um pouco mais sobre este tema. Isto confirma que as ADIs cumpriram sua função social ao alcançar e sensibilizar a um público bem maior que apenas os sujeitos envolvidos de forma direta no projeto.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como reafirmado nessa pesquisa o ensino de língua tem sido insuficiente no que concerne a forma em que geralmente, está sendo desenvolvido nos espaços de sala de aula. Apesar das variadas reflexões teórico-metodológicas neste sentido, o que tem se destacado é um modelo de ensino que pouco contribui para o desenvolvimento social e crítico dos alunos. Um ensino que não prepara o sujeito para sua atuação social e nem tão pouco para a vida como muito bem nos orienta Antunes (2009).

O que se destaca nos ambientes escolares de acordo com pesquisas é um ensino centrado em práticas tradicionais de regras gramaticais, no uso do “certo ou errado” e em práticas de ensino que não consideram o contexto sócio-histórico dos sujeitos como nos orientam Bakhtin (2010/2016), Moura (2016), Marcuschi (2008), dentre vários outros estudiosos. Além disso, geralmente prioriza determinada atividade em detrimento de outra, de modo que o aluno não desenvolve suas capacidades linguístico-discursivas de forma ampla, e assim sendo não consegue atuar criticamente frente as situações que lhe são impostas socialmente.

É notório o quanto os discentes não se identificam com esse componente e sentem-se incapacitados no que tange a aprendizagem de língua Portuguesa. Assim sendo, essas práticas além de desmotivadoras funcionam de acordo com Kleiman (2022) como exclusão não somente dentro, mas também fora da escola.

Sabemos que pensar o ensino de Língua Portuguesa requer, inicialmente que se tenha objetivos bem delimitados sobre o tipo de cidadão que se queira formar para a sociedade atual. Requer ainda que se tenha uma atitude crítica a regularmente para perceber como o ensino está sendo concebido pelos sujeitos, principais agentes deste processo. É por ter essa consciência que continuo na busca incessante por conhecimento, com o intuito de conseguir uma melhor compreensão de como fazer para melhor atingir o objetivo maior que é ensinar língua de forma que venha preparar esse cidadão para a vida, ensinar por meio de uma educação que seja, de fato, transformadora como nos adverte Tozoni-Reis “educação como instrumento de transformação da sociedade (...) e não somente como instrumento de reprodução social”, visando dessa forma, um sujeito crítico e atuante socialmente (Tozoni-Reis, 2010, p.111).

Em uma dessas buscas, ao ingressar-me no Mestrado Profissional em Letras, (PROFLETRAS) tive a oportunidade de realizar maiores reflexões a respeito do ensino de Línguas, e mais especificamente, conhecer novas propostas de ensino. Algumas não tão novas, como a Sequência Didática, e os Projetos Didáticos. No entanto, uma dessas propostas me motivou a conhecê-la mais profundamente, pela consistência de sua organização, envolvendo as quatro atividades de forma integradas: leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística.

Pensada por Moura (2017) as ADIs foi a proposta em que optei para realizar essa pesquisa por perceber nela algo diferenciado e inovador, em minha concepção.

Para isso, desenvolvi uma ação didática com base nas ADIs de modo que necessitei pesquisar e conhecer outros estudos a elas relacionados. Além de outros autores que estudam e refletem sobre o ensino de línguas de forma interacionista e dialógica, como advertem Bakhtin (2011, 2016), Antunes (2009), Moura (2018, 2019), dentre outros.

Nesta pesquisa elegi como um dos principais objetivos verificar o quanto os discentes teriam suas capacidades linguístico-discursivas ampliadas e o aumento de sua responsividade em seus dizeres tendo como proposta uma ação didática desenvolvida com base nas ADIs.

Os dados obtidos neste estudo me fizeram perceber que os discentes tiveram suas capacidades linguístico-discursivas ampliadas paulatinamente, à medida em que ocorria cada ciclo da ação. Ou seja, quanto mais liam, oralizavam, escreviam e refletiam linguisticamente sobre todas essas atividades a pesquisadora observava um pequeno crescimento. Crescimento esse que não se deu de forma equivalente para todos, de modo que uns participavam mais que outros, como pode ser observado pelas descrições analíticas das atividades. Dessa forma, também ficou perceptível que alguns se desenvolveram mais que outros, nesse sentido.

As atividades se deram em torno de um tema de relevância social, de modo que as leituras, as várias atividades de escritas, os debates, e demais atividades de oralidades assim como as atividades de reflexão linguística foram desenvolvidas sempre relacionadas a esse tema e por conseguinte a subtemas

que foram surgindo no decorrer da intervenção, por meio de vozes sociais trazidas pelos discentes por intermédio das interações.

Nesse sentido, posso afirmar de acordo com o que nos orienta Moura (2017) que quanto mais atividades os discentes desenvolverem sobre um determinado tema, mais ampliadas serão as suas capacidades linguístico-discursivas. E isto ficou evidenciado a cada atividade realizada dentro do processo. À medida em que as ADIs eram realizadas, fazíamos a reflexão linguística, refletíamos mais por meio de outros textos, outras leituras, ou mesmo por meio de assistência de vídeos, e ao solicitar uma nova atividade o discente demonstrava ter mais conhecimentos sobre o tema ao rediscursivizar mais em seu texto confirmando também o que nos advertira o mentor das ADIs (Moura 2018), ao explicitar que a reflexão linguística está relacionada ao ato da rediscursivização. Nesse sentido os discentes “refaziam” seus discursos sejam eles orais ou escritos, ou seja, falavam de outra forma, concordando, discordando, inserindo mais informações, ou mesmo mudando seu posicionamento em relação ao que havia falado/escrito anteriormente.

Durante o projeto os alunos leram, oralizaram, escreveram e refletiram linguisticamente em variadas atividades. Fato este que levou a pesquisadora a refletir também que é possível sim promover um ensino de forma diferente das práticas tradicionais. Além de questionar-se: se no dia a dia nossos discursos se dão dessa forma por que não se concretizar também dentro das salas de aulas com usos reais de linguagens?

À medida em que os ciclos ocorriam os discentes participavam mais das escolhas fazendo-me inserir outras atividades, substituir algumas que eu já havia planejado. E isto, acredito que também possa ter contribuído para que eles interagissem mais nas discussões e atividades realizadas posteriormente.

Ademais, os discentes não produziram apenas para servir como protocolo avaliativo, ou apenas porque o professor estava solicitando. Conforme se davam as atividades, os orientava da importância de cada uma e de sua funcionalidade. Falava também do fato de um texto estar sempre em construção, ser sempre um processo, por isso a importância de haver necessidade de ler outros textos, de fazer outros debates, de refletir mais, haja vista que tudo isso tem um objetivo maior: a ampliação de seus conhecimentos. Objetivando assim dizer mais, dizer

de forma mais consistente, de modo mais relevante, de acordo com Moura (2023).

As produções dos alunos tiveram uma funcionalidade maior, ou seja, uma função social. Isto pode ser comprovado ao produzirem seus cartazes e serem expostos. Seus textos eram lidos para a turma e refletidos conjuntamente, sugerido mudanças, complementações, sugestões de melhora. Os vídeos produzidos no último ciclo fizeram parte do Evento Central, de modo que todos os alunos da escola tiveram a oportunidade de assistirem (já que todo o público escolar deste turno participou do evento) e repensarem sobre o tema abordado no projeto: ansiedade.

Dessa forma, reafirmo que as produções tiveram uma função social, haja vista que foram produzidas para um público e não somente para o professor avaliar como geralmente estavam acostumados.

Assim observo que as ADIs cumpriram com seu papel social que é contribuir com o aumento das capacidades linguístico-discursiva dos falantes e, por que não dizer que também se tornaram mais responsivos e protagonistas em seus dizeres. Nesse sentido, acredito que esses sujeitos serão mais atuantes em seus meios sociais haja vista que, se tornaram mais participativos no decorrer da ação didática, assim também certamente, em seus meios de atuação social farão uso dessas habilidades adquiridas no decorrer do projeto, além de que possivelmente, farão parte desses indivíduos no decorrer de toda sua vida.

Nesse sentido, acredito que as ADIs são um importante meio para os profissionais que almejam desenvolver em seus alunos uma postura mais crítica e agentiva. Para os que desejam promover um ensino mais produtivo em torno dos gêneros discursivos tanto orais quanto escritos. Para os profissionais que sonham promover um ensino, que seja de fato pertinente para a vida. Que não seja apenas um fardo na vida desses discentes, que eles possam se identificarem mais com a própria língua a qual, ao contrário do que pensam, sabem muito bem usá-la, basta que sejam instigados a interagir por meio dela nas mais variadas situações reais de seu dia a dia. Assim as ADIs são mais uma possibilidade de ensino de Língua Portuguesa por meio dos gêneros discursivos tendo como foco o aluno e suas mais diversas vivências sociais.

Não estou sugerindo uma fórmula pronta e acabada, longe disso, o que observo é a possibilidade de desenvolver um ensino diferenciado, com base na

proposta das Atividades Didáticas Integradas, como o próprio nome diz: elas devem estar sempre integradas uma à outra, imbricadas e interrelacionadas. Fato este que não pode ser desconsiderado em hipótese alguma, de acordo com Moura (2017): a integração entre as quatro atividades além da reflexão linguística perpassando todas elas de forma cíclica.

Que cada profissional que queira fazer uso dessa proposta, possa com base nela organizar outros ciclos de atividades, desde que não perca sua real essencialidade que a identifica e, sobretudo a diferencia de outras propostas de ensino de línguas por se efetivar mediante os gêneros discursivos de contextos reais dos sujeitos de forma interativa e sobretudo, pela integração e equivalência de igualdade entre as quatro atividades que a compõe.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. A. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. São Paulo. 1991, Cad Pesq., p. 53-61.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, I. **Língua texto e ensino outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, I. **Textualidade noções básicas e implicações pedagógicas**. 1ª edição. São Paulo, 2017.
- BAKHTIN M. **Os gêneros dos discursos**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Michael. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Michael; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010 a.
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018;
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa-1º e 2º ciclos**. Brasília: 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2005.
- COELHO, R. M. da S. **Projeto com atividades didáticas integradas (ADIS) uma proposta para o ensino de língua portuguesa**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018.
- COELHO, M. de F.L.T. **O gênero discursivo relato de experiências a partir das atividades didáticas integradas: uma proposta de ação didática para a 4ª**

etapa da EJA. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2021.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2022.

GATTI, B. A. **Formação de professores no Brasil**: características e problemas. In: Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.–dez. 2010.

KLEIMAN, A. B. **Letramentos e suas implicações para o ensino de língua materna**. In: Signo, Santa Cruz, n. 53, v. 32, p. 1-25, dez, 2007.

KLEIMAN, A. B. **Oficina de Leitura**: Teoria e Prática. Ângela Kleiman, 9ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10ª edição. São Paulo: Contexto, 2022.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 (Coleção temas sociais).

MOURA H. L. M. **Atividades de escrita em textos de alunos do 7º ano do ensino fundamental**: normativismo versus perspectiva interacionista e sociodiscursiva no âmbito das ações pedagógicas de ensino de língua portuguesa. In: Revista Veredas - Interacionismo Sociodiscursivo, vol. 21, n 3.

MOURA H. L. M. **Concepções de língua e ensino**: desdobramentos e práticas. In: Revista Philologus, ano 23, n. 67, Supl.: Anais do IXI SINEFIL, Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan/abr.2017c.

MOURA, H. L. M. **A integração entre as atividades de leitura, oralidade escrita e reflexão linguística**: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Revista Estudos Linguísticos, v. 48, 1495-1516.

MOURA, H. L. M. **Postulações feitas durante as atividades de orientação de dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede nacional/PROFLETRAS**, em: 11/03/2023.

MOURA, H. L. M. **Postulações feitas durante as atividades de orientação de dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede nacional/PROFLETRAS**, em: 25/03/2023.

MOURA, H. L. M. **Postulações feitas durante as atividades de orientação de dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede nacional/PROFLETRAS**, em: 15/04/2023.

MOURA, H. L. M. **Postulações feitas durante as atividades de orientação de dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede nacional/PROFLETRAS**, em: 20/05/2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROJO, R. H. R. BARBOS, J.P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial. 2015.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2009.

SANTOS, Eucinei Janete Costa Coelho dos. **Atividades Integradas de oralidade, leitura, escrita e reflexão linguística: uma perspectiva sociointeracionista e textual-discursiva**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras/UFOPA-Santarém. 2019.

STREET. B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad: BAGNO, M. São Paulo Parábola. Editorial. 2014.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **A pesquisa e a produção de conhecimentos**. In: Universidade Estadual Paulista - Pró-Reitoria de Graduação, Universidade Virtual de São Paulo. Caderno de Formação de Professores Educação, cultura e desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

TRAVÁGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2005.

VINHOTE, Ana Diane Pereira. **Atividades Didáticas Integradas e Ensino: uma proposta para a ampliação discursiva dos alunos no Ensino Fundamental**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras/UFOPA- Santarém, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A- OFÍCIO PARA AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA NA ESCOLA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE
NACIONAL – PROFLETRAS



Ofício

Santarém, 05 de março de 2023.

Assunto: Autorização para pesquisa em escola

À Direção da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
Senador Jarbas Gonçalves

Sra. Maria Edinelma dos Santos

Prezada Sra.,

A mestranda Rosa Maria Teixeira Tavares, sob orientação do Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura, solicita de vossa senhoria autorização para realização de projeto de intervenção intitulado "Ciclos de atividades didáticas integradas tendo como gênero principal o artigo de "opinião" com o objetivo geral: propor uma ação didática integrada com atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística inter-relacionadas por intermédio dos gêneros discursivos orais/e/ou escritos que venha contribuir com a ampliação das capacidades linguístico-discursivas dos sujeitos assim como com o aumento de sua responsividade, e de sua autonomia discursiva em seu meio sócio-histórico. O projeto de pesquisa tem o seguinte título: "O ensino-aprendizagem de língua portuguesa mediante a integração entre oralidade, leitura, escrita e reflexão linguística: uma proposta para a ampliação da capacidade linguístico-discursiva de alunos do 7º ano do ensino fundamental". Objetivo geral: Investigar de que forma uma ação didática, com atividades integradas (ADIs), contribui para a ampliação da capacidade linguístico-discursiva dos falantes, assim como, com o aumento de sua autonomia responsiva, em seus variados contextos sociais, considerando os aspectos socioculturais de todos os sujeitos envolvidos.

Previsão para sua realização: março a maio de 2023.

Certos de contarmos com vosso apoio, antecipadamente nossos agradecimentos.

Cordialmente,

Documento assinado digitalmente
gov.br ZAIR HENRIQUE SANTOS
Data: 14/09/2023 16:34:35 -0300
Verifique em <https://validar.jc.gov.br>

Prof. Dr. Zair Henrique Santos
Coordenador do Profletras – Polo Santarém
Portaria nº 112/2021- Reitoria, 27 de abril de 2021

Maria Edinelma dos Santos
Diretora Escolar
Port. nº 168 / 2023 - PMP / GP

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

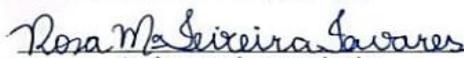
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Seu filho(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Pará (UFOPA) intitulado “**CICLOS DE ATIVIDADES INTEGRADAS TENDO COMO GÊNERO PRINCIPAL O ARTIGO DE OPINIÃO**” que objetiva viabilizar o ensino de língua portuguesa a partir de uma abordagem interativa, dialógico-discursiva, propondo a produção textual oral e escrita e a produção de artigos de opinião como gênero principal, por meio da dinâmica das Atividades Didáticas Integradas (ADIs), ampliando a capacidade linguístico-discursiva dos alunos do 7º ano do ensino básico, no período de março a maio de 2023. Gostaríamos de contar com a participação de seu filho (a), não sendo obrigado a participar e não tem problema se desistir, sendo garantida a permanência no projeto, sem nenhum tipo de prejuízo pela decisão. A pesquisa será feita na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Senador Jarbas Gonçalves Passarinho, na comunidade de Jatuarana município de Prainha-PA, onde serão realizadas atividades variadas de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística. O projeto será desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa ministradas pela professora **Rosa Maria Teixeira Tavares**, aluna do Curso de Mestrado (PROFLETRAS). Os gastos necessários publicados com identificação de dados pessoais, vídeos, imagens e áudios de gravações realizadas, caso haja consentimento por escrito dos responsáveis dos participantes.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ autorizo _____ a participar da pesquisa “**CICLOS DE ATIVIDADES INTEGRADAS TENDO COMO GÊNERO PRINCIPAL O ARTIGO DE OPINIÃO**” Li, entendi, estou ciente dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos que meu filho (a) será submetido, a pesquisadora esclareceu minhas dúvidas e de meu filho(a), e de espontânea vontade, expresse minha concordância assinando este termo em duas vias, recebendo uma cópia. Estou ciente que não receberemos nenhuma forma de pagamento pela participação e que a qualquer momento pode haver desistência, pois a participação de meu filho (a) é voluntária. Permito a captação de imagens e de áudio para a divulgação do referido projeto.

Prainha, 06 de março de 2023.


Assinatura do pesquisador

Assinatura do Responsável Legal

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:	
Pesquisadora Responsável: Rosa Maria Teixeira Tavares ☎: 93 98405 7752 G-mail: rosamtt2009@gmail.com	Universidade Federal do Oeste do Pará - CEP - UFOPA ☎: 93- 2101-4924 E-mail: cep@ufopa.edu.br

APÊNDICE C- TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Pará (UFOPA) intitulado "CICLOS DE ATIVIDADES INTEGRADAS TENDO COMO GÊNERO PRINCIPAL O ARTIGO DE OPINIÃO" que objetiva viabilizar o ensino de língua portuguesa a partir de uma abordagem interativa, dialógico-discursiva, propondo a produção textual oral e escrita e a produção de artigos de opinião como gênero principal, por meio dinâmica das Atividades Didáticas Integradas (ADIs), ampliando a capacidade linguístico-discursiva dos alunos do 7º ano do ensino básico, no período de março a maio de 2023. Seu responsável legal permitiu a sua participação e gostaríamos muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. A pesquisa será feita na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Senador Jarbas Gonçalves Passarinho, na comunidade de Jatuarana município de Prainha-PA, onde serão realizadas atividades variadas de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística. O projeto será desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa ministradas pela professora **Rosa Maria Teixeira Tavares**, aluna do Curso de Mestrado (PROFLETRAS). Os gastos necessários para a participação na pesquisa serão assumidos pela pesquisadora. Os resultados da pesquisa serão publicados com identificação de dados pessoais, vídeos, imagens e áudios de gravações realizadas, caso haja consentimento por escrito dos seus responsáveis.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa "CICLOS DE ATIVIDADES INTEGRADAS TENDO COMO GÊNERO PRINCIPAL O ARTIGO DE OPINIÃO". Li, entendi, estou ciente dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos que serei submetido, a pesquisadora esclareceu minhas dúvidas, e de espontânea vontade, expressei minha concordância assinando este termo em duas vias, recebendo uma cópia. Estou ciente que não receberemos nenhuma forma de pagamento pela participação, reitero que minha participação é voluntária.

Prainha-PA, 06 de março de 2023.


Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do menor

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:	
Pesquisadora Responsável: Rosa Maria Teixeira Tavares	☎ : 93984057752 gmail: rosamtt2009@gmail.com

APÊNDICE D- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, _____,
 Portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF sob nº
 _____, residente _____, nº.
 _____, município de Prainha / Pará. AUTORIZO o uso de minha imagem (vídeos e fotos) e som
 (gravações de áudio) em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para
 ser utilizada na pesquisa intitulada: **“CICLOS DE ATIVIDADES INTEGRADAS TENDO
 COMO GÊNERO PRINCIPAL O ARTIGO DE OPINIÃO.** A presente autorização é concedida
 a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em material impresso, congressos,
 atividades educacionais e outros.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos
 da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que
 nada haja a ser reclamado a título de direitos à minha imagem ou a qualquer outro.

Prainha, 06 de março de 2023.

 Assinatura

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:	
Pesquisadora Responsável: Rosa Maria Teixeira Tavares	☎ : 93984057752 gmail: rosamtt2009@gmail.com

APÊNDICE E- OFÍCIO PARA SOLICITAÇÃO DA PSICÓLOGA NA ESCOLA

Ofício n 01/ 2023

CNPJ:03.208.385/0001-75
E. M. E. I. F. SENADOR JARBAS G. PASSARINHO
INEP:15009580
L Prainha - Pará J

Jatuarana, 20 de Abril de 2023.

Ilustríssima senhora **Secretária de Educação** do Município de Prainha-Pará,
Narley Sagia A. Dib.

Venho por meio deste, respeitosamente, solicitar através desta Secretaria a presença de uma **Psicóloga** para a realização de uma palestra com o Tema: **Ansiedade e Depressão**, para o público da Escola Jarbas Passarinho, (do sexto ao nono ano). Tal palestra faz parte de um Projeto de Intervenção, **Ciclo de Atividades Integradas com o Tema: Ansiedade**, o qual está sendo realizado por mim (mestranda em Letras pelo Programa **PROFLETRAS** da UFOPA, Universidade Federal do Oeste do Pará). O Projeto está sendo realizado em duas turmas de sétimo ano, no entanto, a Palestra é, de grande relevância, para todo o público do turno da manhã, pela expressiva importância que possui no atual contexto. Dessa forma, este encontro está programado para o dia 02/05/2023, com sugestão de horário para início às 9:00 da manhã.

Sem mais para o momento, conto com sua colaboração e apoio e elevo votos de estima e consideração.

Rosa Maria Teixeira Tavares

Rosa Maria Teixeira Tavares

Mestranda em Letras pela UFOPA

APÊNDICE F- NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DO NURC

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DO NURC

(Extraídos de Castilho & Preti (1986). *A linguagem Falada Culta na cidade de São Paulo*, vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo. T.A. Queiroz/EDUSP, p. 9-10).

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	(...)	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento=separações (havendo homografia=mesma escrita, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre	/	E comê/e reinicia
Entoação enfática	Maíúsculas	Porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os...éh:::o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco ... Central...certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos...ou três razões...que faz com que se retenha moeda...existe uma...retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temáticoa demanda de moeda – vamos dar essa notação – demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as [linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... ↑ B. cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	(...)	(...) nós vimos que existem,...
Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima...ah escreve na ocasião..."O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós"...

APÊNDICE G- NORMAS PARA TRANSIÇÃO DO NURC

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DO NURC**Observações:**

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn uhn, ta (não por está: ta? Você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o cadenciamento da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::.... (alongamento e pausa).
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

ANEXOS

ANEXO A- EXPOSIÇÃO DA TURMA DO SÉTIMO ANO I SOBRE ANSIEDADE

<https://youtu.be/Ks2T1iZnIN4>

ANEXO B- EXPOSIÇÃO DA TURMA DO SÉTIMO ANO II SOBRE ANSIEDADE

<https://youtu.be/ZD33zr0pTcs>